

XVII Workshop Multidisciplinar
sobre ensino e aprendizagem

2020/2021

"A prática pedagógica na atualidade:
diálogos teórico-práticos"

Apresentação

Com muita alegria cumprimos a honrosa missão de entregar a toda comunidade acadêmica, os artigos do XVII WEA - Workshop Multidisciplinar sobre Ensino e Aprendizagem, edição 2020/2021.

O WEA vem sendo realizado de forma ininterrupta desde 2004, e se tornou uma tradição de muito orgulho na história do Centro Universitário Campo Limpo Paulista- Unifccamp. Nossa revista tem como principal característica a divulgação de pesquisas e estudos de todas as áreas do conhecimento científico

Nesta edição temos artigos produzidos individualmente ou em grupo, sempre com a orientação e autoria de professores do centro universitário. São artigos que relatam as experiências de ensino e aprendizagem vivenciadas nas salas de aula e nas aulas remotas, os resultados de pesquisas da iniciação científica e dos trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Agradecemos a todos os que contribuíram para esta realização

Prof. Dr. Fernando Roberto Campos

Comitê de programa e organização

Profa. Me. Patrícia Gentil Simionato

Prof. Dr. Nelson Gentil

Prof. Dr. Osvaldo Luiz de Oliveira

Prof. Dr. Fernando Roberto Campos

Profa. Dra. Lizete Maria Luiz Fischer

Prof. Dra. Jaqueline Massagardi Mendes

Profa. Me. Juliana Chaves Farias Ferrreira

Profa. Me. Kelly Gomes de Oliveira

Prof. Me. Monique Traverzin

Prof. Dr. Fábio Villani

Prof. Me. Silvia Aparecida Fortunato Santos

Prof. Esp. Felipe dos Santos Schadt

SUMÁRIO

1984: UMA VISÃO SOBRE A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

CAMARGO, Maria Leontina Pinheiro; CARDOSO, Bruna Caroline Muniz; CUNHA, Fatima da Costa 9

A IMPORTÂNCIA DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO AMBIENTE ESCOLAR

ARAÚJO, Joice do Nascimento; SILVEIRA, Patrícia Grazielle Nunes; GAZOLA, Tais Diana dos Santos; SANTOS, Silvia Aparecida Fortunato dos 15

A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE FEMININA: UMA VISÃO NA LITERATURA

CARDOSO, Bruna Caroline Muniz; CAMARGO, Maria Leontina Pinheiro; FORTUNATO, Silvia 23

AGATHA CHRISTIE: CRÍTICA, DENÚNCIA E INFLUÊNCIA - A trajetória crítica e a influência da figura feminina, representada por Agatha Christie, no período pós-guerra

NEGRÃO, Luan Gonçalves Negrão; Orientador: Prof. Dr. Fábio Luiz Villani 31

ANÁLISE DO MÉTODO FREIRIANO E ATIVIDADE EPILINGUÍSTICA

OLIVEIRA, Daniela; OLIVEIRA, Kelly Gomes de; FORTUNATO, Silvia 41

ANÁLISE HISTÓRICO-PSICOLÓGICA DA OBRA - "OS CINCO PORQUINHOS", AGATHA CHRISTIE

OLIVEIRA, Daniela; JUNIOR, Robson; FORTUNATO, Silvia; VILLANI, Fábio 45

APLICAÇÃO DA METODOLOGIA ADDIE PARA ENSINO DE PROGRAMAÇÃO UTILIZANDO ARDUINO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

GARCIA, Grazielle; TORRICELLI, Leandro Cesar; LOPES, Nahana Moreira; BAPTISTA, Luciana Ferreira 52

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO CONTEXTO DE ISOLAMENTO, CONFINADOS E EXTREMOS

DE NICOLÒ, Marina; FERRACINI, Fernanda 61

BENZODIAZEPÍNICOS – ASPECTOS FARMACOLÓGICOS

SILVA, Matheus dos Anjos; GUEDES, Maria do Carmo Santos 69

E NÃO SOBROU NENHUM: UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL	
SANTOS, Evelyn Tavares dos; CUNHA, Fátima da Costa; PAIS, Nayara Thais Ferreira; VILLANI, Fábio Luiz	78
GAMIFICAÇÃO: O LÚDICO DENTRO DAS SALAS DE AULA	
CINI, Thalita Kely; LIMA, Elissandro Ferreira de; SANTOS, Sílvia Aparecida Fortunato	89
GESTÃO ESCOLAR: COMO A GESTÃO DEMOCRÁTICA E A MOTIVAÇÃO PODEM SOLUCIONAR PROBLEMAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO	
INICÊNCIO, Micaelly Williana; MARQUES, Roselaine de Novais; PESSIN, Edilaine; SILVA, Amanda Rizzardi; SANTOS, Prof. Me. Silvia Aparecida Fortunato	96
GESTÃO ESCOLAR: COMO GESTORES DAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE CAMPO LIMPO PAULISTA ENFRENTARAM E SE ADAPTARAM AOS DESAFIOS DA PANDEMIA DA COVID-19	
MATOS, Andréa de Oliveira Santos; ANDRADE, Cláudia Mariano; GOMES, Elis Cristina; TOBIAS, Evelyn Cristine; GONÇALVES, Júlia Fernanda; SANTOS, Silvia Aparecida Fortunato	104
GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA	
RODRIGUES, Tainah Caroline; ALVES, Naiara dos Santos; MORANDINI, Eduardo	112
MILTON NASCIMENTO E FILÓ MACHADO: Uma Análise da Harmonia em “Fé Cega, Faca Amolada”	
CORRÊA, Igor Bollos	118
O APAGAMENTO DA HISTÓRIA INDÍGENA NA CIDADE DE JUNDIAÍ	
LIMA, Tiago Gonçalves; REIS, Antonio	130
O INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DA UNIFACCAMP, SUAS RELAÇÕES COM O SINAES E SEU TRATAMENTO ESTATÍSTICO	
CAMACHO, Antônio Carlos; SOUSA, Alex Rodrigo dos S.....	148
O PRINCÍPIO DA ISONOMIA E A DESIGUALDADE ENTRE MULHERES E HOMENS EVIDENCIADA PELA IMPLANTAÇÃO FORÇADA DO TRABALHO REMOTO	
REBECHI, Karen Costa; GUEDES, Maria do Carmo Santos	156
O TERROR PSICOLÓGICO EM ROMÉU E JULIETA	
LIMA, Elissandro Ferreira; VILLANI, Fabio Luiz	171

ORGAN-ON-A-CHIPS: PLATARFORMAS PARA O TRATAMENTO DE DROGAS	
SPINA, Ana Biatríz Leal; FREITAS, Ketlyn Cristina dos Santos de.; OLIVEIRA; Matheus Abreu de; MARTINS, Rafaela; LEAL, Vinicius Neiva; BIZETO, Luciana; LIBERATO, Michelle da Silva.	183
OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NA ENTREVISTA DE SELEÇÃO PARA VENDEDORES DO RAMO DE CALÇADOS FEMININOS NA REGIÃO DE CAMPO LIMPO PAULISTA – UM ESTUDO DE CASO	
FERIGATO, Evandro	192
OTELO: A TRAGÉDIA DO MONSTRO DOS OLHOS VERDES	
CARDOSO, Bruna Caroline Muniz; JUNIOR, Robson dos Santos; LOMBARDO, Giovanna; VILLANI, Fábio Luiz	211
PARABENOS EM FORMULAÇÕES COSMÉTICAS: TOXICIDADE E NOVAS TENDÊNCIAS EM CONSERVANTES	
MORANDINI, Michele Cristiane Lima; GUEDES, Maria do Carmo Santos	218
PRÁTICA DE ENSINO AGUÇANDO A ESCUTA: O EMBASAMENTO DE SCHAFER	
LUCIANO, André Rodrigo; SANCHES, Bárbara Pereira; SANTOS, Diego Fernandes Prestes; SANTOS, Giulia Katherine; Orientadora: BOLLLOS, Liliana Harb.....	228
PRÁTICA DE ENSINO: CULTURA INDÍGENA BRASILEIRA NA AULA DE MÚSICA	
SANTOS, Edjane Pessin Anunciação; MACHADO, Vinicius do Nascimento; SILVA, Yasmin Lima da; TRAVERZIM, Monique.....	233
RECUPERAÇÃO DE PRATA: ASPECTOS QUÍMICO, TOXICOLÓGICO E AMBIENTAL	
FERREIRA, Rogério Marques; GUEDES, Maria Do Carmo Santos	242
SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE – UMA CONQUISTA FEMINISTA NA CONSTITUIÇÃO DE 88	
SILVA, Eliane de Souza.....	252
AVALIAÇÃO E TESTAGEM PSICOLÓGICA NO CONTEXTO FAMILIAR E CASAL	
CORDOVA, Gabriela; FERRACINI, Fernanda	263

1984: UMA VISÃO SOBRE A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

CAMARGO, Maria Leontina Pinheiro
CARDOSO, Bruna Caroline Muniz
CUNHA, Fatima da Costa

RESUMO

O vigente artigo tem como objetivo falar sobre a Educação como forma de liberdade, para isso, utilizaremos a obra 1984, de George Orwell, uma distopia que critica o autoritarismo, sistema político que foi responsável por inúmeros desastres ao longo da história.

Palavras-chave: Educação. George Orwell. Distopia. Liberdade.

ABSTRACT

The current article talk about Education as a form of freedom, for that, we will use the book 1984, by George Orwell, a dystopia that criticizes authoritarianism, a political system that has been responsible for countless disasters throughout history.

Keywords: Education. George Orwell. Dystopia. Freedom.

1. INTRODUÇÃO

A literatura determina como a história vai ser contada. Na Grécia Antiga, Aristóteles criou o conceito de mimese e catarse (mimesis e katharsis). A partir da mimese, a literatura era vista como uma imitação da realidade, imitar seria colocar a linguagem, matéria prima do exercício literário, a serviço da linguagem criativa que vai dar ritmo à se realidade. A partir do conceito de catarse, a literatura tem uma função moralizante e civilizatória, constrói a prática ética de um povo. A partir do século 18, os escritores começaram a entender a literatura como um instrumento para transformar aquilo que a sociedade tem de errado.

George Orwell, escritor nascido na Índia Britânica, desde sua primeira obra, Sem Eira Nem Beira em Paris e Londres, retratou a sociedade e seus problemas de forma crítica e escancarada. George fez grande sucesso e tem uma legião de fãs pois escreveu críticas à tudo que afeta a sociedade e faz com que ela se desenvolva de forma precária. Assim sendo, tomamos a obra 1984 de George Orwell a fim de analisá-la traçando paralelos com regimes totalitaristas e, por fim, discutindo a educação como espaço libertador.

1984 DE GEORGE ORWELL

Depois de o mundo ser devastado pela guerra, ele se divide em 3 Impérios: Oceania (América, Austrália, Grã-Bretanha e o sul da África), Eurásia (Europa e parte da Ásia) e Lestásia (Leste da Ásia), e uma parte sem domínio no norte da África disputada pelos Impérios. O cenário da história é Londres, que faz parte da Oceania dominada pelo Socia-

lismo Inglês, ou IngSoc em Novilíngua - a língua do futuro que é nada mais nada menos que o Inglês com o vocabulário diminuído a cada ano para que o povo não seja capaz de expressar suas ideias (algumas contrária ao Partido). Tem como chefe absoluto o Grande Irmão que se apresenta em cartazes espalhados pela cidade, é um lugar dominado pelo medo e pela vigilância constante, uma vez que cada casa possui uma Teletela, um aparelho que toca notícias do Partido além de monitorar os cidadãos.

O partido é dividido em Ministérios, são eles: Ministério da Verdade, responsável pela falsificação de documentos e literatura que possam servir de referência ao passado de forma que ele sempre faça com que o Partido esteja certo; Ministério da Paz, responsável pela guerra, a guerra no contexto do livro é usada de forma permanente para manutenção dos ânimos da população e como forma de domínio; Ministério da Fartura, responsável pela economia divulgando seus boletins de produção exagerados fazendo toda a população achar que o país vai muito bem, entretanto, seus números de nada adiantam para o bem-estar da camada mais baixa da população de Oceânia, a prole; Ministério do Amor, responsável pela espionagem e controle da população, lida com quem se vira contra o Partido, torturando e realizando lavagens cerebrais.

Quando alguém questiona o Partido é acusado de crimideia, pensamentos ideológicos, e a punição era aplicada pela Polícia do Pensamento que eliminava a pessoa e tudo ligado a ela, e a mesma se tornava uma impessoa, alguém que nunca existiu. O lema central do Partido é: Guerra é Paz; Liberdade é Escravidão; Ignorância é força.

A história centra-se em Winston Smith funcionário do Ministério da Verdade, que passa a ter consciência da manipulação do governo, nesse momento ele conhece Julia, também membro do Partido Externo, com quem se relaciona amorosamente e discute suas ideias. Winston também conhece O'Brien, membro do Partido Interno, que acha compartilhar das mesmas ideias que ele. Winston e Júlia se encontram com O'Brien que diz ser membro da Fraternidade, uma organização que supostamente luta contra o Partido, porém tudo não passava de um fingimento e na verdade O'Brien faz parte da Polícia do Pensamento que estudava Winston há anos.

Winston é levado ao Ministério do Amor, onde é torturado e passa por lavagens cerebrais para voltar a adorar o Grande Irmão.

No fim, Winston volta para a sociedade agora reeducado pelo Partido, sem consciência de mundo e nem de si mesmo. No fundo, o que Winston realmente deseja, e o livro deixa isso subentendido que esse é o futuro dele, é levar um tiro na nuca e nunca ter existido.

CONTEXTUALIZANDO

Assim como todas as obras, 1984 é uma reflexão da sociedade e sua realidade política. A distopia faz alusão ao totalitarismo, regime político de controle da sociedade, na época da publicação os regimes em alta eram o Fascismo e o Nazismo. No livro, o autor também expõe uma teoria sobre a guerra, segundo ele o objetivo da guerra não é vencer e nem lutar por algo, e sim, manter o poder das classes altas limitando o acesso à educação, à cultura e à própria liberdade.

Outro regime político que nos vem à mente ao ler a obra é a Ditadura Militar Brasileira, onde os militares tomaram o poder do país de 1964 à 1985. É conhecida pelas perseguições aos opositores do regime com sessões extremas de torturas e estupros que resultavam em morte, a restrição de funcionamento de organizações civis e a censura à imprensa e às artes.

A LIBERDADE

A filosofia apresenta diferentes visões sobre a Liberdade, tanto negativas como o determinismo, quanto positivas.

Segundo Hegel, a liberdade está no coletivo. Ele reforça a dialética histórica, a qual é considerada o motor do mundo, uma vez que pressupõe a existência da tese e da antítese. Com base na negação da primeira (tese) e a partir das concepções da segunda (antítese), parte-se para a determinação da síntese. Você pode considerar que essa dinâmica ocorre de maneira interna a partir de contradições (apud SALGADO; HORTA, 2007). Para esclarecer, considere o caso da escravidão, que antigamente era legítima (tese), com o passar dos anos uma forte corrente de negação (antítese) surgiu e a partir deste conflito veio a síntese, a abolição da escravidão. A dialética histórica impulsiona mudanças (CAMOZATTO, RIBEIRO, 2018). Isso se faz possível com a comunhão da sociedade.

Existe ainda, o determinismo que nega a liberdade e diz que tudo acontece por uma causa natural, com isso nos questionamos: como podemos ser livres se não escolhemos nascer, ou onde nascer, ou nossa aparência e etc? E ainda, como podemos dizer que somos livres se alguns sofrem discriminação por características que não escolheram? Em resposta, Savater (2004) diz:

Aqui convém fazer dois esclarecimentos a respeito da liberdade: Primeiro- Não somos livres para escolher o que nos acontece (termos nascido num determinado dia, de determinados pais, num determinado país, termos um câncer ou sermos atropelados por um carro..., etc.), mas livres para responder ao que nos acontece de um ou outro modo (obedecer

ou nos rebelar, ser prudentes ou temerários, vingativos ou resignados..., etc.). Segundo- Sermos livres para tentar algo não significa consegui-lo infalivelmente. A liberdade (que consiste em escolher dentro do possível) não é o mesmo que a onipotência (que seria conseguir sempre o que se quer, mesmo parecendo impossível). Por isso, quanto maior for nossa capacidade de ação, melhores resultados poderemos obter de nossa liberdade. [...] Há coisas que dependem da minha vontade (e isso é ser livre), mas nem tudo depende de minha vontade (senão eu seria onipotente), pois no mundo há muitas outras vontades e muitas outras necessidades que não controlo conforme meu gosto. Se eu não conhecer a mim mesmo e ao mundo em que vivo, minha liberdade às vezes irá esbarrar com o necessário.

A liberdade contém ramos: liberdade física que diz que as pessoas são livres para usar seu corpo como quiser; liberdade de expressão onde as pessoas falam o que quiser; liberdade jurídica que afirma que somos todos iguais perante a lei e entre outras. Assim, deve-se considerar que vivemos em sociedade e que nossas escolhas geram consequências e somos responsáveis por isso. Vale ressaltar que liberdade só pode ser considerada liberdade ao ponto que não atrapalha a liberdade do próximo, por exemplo, um governo que retira os direitos básicos do povo, está roubando sua liberdade, e mais, abusando do seu poder de posição para tal.

E como podemos impulsionar essa mudança e conseguir nossa liberdade?

A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Apesar da obra de Orwell retratar o totalitarismo da época de 1949, o tema é atemporal, pois sempre haverá um governo tentando oprimir a prole. Freire relata sua visão sobre o povo em “Educação como prática de liberdade”, que se encontra acomodado diante a situação da opressão e acredita fielmente nos mitos que as forças poderosas recitam a ele, teme a convivência e dúvida de si mesmo, o medo da solidão e que se alonga com o medo da liberdade. “Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir.” (FREIRE, 1967, p.43)

A solução para se desprender dessas correntes, a solução para a liberdade, é a educação. De acordo com Brandão (1981) educação é:

[...] uma prática social (como a saúde pública, a comunicação social, o 12

serviço militar) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento.

Sendo a educação um reflexo da sociedade e considerando que existem diversos modos de se educar, pode-se dizer que a mesma educação que ensina pode deseducar, ensinar algo distorcido e omitir fatos, como ocorre no Ministério da Verdade dentro da obra. Nesse caso Paulo Freire diz que cabe ao oprimido tomar consciência do seu estado de opressão e não aceitar a exploração. Torna-se difícil contornar essa situação, pois liberdade é conquistada em equipe “...ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: Os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 2011, p.71).

Do mesmo modo que a educação é reflexo da sociedade em determinado contexto histórico, ela é também formadora de futuras sociedades, nesse momento é que devemos usa-la como ponte para liberdade.

“Se há esperança, escreveu Winston, está nas proles” (ORWELL, 2002, p. 69).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de realizar a análise da obra, pode-se concluir que o valor da mesma para a sociedade atual e futura é de extrema importância para que criemos consciência da realidade que há muito tempo fora mascarada e para que possamos relembrar dos acontecimentos históricos e usá-los como meio de crescimento para a sociedade, pois, com a consciência dos erros do passado temos a escolha de não os cometer novamente no futuro, ademais ressalta-se que, a arte sendo a melhor alternativa para realizar denúncias sociais é motivo para que nós a valorizemos sempre.

Este trabalho revela que o caminho para a liberdade seja ela qual for, é a educação. Se persistimos com esperança na educação e a utilizarmos como prática da liberdade, ela poderá nos instruir e nos livrar de males como a repressão por parte do governo e da sociedade pois a mesma intervém muito em nossa liberdade por meio do machismo, do preconceito, etc. Precisamos promover a liberdade para desenvolver nos indivíduos a capacidade de agir e refletir, precisamos de um povo que saiba exercer a autonomia. Dessa forma, devemos usar a educação como luz, não a que nos cega, mas a que ilumina, isso serve para destacar a importância do educador como formador de opinião, formador de sociedade e assim, libertador.

REFERÊNCIAS

EBIOGRAFIA. Biografia de George Orwell. Disponível em: https://www.ebiografia.com/george_orwell/. Acesso em: 9 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra LTDA, 1967. p. 2-148.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra LTDA, 1987. p. 19-115.

ORWELL, George. 1984. 28. ed. SP: Companhia Editora Nacional, 2002. p. 7-277.

SAVATER, Fernando. Ética para meu filho. 3. ed. SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 2004. p. 7-116.

A IMPORTÂNCIA DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO AMBIENTE ESCOLAR

ARAÚJO, Joice do Nascimento
SILVEIRA, Patrícia Grazielle Nunes
GAZOLA, Tais Diana dos Santos
SANTOS, Silvia Aparecida Fortunato dos

RESUMO

O trabalho do coordenador pedagógico é de grande importância para o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. Assim, é indispensável conhecermos a especificidade e o fazer do coordenador pedagógico para entender quais tem sido as demandas e tarefas cotidianas que estes profissionais desenvolvem nas escolas em que atuam. Destarte, realizamos uma pesquisa qualitativa no intuito de identificar as funções e os desafios enfrentados diariamente pelos coordenadores pedagógicos. A coleta de dados ocorreu mediante aplicação de questionários. Constatou-se que com a pesquisa que o papel do coordenador pedagógico é voltado para o processo de ensino-aprendizagem e formação dos professores, porém observamos que alguns profissionais não possuem clareza em relação as suas práticas. Esperamos que com essa pesquisa o coordenador possa refletir sobre sua postura, buscando redefinir suas prioridades com precisão e qualidade de tempo para se obter bons resultados, evidenciando a necessidade e a importância deste profissional para a escola, assim como, reconhecer a si mesmo como parte integrante e fundamental do trabalho pedagógico

Palavras-chave: Coordenador pedagógico; Funções; Desafios.

ABSTRACT

The work of the pedagogical coordinator is of great importance for the development of teaching-learning processes in the school environment. Thus, it is essential to know the specificity and the doing of the pedagogical coordinator to understand what has been the daily demands and tasks that these professionals develop in the schools in which they work. Thus, we conducted a qualitative research in order to identify the functions and challenges faced daily by pedagogical coordinators. Data were collected by applying questionnaires. It was found that with the research that the role of the pedagogical coordinator is focused on the teaching-learning process and teacher education, but we observed that some professionals do not have clarity in relation to their practices. We hope that with this research the coordinator can reflect on his posture, seeking to redefine his priorities with precision and quality of time to obtain good results, evidencing the need and importance of this professional for the school, as well as recognizing himself as an integral and fundamental part of pedagogical work.

Keywords: Pedagogical coordinator; Functions; Challenges.

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade há constantes mudanças, seja de ordem política, social, ideológica ou econômica. Assim, a escola denominada como instituição de ensino e práticas pedagógicas, enfrenta constantes desafios que comprometem as suas ações frente as

situações que surgem. Os profissionais precisam ter consciência de que os alunos devem desenvolver suas capacidades e terem uma ampla formação, sendo que para que isso aconteça, é necessário a presença do coordenador pedagógico consciente de sua função, a qual consiste em gerenciar, coordenar e supervisionar todas as atividades pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, podemos identificar três funções específicas desse profissional no ambiente escolar: formadora, articuladora e transformadora.

A função formadora do coordenador precisa programar as ações que viabilizam a formação do grupo para qualificação continuada desses sujeitos, conseqüentemente conduzindo mudanças dentro da sala de aula e na dinâmica da escola, produzindo impacto bastante produtivo e atingindo as necessidades presentes. (CLEMENTI, 2003, p.126)

O coordenador pedagógico tem papel essencial no desenvolvimento, avaliação e acompanhamento do PPP (Projeto Político Pedagógico), é responsável pelo planejamento e seleção de estratégias de ensino junto com sua equipe de docentes, valorizando e garantindo a participação dos professores, visando a eficiência do processo de ensino aprendizagem e formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

Ele é responsável por oferecer formação continuada aos docentes para que eles estejam sempre atualizados com as novas tecnologias, recursos disponíveis e escolhas de materiais focados na melhoria da prática pedagógica, para oferecer ensino inovador e de qualidade aos alunos.

O coordenador pedagógico atua como mediador entre direção, professores, alunos, família e comunidade, ele é responsável por solucionar conflitos e buscar estratégias que estimulem o interesse dos pais na vida escolar dos filhos e, nos alunos a vontade de aprender, envolvendo todos no processo de ensino e tomada de decisões conscientes, sendo primordial para o bom desempenho de sua função a participação e envolvimento de toda equipe escolar, buscando oferecer educação de qualidade e construir um ambiente democrático na escola.

Ocorre que muitas vezes, a função do coordenador pedagógico dentro da escola não é bem delimitada e como sempre há “urgências”, o profissional acaba sendo direcionado a realizar outras tarefas.

A falta de formação adequada faz com que, o coordenador pedagógico não tenha clareza de como desempenhar seu papel, se ocupando de outras funções como: substi-

tuição de professores em sala de aula, entrada e saída de alunos, limpeza e organização das dependências da escola, atendimento aos alunos, pais e/ou responsáveis, suporte no trabalho da secretaria, inspetor de alunos, atividades burocráticas e financeiras, resolução de emergências e imprevistos, entre outros. Sendo importante destacar que é de responsabilidade do coordenador pedagógico prestar atendimento aos pais e/ou responsáveis no que se refere a vida escolar dos alunos.

Trabalhar em conjunto com a direção é fundamental para obter êxito no desenvolvimento das tarefas, conquistar a confiança da equipe escolar e o empenho dos professores, fazendo com que a instituição de ensino cresça qualitativamente em todos os seus aspectos.

O objetivo deste artigo é investigar as práticas do coordenador pedagógico no ambiente escolar. Essa temática foi escolhida devido tratar-se de um assunto polêmico, o qual tem sido muito discutido, por ser um desafio para educadores e pesquisadores. Desta forma, questiona-se como o coordenador pedagógico consegue intervir no cotidiano escolar para realizar um bom trabalho, diante de tantos desafios.

Para responder a problemática construída elencamos os seguintes objetivos específicos: apontar as funções do coordenador pedagógico na escola e sua contribuição na formação dos professores e supervisão dos processos de ensino aprendizagem e identificar os desafios enfrentados pelo coordenador pedagógico no dia a dia do ambiente escolar.

Realizamos uma pesquisa bibliográfica referente ao tema, procurando investigar a atuação do coordenador pedagógico e encaminhamos questionários aos coordenadores de escolas públicas e privadas, a fim de coletar dados qualitativos, e identificar as reais prioridades e suas práticas realizadas no dia a dia dentro do ambiente escolar.

Assim, o presente trabalho tem por justificativa esclarecer as atribuições do cargo de coordenador pedagógico e proporcionar uma reflexão sobre suas prioridades, ressaltando a importância do seu trabalho para o desenvolvimento de toda a equipe escolar.

A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E SUAS FUNÇÕES DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR

O coordenador pedagógico é um profissional de extrema importância para o funcionamento das instituições de ensino.

Ele age como mediador entre currículo, professores e secretaria de educação, promovendo encontros semanais com os docentes e monitores para formação continuada, sugerindo metodologias diferenciadas, acompanhando a execução de projetos, ofertando preparo para as inovações tecnológicas, acompanhando os horários de aulas, auxiliando no preenchimento dos diários de classe, buscando sempre o aprimoramento do processo de ensino, visando identificar as necessidades da equipe escolar e alunos, a fim de oferecer condições que viabilizem o desenvolvimento do trabalho realizado e o melhor atendimento do educando. Além disso, promove reuniões bimestrais denominadas conselhos de classe, para apresentação dos trabalhos pedagógicos e rendimento dos alunos, atendimento aos pais e/ou responsáveis, articula momentos entre escola e comunidade, através de reuniões de pais, datas comemorativas, palestras, projetos e eventos culturais, possibilitando um amplo envolvimento do educando, família e escola.

O coordenador pedagógico tem papel fundamental no bom funcionamento da rotina escolar, sendo múltiplas suas atribuições no processo educacional, responsável por auxiliar a direção na elaboração do PPP (Projeto Político Pedagógico), promovendo junto a esta a interação entre todos os servidores da unidade escolar.

Nossos professores carecem de formação profissional, seja ela inicial, continuada ou em serviço. E, na atualidade, frente as novas demandas, que exigem cada vez mais conhecimentos (teóricos e/ou práticos), surge a necessidade de levar em consideração nos espaços escolares a formação destes profissionais, pois

a educação continuada se faz necessária pela própria natureza do saber e do fazer humanos como práticas que se transformam constantemente. A realidade muda e o saber que construímos sobre ela precisam ser revistos e ampliados sempre. Dessa forma, um programa de educação continuada se faz necessário para atualizarmos nossos conhecimentos, principalmente para analisarmos as mudanças que ocorrem em nossa prática, bem como para atribuímos direções esperadas a essas mudanças. (CHRISTOV, 2008, p. 9-10).

O coordenador pedagógico deve motivar os professores, identificando quais são as dificuldades e encontrando junto deles soluções que priorizem um trabalho de qualidade.

Para tanto é preciso ir além do conhecimento teórico, pois para que esse acompanhamento pedagógico aconteça também é necessário percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos alunos e professores, se mantendo sempre atualizado,

buscando fontes de informação e refletindo sobre sua prática é muito importante a colaboração de todos para que o trabalho aconteça. O coordenador precisa estar sempre atento ao cenário que se apresenta a sua volta, valorizando os profissionais da sua equipe e acompanhando os resultados. Cabe ao mesmo refletir sobre sua própria prática para superar os obstáculos e aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem.

Torres (1994) defende a ideia de que o coordenador pedagógico é um agente responsável pela formação continuada dos professores, subsidiando e organizando a reflexão, estimulando o processo de decisão visando à proposição de alternativas para superar os problemas da prática. Acredita que ele é uma figura essencial nesse processo integrador e articulador de ações.

O coordenador precisa conhecer a sua equipe e promover formações continuadas que contribuam com a prática docente do professor, no intuito de melhorar constantemente o trabalho desenvolvido nas salas de aula.

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO AMBIENTE ESCOLAR

O coordenador pedagógico enfrenta inúmeras situações em seu cotidiano escolar, que por vezes acabam interferindo no seu planejamento, ocasionando assim o mau desenvolvimento de seu trabalho pedagógico, seja pela falta de conhecimento da equipe escolar e do próprio profissional a respeito de suas verdadeiras funções, tempo escasso, inexperiência, sobrecarga de tarefas que caracterizam os desvios de função, dificuldade em lidar com o grupo docente que muitas vezes demonstra resistência ao novo dificultando ainda mais a tarefa de despertar ou manter o interesse dos mesmos em suas novas práticas, falta de preparo inicial e formação continuada, a visão que se tem do coordenador como uma faz tudo da unidade escolar, falta de apoio da gestão que em alguns casos acaba criando obstáculos para este profissional desenvolver seu trabalho, professores faltosos, entre tantos outros.

Esses são alguns dos fatores que interferem constantemente em sua prática, sendo fundamental por parte do coordenador pedagógico redefinir suas prioridades para que se possa realizar suas tarefas com êxito, assim como, redirecionar as que não lhe compete a outros profissionais devidamente preparados a solucioná-las.

O coordenador pedagógico precisa se reconhecer como peça fundamental no espaço escolar, buscando integrar todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, mantendo as relações interpessoais de forma saudável, valorizando a formação dos pro-

fessores e a sua, bem como, desenvolvendo habilidades para lidar com as diferenças no intuito de ajudar efetivamente na construção de uma educação de qualidade.

“O líder é aquele ou aquela capaz, numa dada circunstância, de levar adiante as pessoas, projetos, ideias, metas. Qualquer um consegue fazer isso, desde que transforme sua força intrínseca numa força atual.” (CORTELLA, 2017, p.68).

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa bibliográfica referente ao tema, procurando investigar a atuação do coordenador pedagógico. Encaminhamos questionários aos coordenadores pedagógicos, a fim de coletar dados qualitativos, identificar as reais prioridades e suas práticas realizadas no dia a dia dentro do ambiente escolar. A coleta de dados ocorreu mediante aplicação de questionários enviados a coordenadores de escolas públicas e privadas, das cidades de Caieiras, Campo Limpo Paulista, Francisco Morato, Franco da Rocha e Jundiaí que prestam atendimento as seguintes modalidades: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio.

Em análise as respostas dos questionários, compreendemos que o coordenador pedagógico é o mediador, formador e articulador no processo de aprendizagem. Mediador, pois se responsabiliza de como e o que está sendo ofertado aos alunos dentro do direito de aprendizagem de todos, formador pois assume a responsabilidade da formação em serviço do professor, trabalhando em conjunto com a gestão e promovendo a interação entre professores e demais servidores da escola. Além de auxiliar no desenvolvimento, avaliação e acompanhamento do PPP (Projeto Político Pedagógico) e promover a participação da família na vida escolar dos alunos.

Identificamos diversos desafios em sua rotina, entre os quais iremos destacar: a dificuldade em lidar com o grupo docente que muitas vezes apresenta resistência ao novo, dificultando ainda mais a inserção de novas práticas, desmotivação dos professores, falta de preparo (formação insuficiente) de alguns docentes, a visão que se tem coordenador pedagógico como um faz tudo da unidade escolar, falta de apoio da gestão, tempo para se dedicar somente a parte pedagógica, sobrecarga de tarefas, urgências, imprevistos, entre outros.

Observamos que grande parte dos coordenadores pedagógicos não têm clareza a respeito de suas verdadeiras funções, desempenhando outras atividades dentro da unidade escolar, pois reconhecem que existe uma sobrecarga de tarefas, mas afirmam

que nenhuma dessas atividades podem ser direcionadas a outros profissionais, mesmo sabendo que muitas vezes não resta tempo para se dedicar as atribuições específicas. Outros por sua vez, descreveram diversas atividades como essenciais a rotina escolar, mas pouco se falou da parte pedagógica demonstrando que as urgências e imprevistos do cotidiano escolar acabam por afetar seu trabalho.

A fim de encontrar uma definição para sua função é necessário que a direção o veja como um valoroso apoio na gestão escolar, invista em sua formação, buscando distribuir a realização das tarefas, proporcionando soberania para que o coordenador pedagógico tenha clareza e foco em suas atribuições, realizando seu trabalho com eficácia, assim como, cabe ao próprio coordenador reconhecer a si mesmo como parte integrante e fundamental do trabalho pedagógico, buscando constante aprimoramento a partir de suas práticas e formação continuada.

CONCLUSÃO

Concluimos que falar do coordenador pedagógico e de suas ações junto ao corpo docente e a comunidade escolar é uma forma de mostrar quem é esse profissional especialista, cujas atribuições causam grande indefinição. Muitas vezes o coordenador exerce outras atividades dentro da escola, deixando as suas verdadeiras funções de lado e ficando sobrecarregado nas atribuições específicas, sendo que esse desvio de função prejudica a realização dos objetivos curriculares.

É indispensável, portanto, que haja um ambiente democrático e com divisão de responsabilidades, de forma a despertar a consciência daqueles que se engajam no campo educacional para transformar o cotidiano escolar em algo realmente prazeroso e significativo.

Esperamos que os coordenadores pedagógicos se aperfeiçoem a cada dia, buscando novos conhecimentos e ferramentas que os ajudem a lidar com as demandas educacionais, exercendo sua função que consiste em gerenciar, coordenar e supervisionar todas as atividades pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem. Que eles consigam ir além de suas salas, refletindo sobre sua postura, identificando suas prioridades com precisão e qualidade de tempo, no intuito de se obter bons resultados, evidenciando a necessidade e a sua importância para a escola.

REFERÊNCIAS

Cortella, Mário Sérgio. Qual é a tua obra?: inquietações propositivas sobre gestão. Liderança e ética / Mário Sérgio Cortella. 25. ed. revista e atualizada-Petropolis, RJ:Vozes,2017, p.68.

(CHRISTOV, 2008, p. 9-10) apud SANTOS, Uillians Eduardo, GOMES, Jessica Larissa, VILAR, Ligia Peres, COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: DA BUROCRACIA AOS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/coordenacao-pedagogica.pdf> - Acessado em 15/10/2020.

Clementi (2003, p. 126) apud OLIVEIRA, Francisco Lindoval. O COORDENADOR PEDAGÓGICO E O SEU PAPEL NO COTIDIANO ESCOLAR. Educação Pública, v. 20, nº 14, 14 de março de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/14/o-coordenador-pedagogico-e-o-seu-papel-no-cotidiano-escolar> - Acessado em 09/09/2020.

de Azevedo, J. B., Nogueira, L. A., & Rodrigues, T. C. (2012). O COORDENADOR PEDAGÓGICO: SUAS REAIS FUNÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR. Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas, 2(4). <https://doi.org/10.25242/8876242012130> - Acessado em 16/10/2020.

A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE FEMININA: UMA VISÃO NA LITERATURA

CARDOSO, Bruna Caroline Muniz
CAMARGO, Maria Leontina Pinheiro
FORTUNATO, Silvia

RESUMO

Este estudo procura refletir a respeito da representatividade feminina, demonstrando sua importância para a sociedade e sua relação com a literatura, discutindo o papel da mulher em alguns dos movimentos literários. A obra escolhida como base para o artigo é Jane Eyre de Charlotte Bronte, publicado em 1847, analisando o desenvolvimento da personagem.

Palavras-chave: Representatividade feminina. Literatura. Sociedade. Feminismo. Jane Eyre.

ABSTRACT

This study seeks to reflect on female representativeness, demonstrating your importance for society and your relationship with literature, discussing the role of women in some of the literary movements. The work chosen as the basis for the article is Jane Eyre by Charlotte Bronte, published in 1847, analyzing the development of the character.

Keywords: Female representativeness. Literature. Society. Feminism. Jane Eyre

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a sociedade contém o machismo enraizado há muitas eras, insistindo em diminuir a mulher, sexualizando seu corpo e tirando seu lugar de fala, fazendo-a acreditar que o seu papel se concentra em apenas servir à família (homem) e abandonar seus próprios anseios. Diante disso, surge o Feminismo que tem como papel principal reivindicar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, um de seus temas é a Representatividade Feminina. Mas o que seria Representatividade? Como é apresentada na literatura e como ela afeta as novas gerações?

Essas são as questões que o seguinte artigo tem a responder, exemplificando essa representatividade com a obra Jane Eyre de Charlotte Bronte (1847).

A REPRESENTATIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA

O conceito de representatividade nada mais é que a expressão dos interesses de um determinado grupo na figura de um representante. Na obra Dicionário de Política, é discutido três modelos interpretativos sobre representação: 1) a representação como relação de delegação; 2) a representação como relação de confiança; 3) a representação

como "espelho" ou representatividade sociológica. Nos interessa no momento o modelo
3) Representatividade sociológica, sobre ele diz:

“O terceiro modelo — o da representação como espelho — diferentemente dos dois primeiros é centrado mais sobre o efeito de conjunto do que sobre o papel de cada representante. Ele concebe o organismo representativo como um microcosmos que fielmente reproduz as características do corpo político” Bobbio, Matteucci, Pasquino (1976, p.1112)

Porém, esse modelo apresenta um problema: “Quais as características do corpo social, que merecem ser espelhados no organismo representativo?” Bobbio, Matteucci, Pasquino (1976, p.1112).

Historicamente, diversos grupos foram e são oprimidos por não fazerem parte dos padrões estabelecidos pela sociedade, exemplo disso são mulheres, negros, LGBT, entre outros. Desse modo, aqueles que fazem parte do padrão da sociedade abusam de seus direitos e são mais representados do que a “minoria” que é representada por estereótipos que não condizem com sua imagem.

Um dos fatores da representatividade é a construção da identidade do indivíduo.

Com essa falta de representatividade ou com uma representatividade má construída, a pessoa não consegue estabelecer sua identidade e autoestima, acreditando fortemente no estereótipo como por exemplo, de que a mulher não pode ser forte, o negro não pode ser mais do que um empregado.

Essa influência é ainda mais importante para as crianças e adolescentes. Segundo Silva (apud, 2013) desde o nascimento, as crianças são direcionadas para uma determinada posição, com determinada função segundo seu gênero, como por exemplo, meninas brincam de boneca ou de cozinha e meninos brincam de futebol ou de carrinho, são pequenos atos que reforçam o sexismo.

Nas palavras de Silva (apud, 2013 p.14):

“[...] meninas usam roupas “rosas”; meninos, “azuis” [...] Durante o desenvolvimento cognitivo, ambos são educados a brincar de “boneca” ou de “carrinho”; de “panelinha” ou de “futebol”, demarcando a “delimitação do espaço” de cada um, ou seja, a “boneca” (personificação de um bebê de colo, do ato da maternidade) e a “panelinha” (a “cozinha”) assim como

o “carrinho” (“homem ao volante”) e o “futebol” (esporte “de homem”) influenciam e reforçam a ideologia que reproduz a “submissão” feminina e a sobreposição masculina no status quo que designa a decodificação dos “papéis sociais” e as atitudes “inconscientes” [...].”

Esse pensamento surge diante do comportamento social dos indivíduos segundo sua cultura, seus papéis de gêneros são pré-determinados em casa, depois na escola e segue até a vida adulta e profissional, onde tradicionalmente a mulher trabalha em casa e homem trabalha fora.

Ainda sobre as expectativas do gênero, Adichie (2014) diz em sua obra “Sejam todos feministas”:

“O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero.”

E A LITERATURA?

Para nos situarmos, vamos levar algumas coisas em consideração.

Uma criação, seja ela literária, musical ou outro, apresenta uma parte da personalidade do criador/autor. A personalidade de um ser humano leva a influência de pessoas e temas a sua volta - política, arte, música etc – com isso, também é influenciada a sua criação, nela irá conter crenças, sonhos, ideias, mesmo que minimamente. Nas palavras de Leon Trotski (1923, p 34):

“A arte, direta ou indiretamente, reflete a vida dos homens que fazem ou vivem os acontecimentos. Isso é verdadeiro para todas as artes, da mais monumental á mais íntima.”

Na literatura não é diferente. Na Grécia antiga, Platão aborda a questão da mimesis (mimese) que diz que toda criação é uma imitação. Aristóteles, seu discípulo, se aprofunda no assunto em sua obra “A Arte Poética” valorizando a arte como representação do mundo. Essa representação do mundo, obviamente, depende do período histórico em que o autor está situado ou, quer retratar, pois não é necessário que o autor seja de determinado período para falar sobre.

literárias – Classicismo, Barroco, Arcadismo, Realismo/Naturalismo, Simbolismo, Parnasianismo, Modernismo e Contemporâneo – e cada uma leva diferentes questões sociais, políticas e artísticas em conta para se expressar.

Diversos eram os temas que cada obra se tratava, em especial vamos falar do papel da mulher na visão romântica e realista.

O romantismo tem como uma de suas características o subjetivismo, ou seja, a realidade do próprio sujeito importa e nada mais. E como o próprio nome da escola diz, tudo era extremamente romantizado, principalmente a mulher que era vista como uma santa virgem e delicada. Com o sentimentalismo exacerbado nas obras, as mulheres eram descritas como as esposas perfeitas que serviam suas famílias e às suas casas ou como donzelas que estão a procura do amor, sem mais desejos além disso. Outras personagens femininas que eram descritas como fortes ou empoderadas nessa época, eram ditas como loucas, selvagens, sexualizadas e prostitutas.

Já o Realismo é o contrário desta visão, esse movimento se preocupou com as questões sociais da época, criticando o artificialismo das relações e da vida cotidiana. A publicação de *Madame Bovary* de Gustave Flaubert em 1857, foi considerado um escândalo na época por criticar a burguesia, colocar em cena a protagonista adúltera e “desapaixonada” que acabou por interessar o público (apud SAMUEL, 2011). A partir desse momento, a representação da mulher mudou, mostrando que seus sentimentos e desejos vão além do que descrito em romances românticos, colocando-a como independente, determinada e empoderada.

Essa representatividade está crescendo ainda mais, dentro de histórias em quadrinhos, jogos, filmes e outras mídias, até atingir grandes posições como na política, ciência, história etc.

JANE EYRE DE CHARLOTTE BRONTE

Jane Eyre é uma órfã de dez anos que vive sob tutela de sua tia, Sra. Reed, em Gateshead Hall. Após várias brigas entre Jane e sua tia, isso porque Jane se recusa a abaixar a cabeça contra o desrespeito da tia, ela é mandada a uma escola. Com a forte educação em Lowood, ela passa a amadurecer e conhecer pessoas que ajudaram em seu crescimento. Depois de seis anos estudando e dois anos trabalhando como professora na mesma escola, Jane decide procurar novos ares.

Agora com 18 anos, passa a trabalhar como governanta em Thornfield Hall, onde se torna responsável sobre os estudos de Adèle, garota francesa que está sob

a proteção de Edward Rochester, um homem arrogante e mal humorado, mas Jane não se deixar ser submissa a ele, o que seria comum na época. O relacionamento dos dois se desenvolve de maneira natural à medida que vão trocando confissões e se tornando mais próximos. Jane começa a questionar seus sentimentos a respeito do Sr. Rochester, já que eles pareciam ser correspondidos. Em uma de suas conversas, Edward confessa seu amor por Jane, pedindo para que a mesma passe o resto de sua vida ao seu lado. Ela aceita.

Porém, no dia do casamento, Jane descobre que Edward era casado com Bertha Mason, uma mulher com problemas psicológicos que ele trancara no sótão da mansão. Após toda a confusão, Jane foge da mansão e passa por dias de fome até ser acolhida por parentes distantes. Vivendo humildemente, ela volta a ser professora e nesse período descobre uma herança deixada por seu tio, fazendo com que seus pensamentos voltassem aos fantasmas do passado a quem decide combater.

Jane retorna à Thornfield e descobre que houve um incêndio provocado por Bertha e que a mesma se suicidou, o acidente fez com que Sr. Rochester perdesse a visão e tivesse uma das mãos amputadas. Ela, então, viaja até Ferndean para encontrar Sr. Rochester com quem troca confidências e novamente decidem se casar, agora, sem nenhum impedimento e sem nenhum fantasma para assombrar o romance dos dois.

ANÁLISE

Publicado em 1847, Jane Eyre é um livro que trouxe revolução para as mulheres da Era Vitoriana, que tinha ideias ligadas ao puritanismo e tradicionalismo. Primeiro, por ser escrita por uma mulher, que foi forçada a usar um pseudônimo masculino, isso porque, nas palavras do poeta Robert Southey em uma carta destinada a Charlotte: “A literatura não pode ser o ofício de uma mulher: e não deve sê-lo”. Segundo, pela combinação de romantismo e realismo na obra, descrevendo uma protagonista que anseia por melhores condições de vida, com um comportamento desafiador e independente.

O esperado da época era que as obras retratassem papéis sociais extremamente divididos, onde os homens ocupavam espaços públicos e deveres administrativos, enquanto isso, às mulheres cabia o dever de cuidar da educação de seus filhos e de seu lar, mas Charlotte quebrou este paradigma, e a obra foi considerada na época como uma ameaça aos valores cristãos.

Na obra, ao mesmo tempo que Jane possui certas características da mulher vitoriana, graças a influências de mulheres que conheceu em vida, ela também possui traços que não eram considerados femininos, como por exemplo, seu senso de justiça que ultra-

passa a linha dos deveres e sua crença na igualdade de direitos entre homens e mulheres (principal papel do feminismo):

“Tem-se a crença de que as mulheres, em geral, são bastante calmas, mas as mulheres sentem as mesmas coisas que os homens. Precisam exercitar suas faculdades e ter um campo para expandi-las, como seus irmãos costumam fazer. Elas sofrem de uma restrição tão rígida, e de uma estagnação tão absoluta, como os homens sofreriam se vivessem na mesma situação. É um pensamento estreito dos seres mais privilegiados do sexo masculino dizer que as mulheres precisam ficar isoladas do mundo para fazer pudins e cerzir meias, tocar piano e bordar bolsas. É fora de propósito condená-las, ou rir delas, se elas desejam fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou que fosse necessário para pessoas do seu sexo” (BRONTË, Charlotte, 1847, p 199-200).

Em sua trajetória, descobre sua força, personalidade e identidade. Quando criança, não aceitava os desaforos de sua tia que a tratava pior que os empregados e retribuía, fazia perguntas e era extremamente observadora, ela se coloca em primeiro lugar, se faz algo é porque acredita que seja o correto para si, se deixa de fazer algo é porque tem plena consciência de que tal atitude não é de seu feitio, agarra suas convicções mesmo que isso lhe custe lágrimas, sofrimento e laços rompidos:

“Eu me interesso por mim. Quanto mais solitária, mais sem amigos, mais desamparada eu for, mais respeitarei a mim mesma” (BRONTË, Charlotte, 1847, p. 546).

As irmãs Bronte (Charlotte, Emily e Anne) foram mulheres extraordinárias a frente de seu tempo que conseguiram denunciar a injustiça social, principalmente o machismo, por meio de suas obras que se tornaram clássicos da literatura inglesa e grande exemplos de empoderamento feminino e representatividade feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema feminismo e representatividade feminina apesar de importante para a construção das novas gerações, é um assunto pouco discutido atualmente. Isso se deve pelo medo da sociedade sobre, por não compreender e não procurar compreender do que se trata. Muitas meninas procuram tanto em filmes, desenho e até bonecas algo em comum com o seu perfil, para se sentir representada e parte do mundo, como apresentamos no artigo, esse incentivo é importante para a autoestima da criança e para noção da diversidade. Trazer à tona obras com este tema – histórias em quadrinhos e pequenas

histórias para crianças - além de incentivar a leitura, irá acender uma chama de esperança para ela, mostrar outros horizontes além daquele que lhe é imposto pela sociedade. E principalmente, entender que as pessoas são diferentes e que não precisamos buscar entender o porquê e sim, respeitar.

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. 1. ed. SP: Companhia de Letras, 2014. p. 5-38.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11. ed. DF: UnB, 1998. p. 11-1309.

BORGES, Francieli; FERREIRA, Gabriela Semensato; GERCKE, Karina Regedor. *Literatura Comparada*. 1. ed. SP: SAGAH, 2017. p. 13-219.

BRONTE, Charlotte. *Jane Eyre: Edição Bilingue*. 1. ed. São Paulo: Landmark LTDA, 2010. p. 11-399.

DUART, Constância Lima. *Feminismo e literatura: discurso e história. O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 195-219, dez./2003. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/27897/21697. Acesso em: 26 jan. 2021.

MINUZZI, Luara Pinto. *Textos Fundamentais da Literatura Universal*. 1. ed. SP: SAGAH, 2017. p. 11-202.

PITANGUY, B. M. A. E. J. *O que é Feminismo*. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 7-77.

POLITIZE. *Representatividade: O que isso significa*. Disponível em: <https://www.politize.com.br/representatividade/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

ROSSINI, T. C. N. *A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NA LITERATURA: REPRESENTANDO A DIFERENÇA*. *Trem de Letras, Paraná*, v. 3, n. 1, p. 97-111, jul./2016. Disponível em: <http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/459/360>. Acesso em: 26 jan. 2021.

SARDENBERG, Cecília M.b. *Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista*. *Repositório Institucional, Bahia*, v. 1, n. 1, p. 1-12, out./2012. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>. Acesso em: 26 jan. 2021.

SCARANO, R. C. V. et al. Direitos Humanos e Diversidade. 1. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2018. p. 13-206.

SOUZA, C. E. P. D; NENEVÉ, Miguel. Um olhar sobre Jane Eyre de Charlotte Bronte: uma reafirmação da mulher. Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade, Minas Gerais, v. 4, n. 1, p. 1-16, nov./2016.

TROTSKI, Leon. Literatura e Revolução. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1923. p. 33-191.

AGATHA CHRISTIE: CRÍTICA, DENÚNCIA E INFLUÊNCIA

A trajetória crítica e a influência da figura feminina, representada por Agatha Christie, no período pós-guerra

NEGRÃO, Luan Gonçalves Negrão
Orientador: Prof. Dr. Fábio Luiz Villani

RESUMO

Baseando-se na vida e obra de Agatha Christie, esta pesquisa reuniu alguns dos principais romances policiais da autora para análise através da perspectiva da Inglaterra durante e pós-guerra e, sobretudo, a influência de Agatha como representante principal da figura feminina do período. Por meio da literatura inglesa, composta pelas obras de Christie, analisar-se-á a contribuição significativa e fundamental que a autora exerceu no século XX, no Reino Unido, e que continua a se desenvolver no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Pós-guerra, sociedade, representação, crítica, crime e justificativa.

ABSTRACT

Based on the life and work of Agatha Christie, this research brought together some of the author's main police novels for analysis from the perspective of England during and after war and, above all, the influence of Agatha as the main representative of the female figure of the period. Through English literature composed by Christie's works, the significant and fundamental contribution that the author made in the 20th century in the United Kingdom, which continues to be developed in the contemporary world, will be analyzed.

Keywords: After-war, society, representation, criticism, crime and justification.

INTRODUÇÃO

No período pós-guerra, marcado pela crise que derrubou as perspectivas de progresso do povo inglês, um momento no qual a tecnologia, supostamente, desenvolvida em função das necessidades dos seres-humanos, justificando-se como promessa a melhoria na qualidade de vida das pessoas, desencadeou a fabricação de armamentos que devastaram nações ao decorrer da Primeira e Segunda Guerra Mundial.

Diante desse cenário de contradições, traições e suspenses, nasceu Agatha Mary Clarissa Miller. Com ela, uma eficaz audácia de manifestação e repúdio à sociedade da época, suas crenças e princípios e seus sistemas de governo. Sua vida e obras serão o fundamento deste trabalho que ao decorrer apresentará a importância de Agatha Christie, por meio da literatura no século XX, como autora de críticas e retratos da sociedade europeia e, sobretudo, inglesa.

Introdução ao Século XX – Pós-Guerra no Reino Unido

Além de inúmeros manifestos realizados em função da luta pela liberdade feminina e seus direitos e deveres, a participação fundamental da mulher no período da Primeira Guerra Mundial e Pós-Guerra foi essencial para a conquista da democracia, pois quando os homens partiram ao combate, a figura feminina encarregou-se de ocupar cargos exercidos por eles, tornando, enfim, a sociedade inglesa extremamente necessitada da posição feminina em ação.

Foi neste contexto que a mulher inglesa mostrou sua ousadia e capacidade de exercer, eficazmente e com esplendor, as tarefas para as quais antes eram consideradas pela sociedade como incapazes de serem realizadas pelas senhoras britânicas.

De acordo com Emma Ercoli em sua obra “Agatha Christie” de 1978:

A tendência psicanalítica ou psicológica influencia fortemente a narrativa e é afirmada em "Stream of Consciousness Novel". Onde a presença do crime, do mal à espreita, além do contraste perene entre aparência e realidade, está ligada ao sentimento de instabilidade, de perda que acompanha a visão da vida e das coisas que surgem com a crise espiritual do início do século.

Norteadas pelas incertezas e expondo-se à incalculáveis riscos, as mulheres inglesas incorporaram o sustento de uma nação que, presenciando seus soldados padecendo na guerra, buscou refúgio na força feminina. Além de ocuparem as indústrias e os campos, as senhoras passaram a defender e representar seus ideais diante da sociedade. Os conceitos e valores do período e as críticas a estes são as estruturas essenciais para a construção e elaboração dos romances de Agatha. A autora, além de registrar a atuação da sociedade inglesa do século XX, também é uma testemunha destes fatores, pois foram nestas condições sociais e psicológicas que ela nasceu, cresceu e desenvolveu seus aspectos críticos, expostos por meio de uma literatura enriquecida pelas influências do pensamento europeu e, sobretudo, inglês.

Agatha Christie – Breve Biografia

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890, em Torquay na Inglaterra, filha de Frederick e Clara, era a caçula de três irmãos. Foi educada em ambiente familiar, dentro de sua própria casa com o auxílio de professores.

Curiosamente, o início da carreira de Agatha se deu após sua irmã desafiá-la a escrever um romance policial. Assim sendo, Christie aceitou o desafio e, em 1920, teve seu primeiro livro publicado: “O misterioso caso de Styles”.

Mais tarde, Agatha Christie conheceu o arqueólogo Max Mallowan e, posteriormente, casaram-se, em 1930. A escritora passou a acompanhar o novo marido em suas expedições pelo mundo. Os cenários e experiências de Agatha a motivavam e inspiravam, sendo retratados em inúmeros romances.

Inglaterra Pós-Guerra – Análise do Livro “O Adversário Secreto”

A obra “O Adversário Secreto” de Agatha Christie, também conhecida como “O Inimigo Secreto”, foi publicada pela primeira vez em 1922, oportunamente, no período pós-guerra (Primeira Guerra Mundial). Foi baseando-se neste contexto que Christie inicia a narração do livro com as seguintes palavras:

Eram duas da tarde do dia 7 de maio de 1915, O Lusíada tinha sido atingido por dois torpedos seguidos e afundava rapidamente, enquanto os botes salva-vidas iam sendo descidos com a maior velocidade possível. Organizadas em fila, as mulheres e crianças aguardavam sua vez. Algumas ainda se agarravam, desesperadas, aos maridos e aos pais; as mães apertavam os filhos contra o peito [...] CHRISTIE, 1922 (O Adversário Secreto, p. 9)

Perante esta introdução, Agatha apresenta uma realidade que desolou a Europa durante a Primeira Guerra Mundial. Inicialmente, pode parecer mais um trágico final para um romance, mas, muito além, este é o registro de um fato, a descrição de vidas e retrato de sentimentos como medo, incerteza e perda. No livro, uma jovem moça é responsabilizada a conduzir alguns documentos que, segundo a obra, continham informações valiosas e que seriam decisivas para o desenrolar da guerra.

– É patriota?

A moça corou.

– Acho que o senhor não tem o direito de me perguntar uma coisa dessas! É claro que sou.

– Não se ofenda. A senhorita não se ofenderia se soubesse quanta coisa está em jogo. Mas eu preciso confiar em alguém – e tem de ser uma mulher.

– Por quê?

– Por causa do “mulheres e crianças primeiro”. (O Adversário Secreto, p.10)

Esta última fala pode apresentar-se, inicialmente, como uma indicação da fragilidade de uma mulher ao ter que, junto aos seus filhos, retirar-se do navio por meio do bote sal-

va-vidas. No entanto, percebe-se a contrariedade deste pensamento, pois é, unicamente, uma mulher que poderá guardar os documentos e levá-los até a segurança do governo quando chegar à terra firme. Outro fator que deve ser mencionado está ligado à relação entre este trecho da obra com a realidade de um navio que, neste mesmo período, havia sido construído e denominado o maior de todos os tempos, o Titanic, que partira do porto de Southampton na Inglaterra e que, em 14 de abril de 1912, afundou, contrariando todas as expectativas e promessas de uma máquina inovadora e indestrutível, desencadeando a conhecida frase “mulheres e crianças primeiro” enquanto estas eram direcionadas aos botes, no decorrer do naufrágio.

É neste momento da história que nasce a propaganda:



Figura 1 – fonte: XADREZ VERBAL - Economia de Guerra, propaganda e arte: pôsteres das Guerras Mundiais por FIGUEIREDO, Filipe (novembro, 2015).

Tradução para o português: “Deus abençoe a mulher e o arado que ela conduz”.

Não somente a mulher se tornou a única responsável por si e pelo trabalho antes exercido pelos homens, mas por cuidar também das crianças, por vezes, os próprios filhos como citado na obra: “[...] Organizadas em fila, as mulheres e crianças aguardavam sua vez” (O Adversário Secreto, p. 9). A ideia de botes remonta a inconstância e incerteza do momento.



Figura 2 – fonte: XADREZ VERBAL - Economia de Guerra, propaganda e arte: pôsteres das Guerras Mundiais, por FIGUEIREDO, Filipe (novembro, 2015).

Tradução para o português: “A vida deles depende delas”.

Assassinato no Expresso do Oriente – a Lei, a Justiça e a Insuficiência

A obra “Assassinato no Expresso do Oriente”, publicada pela primeira vez em 1934, no Reino Unido, é um dos romances mais populares e traduzidos de Agatha Christie. A trama se desenvolve em um trem que corresponde ao Expresso do Oriente, o qual partirá de Bagdá rumo à cidade de Londres, na Inglaterra. O detetive Hercule Poirot é designado a desvendar o mistério da morte de Mr. Ratchett que seria reconhecido, mais tarde, como autor da morte da jovem Daisy Armstrong. Cassetti, nome usado por Ratchett como fugitivo dos Estados Unidos, onde o crime aconteceu, permaneceu sem punições pelo crime cometido à pequena Daisy. Assim, um grupo formado por doze integrantes que tinham relações direta ou indiretamente com a família Armstrong, decide embarcar no trem para Londres, a fim de exercer a justiça com suas próprias mãos.

divíduos que são os responsáveis pelo assassinato de Mr. Ratchett, concretizando-se, assim, a punição do criminoso que ficara livre das condenações da lei. Este número (doze) corresponde à soma de jurados que integravam o Common Law, sistema de julgamento que, segundo PANTOJA:

O Common Law pode ser entendido como o direito de característica anglo-saxã, cuja origem se deu na Inglaterra durante a idade média, no século XII. Por não ter uma estrutura jurídica similar, foi determinado um “direito comum”. O objetivo era estabelecer um padrão de relacionamento entre o Estado, representado pelo monarca, e os proprietários de terra.

A concretização do Common Law na sociedade britânica, como explica Pantoja, ocorre pela necessidade da unificação de um sistema próprio da Inglaterra para julgar as circunstâncias dentro dos seus limites como território, independente das sociedades do restante da Europa que ainda se encontrava inserida no sistema feudal. Sendo assim, ao relacionar componentes deste sistema típico e de origem inglesa à sua trama, Christie denuncia, ainda que de forma implícita, a ineficiência do Estado em tornar consumadas as leis e suas punições perante àquele que pratica uma violação, neste caso, um assassinato.

Dessa forma, o corpo dos doze integrantes relacionados à família de Daisy Armstrong torna-se responsável por punir Mr. Ratchett pelo seu delito, depois que esta condenação não foi concretizada por parte das autoridades, expondo um princípio comum entre a sociedade: uma vez que o Estado é falho em seus deveres, a população encarrega-se de fazer valer a pena do transgressor. Ao denunciar a necessidade de fazer justiça com as próprias mãos, Agatha apresenta uma característica que mobiliza a idiosincrasia de uma população que está inserida na crise de princípios do período Pós-Guerra: a rejeição da simples punição, podendo ser a condenação à prisão, por meio da elevação da vingança. Conforme a citação de SARAMAGO:

É mais fácil mobilizar os homens para a guerra que para a paz. Ao longo da história, a humanidade sempre foi levada a considerar a guerra como o meio mais eficaz de resolução de conflitos e sempre os que governaram se serviram dos breves intervalos de paz para a preparação das guerras futuras. Mas foi sempre em nome da paz que todas as guerras foram declaradas.

A guerra pela guerra, a morte pela morte. Estes fatores são associados quando o sofrimento, derivado do assassinato de Daisy, é aliviado por meio do assassinato do res-

ponsável pela sua morte. Ao relatar a punição retribuída à ação de Mr. Ratchett, que pela contextualização mereceu a vingança desenvolvida na obra, Agatha nos traz uma perspectiva que conceitua o seguinte princípio que abrangia a sociedade inglesa da época: é preciso retribuir a guerra com a própria guerra para que se conquiste paz.

Este princípio pode ser compreendido como uma questão cultural, ainda que a sociedade, tanto inglesa do século XX quanto atual, tente reprimir ou encobrir a realidade presente na subjetividade humana. Por um longo período, as organizações sociais utilizaram-se destes conceitos para estruturar suas comunidades como citado no livro de Levítico da Bíblia:

Se um homem ferir um compatriota, desfigurando-o como ele fez, assim se lhe fará: fratura por fratura, olho por olho, dente por dente. O dano que se causar a alguém, assim também se sofrerá. Quem matar um animal deverá dar compensação por ele e quem matar um homem deve morrer. (Lv 24,19-21)

Ao reproduzir no ser-humano contemporâneo uma característica típica daqueles que viviam em agrupamentos há mais de 2 mil anos, mais uma crítica é apontada: o homem é moldado por suas emoções e conveniências, ainda que, supostamente, esteja submetido às leis atuais e inserido em uma hierarquia de valores democráticos e humanizados, conforme BELLO:

Em abordagem mais detalhada, verifica-se que a Lei do Talião, presente na Bíblia e no Código de Hamurabi, procurou trazer um maior equilíbrio nas relações humanas, principalmente, na seara da proporção a ser proferida quando do acontecimento de uma lesão ao direito do outro ou outros. Por isso, a observação clássica de “olho por olho” e não uma possibilidade de vingança extremada, levando-se os olhos, o corpo e terceiros (familiares) por perda de um olho. Portanto, por mais absurdo que possa parecer, a Lei de Talião foi para a época em que imperava uma medida de abrandamento das penas, na proporção da agressão sofrida.

Christie denuncia um inclemente sentimento humano, ocasionado fortemente em períodos de confrontos, mas também presente nas sociedades contemporâneas que hasteia a represália no ápice da valorização da própria dignidade, no qual tudo aquilo que é saqueado, seja a posse, a classe, posição social ou até mesmo a vida, deve ser igualmente retribuído. Somente por este conceito, a guerra é exercida, as batalhas são justificáveis e os delitos louváveis. Guerrear é uma questão de indenização às retaliações. Qualquer

vingança em proporção igual ou considerada equivalente ao mal sofrido, torna o homem tão contemporâneo quanto primitivo.

Curtain – Poirot’s Last Case (Cai o Pano)

Assim como muitas outras obras da escritora, “Cai o Pano” (1975) é um acervo que reúne histórias das vidas de diversos personagens, as quais são desvendadas e relacionadas a partir de seu passado, juntando-se às ações de um presente trágico e misterioso. No entanto, diferentemente de outros romances da autora, este apresenta-nos um Poirot exausto, enfermo e impossibilitado fisicamente, mas muito sadio mentalmente como esclarece o próprio detetive na obra:

– Eu? – respondeu com uma careta – Estou um lixo, uma ruína. Não posso mais andar. Estou todo torto e parálítico. Ainda bem que posso me alimentar sozinho, mas fora isso, tenho que ser tratado como um bebê. Posto na cama, lavado, vestido. Enfim, não é agradável isto. Pelo menos, enquanto o exterior apodrece, o interior está sempre ótimo. [...] O cérebro, mon cher, isto é o que eu quis dizer com o interior. Meu cérebro ainda funciona maravilhosamente. (Cai o Pano, 1975 p. 14)

A obra inicia-se a partir da narração do capitão na primeira página do primeiro capítulo em que a lembrança de tempos difíceis tomam os pensamentos do personagem e a influência de tragédias passadas tornam-se presentes de uma forma ainda mais desastrosa e sombria: “Há quanto tempo atrás eu fiz essa mesmíssima viagem?” – reflete Hastings à sua própria consciência. O retorno de uma sensação de perda, a aniquilação de uma vida próspera, a falta de esperança em dias melhores, ocasionada pelas consequências de uma guerra hasteada como símbolo de sofrimento.

“[...] Pensei naquela época que o melhor da minha vida já tinha passado, ferido que fui naquela guerra, para mim sempre a guerra – agora apagada por uma segunda ainda mais sangrenta” (Cai o Pano, 1975 p. 05). A partir deste trecho, analisa-se à sombra da guerra a perspectiva de um inglês, quais eram os sentimentos de um jovem que acabara de sobreviver a longos períodos de combates e, por ora, como se sentira após os anos de sua vida, a maneira como a segunda guerra o ferira tão drasticamente que se tornou capaz de encobrir as dores e perdas da primeira. Em um segundo momento, manifesta-se o panorama de um estrangeiro, o retrato de uma vida que abrange as vidas de tantos outros homens e famílias que se fizeram estrangeiros em terras desconhecidas, mas com a esperança de um futuro menos agonizante daquele que lhes aguardava em seus próprios territórios. Mais claramente “refugiado” como testemunhado por Poirot:

Fale por si, Hastings. Para mim, a chegada a Styles St. Mary foi muito triste e dolorosa. Eu era um refugiado, ferido, exilado, vivendo de caridade num país estranho. Não, não estava nem um pouco feliz. Não sabia naquela época que a Inglaterra viria a ser o meu lar e que ficaria muito feliz aqui. (Cai o Pano, p. 15)

Conclusões finais

Retratar Agatha Christie como fundamental figura feminina inglesa, em breves palavras e análises, é possibilitar a percepção de um mundo literário excepcionalmente novo e igualmente rico, pois a rainha do crime, mais que uma escritora, é uma fonte de cultura e valores ingleses que permeiam por onde anda a história e identidade moderna da Inglaterra durante e pós-guerra.

Os romances de Agatha são acompanhados da realidade de um povo que, em combate, derramou-se e diluiu-se nas mais variadas formas de dor e sofrimento, mas este mesmo povo, nas oportunidades de tempos melhores, reergueu-se e prosseguiu, confrontando e reestruturando tudo o que em frente havia.

Agatha Christie é o retrato da mulher inglesa que ousou conquistar, não somente o mundo, mas a Inglaterra. Sim, não apenas o mundo, mas a Inglaterra como um mundo à parte de tudo que em verdade existia e que somente a literatura pôde trazer à luz. A Dama dos Mistérios continua sendo um mistério que, talvez, quanto mais se ouse estudar, mais enigmática se consolida, pois pelas próprias palavras da Rainha do Crime: “Ganhar uma guerra é tão desastroso quanto perdê-la”.

Referências bibliográficas

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Universidade Federal de Goiás, Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010.

BELLO, Jair Roberto. Lei de Talião. Disponível em policiamilitar.sp.gov.br – retirado em 24 de novembro de 2020.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, Livro de Levítico, capítulo 24, versículos 19-21, Editora Paulus, p. 195. Primeira edição 2002.

CHRISTIE, Agatha. Assassinato no Expresso do Oriente. Editora Altaya. Traduzida pela Nova Fronteira, obra original “Murder On The Orient Express, de 1933.

CHRISTIE, Agatha. O adversário secreto (Tradução de The Secret Adversary, 1922). Coleção L&PM Pocket, vol 1326. Novembro de 2019.

CHRISTIE, Agatha. Cai o Pano, o último caso de Poirot (Curtain). Círculo do Livro, Tradução pela Editora Nova Fronteira, obra original de 1975.

ERCOLI, Emma. Agatha Christie - Editora La nuova Italia 1978.

FIGUEIREDO, Felipe. Imagens - Economia de Guerra, propaganda e arte, pôsteres das Guerras Mundiais, disponíveis em xadrezverbal.com. Novembro 2015.

PANTOJA, Othon. - O que é o Common Law - as diferenças e semelhanças com o civil law. Disponível em aurum.com.br/blog/common-law, 10 de setembro de 2019.

SARAMAGO, José. Homem Novo. Disponível em caderno.josesaramago.org, Maio, 2009. Retirado em 25 de novembro de 2020.

ANÁLISE DO MÉTODO FREIRIANO E ATIVIDADE EPILINGUÍSTICA

OLIVEIRA, Daniela
OLIVEIRA, Kelly Gomes de
FORTUNATO, Silvia

RESUMO

Este trabalho tem por intenção relacionar os métodos utilizados por Paulo Freire no processo de alfabetização de adultos e o debate sobre estabelecer atividades epilinguísticas no ensino da Língua Portuguesa. Baseado nos artigos “Adaptação do método freiriano para a alfabetização infantil”, de Eliane de Paula Rocha e Ignácio César de Bulhões e “Atividade epilinguística e o ensino de Língua Portuguesa”, de Letícia Marcondes Rezende.

Palavras-chave: atividade epilinguística, criatividade, leitura de mundo, ensino, método, Freire, língua.

INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Portuguesa gera no educando a faculdade de comunicação, pensamento crítico e capacidade para ampliação de visão de mundo. Contudo, são muitas as formas e metodologias para se alcançar com êxito esse ensino.

Neste trabalho traremos as metodologias freirianas e sua correlação com as atividades epilinguísticas, sendo essas as mais eficazes e coerentes tanto para o ensino da língua pelo docente, quanto da compreensão, aceitação e evolução do discente.

Nos tópicos adiante apresentados, compreenderemos não só os primeiros passos do autoconhecimento para alfabetização do aluno, mas os passos seguintes, onde ele, além de compreender a si mesmo e a seu próprio mundo, compreende realidades muito distantes da sua.

Apenas com uma visão panorâmica e abrangente como a que será posteriormente discutida, o docente pode desenvolver conhecimentos reais e profundos sobre o aluno, sua própria maneira de enxergar o mundo, aprender e expressar-se. Assim sendo, este trabalho tem objetivo de explorar o método freiriano e a atividade epilinguística, incentivando os profissionais da área educativa a procurarem as mais diversas maneiras de depositar maior protagonismo no aluno, fazendo-o desenvolver-se como um ser ativo e emancipado.

LEITURA DE MUNDO E A ATIVIDADE EPILINGUÍSTICA

Paulo Freire, que foi um dos maiores educadores da história do país, realizou, em 1963, um grande ato que marcou sua vida e a história do ensino: ele alfabetizou 300 adul-

tos em 40 horas, na cidade de Angicos (RN). Sobre o método utilizado por Freire para a alfabetização Rocha e Bulhões (2012, p.53) explicam

“O método Paulo Freire de alfabetização funcionava da seguinte maneira: uma palavra, que devia estar ligada ao contexto do aluno (ou seja, ser conhecida pelo mesmo por representar algo de sua realidade), era apresentada (tomemos a palavra “MESA” como exemplo). Em seguida, separavam-se as sílabas da palavra (ME-SA) e apresentava-se aos alunos a “família fonêmica” de cada sílaba da palavra estudada (ME: ma-me-mi-mo-mu/ SA: sa-se-si-so-su). Por último, apresentavam-se as vogais ao educando (A-E-I-O-U). Assim, quando o aluno fosse capaz de formar palavras combinando sílabas das mais diversas “famílias fonêmicas”, ele estaria alfabetizado. O processo posterior ao da alfabetização, aquele que a tornaria eficaz, é o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.”

Para Freire, antes que a leitura da palavra fosse ensinada, era necessária e eficaz a consideração do contexto do aluno, sua experiência anterior e visão de mundo. Ou seja, antes mesmo que o estudante aprenda as regras e normas da língua, ele precisa basear-se na cultura e ambiente que o cercam. Essa ideia é o que Freire denominou “leitura de mundo” antes da “leitura da palavra”.

Sendo assim, a leitura e escrita só fazem sentido para o discente quando ele é levado a compreender as aplicações e contextualizações da língua diante de sua própria realidade. Freire constantemente relaciona o processo de alfabetização com o de concepção de individualidade e singularidade.

“[...] minha compreensão do mundo, meus sonhos sobre o mundo, meu julgamento a respeito do mundo, tendo, tudo isso, algo de mim mesmo, de minha individualidade, tem que ver diretamente com a prática social de que tomo parte e com a posição que nela ocupo. Preciso de tudo isso para começar a perceber como estou sendo. Não me compreendo se trato de me entender à luz apenas do que penso ser individualmente ou se, por outro lado, me reduzo totalmente ao social.” (FREIRE; MACEDO, 1990, p.29).

Trazendo para sala de aula o interesse, contexto e gostos do estudante, é muito mais provável gerar nele vontade, participação, criatividade e evolução do aprendizado.

Muitas habilidades e conhecimentos podem ser desenvolvidos fora do ambiente escolar, mas serem de muito proveito para as atividades acadêmicas. Freire traz, como já dito, esta crença para seus métodos, de que o indivíduo pense não apenas no texto, mas em seu contexto, de forma que possa refletir e entender o que lê, e fazer-se entender através da escrita.

A atividade epilínguística trata exatamente desta capacidade de compreensão e reflexão sobre o discurso escrito, os quais podem gerar diferentes interpretações por parte dos leitores, dados seus diferentes padrões culturais e elementos que influenciam a escola e a aprendizagem.

“[...] sujeito é estrangeiro para si próprio, há nele uma cisão original e é essa espessura dialógica que o caracteriza como ser humano; as diferenças entre as línguas (interlínguas) e as variáveis intralínguas (psicológicas e sociológicas) são apenas um agravamento dessa situação original e fundamental.” (REZENDE, 2008, p.98).

Desta forma, entendemos que a compreensão da linguagem como uma forma de construir, contextualizar e compartilhar ideias, é de extrema importância, pois permite que o indivíduo se compreenda e se expresse. Aquele estudante que não entender – antes que as regras e normas da língua lhe sejam ensinadas – que dentro dele já existe uma ambiguidade indentitária, e que os significados das palavras e textos podem variar e transitar em significado, graças à diferentes ângulos de indivíduos com diferentes conhecimentos, não se autoconhecerá e não conseguirá fazer bom uso da língua adquirida, para que atinja o interlocutor das formas desejadas.

Para avançar no ensino da língua é importante partir dos pontos aqui já levantados, mas seguir em frente, trazendo para sala de aula atividades que incentivem a produção de discurso do aluno, onde ele pode expressar, de várias maneiras, sua individualidade. Partindo do conhecimento de suas próprias vivências e experiências, o estudante deve ser incitado a aprender a compartilhá-las de maneira compreensível e também ser capaz de interpretar outros textos de contextos diversos.

Em meio a atividades de leitura é possível que haja, para o discente, vazios interpretativos, onde ele não consegue se enxergar na situação, e não imagina o contexto apresentado, assim não conseguindo interpretar e seguir adiante na absorção do texto. É nesse momento que o educador pode aplicar com maior eficácia a atividade epilínguística, pois pode criar diferentes tipos de atividades que ajudem o aluno a expandir sua visão de mundo e construir mais partes do seu conhecimento, tornando-se capaz de interpretar o texto em questão.

A respeito desse momento interpretativo, Rezende (2008) afirma como o mesmo pode ser prolongado e aproveitado pelo professor. Levando o aluno a aprimorar e expandir sua visão panorâmica do contexto textual, o docente pode se utilizar de diversas manifestações e recursos de linguagem e interpretação invisível.

CONCLUSÃO

Paulo Freire (1963), ao falar sobre “leitura de mundo”, instiga o entendimento de que devemos pensar nossa realidade, compreendê-la e, através dela, incrementar e construir o conhecimento. Somente a partir de nossas vivências, experiências pessoais e ambiente em que vivemos, conseguimos formar e construir visões críticas a respeito da realidade em que nos encontramos.

Apenas através da leitura de mundo o estudante consegue desenvolver a leitura da palavra e capacidade para as atividades epilinguísticas. Esta capacidade lhe servirá como instrumento para contextualizar sua realidade, compreender os discursos com os quais se deparar, e compartilhar, de maneira eficiente, suas próprias ideias e experiências para outros indivíduos, com diferentes contextos, culturas e visão de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROCHA, E. de P.; BULHÕES, I. C. de. Adaptação do método freireano para a alfabetização infantil. Revista Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa, Brasil, São Paulo, volume 1, no. 12, p. 50 – 65, Mar. 2012. Disponível em: <<http://www.acoal-faplp.net>>.

REZENDE, Letícia Marcondes. Atividade Epilinguística e o ensino da Língua Portuguesa. Revista do Gel, São Paulo, v.5, n.1, p. 95-108, 2008.

ANÁLISE HISTÓRICO-PSICOLÓGICA DA OBRA “OS CINCO PORQUINHOS”, AGATHA CHRISTIE

OLIVEIRA, Daniela
JUNIOR, Robson
FORTUNATO, Silvia
VILLANI, Fábio

RESUMO

Neste artigo traremos diversas teorias de estudo de psicologia e psicanálise, assim como estudos específicos histórico-culturais, para análise da obra “Os cinco porquinhos”, da conceituada escritora Agatha Christie. Refletiremos sobre as identidades na literatura e seus resultados na história da humanidade.

Palavras-chave: Psicanálise, Identidades, Literatura, Agatha Christie

ABSTRACT

In this article, we will see several theories of study of psychology and psychoanalysis, as well as historical-cultural studies, for the analysis of literary work “Five little pigs”, by the renowned writer Agatha Christie. We will reflect about identities in the literature and their results in human history.

KEYWORDS: Psychoanalysis, Identities, Literature, Agatha Christie

INTRODUÇÃO

A literatura é uma das ferramentas culturais e artísticas mais poderosas da humanidade e mais resistentes ao tempo. Através dela, além das óbvias contribuições linguísticas, encontramos características históricas, ambientais, culturais e artísticas muito bem desenvolvidas e delineadas. Essas são joias de estudo e contexto para a posteridade, permitindo que seus leitores e estudiosos contextualizem épocas e costumes com certa precisão. É partindo desse pressuposto que foi regido o trabalho a seguir.

Além disso, com a explanação dos conceitos anteriores, a questão da identidade também será discutida. Serão passíveis de estudo tanto o conceito da identidade individual, quanto o conceito de identidade coletiva, que diz respeito a identificação com as demais pessoas, grupos, contextos e culturas.

Neste artigo trataremos especificamente da obra “Os cinco porquinhos”, da autora Agatha Christie, que é considerada a romancista mais bem sucedida da história da literatura mundial, como bem sabido. Ela aplica de forma exímia sua sutileza para trazer a sociedade da época para dentro de suas páginas, também tratando com destreza assuntos psicológicos. Ela cria personagens emblemáticos e complexos, e aborda e explana cada uma de suas peculiaridades comportamentais, relacionais e comunicativas.

1. ANÁLISE DA OBRA

1.1. A psicanálise e a literatura

A identidade é a parte mais individual do ser humano, que o difere dos demais, conferindo todas as coisas que lhe apresentam significado, aliadas as três formas de consciência humana: a percepção, a imaginação e a reflexão espontânea. Com a percepção, é destacada a forma que o sujeito enxerga e entende as situações no tempo-espaço; com a imaginação, saímos da zona tempo-espacial para entender a psiquê criativa e imaginativa do sujeito; e, por fim, com a reflexão espontânea, ele produz um padrão de reflexão imediata de seu contexto.

O conceito de identidade supracitado parte do pressuposto que o caráter individual do ser humano é formado e alterado pelo meio em que vive, por suas experiências pessoais e coletivas, e pelo acesso aos materiais culturais de sua época e sociedade, dentre eles a literatura.

A psicanálise tem a base fundamentária e conceitual para identificar e estudar o objeto que tratamos acima: o ser humano e sua identidade pessoal e coletiva. A esse respeito, Levisky (1922) argumenta:

“...A psicanálise permite compreender o desenvolvimento desta identidade através do processo de identificação: influências do inconsciente sobre a vida consciente, investimentos afetivos, tipos de ansiedade, mecanismos de defesa predominantes, características da estrutura do ego e do superego, capacidade de tolerar frustrações, sonhos, discriminação entre real e imaginário, mundo interior e realidade externa, manifestações agressivas, libidinais e respectivos controles, regressões, fixações, inibições, simbolização, dentro de leis próprias, como os princípios do prazer e da realidade...”

Tendo essas afirmações em vista, entendemos que a visão psicanalítica diz respeito aos modos de elucidação da experiência subjetiva humana, sua relação com outro e consigo, seu ID e psiquê, seu contexto e, como já abordado, suas noções de consciência.

Isso dito, podemos trazer para análise um dos principais objetos de exploração histórico-cultural, fonte de grandes desenvolvimentos e teorias a respeito da psiquê humana: a literatura.

Como supracitado, a literatura, psicanálise e o conceito de identidade estão intimamente ligados. Dentro da literatura, especificamente, a psicanálise tem o papel de

identificar características e traços psicológicos do próprio autor, revelados involuntariamente em sua obra, e também traços desenvolvidos propositalmente pelo mesmo em suas personagens. Elevando a análise do contexto e das características do autor, conseguimos traçar um perfil de sua sociedade, contexto, época, suas críticas, entre outros; mas também abre espaço para discussões imaginativas, perceptivas e reflexivas.

1.2. A psicanálise por trás de “Os cinco porquinhos”

Tratemos agora do livro foco deste artigo: "Os cinco porquinhos". A obra em questão é uma das mais profundas psicologicamente da autora. Encontramos uma estrutura narrativa organizada, minuciosa e inteligente, que aborda cada um dos personagens, com suas visões, hábitos, maneiras e, digamos, até mesmo "pecados".

Como o crime não é recente, e sim se passou há dezesseis anos, o detetive Poirot não tem provas físicas do acontecido e não pode contar completamente com o relato das testemunhas, pois, como sabemos, nossa memória guarda apenas detalhes que considera importantes, podendo até alterar situações com o passar do tempo. Esse é o grande desafio do crime, mas que é convertido em ferramenta para o detetive, pois os detalhes que os suspeitos guardam e as alterações que suas mentes criam, para a mente tétrica de Poirot, são passíveis de pressuposições a respeito de seus sentimentos e interesses particulares no crime. A respeito da memória mutável, Carlos Alberto Mourão Júnior e Nicole Costa Faria (2015) afirmam:

“Vale ressaltar que por mais carregado de emoção que seja um evento, nunca seremos capazes de nos lembrar de todos os detalhes. Mesmo as "melhores" memórias não são perfeitas, há sempre algum grau de perda durante o processo de consolidação. Assim, outra peculiaridade das memórias de longa duração é seu caráter não estável. Além das perdas que ocorrem logo durante o processo de consolidação, toda vez que evocamos uma memória, modificamos mais ainda essa mesma memória.”

O termo que leva o título do livro trata de uma cantiga de ninar da qual o detetive não consegue esquecer, e com ela, genialmente, ele cria um paralelo com os cinco suspeitos do crime. Poirot age de diferentes maneiras com cada envolvido, a fazer com se sintam confortáveis para falar sobre o ocorrido; Poirot também usa desse método de "camuflagem" para induzir os suspeitos a dizerem o que não planejavam, e levá-los a revelar detalhes aparentemente insignificantes, que levam à solução assertiva do crime.

Graças aos lapsos e incongruências dos relatos dos suspeitos, temos diversas perspectivas de uma mesma situação. Cada um deles enxerga o outro, suas atitudes,

falas, estado de espírito, de uma maneira única, que faz sentido apenas para si, sua interpretação do ocorrido e suas suposições sobre o mesmo.

- "O porquinho que foi ao mercado" é o primeiro suspeito a ser entrevistado. Este era Philip Blake, que bate com a ideia de que "foi ao mercado", sendo um homem próspero, chegado à regalias e que beira a obesidade. A autora o descreve como "Um homem aparentemente sem problemas. Próspero, satisfeito. Sem remorsos nem peso na consciência, sem recordações dolorosas. Não, um porco bem- alimentado que tinha ido ao mercado e alcançara o peso máximo...". Este era melhor amigo da vítima, um homem rude, impulsivo, preconceituoso, arrogante, que afirma categoricamente a culpabilidade de Caroline Crale. Sentia inveja de seu amigo Amyas Crale, pois se sentia atraído por sua esposa e fora duramente rejeitado; isso faz com que Philip atribua culpa, por ressentimento, a Caroline. Philip descreve Caroline como uma mulher interesseira, fria e cruel; enquanto Amyas lhe era um homem apaixonado por sua arte, e que encontrava em Elsa refúgio de sua vida matrimonial quebrada.

- "O porquinho que ficou em casa" é o segundo na lista de suspeitos. Este era Meredith Blake. Este "ficou em casa" pois ficou mentalmente distante da situação, sendo absorvido por outros pormenores. Meredith era um homem polido, muito interessado em formalidades, com pensamento desacelerado, que se considerava, em partes, culpado pelo ocorrido. Meredith é descrito como "muito diferente do irmão. Tinha uma maneira hesitante e evidentemente pensava com muito vagar. Era como se o seu ritmo mental se tivesse retardado com os anos, assim como o de ser irmão se havia acelerado.". Este descreve Amyas como "artista", isso, por si só, contém uma ideia de desapego, trivialidade e vaidade; condenava seu jeito com as amantes. Meredith tem um apreço e dedicação conhecidos por Caroline (apesar de também considerá-la culpada), mas sua fidelidade caiu em incerteza quando passou também a desejar secretamente a amante de Amyas: Elsa Greer. O que o faz ignorar diversos fatores que o levaria a culpa de Elsa.

- "O porquinho que comeu rosbife" é a terceira suspeita, e também a culpada do crime: Elsa Greer. Esta "comeu rosbife" pois ficou com a melhor parte de toda a situação, levando uma vida extravagante e luxuosa. A amante inescrupulosa, vingativa, impulsiva, arrogante e fria é descrita pela autora: "Via-a bela e rica, sedutora, procurando com suas mãos aduncas encher uma vida vazia.". Esta amava Amyas intensamente, mas, ao descobrir que ele apenas a estava usando para a pintura de seu quadro, e que sua esposa, Caroline sentia apenas pena dela, Elsa planeja o assassinato. Ela planeja tudo friamente e excuta com perfeição, para que a acusação recaia sobre Caroline. Elsa Greer acredita que, no fundo, a culpada do assassinato é, sim Caroline; ela sente-se "morta por dentro" desde o ocorrido, pois, de fato, ela matou o homem que amava.

- “O porquinho que não ganhou nada” é referência a quarta suspeita: Cecilia Williams. Esta era a tutora da irmã de Caroline, Angela Warren. Uma senhora que certamente “não ganhou nada”, sendo que perdeu o emprego com o acontecido. Cecilia vivia perto da miséria, mas era uma mulher íntegra, rígida, polida, dada a formalidades e segura de si. Agatha Christie traz a descrição: “Miss Williams possuía a misteriosa qualidade que todos os educadores devem ter: autoridade!”. Cecilia tinha forte aversão por Amyas, seu estilo de vida, seu temperamento e chega a dizer que sua arte é feia. Ao mesmo tempo que tem grande afeição por Caroline, escondendo relatos que poderiam ser provas cabais para sua condenação (mesmo acreditando na culpabilidade da mesma).

- “Este porquinho gritou “Cuim, cuim, cuim””. Referência a Angela Warren, quinta e última suspeita. “Não havia nela, certamente, nenhum sinal do porquinho que gritou “cuim, cuim””, mas na face direita, sulcando a pele, notava-se uma grande cicatriz, resultado de um dano por um acesso de raiva da irmã, Caroline. Angela acreditava muito na inocência da irmã (graças a uma carta recebida da mesma) e, sendo uma mulher inteligente, bem sucedida e precisa, sua certeza foi muito considerada. Na época do ocorrido ela tinha bom relacionamento com Amyas, e mal entendia a situação que acontecia, era impulsiva, bisbilhoteira e alegre.

- Caroline Crale (condenada pelo crime) era uma mulher ciumenta e volátil, porém, após o dito ocorrido com sua irmã, passa a se tornar uma mulher controlada e passiva. Ela vivia em total dedicação a seu marido. Caroline tem um senso de bondade invejável, sendo que chega a sentir-se mal pela inocência da amante, que acredita ser amada, quando, na verdade, não o é. Caroline aceita pagar pelo crime, acreditando que a culpada do assassinato fora sua irmã, para inocentá-la, e pagar pelo mal que a fez na infância.

- Amyas Crale é um homem inconsequente, egoísta, libertino e lidibinoso, mas este certamente ama muito a esposa. Contudo, acima de sua família está sua arte. Ele ficava absorto e compenetrado, completamente obcecado, enquanto pintava. Era apaixonado pelas musas de suas pinturas, até que não lhe fossem mais úteis e interessantes. Após esse panorama dos principais personagens da trama, enxergamos a forma como cada uma de suas convicções, desejos e segredos podem, e vão, de encontro com a realidade imutável de apenas um acontecimento. Para preservar determinados segredos, eles acabam por revelar, em entrelinhas, fatos obscurecidos e maquiagem situações. O mesmo crime é descrito várias vezes, cada vez por um novo prisma, com novos desdobramentos e focos, que surgem das personas acima citadas.

Todas as personagens trazidas no livro revelam pecados intrínsecos do ser humano, como avareza, inveja, luxúria, ira e soberba. Também há a exploração da capacidade humana, muitas vezes suprimida, de chegar até as últimas consequências para conseguir

que suas vontades se tornem reais, para autopreservação, ou para amaciar o ego, como, até mesmo, a condenação de uma mulher inocente.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

2.1. Contexto histórico-cultural da obra

No início da década de 1940, o então Reino Unido ocupou a Islândia e instalou bases navais e aéreas. No outono de 1940, Hitler ordenou um bombardeamento nas principais cidades britânicas. Sendo chamada de Batalha da Grã-Bretanha, milhões de mortes foram causadas, ao passo que, simultaneamente, o Reino Unido bombardeava as cidades alemãs. Houve racionamento nas cidades para a sustentação das Forças Armadas Britânicas, mas não um aumento de tributação para a redução dos consumos, já que, se isto de fato ocorresse, ricos e pobres seriam afetados desigualmente.

Analisando o lado cultural da obra, nota-se que a personagem Amyas Crale não era um “homem de uma mulher só”, visto que sua amante Elsa Greer posava para sua pintura quando foi assassinado. A prática não era mal vista entre os homens. Por outro lado, as mulheres não eram bem vistas caso possuíssem amantes ou qualquer variações fora de seus casamentos. Suas “obrigações” resumiam-se em cuidar do marido, da casa e trazer ao mundo crianças, de preferência meninos saudáveis e fortes. A equiparação das leis só entrou em vigor na década de 1940. Porém, apesar das leis, era mais comum um homem possuir amantes e apresentá-las à sua esposa, como descrito na história do livro.

3. CONCLUSÕES FINAIS

Após a leitura do livro “Os cinco Porquinhos”, análise da autora baseados em estudos psicanalíticos e discussões sobre o tema, tornou-se possível afirmar que a obra está entre as mais profundas no quesito psicológico.

Diante das afirmações feitas, concluímos que o estudo psicanalítico, aplicado em obras literárias, é de fundamental importância, sendo que, é desta forma, que identificamos objetivos ocultos e subentendidos dos autores, e de sua narração. Assim como também, através da psicanálise, podemos traçar ligações entre os ideais e maneirismos do autor, e o contexto histórico-cultural no qual ele se encontra.

A obra estudada levanta as questões humanas, sua necessidade de protagonismo, autopreservação e orgulho naturais, que se manifestam das mais diferentes maneiras. No caso, encontramos os cinco suspeitos que guardaram diferentes versões do acontecido, priorizando e ignorando distintos detalhes, pois, até mesmo inconscientemente, desejavam encontrar culpa em determinada pessoa.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Jamile. Literatura e formação de identidade (2011). Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/redacoes/3105153> . Acesso em 20 de mar. 2020.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade (2002) Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/354/35401303.pdf> . Acesso em 20 de mar. 2020.

CUNHA, Eduardo L.. Uma leitura freudiana da categoria de identidade em Anthony Giddens (2007). Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982007000200002. Acesso em 20 de mar. 2020.

VILLARI, Rafael A.. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura (2000). Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000200002 . Acesso em 21 de mar. de 2020

MENEZES, Eduarda. OS CINCO PORQUINHOS (Agatha Christie no melhor estilo cold case). No estado de Pernambuco. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-ciNzMIJrgE> . Acesso em 21 de mar. 2020.

PUC. A TRAIÇÃO, A INFIDELIDADE, O ADULTÉRIO E OS RELACIONAMENTOS EXTRA-CONJUGAIS AO LONGO DO TEMPO. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9888/9888_3.PDF. Acesso em 13 de maio. 2020.

JÚNIOR, Carlos A. M. e FARIA, Nicole C.. Memória (2015). Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/prc/v28n4/0102-7972-prc-28-04-00780.pdf> . Acesso em 21 de mar. 2020.

HISTORY. COMEÇA A BATALHA DA GRÃ-BRETANHA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. Disponível em <https://br.historyplay.tv/hoje-na-historia/comeca-batalha-da-gra-bretanha-na-segunda-guerra-mundial>. Acesso em 5 de maio. 2020.

BORELI, Andréa. ADULTÉRIO E A MULHER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA NO DIREITO DE FAMÍLIA*. Disponível em: https://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucha/revista_justica_e_historia/issn_1676-5834/v2n4/doc/05-Andrea_Borelli.pdf Acesso em: 13 de maio. 2020.

CHRISTIE, Agatha. Os cinco porquinhos (1942).

APLICAÇÃO DA METODOLOGIA ADDIE PARA ENSINO DE PROGRAMAÇÃO UTILIZANDO ARDUINO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

GARCIA, Grazielle
TORRICELLI, Leandro Cesar
LOPES, Nahana Moreira
BAPTISTA, Luciana Ferreira

RESUMO

Este artigo oferece uma proposta didática a professores das disciplinas de lógica, programação e correlatas do ensino técnico e superior. Através da aplicação do modelo de Design Instrucional ADDIE e da utilização da plataforma de prototipagem eletrônica de hardware livre Arduino, é proposto um guia para elaboração de lições práticas e estimulantes, a fim de diminuir a evasão de estudantes e facilitar a aprendizagem, obtendo resultados pedagógicos satisfatórios e promovendo o pensamento lógico.

Palavras-chave: Arduino; modelo ADDIE; educação; pensamento lógico; ensino de programação.

ABSTRACT

This article offers a didactic proposal to teachers in the disciplines of logic, programming and correlates of technical and higher education. Through the application of the ADDIE Instructional Design model and the use of the Arduino free hardware electronic prototyping platform, a guide is proposed for the elaboration of practical and stimulating lessons, in order to reduce student dropout and facilitate learning, obtaining satisfactory pedagogical results and promoting logical thinking.

Keywords: Arduino; ADDIE model; education; logical thinking; programming teaching.

INTRODUÇÃO

Com o processo de digitalização se acelerando por praticamente toda a parte da sociedade moderna, junto à difusão de termos como machine learning, data mining e business intelligence, grande parcela de jovens e adultos tem sido atraída para a área da tecnologia, interessados nas novas oportunidades de trabalho e nos crescentes salários que o setor vem proporcionando.

Muitos que são seduzidos pelas vantagens de se trabalhar em empresas como Google, Facebook e Apple se deparam, logo no início da jornada para se tornarem desenvolvedores de software, com um obstáculo bastante comum: a dificuldade para aprender a programar. Exigindo alta capacidade de abstração e pensamento lógico, estudantes descobrem desafios para os quais foram pouco preparados pelo ensino médio tradicional. Muitos acabam se sentindo culpados pelas dificuldades, chegando à conclusão que não tem o “talento” necessário para ser programador ou se sentem frustrados e desmotivados, enquanto muito do problema é gerado por um método de ensino defasado aliado a aulas que não são estimulantes, motivadoras e pedagogicamente satisfatórias o suficiente.

O presente trabalho propõe a educadores uma forma de ensinar programação de maneira mais didática e lúdica, fazendo uso de lições utilizando a plataforma eletrônica Arduino (kit físico e/ou simulador) com a aplicação do modelo de Design Instrucional ADDIE, onde os conceitos ensinados se traduzem em efeitos físicos como lâmpadas acendendo e sons sendo ativados, reforçando o processo de aprendizagem e trazendo a programação para mais perto dos estudantes.

DIFICULDADE DOS ESTUDANTES COM PROGRAMAÇÃO

Devido à ausência de disciplinas como robótica, lógica e programação no currículo escolar do ensino fundamental e médio, sobretudo nas escolas públicas, muitos alunos que optam pela profissionalização na área de tecnologia (técnico ou superior) acabam iniciando seus estudos sem conhecimento prévio, mesmo que básico, em algoritmos e linguagens de programação. Somado a esse cenário, há ainda o problema crônico relacionado à falta de recursos, metodologias obsoletas e professores sem treinamento adequado, fatores que culminam numa baixa qualidade educacional. Como aponta Moraes:

As aulas já não atendem a realidade do alunado; os professores em muitos casos não estão capacitados a estarem em sala de aula; os recursos e as metodologias de ensino utilizados por muitos professores já são considerados ultrapassados. Sendo assim, tornam-se necessários o debate e as sugestões sobre estratégias de ensino que minimizem os efeitos negativos dessa realidade que deixa cada vez mais os alunos sem interesse (MORAES, 2009).

O resultado mais visível dessa combinação é a alta evasão universitária no Brasil, que correspondeu entre 2006 e 2009, de forma constante, a aproximadamente 22% (vinte e dois por cento) para o conjunto de cursos superiores presenciais brasileiros (LOBO, 2012).

Matérias ricas em abstração, como programação, podem fazer com que alunos não consigam relacionar a aprendizagem com a aplicação no mundo real e, por conseguinte, obter resultados materiais do que estão estudando. Em muitos casos, métodos pouco eficientes, falta de atividades práticas e as dificuldades dos alunos com lógica e programação podem levá-los a um estado de desmotivação, baixo rendimento e até uma possível desistência da disciplina ou curso.

O ARDUINO COMO RECURSO PEDAGÓGICO

De acordo com Souza et al.,

O Arduino é uma plataforma de hardware open source, de fácil utilização, ideal para a criação de dispositivos que permitam interação com o ambiente, dispositivos estes que utilizem como entrada sensores de temperatura, luz, som etc., e como saída leds, motores, displays, alto-falantes etc., criando desta forma possibilidades ilimitadas (SOUZA et al., 2011).

Sendo um recurso de baixo custo e open-source e dispondo também de um simulador online gratuito, a plataforma Arduino pode ser considerada um excelente material de apoio em cursos de tecnologia. Suas funções, baseadas em um microcontrolador altamente versátil, são potencializadas e vão além de uma interface passiva de obtenção de dados, permitindo que o Arduino opere sozinho no controle de diversos dispositivos e, com isso, tenha aplicações em robótica e instrumentação embarcada (SOUZA et al., 2011).

Outra vantagem do Arduino é a extensa comunidade internacional que se formou em torno do projeto. Graças ao seu ambiente simplificado e acessível, o Arduino tem sido usado em milhares de projetos e aplicativos diversos. O software Arduino é fácil de usar por iniciantes e flexível o suficiente para usuários avançados. Ele roda em Mac, Windows e Linux. Professores e alunos o usam para construir instrumentos científicos de baixo custo, para provar os princípios da física ou para iniciar a programação e a robótica (ARDUINO, 2014). Souza et al. complementa, ainda, que,

Todo o projeto eletrônico, incluindo a plataforma para o desenvolvimento dos programas de controle, é de acesso público e gratuito. Outro fato positivo é que atualmente podemos encontrar diferentes versões nacionais da placa Arduino, no mercado nacional, com preços muito acessíveis ou mesmo instruções de montagem a partir dos componentes eletrônicos básicos, o que pode atender o interesse de professores e alunos com maior capacitação em eletrônica (SOUZA et al., 2011).

Devido às suas características, a placa Arduino se mostra como ótimo candidato a oferecer uma experiência estimulante e pedagogicamente viável a estudantes de programação, que podem ver em tempo real e de maneira interativa o resultado de seus esforços, reforçando, assim, a aprendizagem de lógica e programação e promovendo de forma mais eficiente a assimilação de conceitos abstratos.

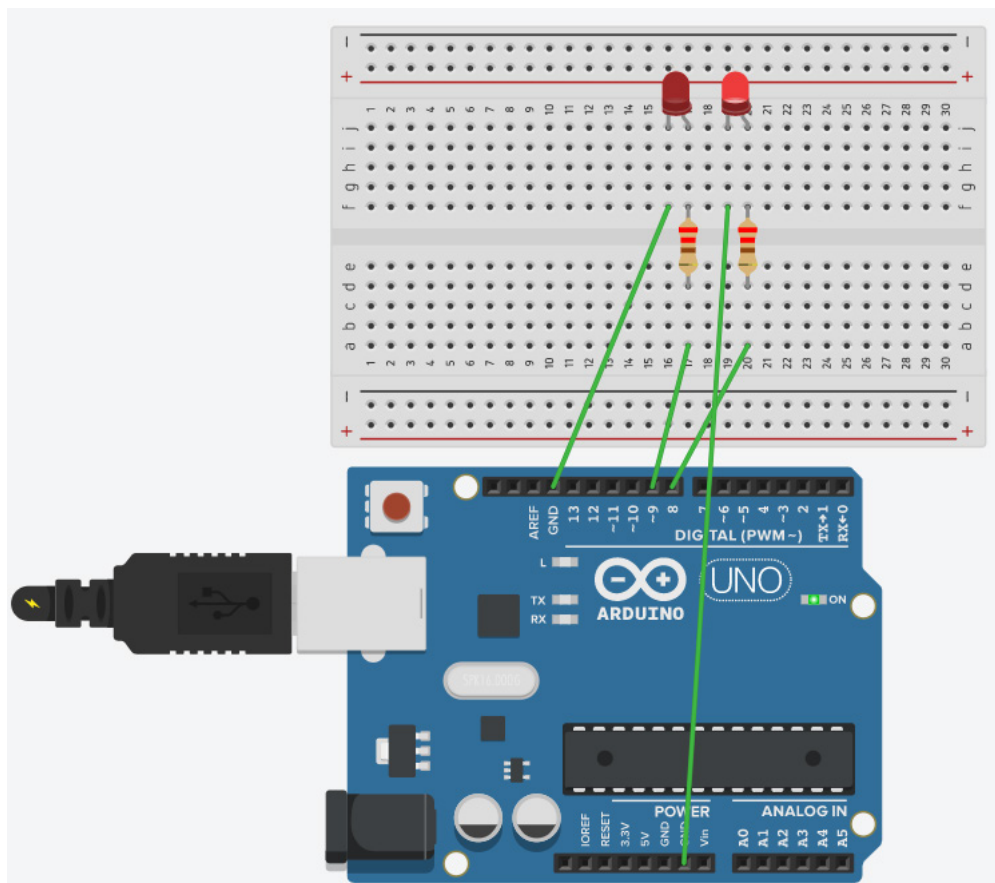
EXEMPLO DE UM MINIPROJETO EM ARDUINO

O educador que desejar aplicar a metodologia instrucional aqui proposta deverá antes, caso ainda não seja, se familiarizar com os conceitos básicos e linguagem do Ar-

duino. Detalhar aqui a linguagem de programação e manipulação da plataforma eletrônica fugiria do escopo deste trabalho, cujo intuito é instruir como pequenos e simples projetos de Arduino podem ser inseridos dentro de um modelo pedagógico maior para a elaboração de aulas em cursos de tecnologia. Assim, o educador é livre para criar seus próprios miniprojetos em Arduino ou, ainda, obter projetos de uso livre de terceiros já prontos, caso assim o prefira.

Como exemplificação, suponhamos uma aula onde o objetivo do professor seja ensinar aos alunos a estrutura de decisão “if / else”. Esta poderia se beneficiar de uma grande variedade de projetos em Arduino, sendo o professor quem decidirá a melhor estratégia (os detalhes de estruturação e planejamento de aulas serão dados nos próximos tópicos). Neste exemplo, foi escolhido e elaborado um pequeno projeto de “pisca-pisca” de dois LEDs, conforme ilustrado na Figura 1

Figura 1 - Projeto de pisca-pisca em um simulador de Arduino



Fonte: Elaborada pelos autores - 2021

O objetivo do pisca-pisca consiste em criar uma alternância de ligado e desligado entre os 2 LEDs (um se acende quando o outro se apaga e vice-versa), devendo a condição “if/else” ser utilizada no código. Os alunos podem pensar em mais de uma maneira para resolver o desafio, o que é comum em soluções de programação e não representa problemas. O importante é aplicar a estrutura apresentada (neste caso o

“if/else”) e a lógica ser sólida. As lâmpadas funcionarão como um pisca-pisca alternado apenas quando os alunos lograrem êxito na resolução. Um exemplo de solução para o projeto proposto pode ser observado na Figura 2:

Figura 2 - Exemplo de código para um pisca-pisca em Arduino

```
void setup() {
  pinMode(8, OUTPUT); //configura porta 8 como saída do LED1
  pinMode(9, OUTPUT); // configura porta 9 como saída do LED2
}

void loop() {
  if (digitalRead(8)==0) { //se LED1 (porta 8) estiver desligado:
    digitalWrite(8, HIGH); //acende LED1 (porta 8)
    digitalWrite(9, LOW); // apaga LED2 (porta 9)
  } else { //senão:
    digitalWrite(8, LOW); //apaga LED1 (porta 8)
    digitalWrite(9, HIGH); //acende LED2 (porta 9)
  }

  delay(400); //aguarda 400 milissegundos para reiniciar o loop
}
```

Fonte: Elaborada pelos autores – 2021

Nas configurações de setup os LEDs são atribuídos às suas respectivas saídas (LED1 na porta 8 e LED2 na porta 9 – ver Figura 1). Após as atribuições, o código dentro do bloco loop se baseia em conferir, primeiramente, se o LED1 está apagado (valor '0'), através da linha:

```
if (digitalRead(8)==0)
```

Este retornando 'verdadeiro' (o LED1 está apagado), executa-se as linhas do bloco 'if', ligando o LED1 e desligando o LED2, respectivamente:

```
digitalWrite(8, HIGH)
digitalWrite(9, LOW)
```

Caso o 'if' retorne 'falso' (o LED1 está aceso), executam-se apenas as linhas do bloco 'else', desligando o LED1 e ligando o LED2:

```
digitalWrite(8, LOW)
digitalWrite(9, HIGH)
```

Após a execução das instruções descritas anteriormente, o comando delay(400) é executado, o que faz com que o último estado dos LEDs se mantenha por 400 milissegundos até o loop ser reiniciado e a estrutura de decisão 'if/else' ser executada novamente.

Quando inicializado, o projeto irá exibir o LED1 aceso por 400 milissegundos até se apagar e, imediatamente depois, o LED2 se acenderá. Este ficará aceso por mais 400 milissegundos, até também se apagar e o LED1 voltar de imediato a se acender, num loop contínuo, gerando o efeito de um pisca-pisca.

O MODELO DE DESIGN INSTRUCIONAL ADDIE

Tendo um ou vários miniprojetos em Arduino em mãos não é suficiente para que um professor consiga ensinar o que propõem de maneira eficiente. Para isso, é necessário um modelo pedagógico que auxilie no planejamento de aulas.

O conjunto de métodos, técnicas e recursos empregados no desenvolvimento de um curso e no seu processo de ensino-aprendizagem pode ser entendido como Design Instrucional (FILATRO, 2008). O modelo ADDIE é um processo esquemático utilizado por pedagogos e designers de instrução para a elaboração de aulas e materiais educativos. ADDIE é a abreviação de Analyze (Analisar), Design (Desenhar), Develop (Desenvolver), Implement (Implementar) e Evaluate (Avaliar). As cinco fases fornecem um guia dinâmico e flexível para a construção de lições, cursos e treinamentos eficazes.

De maneira concisa, a parte de Análise é responsável pelo levantamento das metas educacionais, público-alvo e os recursos necessários para o projeto. Em Desenho estabelece-se uma solução didática para alinhar os objetivos e as estratégias com as metas educacionais. No Desenvolvimento são criados os recursos didáticos, esboços são revisados e um teste piloto é conduzido. Em Implementação aplica-se a solução de aprendizagem ao preparar o espaço de aula e envolver os participantes. E por último, em Avaliação, a qualidade dos recursos pedagógicos e o cumprimento das metas de ensino são avaliados.

Utilizando-se desse processo simples, porém poderoso, professores e educadores são capacitados a elaborar aulas estimulantes e de alta qualidade, ao mesmo tempo em que o processo de melhoria e aperfeiçoamento se mantém de maneira contínua.

APLICAÇÃO DO MODELO ADDIE NA ELABORAÇÃO DE AULAS COM ARDUINO

Através de lições modeladas de acordo com as diretrizes ADDIE utilizando miniprojetos para o Arduino, o instrutor pode ensinar conceitos de programação e lógica (variáveis, iteração, construção condicional etc.) de maneira lúdica e objetiva, alinhando a meta pedagógica da lição com algum pequeno projeto à escolha pessoal do educador.

Na etapa de Análise, o instrutor deve avaliar o conhecimento dos alunos para parametrizar a complexidade da lição (iniciante, intermediário ou avançado), assim como os recursos disponíveis (simulador e/ou kit Arduino físico, projetores, material digital etc.) a serem aplicados na lição.

Passando para a próxima etapa, de Desenho, é determinado o objetivo pedagógico da aula. Em outras palavras, qual o assunto de lógica ou programação o instrutor pretende que os alunos saibam após concluir a lição.

Na parte de Desenvolvimento, é necessário encaixar o objetivo definido em Desenho com algum miniprojeto de Arduino, levando em consideração os recursos disponíveis e o conhecimento dos alunos, ambos determinados na etapa Análise. Após a criação de um projeto, é necessário também criar o material didático (digital e/ou impresso) com explicações, exemplos e exercícios.

A parte de Implantação se dá diretamente em aula. É apresentado aos alunos o tema da lição e o projeto que será desenvolvido. O instrutor é livre para dar uma explicação geral sobre o tópico da aula e exemplos diversos para auxiliar na compreensão. Posteriormente, é distribuído aos alunos o material criado na etapa Desenvolvimento, e estes devem realizar os exercícios e o projeto propostos.

Por último, mas não menos importante, a etapa Avaliação serve como uma bússola para o instrutor sondar os pontos fortes e dificuldades dos alunos, que deverão apresentar o projeto concluído após o prazo estabelecido pelo educador (o tempo pode variar de acordo com a duração total da aula em questão). Durante essa fase cabe ao instrutor dirimir dúvidas, reforçar explicações e, caso necessário, reformular pontos da lição para que esta melhor atenda alunos em aulas futuras.

A Figura 3 demonstra de forma visual das etapas passo-a-passo da aplicação do modelo ADDIE para a elaboração de aulas e ao lado um exemplo prático de uma aula específica sobre a estrutura 'if/else' utilizando o projeto do pisca-pisca detalhado anteriormente:

Figura 3 - Modelo e exemplo para elaboração de aula com modelo ADDIE

	Modelo de Preparação de Lição			Exemplo Prático		
ANÁLISE	Avaliar conhecimento prévio dos alunos	Avaliar recursos disponíveis		Iniciantes (primeiro contato com programação)	Aula online. Simulador de arduino.	
DESENHO	Estabelecer meta pedagógica para a aula			Utilização da estrutura "If / Else"		
DESENVOLVER	Criar mini projeto em arduino	Criar material explanatório com exercício		Projeto de um pisca-pisca utilizando 2 LEDs	Ficha com exemplo de sintaxe com 'IF / ELSE' e proposta de exercício	
IMPLEMENTAR	Apresentar tópico mostrando o projeto	Explicar tópico de lógica / programação	Entregar ficha com exercício proposto	Pisca-pisca funcionando	Explicação e exemplos diversos utilizando 'IF / ELSE'	Alunos utilizam o que aprenderam para construir pisca-pisca
AVALIAR	Sondar dificuldades dos alunos	Alunos apresentam projeto com solução	Avaliação de aproveitamento	Tirar dúvidas quando necessário	Alunos apresentam pisca-pisca e código fonte	Reformular lição em caso de muitos erros ou dificuldades

Fonte: Elaborado pelos autores - 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um modelo educacional onde as estratégias pedagógicas não conseguem acompanhar a velocidade das mudanças tecnológicas ou suprir as demandas dos estudantes, é comum que instituições de ensino, públicas e privadas, ainda apliquem métodos ultrapassados e não tomem proveito de novos recursos e ferramentas instrucionais que vêm surgindo ano após ano.

O Arduino foi demonstrado como uma ferramenta versátil, estimulante e de baixo custo para a utilização em matérias como programação e lógica, possibilitando que os alunos aprendam através de desafios reais, adequados ao seu nível de conhecimento, dentro da estrutura de um modelo de design instrucional comprometido com qualidade e bom desempenho.

O resultado se apresenta como uma proposta de elaboração de aulas utilizando o modelo ADDIE junto a pequenos projetos de Arduino, cujo objetivo é ensinar e tornar as disciplinas de lógica, programação e correlatas mais lúdicas e próximas aos alunos, trazendo-as do universo da abstração para uma aplicação prática, de maneira onde os alunos se sintam motivados e constantemente desafiados, resultando em um aproveitamento substancialmente superior aos modelos pedagógicos tradicionais.

Assim, buscamos trazer a atenção não apenas para as possíveis consequ-

ências indesejadas de lições que não captam o interesse do alunato (resultando em desmotivação, desinteresse e desistências), mas também contribuir ativamente para oferecer um instrumento pedagógico adicional ao portfólio dos educadores.

REFERÊNCIAS

FILATRO, Andrea. Design instrucional na prática. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

LOBO, Maria Beatriz de Carvalho Melo. Panorama da evasão no ensino superior brasileiro: Aspectos gerais das causas e soluções. 2012. 23 f. Instituto Lobo Para Desenvolvimento da Educação, da Ciência e da Tecnologia, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.institutolobo.org.br/core/uploads/artigos/art_087.pdf. Acesso em: 01.abr.2021.

MORAES, J. U. P. A visão dos alunos sobre o ensino de Física: um estudo de caso. Scientia Plena, Sergipe, v.5, n.11, 114809, 2009. Disponível em: <https://www.scientia-plena.org.br/sp/article/view/736/392>. Acesso em 03.abr.2021.

SOUZA, A R; PAIXÃO, A C; UZÊDA, D D; DIAS, M A; DUARTE, S; AMORIM, H S. A Placa Arduino: uma opção de baixo custo para experiências de física assistidas pelo PC. In Revista Brasileira de Ensino de Física, v.33, n.1. 1702. Instituto de Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://sbfisica.org.br/rbef/pdf/331702.pdf>. Acesso em 05.abr.2021.

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO CONTEXTO DE ISOLAMENTO, CONFINADOS E EXTREMOS

DE NICOLO, Marina
FERRACINI, Fernanda

RESUMO

São apresentadas as diferentes formas de avaliação psicológica em ambientes de ICE, contextualizando o que são e as metodologias utilizadas. Buscando como base o livro "Compêndio de Avaliação Psicológica" e o artigo "Mapeamento de Estressores no Trabalho de Expedicionários do Programa Antártico Brasileiro", que tem seu embasamento em uma pesquisa de campo em que militares e civis são expostos a estressores. Além disso, a psicóloga Julianne Holt-Lunstad diferencia solidão de isolamento social, objetivando uma visão mais científica.

Palavras-chave: Avaliação psicológica; Isolamento; Metodologia.

ABSTRACT

The different forms of psychological rating in ICE environments are presented, contextualizing what they are and the methodologies used. searching as a base the book "Compendium of Psychological Assessment" and the article "Mapping of Stressors in the Work of Expeditors of the Brazilian Antarctic Program", that is based on a field research in which military and civilians are exposed to stressors. In addition, psychologist Julianne Holt-Lunstad determines loneliness from social isolation, aiming at a more scientific view.

Keywords: Psychological assessment; Isolation; Methodology.

INTRODUÇÃO

A avaliação psicológica é a análise de um comportamento de indivíduos e grupos humanos específicos, conforme o nível de interesse da investigação (psicomotor, emocional ou cognitivo) e sua finalidade. Tudo sendo orientado através de métodos e modelos teóricos e procedimentos de coleta de dados e informações.

Nos ambientes de ICE (isolamentos, confinados e extremos) serão estudados os possíveis estressores socioambientais e os usos de avaliações psicológicas e instrumentos de avaliação, de forma a ampliar a compreensão dos fatores humanos em ambientes extremos.

A avaliação psicológica de fatores humanos em ambientes ICE

As primeiras presenças de humanos em ambientes de ICE foram os grupos nômades, que se dirigiam a lugares inóspitos buscando novas possibilidades de sobrevivência. A realização de missões em direção ao desconhecido faz parte do processo civilizatório, o qual instigou a construção do empreendimento científico de querer conhecer e mudar o mundo.

Normalmente, as pessoas que aceitam essas missões em lugares inabitados (como os polos e até mesmo outros planetas) têm uma predisposição para se arriscar, pois, a necessidade de se compreender aspectos relacionados à habitabilidade e desempenho de tripulantes em espaços confinados, levou a uma intensa produção de conhecimentos científicos.

Ademais, exames de aspectos psicológicos e problemas sociais, feitos por tripulantes em condições de estresse prolongado passou a ser uma fonte importante de pesquisa. Além disso, a avaliação de fatores humanos em serviços, pressupõe a busca pelas evidências da capacidade e funcionalidade dos indivíduos diante das necessidades impostas pelo ambiente.

A exploração de localidades em condições ICE impulsionou a pesquisa acerca do estado psicológico dos indivíduos submetidos nessas conjunturas, além de beneficiar o campo da psicologia, também afetou áreas terceiras como: ergonomia e fisiologia humana. Nasce então, concepções mais factíveis de síndromes como a SAD (Seasonal Affective Disorder, Transtorno Afetivo Sazonal) e a T3 Polar Syndrome, sendo essa inteiramente pertencente aos desgastes provenientes de locais ICE.

Os ambientes de ICE distinguem-se dos demais por suas características únicas influentes ou determinantes que alteram o tônus psicológico, neuropsicológico e no comportamento socioambiental. Os fatores de risco nesses ambientes são produtos da interação humana com o meio em que está inserido, explicitando efeitos psicológicos nos indivíduos expostos em incursões de curta ou longa duração. Uma exposição prolongada a esses ambientes requer mecanismos de avaliações longitudinais, presenciais e por via remota que acompanhem e verifiquem as alterações de estados psicofisiológicos, psicológicos e psicossociais em diferentes momentos das atividades e conforme as condições ambientais.

No Brasil, as condições que possuem um mais destaque de pesquisa de avaliação de fatores de risco psicossociais são as condições insalubres em espaços confinados e trabalho em altura. O investimento na intervenção psicológica em ambientes ICE consiste na seleção de profissionais que integram as missões técnico científicas e militares regulares nesses ambientes e com domínio acerca da compreensão do comportamento humano, para assim auxiliar no controle e prevenção de acidentes, adoecimentos e conflitos entre participantes que estão diante a essas ações.

Características ambientais interferem diretamente nas condições psicológicas das pessoas e entre os aspectos investigados em avaliações psicológicas,

destacam-se a inteligência, atenção, memória, personalidade, habilidades interpessoais, o estresse, desempenho, entre outros. Acrescenta-se que a avaliação psicológica em ambientes ICE pode ser executada presencialmente, por internet ou por videoconferência, devem ser definidas as técnicas e os instrumentos de exame mais adequados à coleta de dados, que podem ser adaptados para a versão de aplicação on-line, desde que a alternativa remota seja viável. (Compêndio de avaliação psicológica, Makilim Nunes Baptista, p. 201)

No processo de seleção de profissionais para missões polares, destaca-se a Psychological Selection of Antarctic Personnel (Soap), uma bateria composta por nove instrumentos que tem por objetivo rastrear recursos psicológicos favoráveis e desfavoráveis ao enfrentamento de condições ambientais críticas especialmente o frio, incluindo aspectos de personalidade e transtornos mentais.

Na avaliação do desempenho cognitivo e do humor tem sido utilizados testes computadorizados da denominada Automatic Neuropsychological Assessment Metric – Isolated and Confined Environments (Métricas Automatizadas de Avaliação Neuropsicológica para Ambientes Isolados e Confinados).

Dentre os instrumentos mais utilizados em processos de avaliação psicológica com validação no Brasil, destacam-se: Estados de Humor (Poms), a Escala de Humor de Brunel (Brums), a Escala de Afeto Positivo e Negativo (Panas), conforme abaixo:

POMS "profile of mood states" - Criado na década de 50 Mcnair, Lorr, e Droppleman, este teste foi desenvolvido para a observação da flutuação de humor em pacientes psiquiátricos, contendo 65 itens e medindo seis fatores de humor: tensão, depressão, raiva, vigor, fadiga e confusão mental.

A Escala de Humor de Brunel (BRUMS) – Mensura o estado de humor de adultos e adolescentes e contém 24 indicadores simples, tais como: as sensações de raiva, disposição, nervosismo e insatisfação. Os avaliados respondem em uma escala de 5 pontos (sendo o 0 = nada e o 4 = extremamente)

Aspectos relacionados à validação de instrumentos de avaliação psicológica

A validação de instrumentos é realizada através do acúmulo de evidências que suportam as inferências feitas de acordo com os resultados obtidos, podendo ser verificada através de diferentes perspectivas. Deve-se avaliar a confiabilidade do instrumento também, ou seja, o grau de concordância entre múltiplas medidas de um mesmo objeto. A avaliação psicológica tem necessidade de utilizar métodos quantita-

tivos e qualitativos como ferramentas de reconhecimento de processos psicológicos que intervêm no desempenho do indivíduo.

Não é possível avaliar os julgamentos subjetivos com métodos estatísticos, somente o investigador consegue averiguar se o instrumento afere o que deveria aferir.

A Resolução CFP nº 17/2019 - define e regulamenta a Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica:

"Art. 1º A Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica - CCAP, criada pelo Conselho Federal de Psicologia - CFP em março de 2003, tem por função discutir e propor diretrizes, normas e resoluções no âmbito da avaliação psicológica no contexto da atuação profissional do psicólogo, além de conduzir o processo de avaliação dos testes psicológicos submetidos ao Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI." (NR)

" I - emitir pareceres em resposta a demandas do Plenário do Conselho Federal de Psicologia em matéria de avaliação psicológica, vedada a manifestação sobre casos concretos;" (NR)

"V - Orientar psicólogos e sociedade sobre as normas relativas à avaliação psicológica, vedada a manifestação sobre casos concretos."

"I - Nos casos que tratem, especificamente, de orientações relativas às normas sobre avaliação psicológica, encaminhar resposta diretamente ao requerente;

II - Nos casos que demandem análise mais complexa, enviar o pedido de consulta ao Plenário do Conselho Federal de Psicologia que decidirá quanto ao cabimento do prosseguimento do processo de consulta, que:

a) decidindo pelo prosseguimento do processo de consulta, encaminhará o processo à Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica - CCAP para análise e elaboração de parecer;

b) decidindo pelo não cabimento do processo de consulta, deverá comunicar sua decisão diretamente ao requerente."

Avaliação Psicológica Aplicada a Trabalhadores em Situação de Confinamento (NR 33) e a solidão causada pelo isolamento social

A avaliação psicossocial contempla os aspectos comportamentais e de personalidade, avaliando a potencialidade do indivíduo em relação a alguma característica pessoal e mapeando seu perfil psicológico perante um espaço confinado. Uma vez que o espaço confinado possui inúmeros riscos de acidentes a mais do que em trabalhos comuns, a avaliação e capacitação destes profissionais é de exímia importância para a maior cautela possível, dispondo de uma avaliação psicológica como ferramenta complementar de

avaliação para o trabalhador que necessite atuar em espaço confinado, sendo esta uma forma de manter a integridade física e mental do trabalhador e seus colegas.

Estar ligado a outros socialmente é amplamente considerado uma necessidade humana fundamental, crucial para o bem-estar e sobrevivência. Exemplos extremos mostram que crianças institucionalizadas que não têm contacto humano não se desenvolvem e muitas vezes morrem” - Holt-Lunstad, psicóloga na Universidade de Brigham Young (2017)

A pesquisadora supracitada afirma que a maior prova de que o isolamento é maléfico à saúde mental seria o fato dela ser utilizada como punição. Holt-Lunstad (2017) apresenta que o risco de morte prematura aumenta com a solidão comprovando em suas duas análises. A primeira foi feita com 148 estudos, nos quais mais de 300mil pessoas participaram, revelando que relações sociais podem diminuir em até 50% o risco de morte prematura.

Em sua segunda análise, Holt-Lunstad (2017) envolveu 70 estudos e mais 3,4 milhões de pessoas, incluindo norteamericanas, europeias, asiáticas e australianas, avaliando o papel que o isolamento social, a solidão ou morar sozinho podem ter na mortalidade, sendo alguns até mais perigosos que a obesidade.

“Há uma forte evidência de que o isolamento social e a solidão aumentam o risco da mortalidade prematura, e a magnitude do risco ultrapassa a de muitos indicadores de saúde. De fato, a realidade em muitos países sugere que estamos perante uma epidemia de solidão. O desafio que agora se coloca é o de que é que podemos fazer contra isso” acrescenta a pesquisadora, recomendando que tenha uma maior prioridade nas pesquisas e recursos para o enfrentamento desta ameaça à saúde pública em nível individual. Em uma entrevista para o Second Opinion Podcast, Julianne explica as principais diferenças da solidão e do isolamento social: “Muitas pessoas podem ser isoladas e não se sentir solitárias, enquanto que pessoas solitárias não se sentem pertencentes ao seu círculo de amigos, criando através de suas perspectivas subjetivas um certo tipo de isolamento”.

Mapeamento de Estressores no Trabalho de Expedicionários do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR)

As pesquisas científicas na Antártica são realizadas por países membros consultivos do Tratado da Antártica de 1975, o Brasil está incluso desde 1982 com o Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), coordenado pela Secretaria Interministerial para Recursos do Mar (SECIRM) subordinada ao comando da Marinha. Os principais estudos científicos na Antártica estão relacionados ao meio ambiente, biologia e meteorologia.

Pesquisas internacionais revelam interesse crescente na compreensão do papel das interações humanas no ambiente antártico. Internacionalmente, os principais estudos da Psicologia na Antártica dizem respeito a estresse, coping e estados de humor. O estresse é, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma das doenças que mais afeta a saúde do trabalhador.

Adaptar-se adequadamente a situações de estresse requer estratégias de enfrentamento, construto definido pelo investimento pessoal que recruta meios de minimizar, eliminar ou tolerar fontes de estresse.

O estresse é definido como a reação de luta ou fuga do indivíduo decorrente de um estímulo de ameaça ou perigo, indicadores psicossociais, ocupacionais e físicos permitem a compreensão de possíveis influenciadores para o agravamento ou surgimento de sintomas patológicos.

Em ambientes ICE, em que há assistência e socorro reduzidos, redes sociais limitadas, sem opções de variações dos estilos de envolvimento pessoal, o estresse assume papel de destaque e tende a gerar prejuízos para os indivíduos envolvidos. A exposição crônica a muitos estressores é comumente observada em missões de longa duração na Antártica, com potenciais impactos negativos na saúde, no desempenho e em aspectos de segurança do indivíduo e do grupo.

Logo, o objetivo desse estudo é indicar os principais estressores ambientais, ocupacionais e de relações interpessoais relatados por membros do PROANTAR em missão à Antártica e a variação da percepção destes ao longo da exposição ao ambiente ICE. Abaixo, os estressores:

- Estressores Ambientais - Essa categoria é composta por: variação de luminosidade natural, aspectos gerais – a exemplo da estrutura física do navio – e intempéries climáticas. Esses estressores, em sua maioria, não apresentam possibilidade de alteração ou controle: Fotoperíodos, aspectos estruturais e condições climáticas.

- Estressores Ocupacionais - Considerando o crescimento de questões de ordem pessoal com o decorrer do tempo, é possível que os expedicionários enfrentem os problemas ocupacionais como inevitáveis, assim como os ambientais, acostumando-se a eles, o que propiciaria a adoção de estratégias de coping focadas na emoção: Privação de sono voluntária, condições precárias de trabalho, turnos de trabalho, preocupação sobre a possibilidade de ocorrência de erros nas atividades.

- Estressores Interpessoais - Enquanto os estressores ambientais e ocupacionais diminuíram ao longo da missão, os interpessoais apresentaram uma dinâmica crescente. As tensões nas expedições antárticas surgem, segundo os entrevistados e com base na literatura; em decorrência de confinamento, isolamento, falta de comunicação, convivência forçada com grupos reduzidos e relações de poder. Foi afirmado, também, medo ou receio da experiência em si, por ser uma área inóspita e com muitos perigos: sentimento de privação, cultura organizacional, interação social.

Este mapeamento na missão de verão do PROANTAR identificou estressores que contribuem para a redução da qualidade de vida e do desempenho das atividades laborais, em etapas distintas da expedição.

Para manter a saúde dos expedicionários frente aos estímulos estressores das interações sociais é pertinente que a organização planeje ações que antecipem o surgimento desse tipo de estímulo estressor. Como exemplos disso, há o desenvolvimento de grupos terapêuticos com temas considerados estressores e aversivos levantados em missões anteriores; a criação, na etapa de preparação para a missão, da receptividade dos seus envolvidos, especialmente entre os oficiais, que são os líderes dos grupos; proposição de atividades em conjunto em espaços laborais com o intuito de aumentar a confiança e o vínculo entre todos os profissionais do navio. (Barros-Delben, 2019).

Considerações finais

Contatou-se que a avaliação psicológica tem como objetivo a coleta de dados para averiguar o funcionamento comportamental dos indivíduos, em contexto específico, baseado em fundamentos teóricos e procedimentos técnicos válidos e confiáveis, que sejam úteis e relevantes à produção de conhecimentos psicológicos sobre as condições investigadas e à tomada de decisão das pessoas em diferentes situações e graus de interesse. A avaliação psicológica em ambientes ICE deve levar em consideração a exposição a riscos e estressores que envolvem a presença e permanência humana nesses ambientes tendo em vista a imprevisibilidade de eventos críticos, adaptação e estratégias de enfrentamento adequadas.

Nesse sentido, é importante considerar a necessidade de se realizar avaliação psicológica da aptidão de civis e militares para a inserção em ambientes ICE, durante o trabalho e no retorno de missões técnico-científicas.

Portanto, a finalidade da avaliação psicológica de fatores humanos em ambientes de ICE é contribuir para o desenvolvimento de ações voltadas à prevenção de acidentes e agravos à saúde, assim como nos processos de adaptação e desenvolvimento de habilidades para o cuidado consigo mesmo e com as pessoas que vivem e trabalham nesses ambientes.

Referências

A SECOND OPINION PODCAST; 10 de maio de 2020. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=R1gkD5eGNZs&t=1090s> > Acesso em: 01 de março de 2021.

AVALIAÇÃO Psicológica Aplicada a Trabalhadores em Situação de Confinamento – NR 33; GECONTROL, 30 de abril de 2018. Disponível em < <http://www.gecontrol.com.br/espaco-confinado-e-avalicao-psicologica/> > Acesso em: 01 de março de 2021

BAPTISTA, Makilim Nunes, MUNIZ, Monalisa; Compêndio de Avaliação Psicológica; Petrópolis; 15 de julho de 2019; Editora Vozes.

BARROS, Paola; KLAUBERG, Gustavo; MELO, Hiago; At.all; Mapeamento de Estressores no Trabalho de Expedicionários do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR); Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil; Psicologia: Teoria e Pesquisa 2019, v.35, e35.

MIRANDA ROHLFS, Izabel Cristina Provenza de; ROTTA, Tatiana Marcela; LUFT, Caroline Di Bernardi; ANDRADE, Alexandro; A Escala de Humor de Brunel (Brums): instrumento para detecção precoce da síndrome do excesso de treinamento; Rev Bras Med Esporte v.14 n.3 Niterói maio/jun. 2008; Universidade do Estado de Santa Catarina Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos - Florianópolis, SC.

RESOLUÇÃO Nº 17, DE 04 DE SETEMBRO DE 2019 - Define e regulamenta a Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica

SOLIDÃO e isolamento social podem ser problema de saúde pública pior do que obesidade; Atlas de saúde; 7 de agosto de 2017. Disponível em < <https://www.atlasdasaude.pt/publico/content/solidao-e-isolamento-social-podem-ser-problema-de-saude-publica-pior-do-que> > Acesso em: 01 de março de 2021

BENZODIAZEPÍNICOS – ASPECTOS FARMACOLÓGICOS

SILVA, Matheus dos Anjos
GUEDES, Maria do Carmo Santos

RESUMO

Os benzodiazepínicos são uma classe de psicotrópicos empregados como ansiolíticos, sedativos, miorelaxantes e anticonvulsionantes. Uma de suas principais aplicações é nos transtornos de ansiedade e depressão, devido ao índice de baixas reações adversas. A depressão e a ansiedade são distúrbios que mais crescem atualmente, os sintomas mais comuns de ansiedade são o aumento da pressão sanguínea e de batimentos cardíacos, transpiração excessiva e aumento da atividade motora com agitação, entre outros e a depressão tem como características mais comuns o humor deprimido e a falta de prazer. A ação dos benzodiazepínicos se deve a interação com os receptores do GABA, neurotransmissor inibitório no cérebro, onde os benzodiazepínicos atuam potencializando este efeito inibidor do GABA. Os benzodiazepínicos são substâncias com alto potencial de provocar dependência, recomendando-se que seu uso deve ser restrito a um período de dois a quatro meses. Além disso, o uso indevido desse medicamento traz consequências graves como a diminuição da atividade psicomotora, prejuízo à memória, entre outros. O objetivo do presente trabalho foi avaliar os benzodiazepínicos sob os aspectos de suas aplicações e reações adversas.

Palavras-chave: Depressão, Ansiedade, Benzodiazepínicos, Atenção farmacêutica.

ABSTRACT

Benzodiazepines are a class of psychotropic drugs used as anxiolytics, sedatives, myorelaxants and anticonvulsants. One of its main applications is in anxiety and depression disorders due to the rate of low adverse reactions. Depression and anxiety are disorders that are growing the most today, the most common symptoms of anxiety are increased blood pressure and heartbeat, excessive sweating and increased motor activity with agitation, among others, and depression has as its most common characteristics depressed mood and lack of pleasure. The action of benzodiazepines is due to interaction with GABA receptors, an inhibitory neurotransmitter in the brain, where benzodiazepines act potentiating this GABA inhibitor effect. Benzodiazepines are substances with high potential to cause dependence, and it is recommended that their use should be restricted to a period of two to four months. In addition, the misuse of this medication has serious consequences, such as decreased psychomotor activity, impaired memory, among others. The objective of this work was to evaluate benzodiazepines under the aspects of their applications and adverse reactions.

Keywords: Depression, Anxiety, Benzodiazepines, Pharmaceutical attention.

INTRODUÇÃO

Os benzodiazepínicos são fármacos depressores do Sistema Nervoso Central (SNC) que possuem ação ansiolítica, sedativa, miorelaxante e a acidental do Clordiazepóxido, sendo um dos grupos de medicamentos com propriedades ansiolíticas

mais prescritos em todo o mundo. Sua ação se deve a interação com os receptores do Ácido Gama Aminobutírico (GABA), neurotransmissor inibitório no cérebro, onde os benzodiazepínicos atuam potencializando este efeito inibidor do GABA (AMARAL & MACHADO, 2016).

Os benzodiazepínicos têm várias aplicações médicas, como: tratar a ansiedade, distúrbio do sono, controlar convulsões e abstinência de álcool, atuando secundariamente para o relaxamento muscular. Entretanto, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), são substâncias com alto potencial de provocar dependência, recomendando que seu uso deve ser restrito a um período de dois a quatro meses. Após esse período, observam-se eventos relacionados à dependência, como síndrome de abstinência - aparecimento de sintomas físicos ou psíquicos quando o uso é descontinuado - e tolerância - necessidade de doses crescentes para alcançar efeitos antes obtidos com doses mais baixas. Além disso, o uso continuado de benzodiazepínicos pode ocasionar também efeitos indesejáveis relacionados à depressão do sistema nervoso central, como diminuição da atividade psicomotora e memória prejudicada, dentre outros (SILVEIRA et al., 2019).

O objetivo do presente trabalho é estudar os fármacos da classe dos benzodiazepínicos sob o ponto de vista de suas aplicações médicas e suas reações adversas.

TRANSTORNOS DE ANSIEDADE, DEPRESSÃO E FARMACOTERAPIA

Os distúrbios de ansiedade estão relacionados a um grupo de respostas emitidas pelo organismo diante de estímulos ou situações. Estas respostas emitidas pelo organismo incluem aumento da pressão sanguínea e de batimentos cardíacos, transpiração excessiva e aumento da atividade motora com agitação e rigidez muscular, alterações respiratórias, por exemplo, superficiais e rápidas, entre outras alterações fisiológicas. A ansiedade representa um sinal de alerta que adverte sobre perigos iminentes, capacitando o indivíduo a gerar e tomar medidas para enfrentar uma ameaça, caracterizando-se por ser uma resposta a uma ameaça vaga, sem uma origem objetiva e voltada para o futuro (CABRAL & NARDI, 2012).

Os distúrbios de ansiedade são definidos em função de diferentes características, e podem ser classificados em:

a. Ansiedade situacional (causa: estresse, enfermidade orgânica, psíquica ou abstinência. Auto limitada, não requer fármacos. Em condições severas, uso de benzodiazepínicos e psicoterapia);

b. Ansiedade generalizada: estado persistente de medo e apreensão a respeito de eventos futuros. Terapêutica com benzodiazepínicos de ação longa;

c. Ansiedade severa e aguda com sintomas psicológicos, sudorese, temor, taquicardia e outros sintomas viscerais. Em fase aguda, uso de benzodiazepínico Alprazolam);

d. Fobia: medo excessivo a condições particulares (viajar em aviões); Agorafobia.

e. Transtorno obsessivo compulsivo (TOC): obsessões persistentes e recorrentes e impulsos. Comportamento compulsivo repetitivo em resposta a obsessões. No tratamento do TOC, os BDZs não são úteis (ALMEIDA, 2016).

A depressão caracteriza-se pelos sintomas centrais de humor deprimido, perda de interesse ou ausência de prazer, oscilações entre sentimento de culpa e autoestima baixa, distúrbios de sono ou do apetite, sensação de cansaço e falta de concentração. O sentimento de vazio, de falta de sentido na vida e de esgotamento caracterizam os casos mais graves, chegando às ideias e tentativas de suicídio (JARDIM, 2011).

BENZODIAZEPÍNICOS

Os psicotrópicos mais indicados e empregados para tratar os estados de ansiedade e insônia são os BDZs. Sua escolha se deve a algumas vantagens que apresentam em relação a outros ansiolíticos, como: alto índice terapêutico; baixo risco de interações farmacológicas, devido à indução de enzimas hepáticas que aceleram o metabolismo impedindo que os fármacos permaneçam mais tempo do que necessário no organismo causando possíveis interações entre eles; e seus efeitos sobre as funções cardiovasculares e autônomas são mínimos (KATZUNG et al. , 2014).

Comercialmente, os BZDs são conhecidos com as substâncias ativas: Diazepam (Valium®), Lorazepam (Lorax®), Midazolam (Dormonid®), Clonazepam (Rivotril®) Bromazepam (Lexotan®), Alprazolam (Frontal®), Cloxazolam (Olcadil®), Nitrazepam (Sonebon®), Flunitrazepam (Rohypnol®), e Flurazepam (Dalmadorm®), tornando-se os medicamentos mais prescritos do mundo. Em 1960, foi lançado o primeiro fármaco no mercado, conhecido como Clordiazepóxido; o mesmo continua a ser fabricado, mas em associação à Amitriptilina, pois obteve mais eficácia com o avanço dos estudos (TELLES FILHO et al., 2011).

Os efeitos comuns são a diminuição da ansiedade, indução ao sono, relaxamento muscular e redução do estado de alerta. O uso prolongado de benzodiazepí-

nicos, ultrapassando períodos de 4 a 6 semanas pode levar ao desenvolvimento de tolerância, abstinência e dependência.

Os benzodiazepínicos são classificados de acordo com o tempo de meia-vida de cada medicamento, ou seja, são classificados pelo intervalo de tempo no qual sua concentração plasmática se reduz à metade, ocorrendo os de ação longa, ação curta ou ação ultracurta.

Os BDZs de ação longa apresentam meia-vida longa (tempo que a droga fica na corrente sanguínea até que sua metade seja eliminada). A droga fica no organismo por um tempo maior, apresentando também metabólitos ativos, e estes são mais potentes do que a droga original. Devido a isso, tem a possibilidade de causar muita sedação, pois a droga fica acumulada no organismo. Exemplos de BDZs de ação longa são o Diazepam, Alprazolam, Cloxazolam, Flunitrazepam e Flurazepam. O Nitrazepam tem ação longa, mas não apresenta um metabólito ativo. Estes medicamentos podem ser apropriados para pessoas com distúrbios do sono, distúrbios convulsivos e de movimentos oculares rápidos (NALOTO et al., 2016).

Os BDZs de ação curta são empregados no controle da insônia e não apresentam metabólitos ativos; são eles: Clonazepam, Lorazepam e Bromazepam. O Clonazepam é indicado para pacientes epiléticos, transtornos de ansiedade, alteração de humor, psicoses, tratamento da síndrome das pernas inquietas e distúrbios do equilíbrio, como a vertigem e labirintite. Os BDZs de ação ultracurta, como o Midazolam, não apresentam metabólitos ativos e são usados para indução de anestesia geral, principalmente em exames gástricos, como a endoscopia, pois sua meia-vida plasmática é muito curta, ou seja, é rapidamente distribuído pela corrente sanguínea e, conseqüentemente, seu efeito é mais rápido. Este medicamento é contraindicado para uso crônico, pois pode provocar depressão do sistema nervoso central e uma rápida sedação (TELLES FILHO, 2011).

Na Figura 1 estão apresentadas a estrutura geral e alguns exemplos de benzodiazepínicos.

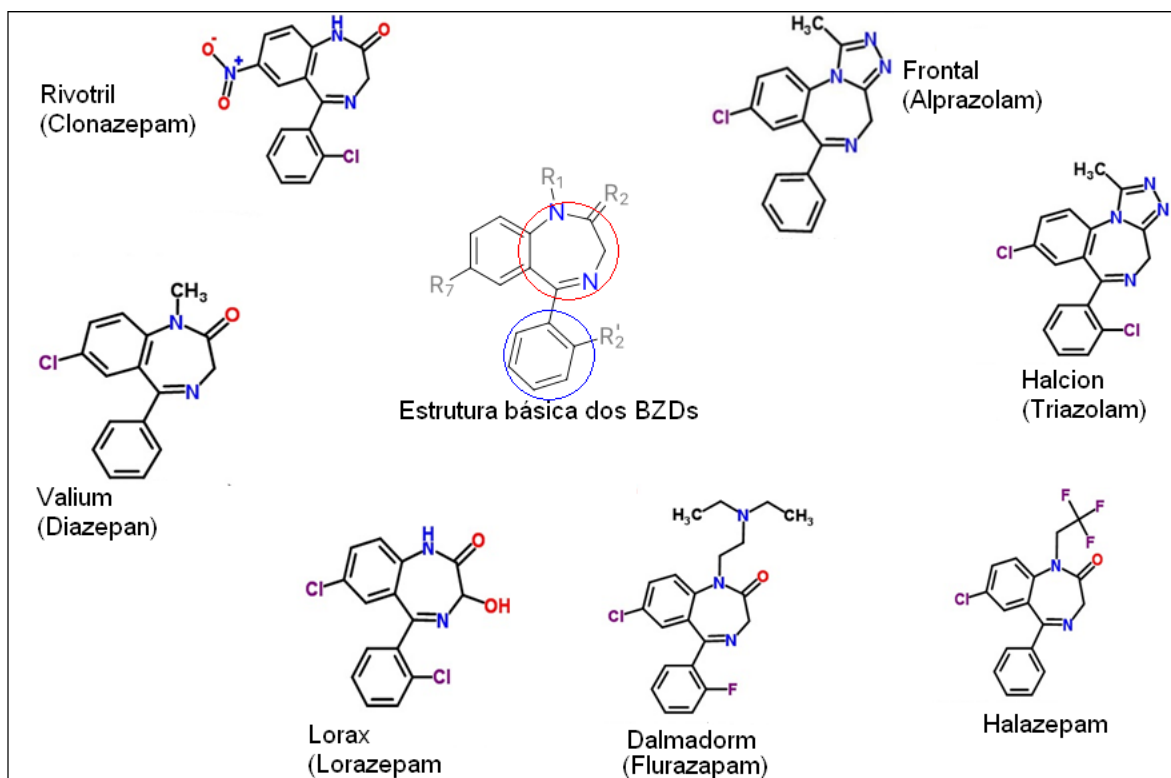


Figura 1 – Estrutura geral dos benzodiazepínicos e exemplos de BDZs.

Farmacocinética

Os BDZs são absorvidos pelo trato gastrointestinal (TGI), obtendo uma concentração plasmática de aproximadamente uma hora. Eles podem ser administrados pelas vias: oral, intravenosa, intramuscular e transmucosa. Possuem biotransformação hepática mediadas pela ação das isoenzimas CYP2C19 e CYP3A4 pertencentes ao citocromo P450. A excreção dos BDZs é renal, na forma de conjugados de glicuronídeos ou metabólitos oxidados, e em menor quantidade nas fezes. Um aspecto importante sobre os BDZs é que conseguem facilmente entrar na membrana plasmática, pois são altamente lipossolúveis, passando a barreira hematoencefálica e placentária, podendo causar doenças congênitas e problemas neonatais, e pode sair no leite materno (FUCHS & WANNMACHER, 2010).

Farmacodinâmica

A atividade do sistema nervoso central depende basicamente das funções de excitação e inibição. O principal neurotransmissor excitatório no SNC de mamíferos é o L-glutamato, que despolariza os neurônios por ativação de receptores. Já o GABA, considerado o principal neurotransmissor inibitório no SNC, ativa os receptores resultando em hiperpolarização.

A relação entre o GABA e a ansiedade evidencia-se no fato de que todos os ansiolíticos conhecidos facilitam sua ação. O mecanismo de ação dos BDZs se dá pelo aumento da transmissão de GABA, interagindo com receptores BDZs exclusivos

no cérebro, através da facilitação da abertura de canais de cloreto, o que provoca a hiperpolarização da membrana neuronal, reduzindo sua excitabilidade. Ao se combinar com o receptor, o neurotransmissor GABA altera a conformação e essa deformação transmite-se ao canal de Cl (Cloro), abrindo-o. Em consequência, íons Cl penetram na célula, onde sua concentração é menor que no exterior. Como consequência, ocorre uma hiperpolarização da membrana pós-sináptica que inibe os disparos do neurônio pós-sináptico por dificultar a despolarização de sua membrana, necessária à geração de impulso nervoso (FRIAS, 2018).

Ao se combinarem com seus receptores, os benzodiazepínicos produzem uma deformação que afeta o receptor de GABA, tornando-o mais apto a receber esse neurotransmissor. Em decorrência de sua maior afinidade com seu receptor, o GABA tem sua ação ampliada, passando a ativar com mais facilidade o canal do íon cloreto (Cl-) (MOREIRA, 2013).

Os BZDs atuam como agonistas alostéricos fracos, e só produzem efeito se o sistema GABAérgico estiver íntegro e essa ação, dependente do GABA, faz com que sejam mais seguros do que outras classes, como os barbituratos, que ativam diretamente o canal de cloreto e causam depressão respiratória. Os benzodiazepínicos exercem um efeito ansiolítico através da inibição das sinapses no sistema límbico, uma região do SNC que controla o comportamento emocional e que se caracteriza por uma elevada densidade de receptores GABA-A. O uso crônico de BZD pode levar ao desenvolvimento de tolerância, quanto maior tempo de uso e a dose, maior o risco de desenvolver tolerância. Ela ocorre devido a mecanismos que envolvem neuroalterações como modificações de receptores BZD, na ligação de GABA ao seu receptor e em mudanças na neurotransmissão de noradrenalina ou serotonina em sistemas onde o GABA interage (GOLAN et al., 2009).

Indicações terapêuticas

Utilização de substâncias psicotrópicas benzodiazepínicas tem como objetivo tratar os sintomas causados por algum transtorno mental, além da modificação do humor, da emoção e do comportamento. Os efeitos buscados pela ingestão de medicamentos BZDs são: o alívio da euforia, ansiedade, depressão e a promoção do sono. Porém, isso tem levado a população a fazer o uso indiscriminado e compulsivo desses medicamentos (SILVA & IGUTI, 2013).

Efeitos colaterais

Do ponto de vista orgânico, os benzodiazepínicos são bastante seguros, pois são necessárias altas doses (20 a 40 vezes mais altas que as habituais) para trazer

efeitos mais graves. Nessas doses, pode haver hipotonia muscular, dificuldade para ficar de pé e andar, hipotensão e perda de consciência (desmaio). Com doses maiores, a pessoa pode entrar em coma e morrer (FORSAN, 2010).

Os efeitos colaterais dos BDZs se apresentam em três situações diferentes (NUNES & BASTOS, 2016):

- Doses terapêuticas normais: sonolência, confusão mental, amnesia e falta de coordenação motora são os principais efeitos que se manifestam em doses terapêuticas normais, que afetam principalmente as habilidades manuais do indivíduo;
- Superdose em: em casos de superdosagem aguda, os BDZs provocam sono prolongado, mas sem depressão grave da respiração, sendo este um dos fatores que os tornam menos perigosos que outros ansiolíticos;
- Uso prolongado: o uso prolongado dos BDZs causa tolerância, sendo necessário ajuste de dose para eficácia terapêutica, e dependência, o que dificulta a retirada do medicamento.

Interações farmacológicas

A ação depressora no SNC provocada por benzodiazepínicos pode ser potencializada quando associada com outras substâncias que desempenham essa mesma ação, como álcool, barbitúricos e analgésicos opioides. Tonturas mais graves, desinibição e depressão respiratória grave são os principais efeitos que podem ocorrer com a administração concomitante de BDZs e outras substâncias que afetam o SNC.

As principais interações medicamentosas com BDZs promovem (NEVES, 2011):

- a. Diminuição da absorção: antiácidos e alimentos;
- b. Aumento dos efeitos no SNC: anti-histamínicos, analgésicos opioides, antidepressivos tricíclicos, álcool e barbitúricos;
- c. Diminuição dos efeitos no SNC: metilxantinas (caféina, teofilina); Aumento do metabolismo: carbamazepina, rifampina e corticosteroides;
- d. Diminuição do metabolismo: cimetidina, antifúngicos, eritromicina e anticoncepcionais orais.

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo mostrou a importância e a necessidade do aprofundamento nos estudos sobre os diversos tipos de medicamentos. Os benzodiazepínicos possuem diversas características que os profissionais da saúde devem saber, como as reações adversas, as interações com outros medicamentos

ou alimentos, a absorção e excreção, e entre outros. Apesar de ser um remédio que causam poucas reações adversas, se usado da maneira incorreta, o paciente pode desenvolver uma dependência.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. Aula de Farmacologia sobre fármacos ansiolíticos. Health and medicine, novembro, 2016. Disponível em: <https://www.slideshare.net/JaquelineAlmeida26/aula-de-farmacologia-sobre-frmacos-ansiolticos>. Acesso em 15 de agosto de 2020.

AMARAL, BDA; MACHADO, K L. Benzodiazepínicos: Uso crônico e dependência. 2012. Londrina. 31p. Monografia (Especialização em Farmacologia), Centro Universitário Filadélfia, Curitiba, Paraná.

CABRAL, R.; NARDI, AE. Anxiety and inhibition of panic attacks within translational and prospective research contexts. Trends Psychiatry Psychother, v. 34, n.2, p. 62-72, 2012.

FORSAN, MA. O uso indiscriminado de benzodiazepínicos: Uma análise crítica das práticas de prescrição, dispensação e uso prolongado. 2010. Campos Gerais. 26p. Monografia (Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

FRIAS, AT. Envolvimento dos sítios de ligação benzodiazepínicos localizados na substância cinzenta periaquedutal dorsal de ratos nos efeitos ansiolíticos e panicolítico causados pelo alprazolam. Tese (Doutorado), 2018, 85p., Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, São Paulo.

FUCHS, Flávio Danni; WANNMACHER, Lenita. Farmacologia clínica: fundamentos da terapêutica racional. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 1282 p

GOLAN, M. et. al. Princípios de Farmacologia. 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 914 p.

JARDIM, Silvia. Depressão e trabalho: ruptura de laço social. Rev. bras. Saúde ocup., São Paulo, 36 (123): 84-92, 2011.

MOREIRA, MRC. Efeitos do monoterpeno (-) -mirtenol sobre o Sistema Nervoso Central: estudos in vitro e in vivo. Tese (Doutorado em Biotecnologia), 2013, 178p. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.

NALOTO, DCC.; LOPES, FC.; BARBERATO FILHO, S; LOPES, LC.; DEL FIOLE, F; BERGAMASCHI, C. Prescrição de benzodiazepínicos para adultos e idosos de um ambulatório de saúde mental. *Ciênc. Saúde Colet.*, v.21, n. 4, p. 34-37, 2016.

NEVES, Alice M. Odontogeriatrics: Interações medicamentosas. Monografia (TCC -especialização). 2011, 29f. Universidade Federal de Minas Gerais, Conselheiro Lafayete, MG.

NUNES, BS; BASTOS, FM. Efeitos colaterais atribuídos ao uso indevido e prolongado de benzodiazepínicos. *Revista Acadêmica do Instituto de Ciências da Saúde.* v. 3, n.1, p. 72-73, 2016.

SILVA, T.O., IGUTI, A.M. Medicamentos psicotrópicos dispensados em unidade básica de saúde em grande município do estado de São Paulo. *Rev. Eletrônica Gestão e Saúde.* p. 2004 – 2015, 2013.

SILVEIRA, Lia Carneiro; ALMEIDA, Arisa Nara ; CARRILHO, Camila. Os benzodiazepínicos na ordem dos discursos: de objeto da ciência a objeto gadget do capitalismo. *Saude soc.* [online]. , vol.28, n.1, pp.107-120, 2019.

TELLES FILHO, Paulo Celso Prado et al. Utilização de benzodiazepínicos por idosos de uma estratégia de saúde da família: implicações para enfermagem. *Esc. Anna Nery* [online]. , vol.15, n.3, pp.581-586, 2011.

E NÃO SOBROU NENHUM: UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL

SANTOS, Evelyn Tavares dos
CUNHA, Fátima da Costa
PAIS, Nayara Thais Ferreira
VILLANI, Fábio Luiz

RESUMO

O presente estudo apresenta em seu desenvolvimento informações sobre o decorrer da vida da escritora Agatha Christie, resumo e análise comportamental dos personagens de sua obra “E Não Sobrou Nenhum”, além de aspectos literários.

Palavras-chave: Agatha Christie; E Não Sobrou Nenhum.

ABSTRACT

The present study presents in its development information about the life of the writer Agatha Christie, summary and behavioral analysis of the characters of her work “Ten Little Niggers”, in addition to literary aspects.

Keywords: Agatha Christie; Ten Little Niggers.

INTRODUÇÃO

Agatha Christie criava seus personagens com base em pessoas que conhecia em suas viagens, dando aos personagens identidade de pessoas reais. Na obra “E Não Sobrou Nenhum” a autora traz dez personagens distintos, sejam em gênero ou comportamento, que são convidados a viajar para o mesmo destino, a Ilha do Soldado. Além de toda identidade e cultura que as personagens têm, todos carregam consigo um grande mistério. O presente trabalho apresentará uma análise de comportamentos reais representados por personagens fictícios.

A VIDA DE AGATHA CHRISTIE

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu no dia 15 de setembro de 1890, na cidade de Torquay, Inglaterra. Sua família era de classe média e, diferente de seus irmãos Madge e Monty, Agatha foi educada em casa pelo pai Frederick. Muito inteligente e apaixonada pelos estudos, Agatha demonstrou interesse em aritmética, o que seria bom no futuro, já que em seus livros muitas mortes ocorriam com veneno. Outro ponto que influenciara sua escrita, era seu gosto por manipular letras e números, interpretar códigos e brincar com arranjos e sequências para esconder ou revelar outros significados.

Devido aos diversos ataques cardíacos, por conta do nervosismo pela renda baixa, o pai de Agatha veio a falecer quando ela tinha 11 anos. Era o fim de sua

infância. O senso de responsabilidade pela mãe, Clara, cresceu, tornando Agatha adulta antes da hora.

Aos 22 anos, conheceu Archibald Christie, um aviador, no baile dos Clifford, em 1912. Após ambos sofrerem com a guerra, Archie na França e Agatha trabalhando com o Destacamento de Ajuda Voluntário em um Hospital de Torquay, decidiram se casar, na véspera do natal de 1914. Passaram a noite de lua de mel no The Grand Hotel, Torquay, e, em 27 de dezembro, Archie retornou à França. Se encontravam nas poucas folgas que Archie tinha durante os quatro anos da guerra e foi, somente, em setembro de 1918, quando Archie foi mandado para a casa com a patente de coronel para trabalhar no Ministério da Aeronáutica, que Agatha sentiu que sua vida de casada realmente começara. No dia 11 de novembro, a Grande Guerra havia acabado.

No meio da guerra, Agatha tentou escrever uma história de detetive pela primeira vez, mas só considerava escrever, no momento, como distração quando tinha pequenas folgas. Depois da guerra, com sua família reunida, lembrando os momentos de leitura, nos quais Agatha lia para sua avó alguns romances policiais, sua irmã Madge a desafiou a escrever uma história e ela aceitou, seguindo sua prática padrão: decidir o crime e definir um procedimento difícil de acertar, seguida dos personagens e, por fim, o mais importante, um detetive. Para essa história ela se inspirou nos refugiados belgas que estavam em Torquay, assim, surgiu o detetive belga Hercule Poirot em “O misterioso caso de Styles”.

Em 5 de agosto de 1919, Agatha deu à luz sua única filha, Rosalind. Foi também o ano no qual um editor, o quarto a receber o manuscrito de seu livro, aceitou publicar e contratou Agatha para produzir mais cinco livros e, assim, ela fez, publicando, em 1922, “O Inimigo Secreto” e recebendo ótimas críticas. No mesmo ano, deixou Rosalind com uma enfermeira e com a mãe, pois ela e Archie viajaram pelo império britânico, promovendo a The Empire Exhibition durante um ano.

Uma vez retornados do Grand Tour, a família se reuniu e se estabeleceu em uma casa que eles chamaram de Styles, nos subúrbios dos arredores de Londres. Sua mãe ficou doente com bronquite e devido ao agravamento da doença veio a falecer aos 72 anos, em 1926. Archie foi incapaz de confortar Agatha. O relacionamento de Archie e Agatha, tenso pela tristeza de sua vida, quebrou quando Archie se apaixonou por uma golfista e amiga da família, Nancy Neele. Agatha estava profundamente angustiada e, sem dúvida, doente, em um estado imensamente infeliz, no qual nem mesmo a própria filha, aos 7 anos de idade, podia oferecer consolo ou esperança.

Em uma certa noite, no início de dezembro, sobrecarregada, com o amigo e secretário Carlo à espera, Agatha deixou Rosalind e a casa sob os cuidados das criadas, sem dizer para onde estava indo. Seu carro foi encontrado abandonado na manhã seguinte a vários quilômetros de distância. A imprensa e o público criaram especulações sobre o que poderia ter acontecido e qual era o motivo, mas ninguém sabia ao certo. Por fim, ocorreu que Agatha havia viajado para a estação de Kings Cross, onde pegou o trem para Harrogate e entrou no Hydropathic Hotel, sob o nome de Theresa Neele. Tendo sido reconhecida pela equipe do hotel que alertou a polícia, ela não reconheceu Archie quando veio encontrá-la. Possivelmente, ela sofreu uma concussão, mas, certamente, estava sofrendo de amnésia.

Agatha e Archie permaneceram separados, Agatha morando com Rosalind e Carlo, em Londres, e seguindo um tratamento psiquiátrico. O divórcio de Agatha e Archie foi concedido em 1928. Agatha e Rosalind, imediatamente, escaparam da Inglaterra para as Ilhas Canárias, onde Agatha terminou “O Mistério do Trem Azul”, livro com o qual ela lutava para escrever enquanto lamentava a morte da mãe.

Uma das ambições de toda a vida de Agatha era viajar no Expresso do Oriente e sua primeira jornada ocorreu no outono de 1928. Persuadida por uma conversa casual em um jantar, Agatha partiu para Bagdá e de lá viajou para o sítio arqueológico de Ur, onde tornou-se amiga dos Woolleys que cuidavam da escavação. Convidada de volta, no ano seguinte, ela conheceu o arqueólogo de vinte 25 anos de idade, Max Mallowan, que se tornaria seu segundo marido. Eles se casaram, em 11 de setembro de 1930, na Igreja de StCuthbert, em Edimburgo. Max voltou à escavação dos Woolley - pela última vez sozinho - e Agatha a Londres, escrevendo. Assim começou uma rotina produtiva e recorrente de escrever e viajar, anualmente, para Agatha e Max. Como regra geral, Agatha escrevia dois ou três livros por ano enquanto Max costumava escrever um capítulo ou dois durante as manhãs tranquilas e ajudava no local à tarde.

Já em 1939, com a chegada da Segunda Guerra Mundial, Max conseguiu um emprego, usando seus idiomas, para ajudar nos esforços de guerra, enquanto Agatha permaneceu na Inglaterra, escrevendo e também como voluntária no dispensário da University College, hospital universitário de Londres.

Em 1940, Agatha começou a escrever “Cai o Pano”, mas o trancou em um cofre, dizendo que somente seria publicado quando percebesse que não conseguiria mais escrever. Esta é a obra na qual Hercule Poirot encontra seu fim.

No final de 1946, sua identidade como Mary Westmacott foi destruída por um revisor americano de “Ausência Na Primavera”. Ela ficou decepcionada por ter a liberdade de escrever, sem a pressão de ser Agatha Christie, tirada dela.

De 1940 a 1950, Agatha focou suas produções em teatros, voltando a escrever suas histórias, em 1949, com “Três Ratos Cegos” e “Convite para um Homicídio”, ambos publicados em 1950.

Aos 60 anos, Agatha continuava animada e produtiva. Com a inteligência afiada e bem de saúde, nos dez anos seguintes ela produziu obras que continuavam interessantes e populares, embora sem o brilho dos livros escritos no pós-guerra. Em 1971, ganhou o título de Dama-Comendadora da Ordem do Império Britânico, dado pela rainha Elizabeth II, título que equivale ao feminino Sir.

Agatha tinha cada vez mais dificuldade para se concentrar e, em outubro, teve um ataque cardíaco, o que a deixou frágil. Em dezembro, sofreu uma queda e feriu gravemente a cabeça. Cada vez mais fraca, mas não o bastante para faltar a estreia da adaptação cinematográfica de “O Assassinato no Expresso Oriente”, em 1974, foi vista publicamente pela última vez. Agatha, realmente, viveu mais que Poirot, pois em 1975 Rosalind decidiu que “Cai o Pano” deveria ser publicado. Naquele inverno, Agatha pegou um resfriado: “Estou me juntando ao meu criador”, murmurou. Em 12 de janeiro de 1976, logo depois do almoço, ela morreu. Encontra-se sepultada em St Mary Churchyard, Cholsey, Oxfordshire, na Inglaterra. O marido, Max Mallowan, morreu em 1978.

RESUMO DA OBRA

Na grande maioria das obras de Agatha Christie, há um protagonista para resolver os crimes como Poirot ou Miss Marple. Mas em “E Não Sobrou Nenhum” a autora desenvolve a obra com dez personagens que não se conhecem, trazidos por motivos distintos sobre falsos pretextos para a Ilha do Soldado, em uma mansão isolada, comprada por um misterioso milionário, conhecido apenas como Mr. Owen. Após se acomodarem no local, todos percebem que há um famoso poema escrito nos quartos:

“Dez soldadinhos saem para jantar, a fome os move;

Um deles se engasgou, e então sobraram nove.

Nove soldadinhos acordados até tarde, mas nenhum está afoito;

Um deles dormiu demais, e então sobraram oito.

Oito soldadinhos vão passear e comprar chiclete;

Um não quis mais voltar, e então sobraram sete.

Sete soldadinhos vão rachar lenha, mas eis

Que um deles cortou-se ao meio, e então sobraram seis.
Seis soldadinhos com a colmeia, brincando com afinco;
A abelha pica um, e então sobraram cinco.
Cinco soldadinhos vão ao tribunal, julgar o fato;
Um ficou em apuros, e então sobraram quatro.
Quatro soldadinhos vão ao mar; um não teve vez,
Foi engolido pelo arenque defumado, e então sobraram três.
Três soldadinhos passeando no zoo, vendo leões e bois,
O urso abraçou um, e então sobraram dois.
Dois soldadinhos brincando ao sol, sem medo algum;
Um deles se queimou, e então sobrou só um.
Um soldadinho fica sozinho, só resta um;
Ele se enforcou, E não sobrou nenhum”.

Ao chegarem para o jantar, na primeira noite, todos se deparam com exatas dez figuras de soldadinhos em cima da mesa. Através de um megafone, como interlocutor uma pessoa desconhecida, todos são surpreendidos com acusações de crimes cometidos por cada um dos convidados que, por alguma eventualidade, foram absolvidos da culpa. A voz ainda diz que durante a estadia na ilha, todos iriam pagar pelos pecados cometidos com a própria vida. Porém, nessa mesma noite, ocorre a primeira morte, deixando os convidados aflitos e querendo sair da ilha o mais rápido possível. Como somente eles estavam lá e não havia nenhum meio de comunicação ou transporte, não podiam escapar. Para piorar, uma tempestade estava chegando. O medo se espalha, acusações começam a surgir e, de repente, mortes começam a ocorrer, remetendo em ordem ao poema. Ao passo que cada morte ocorre, um soldado é retirado da mesa. O que parecia ser uma grande ilha, logo acaba se tornando um espaço cada vez menor e mais perigoso, deixando todos em risco mortal, a qualquer hora:

Primeira morte - Anthony Marston morreu depois de beber um drink. Primeiramente, todos acharam que ele tinha engasgado, depois descobriram que tinha veneno em seu copo. No momento, não conseguiram descobrir se foi suicídio ou assassinato. Restaram 9 soldadinhos;

Segunda morte - Ethel Rogers morreu durante um sono tranquilo por overdose de soporífero;

Terceira morte - General MacArthur morreu devido a uma pancada na nuca. Estava sentado na extremidade da ilha à beira do mar;

Quarta morte - Thomas Rogers morreu com uma machadada na cabeça enquanto estava recolhendo lenha;

Quinta morte - Emily Brent morreu com uma injeção de cianeto. Uma abelha foi solta no ambiente para fazer referência ao poema e à picada da injeção;

A suposta sexta morte - Juiz Wargrave (a falsa pista do arenque defumado) forjou sua morte com a ajuda de Armstrong. Ele, supostamente, iria confundir o assassino com isso;

Sexta morte - Dr. Armstrong foi empurrado da beira do rochedo e morreu afogado;

Sétima morte - William Henry Blore voltava sozinho para a casa quando teve sua cabeça esmagada por um bloco de mármore;

Oitava morte - Philip Lombard levou um tiro à queima roupa, disparado de seu próprio revólver;

Nona morte - Vera Claythorne se enforcou em seu quarto;

Décima morte - Juiz Wargrave atirou em sua cabeça.

Os corpos foram achados um dia depois do acontecimento das últimas quatro mortes. No momento em que foram fazer a autópsia, não havia mais como saber a ordem das mortes, o crime perfeito. Sua resolução chegou a Scotland Yard, por meio de uma carta que havia sido colocada em uma garrafa e jogada no mar, sendo esta o estopim do mistério.

Wargrave durante toda sua carreira foi um juiz taxado de insensível e apático, pois em quase todos os casos havia frieza de sua parte ao condenar todos os suspeitos. Ele venerava esses acontecimentos, pois desde sua infância sentia prazer em causar dor e sofrimento. Cansado de viver com seu trabalho, apenas condenando, queria para si um prazer mais intenso como realizar os crimes com as próprias mãos. Sendo este seu desejo sádico, lembrou-se de um poema lido em sua infância e se planejou para que tudo seguisse como nos versos, pois seria um crime perfeito. Após procurar e encontrar culpados, conseguiu executar seu plano, tendo vivido o ápice de sua vida antes da morte.

ANÁLISE DOS PERSONAGENS

A obra “E Não Sobrou Nenhum”, logo no começo, apresenta diversos personagens singulares que são convidados para passar uma temporada em uma ilha, a Ilha do Soldado, dentre eles, se encontram: um juiz que pode ter ajudado a condenar um homem inocente; um médico que operou alcoolizado e acabou matando um paciente; um homem sem escrúpulos que deixou um grupo de africanos à margem da fome e sede, fazendo com que esses morressem; um general que enviou um de seus subordinados para uma luta com 0% de chance de vitória de propósito; um detetive que condenou um homem com seu falso testemunho; um homem metido a playboy que matou atropeladas duas crianças e disse que a culpa não era dele, mas das crianças que não prestaram atenção; um casal de criados que diminuíram a dose do remédio de sua patroa, causando a morte de uma idosa; uma jovem professora que com segundas intenções permitiu que um garoto nadasse para que morresse; uma velha antipática que se esconde atrás da bíblia e demitiu uma garota, fazendo com que ela se matasse. Nenhum dos personagens foi preso ou pagou por seus crimes, já que a resolução dos casos estava fora das mãos da lei.

Logo na primeira noite, os personagens se deparam com uma voz que os acusa e traz à tona os crimes que haviam cometido no passado, causando uma desconfiança e deixando todos com medo. Aproveitando a atmosfera macabra que rodeava a casa, houve o primeiro e segundo assassinatos, fazendo com que as outras pessoas se perguntassem quem seria o próximo, uma vez que o assassino, que parecia ser algo sobrenatural, seguia a cantiga que estava no quarto de todos os hóspedes e a desconfiança tornava as pessoas individualistas. Em conjunto com as mortes, toda vez que alguém morria, um soldadinho de porcelana que estava em cima da mesa sumia, deixando os hóspedes cada vez mais aterrorizados e os leitores assustados, querendo descobrir quem é o assassino. O livro foi escrito de forma a prender o leitor da mesma maneira que faz com os personagens, todo o terror psicológico que os hóspedes sofrem é passado para o leitor através das páginas. Os personagens sempre suspeitam de alguém, o que, por consequência, faz o leitor suspeitar também, porém, por conta das reviravoltas, sempre quebram a cara. Com o passar dos capítulos, o leitor sente como se fosse um dos personagens, sentindo todas as angústias, medos e aflições, o que o deixa ainda mais ansioso para descobrir quem é o verdadeiro assassino, a mente brilhante por trás de toda a história.

Ao decorrer da obra, percebe-se que os personagens já não se comportam mais como no início, o exemplo mais evidente disso é Vera Claythorne, a jovem professora, de boa índole, indefesa, que até o final não assume o que havia feito e, por consequência do medo que a cerca, acaba matando outro personagem. Minutos depois, quando a consciência pesa e o cansaço se torna o maior inimigo, a suposta última sobrevivente acaba

se enforcando, completando a cantiga. Outro fator é que nenhum personagem se mostra como mocinho, todos são vilões, mostrando as facetas da personalidade humana no seu pior lado, não conseguem confiar em ninguém e desconfiam de todos.

O fato de não conseguirem voltar para o continente traz a sensação de que se você infringe as leis, será obrigado a conviver com isso para o resto de sua vida, ficando cercado pelos seus medos e inseguranças em ser descoberto. Esse medo cria nas pessoas traços de loucura. Além disso, pode-se fazer um paralelo entre os personagens e sentimentos e/ou emoções humanas:

-Anthony Marston: representa a imoralidade, uma vez que não sente remorso ou culpa por ter matado duas crianças atropeladas;

-Ethel Rogers: representa o medo, já que essa sofre amedrontada por conta de seu crime;

-Thomas Rogers: assim como sua esposa, sofre os traumas de seu crime, porém representa a culpa, já que passa a ser o “criado perfeito” pós-ocorrido;

-Gen. MacArthur: a astúcia, ele já sabia que ninguém sairia vivo da ilha;

- Emily Brent: religiosidade, pois esconde seu crime atrás da bíblia e coloca a razão de qualquer acontecimento em Deus;

-Juiz Wargrave: representa a justiça, já que até nos seus piores atos busca ser justo;

-Dr. Armstrong: representa o vício, esse acabou matando um paciente por estar operando alcoolizado;

-Sr. Blore: representa o conhecimento, já que este é um delegado aposentado;

-Phillip Lombard: representa a coragem, já que, diversas vezes, durante o livro é dito que ele passou por diversas situações perigosas;

-Vera Claythorne: sofre diariamente com a consciência pesada por ter matado Cyril (garoto do qual ela deveria tomar conta), representa a “cegueira”, pois cometeu seu crime porquê estava cega de amor e achou que isso a ajudaria a ficar junto do amado.

Agatha conseguiu trazer o famoso “crime perfeito” em sua obra, já que se não fosse pela confissão, nunca saberíamos quem é o autor dos crimes. Além disso, a autora trouxe, em um de seus mais famosos livros, assuntos extremamente discutidos como “quem deve pagar pela culpa” e “punição”, fazendo com que o leitor julgue e puna os personagens ao longo da história.

Por conta da fama do livro, o mesmo recebeu diversas adaptações, inclusive, uma série da BBC One que retrata a história em 3 episódios, ao que se vê é a adaptação mais fiel.

O ASSASSINO

Ao decorrer do livro, não é explícito quem é o assassino, todos são possíveis suspeitos e vítimas ao mesmo tempo. Chegando ao final do livro, o assassino é revelado, por meio de uma carta que o próprio manda para Scotland Yard. Neste desfecho, várias ações são explicadas e, sabendo que o Juiz Wargrave é o assassino, percebe-se que muitas de suas falas eram usadas para manipulação de situações que causavam um ambiente de desconfiança mútua e medo generalizado, sem se colocar no foco das acusações.

Esse tipo de enquadramento consiste em obter do público assentimento a uma opinião, ou a adoção de um comportamento, que não apresenta nenhum problema de aceitação. Mas a aceitação dessa opinião, ou desse comportamento, servirá de ponto de apoio eficaz para fazer aceitar uma segunda opinião (aquela que de fato importa ao manipulador). (BRENTON, 1999, p.92)

Um momento no qual fica bem evidente essa manipulação das situações se dá logo após os hóspedes ouvirem uma mensagem que acusa cada um de assassinato. Após analisar a situação, o juiz afirma que seria proveitoso que cada um compartilhasse o que sabem sobre o dono da casa:

Creio que chegou o momento de repartirmos uns com os outros tudo o que sabemos. Seria bom que cada um de nós comunicasse às informações que possa ter com referência ao dono da casa. - fez uma pausa e depois acrescentou - Somos todos seus hóspedes. Penso que lucraríamos bastante se cada um de nós explicasse exatamente como isso veio a acontecer. (CHRISTIE, 1939, p.39)

Nesse momento, ele sabia que as informações seriam contraditórias e todos duvidariam da hipótese de que U. N. Owen era uma identidade real, uma situação perfeita

para que começassem a desconfiar de todos. Depois da declaração dos demais hóspedes, ele fez a sua e fez questão de se defender contra a acusação de assassinato que fizeram contra ele, introduzindo um segundo momento onde todos se sentiriam no dever de alegar sua suposta inocência. Naquela noite, todos trancaram a porta do quarto antes de dormir, afinal, não tinham como saber quem falou a verdade e quem mentiu.

Outra situação similar a essa acontece depois da morte do General MacArthur. Em uma conversa, o juiz Wargrave declara que a assassino está na ilha:

Não obstante, inclino-me pela opinião de que “Mr. Owen” está efetivamente na ilha. Muito efetivamente. Dado o plano em apreço, e que não é mais nem menos do que a execução da justiça sobre determinados indivíduos por crimes que estão fora da alçada da lei, só havia um meio de pôr o plano em prática. Mr. Owen só podia vir à ilha, de algum modo. A coisa está perfeitamente clara. Mr. Owen é um de nós... (CHRISTIE, 1939, p.98)

Depois dessa afirmação, todos concordaram com o juiz, o que o levou a levantar uma série de indícios que acusariam todos os presentes. Para isso, ele relatou todas as mortes que tinham acontecido e ninguém tinha um álibi para todas as ocasiões.

Se bem que em alguns casos sejam muito pequenas as probabilidades de certas pessoas estarem implicadas, não se pode afirmar positivamente que qualquer de nós esteja livre de toda suspeita de culpabilidade. Reitero a minha convicção de que, das sete pessoas reunidas nesta sala, uma é um homicida perigoso e provavelmente louco (CHRISTIE, 1939, p.107).

Essas falas foram essenciais para que tudo corresse como planejado. A desconfiança gerou uma incapacidade da formação de amizade ou alianças entre as pessoas que estavam na ilha e isso possibilitou que cada pessoa ficasse sozinha em algum momento, no qual seria mais fácil matá-la sem deixar nenhum indício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que Agatha Christie é uma escritora atemporal pela sua técnica de escrita, nunca utilizada antes, e extremamente copiada depois de anos. Utilizava de sua percepção aguçada para refletir comportamentos humanos em seus personagens fictícios. Na obra, fica clara tal percepção, pois a autora diferencia a personalidade dos personagens de forma única e indiscutível. Todo texto literário contém uma crítica à sociedade

mascarada pelos elementos artísticos da literatura. A obra literária e o leitor dialogam a todo instante e, a cada leitura, percebem-se aspectos diferentes da influência da sociedade na literatura, além de distinguir o que é ficção e realidade. A “obra perfeita”. Agatha Christie é, realmente, a Rainha do Crime.

REFERÊNCIAS

BRETON, Philippe. A manipulação da palavra. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

CHRISTIE, Agatha. E não sobrou nenhum. 1. ed. São Paulo: Globo, 2009. p. 9-399.

CHRISTIE, Agatha. E não sobrou nenhum. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo S.A., 2019. p. 7-399.

LISTAS LITERÁRIAS. 10 CONSIDERAÇÕES SOBRE E NÃO SOBROU NENHUM, OU PORQUE HÁ INTELIGÊNCIA NO CRIME.... Disponível em: <http://www.listasliterarias.com/2014/08/10-consideracoes-sobre-e-nao-sobrou.html>. Acesso em: 14 mai. 2020.

MORGAN, Janet. Agatha Christie : Uma biografia. 1. ed. Rio de Janeiro: Beste Seller LTDA., 2018. p. 6-472.

SEGUNDO 2013. O caso dos dez negrinhos. Disponível em: http://segundo2013.blogspot.com/2012/10/o-caso-dos-dez-negrinhos-resumo-1_4249.html. Acesso em: 14 mai. 2020.

THE HOME OF AGATHA CHRISTIE. And then there were none. Disponível em: <https://www.agathachristie.com/stories/and-then-there-were-none>. Acesso em: 14 mai. 2020.

UM UNIVERSO DE PAPEL. E NÃO SOBROU NENHUM – AGATHA CHRISTIE (RESENHA). Disponível em: <https://universosdepapellivros.wordpress.com/2015/04/13/e-nao-sobrou-nenhum-agatha-christie/>. Acesso em: 14 mai. 2020.

GAMIFICAÇÃO: O LÚDICO DENTRO DAS SALAS DE AULA

CINI, Thalita Kely
LIMA, Elissandro Ferreira de
SANTOS, Sílvia Aparecida Fortunato

RESUMO

O presente artigo traz a “Gamificação” na educação como tema; apresentando ideias e informações acerca do método no âmbito educacional. Sabe-se que há ainda muitas barreiras a serem ultrapassadas para que a educação no Brasil se desvincule por completo de métodos ultrapassados e alcance, de fato, os alunos, apresentando assim resultados com melhorias significativas na área. Para colaborar com a inovação em sala de aula, a pesquisa apresenta uma metodologia ativa que é o game “Avante”.

Palavras-chave: Gamificação. Educação. Alcançar. Resultados melhores.

ABSTRACT

This article brings Gamification in education as a theme; presenting ideas and information about the method in the educational field. It is known that there are still many barriers to be overcome for education in Brazil to completely detach itself from outdated methods and reach, in fact, students, thus presenting results with significant improvements in the area.

Keywords: Gamification, education, reach, better results.

INTRODUÇÃO

Existente desde os anos 1970, o conceito gamificação era associado ao desenvolvimento de softwares. Através de pesquisas realizadas, foi possível constatar que alguns autores citam o programador britânico Nick Pelling como um dos criadores do termo citado. Uma vez que os desenvolvedores de softwares buscavam uma forma inovadora, com o uso de elementos dos games para obter uma melhor experiência de seus usuários. No entanto, a palavra gamificação ganhou força somente em 2010, sendo tema de obras e palestras, fazendo as pessoas pensarem como jogos transformam o mundo, visto que o conceito não é só utilizado na educação, mas também em outras áreas de nossas vidas.

A Gamificação é usada de diversas formas, uma delas é dentro da educação escolar. Ela pode auxiliar e ajudar tanto os professores, quanto a comunidade escolar em um todo. Desenvolvendo novas formas de aprender, ensinar e manter um interesse constante na absorção do conhecimento. A importância que o tema tem e os motivos pelo qual vem se destacando nesses anos, mostra a eficácia dele em sala de aula e os resultados desta busca por novas formas de ensino. Gamificação traz os

elementos dos jogos em situações diversas, buscando não só o entretenimento dos participantes, como também o aprendizado.

A escolha do tema foi tomada por experiências escolares pessoais vividas como alunos e, agora, como professores para então buscarmos caminhos e maneiras mais fáceis de aprender o que por nós foi aprendido de forma não acadêmica, mas vivenciada, por falta de empatia de uma comunidade escolar. O artigo busca na Gamificação uma forma de expor a ideia de um jogo educacional, que pode mudar a visão do educando e dos professores, trazendo consigo não só o significado de empatia, mas uma forma de humanizar o olhar da escola, assim como Freire (1996), traz a ideia de um aprendizado de mão dupla, sendo beneficiado com novos conhecimentos tanto o educador quanto o educando.

Usando da tecnologia, nós trazemos a ideia do jogo “Avante”, utilizando essa ferramenta, buscamos encontrar a empatia entre os alunos e os professores, diminuição do bullying e suicídio de jovens em idade escolar, diminuição da evasão escolar e aumento do conhecimento e a ligação entre a comunidade escolar. Ao nosso ver, a escola deve ser um lugar de acolhimento, onde aquele aluno que apresente problemas em casa ou fora dela, o aluno que busca em suas “experiências” fugir da realidade do seu dia-a-dia, nós esperamos dar o apoio necessário, usando tal método como um real amigo.

O método aplicado com um bom preparo da equipe pedagógica pode beneficiar toda uma comunidade, Veigas (2020), posiciona a capacitação dos professores e toda a equipe pedagógica como a principal estratégia no combate ao bullying. A utilização de métodos mais humanizados, que trabalhem vários tipos de inteligência, a socialização e respeito entre os alunos pode ser considerada como uma forma, mesmo que não tão simples de se por em prática, muito eficaz, com resultados satisfatórios.

DESENVOLVIMENTO

Percebemos um impasse da educação formal diante de tantas mudanças na sociedade, Moran (2015), afirma que para essa mudança acontecer, devemos alcançar uma aprendizagem de forma competente, ou seja, que o aluno saiba construir seu projeto de vida e aprenda a conviver com os demais. Porém, o autor afirma que necessita de revisão nos processos de organização curricular, metodologias, tempos e espaços.

Sendo assim, a aprendizagem ativa vem ao encontro dessa mudança, pois ela contempla o envolvimento do aluno e o Avante tem o propósito de redesenhar o projeto, os espaços físicos, as metodologias, baseadas em atividades, desafios, problemas, jogos e onde cada aluno aprende no seu próprio ritmo e necessidade e também aprende com os outros em grupos, conforme aponta Moran (2015).

APRENDIZAGEM ATIVA

A gamificação é direcionada à educação quando se é percebido que a mesma possa trazer um efeito positivo com a utilização de aulas diferenciadas, fazendo o aluno aprender, aumentar seu engajamento, transformar a sala em um ambiente agradável, socializar na comunidade escolar entre muitos outros tópicos. Utilizar elementos de jogos em contextos que busquem um fácil engajamento, atenção do público alvo e socialização, é algo que vem sendo cada vez mais utilizado não somente no meio educacional, mas também, em dinâmicas de empresas, por exemplo: "A gamificação pode ser aplicada nos mais diversos segmentos, desde educação, saúde, causas sociais, marketing e até em treinamentos corporativos, atingindo, assim, públicos e objetivos variados". (LudosPro, 2018).

"Disciplina é resultado somente de um desenvolvimento completo, do funcionamento mental auxiliado pela atividade manual" (MONTESSORI, 2003, p. 19). Criadora do "Método Montessori", Maria Montessori, por mais que tenha voltado seus estudos para a primeira infância, sua metodologia tinha como base os seis pilares, e um dos que ela defendia era o do autoconhecimento, o qual a gamificação se encaixa, por dar voz aos seus alunos com uma nova forma de ensino, trabalhando a mente e o manual.

A gamificação se embasa em estudos de diversos pesquisadores, pois com os jogos também ocorre direcionar o aluno para a tentativa de acerto e erro, aprendendo conforme as atitudes tomadas, analisando suas consequências. Fardo (2013), aponta como sendo uma das possíveis vantagens da utilização do método, a possibilidade de visualização dos resultados por parte do estudante, na medida em que, com seu avanço, o aluno terá uma compreensão maior do conteúdo, logo, se tornando mais fácil, como nas fases dos próprios games.

O tema escolhido tem um fundamento para a nossa plataforma desenvolvida sobre o assunto, pois utilizando a tecnologia, tentaremos gerar não só conhecimento, bem como empatia, uma palavra que é dita frequentemente, mas pouco praticada em comunidade escolar. Fazendo uma breve pesquisa, descobrimos que segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o número de pessoas com depressão aumentou 18,4%, isso corresponde a 322 milhões de indivíduos. Dados afirmam que em nosso país cerca de 12 milhões de pessoas vêm sendo diagnosticadas com essa doença, cada vez mais jovens. Segundo a (OMS), a depressão é a segunda causa de morte entre jovens da faixa etária entre 15 e 29 anos. Acreditamos que a metodologia ativa possa colaborar para melhorar a qualidade de vida desses jovens que se encontram em idade escolar e com o jogo descrito abaixo, isso pode acontecer, pois a estratégia é a aceitação ao outro como ele é, evitando assim, o bullying, um dos motivos que leva à depressão.

AVANTE: PROJETO PARA UM WORKSHOP EM SALA DE AULA

Sobre o nosso projeto “Avante”, apresenta uma atividade que colabora com a gamificação em sala de aula, uma estratégia para os professores. Ele pode ser aplicado tanto em forma de aplicativo, como em escolas que não têm o acesso total com a tecnologia. Nós, como professores, podemos aplicá-la da seguinte forma. O “Avante” é a criação de um avatar para o seu aluno. Beneficiando não só a parte de estratégia para conhecer melhor cada um em sala, mas a comunicação entre outros professores e a troca de experiência com outras matérias.

Podemos utilizar da criatividade dos educandos, pedindo para desenharem ou até mesmo utilizarem de colagem de revistas para criarem os seus próprios avatares, também podemos utilizar alguns Apps para a criação de cada um deles, dando características próprias.

Cada aluno irá ter seu avatar e terá que preencher com seu nome verdadeiro e o nome “Avante” que seria seu pseudônimo. A segunda etapa com o nome de “Meus Poderes” e os níveis de poderes, deverá ser colocado os nomes das disciplinas ofertadas na escola. A terceira e última etapa com o nome “Minha História” Terá “Sua Kryptonita” Isso significa que ele terá que escrever o que o deixa fraco em sala de aula, seus medos. Ele pode escrever por tópicos ou um curto texto contando os motivos de se sentir assim. Um exemplo de Kryptonita, ler em voz alta, trabalho em grupo e ir até a lousa.

O docente deve desenhar um triângulo e uma estrela e explicar que caso eles estejam sentindo que melhoraram em algum de seus poderes (Matérias), eles devem desenhar um triângulo ao lado. Caso tenham conseguido vencer sua “kryptonita” (Medo) aquela semana, eles devem desenhar uma estrela. Cada um daqueles desenhos significa um nível para seu avatar, podendo aumentar seu “poder” em alguma disciplina.

Feito essa atividade, o professor pode recolher as folhas e explicar que no final de cada semana perto do encerramento da aula, todos eles receberão a folha de volta para que seja preenchido com suas conquistas (Triângulos e Estrelas).

Essa atividade alcança alguns objetivos listados por nós professores. Teremos um conhecimento maior dos nossos alunos e seus medos, o deixando livre para contar em um “jogo” com seu avatar. Conseguiremos ver sua autoavaliação e seus resultados em outras disciplinas.

No final do semestre, o professor pode propor algo diferente e legal para sua turma, caso os Avatares estejam dando o resultado esperado em sala. Caso os docentes

de cada disciplina combinem entre si, cada estrela dada para sua matéria pode significar uma aula diferente (Como um novo nível desbloqueado em um jogo). Com esse artigo visamos transformar o “Avante” em uma plataforma digital educativa.

COMO O “AVANTE” FUNCIONA

FOTO DE PERFIL



 Mirror

Nome Verdadeiro:

Nome Avante:

Meus Poderes:

Poder Máximo:

Poder Médio:

Poder Mínimo:

Minha História:

Sua Kryptonita:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de jogos, online ou não, pode trazer muitas mudanças no âmbito educacional, indo além da aplicação somente da gamificação, dando fenda para mais audácia nas metodologias a serem utilizadas em sala. Apesar de muitos professores buscarem inovar em sala, ainda há, muitas vezes, a cobrança de métodos tradicionais da equipe pedagógica num todo, mostrar a eficácia de novas metodologias, junto às lutas por evolução na área da educação, pode ser conquistado um avanço significativo para essa área no Brasil.

Ao desenvolver um jogo, por mais simples que seja, já desperta a curiosidade dos alunos, se bem aproveitado e explorado, os resultados podem ir muito além de

notas e resultados somente acadêmicos, o jogo pode causar um impacto na comunidade em que a escola se localiza. Infelizmente, o bullying é uma realidade em todas as instituições de ensino e se manifesta de diversas formas, verbais ou físicas, não tendo um ponto final quando acabam as agressões, deixando marcas e traumas que, muitas vezes, levam jovens a tirar suas vidas por conta de uma dor que não conseguem superar. Apesar de uma iniciativa simples, a gamificação pode trazer diversos benefícios, a diminuição do bullying é um deles, ao colocar diversos alunos de diversas culturas, pensamentos, sexo, sexualidades e outras assimetrias, em um mesmo ambiente, tendo que se ajudar, conhecer e respeitar para alcançar objetivos que beneficiarão a todos, teremos um ensinamento de convivência na sociedade, traremos a ideia de não estarmos sozinhos, de estarmos rodeados de diferenças e isso não é algo ruim, podendo alcançar êxito de diversas formas com atitudes simples que serão a convivência, respeito e trabalho em grupo.

O desenvolvimento da plataforma Avante, é uma ideia a ser desenvolvida e adaptada, facilmente, em todas as realidades de alunos de todos os lugares, podendo ser utilizada a própria ideia apresentada, ou essa servir como base para a criação de novos sistemas que ajudem a melhorar a educação no país, lembrando que a educação é alcançada de fato em um trabalho conjunto de equipe pedagógica, família e comunidade, onde a mudança e desenvolvimento de um jovem estudante, pode trazer um impacto muito maior do que podemos supor.

REFERÊNCIAS

FARDO, Marcelo. A GAMIFICAÇÃO APLICADA EM AMBIENTES DE APRENDIZAGEM, RENOTE, 2013. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/41629>>

FREIRE, Paulo. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA, São Paulo: Paz e Terra, 1996. - 144 Pg.

LUDOS PRO. O QUE É GAMIFICAÇÃO? - [2018]. Disponível em: <<https://www.ludospro.com.br/quem-somos>>

MORAN, José. MUDANDO A EDUCAÇÃO COM METODOLOGIAS ATIVAS. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

MONTSSORI, Maria. PARA DESENVOLVER O POTENCIAL HUMANO. São Paulo: Papyrus Editora, 2003. .- 125 Pg.

VIEGAS, Amanda. BULLYING NA ESCOLA: O QUE É? E COMO COMBATER? Somos Par, 2020. Disponível em: <<https://www.somospar.com.br/bullying-na-escola-o-que-e-e-como-combater/>>

GESTÃO ESCOLAR: COMO A GESTÃO DEMOCRÁTICA E A MOTIVAÇÃO PODEM SOLUCIONAR PROBLEMAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO

INICÊNCIO, Micaelly Williana
MARQUES, Roselaine de Novais
PESSIN, Edilaine
SILVA, Amanda Rizzardi
SANTOS, Prof. Me. Silvia Aparecida Fortunato

RESUMO

Ao pensar em Gestão Escolar, remete-se na figura do diretor como alguém centralizador, autoritário e responsável por assuntos burocráticos. O projeto foi baseado nos problemas e desafios encontrados na estrutura organizacional de algumas escolas que, devido à falta de diálogo, harmonia e comprometimento entre escola e comunidade, interferem na qualidade da educação em sala de aula. O objetivo da pesquisa é discutir a visão dos gestores quanto à resistência de uma gestão democrática no ambiente escolar. A metodologia da pesquisa foi quantitativa e qualitativa apoiada em bibliografias, documentos e registros. Os resultados dos questionamentos, em maioria, foram positivos. Os gestores acreditam que a gestão democrática é o melhor método para conduzir o ambiente escolar. A valorização do diálogo e trabalho em conjunto faz com que os desafios e dificuldades sejam superados.

Palavras-chave: Gestão Escolar. Gestão Democrática. Participação. Motivação.

ABSTRACT

When thinking about School Management, it refers to the figure of the principal as someone centralizing, authoritarian and responsible for bureaucratic issues. The project was based on the problems and challenges found in the organizational structure of some schools that, due to the lack of dialogue, harmony and commitment between school and community, interfere in the quality of education in the classroom. The objective of the research is to discuss the managers' view regarding the resistance of democratic management in the school environment. The research methodology was quantitative and qualitative, supported by bibliographies, documents and records. Most of the questioning results were positive. Managers believe that democratic management is the best method to conduct the school environment. The appreciation of dialogue and working together means that the challenges and difficulties are overcome.

Keywords: School management. Democratic management. Participation. Motivation.

INTRODUÇÃO

No final da década de 1970 e início de 1980, inicia-se o debate para os novos conceitos de valores, abertura de novas escolas comunitárias, participação da sociedade, da comunidade e dos pais. A gestão educacional é uma expressão que foi criada para orientar nas ações nas escolas e esse conceito começou a ser valorizado a partir de 1990. Foi reconhecido que para existir uma melhora na qualidade de ensino, era necessário haver uma organização de gestores e juntos promoveriam maiores resultados.

Quando se fala em Gestão Escolar, imediatamente pensa-se somente no diretor. Este é visto como alguém centralizador, que é responsável por assuntos burocráticos, recursos financeiros, que checa leis, solicita conserto de equipamentos quebrados, e é aquela pessoa autoritária que manda e controla o trabalho dos outros.

A justificativa do projeto é baseada nos problemas e desafios encontrados na estrutura organizacional de algumas escolas. Essas, mostram-se falhas pela falta de diálogo, harmonia e comprometimento entre escola e comunidade, o que interfere substancialmente na qualidade da educação em sala de aula.

O objetivo da pesquisa é discutir a visão dos gestores quanto à resistência de uma gestão democrática no ambiente escolar. Com isso, pretende-se propiciar uma reflexão quanto a função social da escola; investigar os principais desafios da educação; desenvolver melhoria na qualidade de ensino através da democracia; identificar como a equipe gestora pode criar um ambiente ético, motivador e colaborativo. Neste contexto, como a gestão democrática e a motivação podem solucionar problemas e desafios na educação?

Com base no questionamento acima, foram formuladas três hipóteses:

1. A equipe gestora reconhece a escola como um ambiente democrático?
2. A equipe gestora assume uma postura ética diante das adversidades encontradas?
3. A equipe gestora motiva a comunidade escolar a assumir um papel participativo na escola?

Os resultados dos questionamentos, em maioria, foram positivos. Os gestores acreditam que a gestão democrática é o melhor método para conduzir o ambiente escolar.

DESENVOLVIMENTO

A gestão escolar muito se assemelha a gestão de empresas, mas, ambas não devem ser confundidas. A escola não deve ser vista como uma linha de produção, mas como um ambiente de aprendizado, que leva em conta o contexto em que está inserido, formando cidadãos críticos e conscientes da realidade em que vivem.

Libaneo (2012), sugere seis áreas de atuação da organização e da gestão da escola e uma delas é a organização e o desenvolvimento do currículo – Gestão democrática e participativa.

Na Pedagogia Histórico-Crítica proposta por Saviani, o autor define o currículo como função da escola. A educação é entendida como apropriação da cultura humana produzida historicamente. Não há neutralidade na educação. A educação é feita por ações que transformam, interferem na sociedade e por isso é histórica.

O currículo se configura a partir de uma compreensão da sociedade e almeja formar indivíduos com intencionalidade e numa determinada direção. Ao levar isto em consideração, compreendemos que todo currículo aponta um ser humano a ser formado e orienta um caminho de edificação social. (SAVIANI, 2011, p.14)

Para Paro (2007), a função da escola, numa sociedade democrática, sintetiza-se na formação do cidadão em duas dimensões: Individual e social. A primeira exige a função do homem como sujeito (autor, ter autonomia) e a segunda assume a necessidade de uma convivência livre (liberdade como construção histórica).

No estabelecimento de ensino uma pessoa depende da outra. É fundamental a participação de toda a equipe escolar e não apenas do diretor. Deve permear todos os setores: educadores, alunos, funcionários e pais. É o comprometimento com a cidadania, democracia e com o objetivo – que é o aluno aprender.

Para Cortella (2017), o líder não deve assumir uma posição autoritária, de dono do saber, mas reconhecer que não sabe de tudo, e sempre procurar se aprimorar e valorizar o conhecimento da equipe, estimulando a formação continuada, mostrando a importância do seu trabalho, para que se sintam valorizados.

À medida que o profissional se sente valorizado, ele busca dar o seu melhor, refletindo diretamente no seu desempenho. Para Sant'anna (2014), a gestão participativa é quando cada pessoa que integra a organização participa ativamente dos processos decisórios, compartilhando méritos e responsabilidades.

A gestão democrática supera o autoritarismo no planejamento, na concepção e na organização curricular.

É obrigatória a gestão democrática no ensino público e prevista, em geral, para todas as instituições de ensino, o que implica decisões coletivas que pressupõem a participação da comunidade escolar na gestão da escola e a observância dos princípios e finalidades da educação. (Resolução CNE/CEB Nº 4/2010)

Quando se organiza democraticamente buscando metas transformadoras, a escola se fortalece, alcançando seus objetivos.

A presença da comunidade na escola, especialmente dos pais, tem várias implicações. Prioritariamente os pais e outros representantes participam do Conselho da Escola da Associação de Pais e Mestres para preparar o projeto pedagógico curricular e acompanhar e avaliar a qualidade dos serviços prestados. (LIBÂNEO, 2004, p. 144)

Segundo Valérien (1993), para o ensino não ser mal direcionado é necessário ter participação de todos. Para que haja mudanças necessárias em uma instituição é indispensável a colaboração, pois ela traz grande resultado e os objetivos serão alcançados com agilidade, atendendo as necessidades da organização.

O gestor deve assumir uma postura ética perante a equipe, confiar no grupo, superando o controle e a desconfiança. Refletir se suas atitudes estão contribuindo com a harmonia dos funcionários, para que os conflitos sejam evitados. Para Cortella (2017), não agimos por instinto. Agimos por reflexão, por decisão, por juízo. A ética é o conjunto de princípios e valores da nossa conduta na vida junta.

A Resolução CNE/CEB N°7/2010, em seu artigo 6°, defende que a educação deve seguir princípios éticos, políticos e estéticos. Dando enfoque à ética, ele ressalta que:

I – Éticos: de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

A ética é necessária para um ambiente justo e igualitário, a equipe gestora sempre deve lançar mão desse comportamento, ressaltando a importância do trabalho em equipe para um bem maior.

Ao relacionar-se com o outro, é preciso conviver com interesses e pontos de vista diferentes. Ter democracia é dialogar, é ceder, é respeitar. Ambos se afirmando como sujeito numa direção coletiva. O ambiente escolar deve ser um espaço de debates, de confronto de ideias e posições, de cooperação e decisões conjuntas.

O conjunto de todas as atividades de coordenação e de acompanhamento do trabalho dos cumprimentos das atribuições de cada membro da equipe, a realização do trabalho em equipe, a manutenção do clima de trabalho, a avaliação de desempenho (...) essa definição se aplica aos dirigentes escolares, mas é igualmente aplicável aos professores, seja em seu trabalho na sala de aula, seja quando são investidos de responsabilidades no âmbito da organização escolar. (LIBÂNEO, 2001, p.349)

A ação conjunta, transparente e de responsabilidade cria e recria o trabalho na escola mediante a compreensão da globalidade da pessoa, valorizando-a e situando-a no contexto das relações sociais. Constrói relações interpessoais solidárias, estimulando a conhecer melhor seus pares, expor ideias, compartilhar dificuldades e expectativas pessoais e profissionais.

Isto posto, a pesquisa elaborada possui a abordagem qualitativa, pois baseia-se em ideias e palavras, discussões teóricas. Assume também a abordagem quantitativa, pois apoia-se em números. Dados coletados foram mensurados e quantificados.

A natureza da pesquisa foi aplicada, pois parte da pesquisa básica foi aliada a fato da realidade, o qual gerou produtos, processos e conhecimentos com finalidade imediata.

O objetivo foi descritivo, já que o objeto da pesquisa é conhecido. O pesquisador descreveu o objeto da pesquisa de forma a ter uma nova versão da realidade pesquisada. Trabalha a coleta de dados.

Os procedimentos utilizados foram a pesquisa bibliográfica, dado que se fundamenta em pesquisas já realizadas e publicadas em livros, jornais e artigos; e a pesquisa documental, pois apoia-se em documentos e registros.

As questões foram enviadas por e-mail e WhatsApp para 20 coordenadores pedagógicos de diferentes escolas. Os gestores tiveram o prazo de 30 dias para a devolução do questionário. Houve a devolutiva de 05.

Dos resultados encontrados, 100% dos entrevistados reconhecem a escola como um ambiente democrático, visto que ela é um espaço de constante mudança e aprendizado, sendo importante levar em conta a opinião de toda a comunidade escolar, pois todos possuem conhecimentos para compartilhar, sejam eles de senso comum ou acadêmicos. Reconhecendo a importância da democracia no ambiente escolar, os resultados da escola têm uma mudança significativa para melhor.

Os entrevistados, por unanimidade, dizem assumir uma postura ética diante das adversidades encontradas no cotidiano escolar, reconhecem a importância de manter um ambiente harmonioso, assumindo uma postura de imparcialidade e respeito perante as situações. Para manter um ambiente de respeito e harmonia, os gestores procuram sempre ouvir e motivar sua equipe, reconhecendo a importância de seu trabalho, incentivando a formação continuada e a inovação, mostrando que mesmo com a falta de recursos, a equipe pode alcançar um trabalho de excelência, pois só a educação consegue transformar vidas.

Dos entrevistados, 80% dizem motivar a participação da comunidade na escola, contudo, alguns pontuaram que mesmo motivando, a comunidade ainda permanece ausente, não alcançando os resultados esperados. A cooperação da comunidade escolar traz inúmeros benefícios segundo os gestores, eles buscam envolvê-los em atividades curriculares, projetos, eventos, reuniões e conselhos, fazendo com que se tornem críticos e presentes no ambiente escolar, mostrando sempre suas opiniões e propostas para melhorias. Essa participação faz com que a escola conheça a comunidade em que está inserida e reflète diretamente no desempenho dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, em resposta às hipóteses elaboradas, pode-se afirmar que com a gestão democrática é possível motivar a comunidade escolar e assim solucionar os problemas e desafios encontrados na educação.

Observou-se que com as entrevistas, nem todos os coordenadores têm o real conhecimento sobre o que é gestão democrática, visto que alegam não motivar a participação da comunidade escolar, parte crucial para que a gestão democrática aconteça.

Outro fato a pontuar é a falta de participação da comunidade escolar mesmo com a motivação, isso é um ponto relevante, pois escola e corpo social devem construir uma relação mútua, para que a educação se torne de qualidade. Mesmo com os resultados não esperados, é de suma importância que a equipe gestora continue motivando essa participação.

A escola é constituída por professores, alunos, gestores, funcionários e comunidade, então é essencial que todos esses grupos se comuniquem e respeitem, que um motive o outro a dar o seu melhor, criando um ambiente seguro para o aprendizado.

Concluimos, através de nossas pesquisas e entrevistas, que a gestão democrática dentro do ambiente escolar contribui imensamente para o desenvolvimento de seus colaboradores. 101

A ética é fundamental para tornar o ambiente harmonioso. Assim, a escola se fortalece e todos trabalham juntos para alcançar o objetivo propiciado pela educação – transformar vidas e pessoas.

Motivar a participação da comunidade, unir conhecimentos e estratégias que visem o aprimoramento do ensino e da aprendizagem.

Ao organizar-se democraticamente, o ambiente escolar torna-se equilibrado, solidário e justo. A valorização do diálogo e trabalho em conjunto, trazem melhores resultados para o dia a dia, e faz com que os desafios e dificuldades sejam superados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução CNE/CEB Nº 4/2010 Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília: CNE, 2010.

BRASIL. Resolução CNE/CEB Nº7/2010 Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Brasília: CNE, 2010.

CORTELLA, Mario Sergio. Qual é a tua obra? : Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra – 2011.

LIBÂNEO, J.C. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. O sistema de organização e de gestão da escola: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001, p.11.

LIBÂNEO, J.C. Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática, 5. ed. Goiânia, Alternativa, 2004.

LIBÂNEO, J.C.; Oliveira, J.F; Toschi, M.S. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012, 4ª Parte, capítulo III.

LÜCK, Heloisa. Gestão Educacional: uma questão paradigmática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LÜCK, Heloisa. Gestão escola e formação de gestores. Brasília, DF: Jair Santana Moraes, 2000.

PARO, V.H. Gestão escolar democrática da escola pública. São Paulo: Cortez, 2017.

PARO, V.H. Gestão escolar, democracia e qualidade no ensino. São Paulo: Ática, 2007.

SANT'ANNA, Geraldo José. Planejamento, gestão e legislação escolar. 1ª Ed. São Paulo: Érica, 2014.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11.ed.rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

VALÉRIEN, Jean. Gestão da escola fundamental: subsídios para análise sugestões de aperfeiçoamento. São Paulo: Cortez, MEC, 1993.

GESTÃO ESCOLAR: COMO GESTORES DAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE CAMPO LIMPO PAULISTA ENFRENTARAM E SE ADAPTARAM AOS DESAFIOS DA PANDEMIA DA COVID-19

MATOS, Andréa de Oliveira Santos
ANDRADE, Cláudia Mariano
GOMES, Elis Cristina
TOBIAS, Evelyn Cristine
GONÇALVES, Júlia Fernanda
SANTOS, Silvia Aparecida Fortunato

RESUMO

Este artigo aborda a questão da gestão escolar em meio à pandemia da Covid-19. Com um aprofundamento baseado nos resultados de uma pesquisa realizada nas escolas de Campo Limpo Paulista. A pesquisa objetiva a análise e discussão dos resultados da pesquisa e traçar caminhos para a melhor maneira de gerir em meio a mudanças e conflitos. Dentre os autores pesquisados para contribuir com os conceitos destacam-se Cortella (2017) e Freire (2000).

Palavras-Chave: Gestão Escolar. Covid-19. Ensino Remoto. Mudanças.

ABSTRACT

This article addresses the issue of school management in the midst of the Covid-19 pandemic. With a deepening based on the results of a research carried out in the schools of Campo Limpo Paulista. The research aims to analyze and discuss the results of the research and outline ways for the best way to manage in the midst of changes and conflicts. Among the authors researched to contribute to the concepts, Cortella (2017), Freire (2000) and Lalande (1996) stand out.

Keywords: school management. Covid-19. Remote teaching. Changes.

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19, em 2020, promoveu várias mudanças na rotina de todos, sobretudo, nas escolas. De um dia para o outro, professores, alunos, pais e gestores tiveram que mudar a rotina e se adaptar à nova realidade. A forma como os gestores, em particular, estão lidando com esta nova situação é o foco desta pesquisa. As medidas de paralisação anunciadas ao sistema educacional chegaram sem planejamento e orientação e logo impostos às escolas, criando conflitos entre gestores, coordenadores e professores e gerando um clima de estresse, medo e incertezas. Faustino apud Silva (2020) se posiciona neste sentido:

Além de um medo concreto da morte, a pandemia da Covid-19 tem implicações para outras esferas: organização familiar, fechamento de escolas, empresas e locais públicos, mudanças na rotina de trabalho, isolamento, levando a sentimentos de desamparo e abandono. Além

disso, pode aumentar a insegurança devido às repercussões econômicas e sociais dessa tragédia em larga escala. ORNELL (et.al. 2020, p.3)

Contudo, em busca de aprimorar métodos de gestão e entender o processo de adaptação em situações atípicas como a da pandemia da Covid-19, foi desenvolvida esta pesquisa nas escolas da rede pública e privada de Campo Limpo Paulista – SP, que teve por objetivo identificar como os gestores se adaptaram à nova rotina. Os objetivos específicos foram: (a) identificar as maiores dificuldades enfrentadas pelos gestores à nova realidade; (b) verificar se recebendo apoio dos pais e professores; (c) se realmente o ensino remoto está acontecendo.

Para alcançar os objetivos propostos, foi utilizada uma metodologia de cunho qualitativo-descritiva, cujas questões norteadoras da pesquisa foram: como os gestores da rede pública e privada de Campo Limpo Paulista - SP estão se adaptando à nova rotina? Quais estratégias norteiam suas ações? Quais as maiores dificuldades que os gestores encontraram para gerir em plena pandemia? Para isso elaboramos um questionário com 14 (quatorze) perguntas abertas e fechadas que contemplavam as informações necessárias para atender os nossos objetivos. Estas perguntas foram direcionadas para, pelo menos, dois gestores de cada escola.

UMA NOVA GESTÃO

Conforme Guimarães (2017), gestão se origina da palavra latina gerentia, gerere, que significa fazer, executar, gerir e gerenciar. Gestão escolar é, portanto, algo fundamental para o desempenho da escola, tendo como função otimização de tempo, material e aprendizado dos alunos e da escola.

A gestão tradicional é fundamentada na hierarquia, na qual o poder de decisão está somente nas mãos do diretor, já na gestão democrática participativa, o poder de decisão não está somente nas mãos do diretor, e sim, na coletividade e na participação da comunidade. Segundo Lück (2009), os gestores devem buscar cumprir com os objetivos educacionais, pelo bom desempenho da equipe escolar e a participação da comunidade, para atingir os padrões de qualidade que é determinado pelo sistema educacional e leis nacionais, estaduais e municipais.

A mudança é sempre importante para os gestores evoluírem. Para um gestor escolar não é diferente, pois, para estabelecer uma nova gestão é preciso se organizar. “Se uma empresa procura estabelecer novos paradigmas e quer construir excelência, é necessário organizar-se de outro modo”. (CORTELLA, p.51). Por conta da pandemia do coronavírus, os gestores tiveram que se adaptar à nova rotina. Como Santos (2020), afirma a seguir:

O primeiro desafio do home office, segundo Leonardo Framil, está relacionado às lideranças que terão que reaprender a gerir a força de trabalho nesse contexto, criando engajamento, motivação e acompanhando o trabalho que está sendo executado de forma dispersa. (Granato, 2020).

Os gestores, além de cumprir com a obrigação de alcançarem os índices educacionais, passaram a se preocupar com a migração do ensino presencial ao ensino remoto, um dos desafios a serem enfrentados por estes profissionais é o uso das tecnologias, para auxiliar a comunicação entre gestores, professores e alunos, para que o ensino dos educandos não parasse.

O ENSINO REMOTO E SEUS DESAFIOS

No Brasil, a utilização da tecnologia em sala de aula ganhou muita força, principalmente a partir do século XXI e com a pandemia da Covid-19 este processo se intensificou. De um dia para o outro, professores, gestores, pais e alunos se viram obrigados a se adaptarem a uma nova rotina e o jeito de ensinar e aprender mudou. Essa mudança já vinha acontecendo nas escolas só que a passos lentos e com certa resistência por parte de muitos profissionais da educação, no entanto, com as aulas remotas muitos recursos estão sendo utilizados. Freire (2000) reforça este conceito:

Se a mudança faz parte necessária da experiência cultural, fora da qual não somos o que se impõe a nós é tentar entendê-la na ou nas suas razões de ser. Para aceitá-la ou negá-la devemos compreendê-la, sabendo que, se não somos puro objeto seu, ela não é tampouco o resultado de decisões voluntaristas de pessoas ou de grupos. (FREIRE, 2000, p. 17)

Conferências online, mensagens, lives, vídeos, sons e imagens, todo esse emaranhado de ferramentas utilizadas por professores, alunos e seus responsáveis em um curto espaço de tempo e a sobrecarga de ter que dar conta de tudo tem gerado certo estresse. Santos (2020) corrobora com este argumento:

O ensino remoto tem deixado suas marcas... para o bem e para o mal. Para o bem porque, em muitos casos, permite encontros afetuosos e boas dinâmicas curriculares emergem em alguns espaços, rotinas de estudo e encontros com a turma são garantidos no contexto da pandemia. Para o mal porque repetem modelos massivos e subutilizam as potências da cibercultura na educação, causando tédio, desânimo e muita exaustão física e mental de professores e alunos. Adoecimentos físicos e mentais já são relatados em rede. Além de causar traumas e reatividade- 106

de a qualquer educação mediada por tecnologias. Para o nosso campo de estudos e atuação, a reatividade que essa dinâmica vem causando compromete, sobremaneira, a inovação responsável no campo da educação na cibercultura (SANTOS, 2020, s.p.).

Mas não há como negar que esta mudança gerou uma ruptura no processo de aprendizagem do aluno, já que, mesmo com alunos que já tenham familiaridade com equipamentos eletrônicos, nada substitui o contato e o suporte do professor em sala de aula. A mediação do professor neste novo cenário faz toda a diferença, pois é ele quem cria novas situações de aprendizagem à nova realidade para que o processo não fique tão maçante. As dificuldades são muitas: falta de acesso à internet por grande parte da população e desvalorização do professor são o que mais pesam no dia a dia e se potencializam mais ainda com a pandemia. As crianças não são autossuficientes e nem todas possuem o apoio de um responsável nos estudos. Além disso, “a educação, mesmo com a modalidade da educação a distância, configura-se como uma área que demanda o contato diário, presencial” (OLIVEIRA; SOUZA, 2020, p. 17).

ÉTICA NA GESTÃO ESCOLAR

A Ética vem do grego “ethos”, que significa caráter, o modo de ser de uma pessoa, de uma forma geral. Ou seja, o conceito de ética refere-se a um conjunto de valores morais e princípios que norteiam a conduta humana na sociedade. Conforme Lalande (1996, p. 384) ética é a “ciência que tem por objeto o juízo de apreciação enquanto este se aplica à distinção entre o bem e o mal”. É o comportamento do ser humano em meio a outros indivíduos da sociedade, para que haja uma boa vivência entre todos.

Nesse sentido, Cortella (2017) aponta que, para adquirir uma aprazível coabitação necessita de exercer a ética em nossas residências, ambiente profissional, ou simplesmente em nosso dia a dia. Afinal, vivemos como vivemos a partir do exercer da ética, caso contrário, estaríamos em um retrocesso pré-histórico até os dias atuais. Para obter uma harmonização entre toda a comunidade escolar, o gestor não deve apenas pregar o discurso ético e não exercê-lo, ele tem que demonstrar que todos ali inseridos são responsáveis por cada ação realizada, por cada trabalho bem feito, ele tem que estar no comando, mas não deixar também envolver demais seus princípios pessoais, mas, sim, dar o apoio real para a construção de um trabalho competente, da produção de um trabalho coletivo.

A ética é, antes de mais nada, a capacidade de protegermos a dignidade da vida coletiva. Afinal de contas, nós, homens e mulheres, vivemos juntos. Aliás, para seres humanos, não existe vivência, existe apenas convivência. (CORTELLA, 2017, p.115)

Segundo Cortella, ética e coletividade devem ser trabalhados lado a lado, portanto, a coletividade é um fator importantíssimo quando o assunto é gestão, qualquer decisão a ser tomada sobre a instituição deve ser analisada, não só pelo gestor, mas junto a toda a equipe e à comunidade escolar. É no trabalho coletivo que se encontram forças e possibilidade de ir adiante, já que, não fazer sozinho, não é apenas uma questão de querer e sim de possibilidade diante de tantas dificuldades e da intensificação do trabalho.

Sem a coletividade vem a arrogância, uma pessoa arrogante acredita que a única opinião válida é a sua própria. Este indivíduo se sente superior e trata os outros, os seus iguais, com inferioridade, fazendo com que sua gestão se torne desagradável e detestável. “O arrogante é incapaz de ter umas das coisas importantes e que será a razão central da ética: visão de alteridade. É a capacidade de ver o outro como outro, e não como estranho.” (CORTELLA, 2017. p. 116)

METODOLOGIA

Este trabalho consistiu em dois momentos: em um primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a gestão escolar, ensino remoto e ética na gestão. A pesquisa propiciou embasamento para a elaboração de 14 perguntas relacionadas à gestão escolar e à pandemia da Covid-19, que foram direcionadas a dez gestores de sete escolas das redes municipal e privadas de Campo Limpo Paulista – SP.

Em um segundo momento, passou-se a um levantamento dos resultados e traçou-se o perfil dos gestores que enfrentaram o dia a dia em plena pandemia. Para alcançar os objetivos propostos, foi utilizada uma metodologia de cunho quantitativa e qualitativa descritiva, cujas questões norteadoras da pesquisa foram: Como os gestores da rede pública e privada de Campo Limpo Paulista - SP estão se adaptando à nova rotina? Quais estratégias norteiam suas ações? Quais as maiores dificuldades encontradas pelos gestores neste novo cenário?

RESULTADOS

A partir das entrevistas, obtiveram-se as seguintes informações que foram analisadas e discutidas, conforme segue. A primeira questão aplicada aos gestores dizia respeito à adaptação à nova rotina. A pesquisa apontou que 100% dos entrevistados tiveram dificuldades em se adaptar à nova rotina e afirmam que no início do ensino remoto ficaram confusos e perdidos. Alguns ainda afirmam que a adaptação às novas tecnologias foi muito difícil, uma vez que a maioria já conhecia as ferramentas, mas nunca haviam as utilizado na rotina de trabalho. Nesse aspecto, Santos (2020) salienta que o ensino remoto tem deixado suas marcas para o bem e

para o mal, pois, apesar de promover encontros afetuosos, o ensino remoto também promove exaustão mental.

Na segunda questão, que dizia a respeito das estratégias que nortearam suas ações, foram utilizados os seguintes meios para se comunicar e aplicar as atividades aos alunos, salientando que cada gestor utilizou um ou mais desses recursos: 26,47% utilizaram o Whatsapp, 11,76% o Google Meet, 8,82% o Classroom, 8,82% o Facebook, 2,94% o Google Forms, 2,94% o Duo, 26,47% atividades impressas, 5,88% o Zoom, 2,94% o Youtube e 2,94% Educablog.

Dentre as sete escolas entrevistadas, somente uma era da rede privada, já que as outras, apesar da tentativa de contato não deram retorno. A terceira questão dizia respeito às dificuldades encontradas pelos gestores, 25% dos gestores alegaram dificuldades em lidar com a equipe de trabalho, 12,5% alegaram dificuldade em alcançar todos os alunos devido à falta de acesso a um dispositivo com internet, 12,5% alegaram falta de recursos materiais, 25% alegaram dificuldade em lidar com o estado emocional de todos e também manter a equipe motivada e 25% alegaram ainda a falta de apoio dos familiares dos alunos para a realização das tarefas. Identificamos ainda que 90% dos gestores eram mulheres e 10% eram homens e a média de idade entre eles era de 43,7 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente, não conseguiu-se alcançar todas as escolas do município, pois não se obteve retorno de todos os gestores, principalmente, das escolas privadas. A pesquisa baseou-se numa pequena parte das escolas, mas foi o suficiente para se chegar algumas conclusões. Constou-se o quanto as mudanças, sejam elas quais forem, geram desconforto e medo.

Da mesma forma, o modo como se lida com novas situações mostra o quão estamos gestores e colaboradores podem estar preparados ou despreparados para exercer tal função. Ademais, a diferença entre uma boa e uma má gestão está na forma como se lida com as pessoas. O tempo de experiência na função não é determinante para realizar uma boa gestão. Já a cooperação, sim, é a chave para o sucesso de qualquer liderança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTELA, Mário Sérgio. Qual é a tua obra?: Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. ed 25; Pétrópolis, RJ; editora Vozes; 2017.

FAUSTINO, Lorena; SILVA, Túlio. Boletim de Conjuntura. Educação frente à pandemia: dilemas e intervenções alternativas para coordenadores e docentes. Boa Vista, ano II, vol3, n 7, 2020. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=educadores+frente+pandemia+&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DuW1V-XrxqL8J>. Acesso em: set. 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GUIMARÃES, Joelma. Gestão educacional./ Joelma Guimarães. Porto Alegre: SAGAH, 2017. Disponível em:<<https://viewer.biblioteca.binpar.com/viewer/9788595020610/2>>. Acesso em 16 nov. 2020.

GRANATO, Luísa (2020). Localiza abre 200 vagas de tecnologia com home office e início imediato. Fonte:
<http://exame.abril.com.br/carreira/localiza-abre200-vagas-de-tecnologia-com-home-office-e-inicio-imediato/>

LALANDE, André. Vocabulário técnico e crítico da filosofia. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LUCK, Heloísa. Dimensões da gestão escolar e suas competências./ Heloísa Lück. Curitiba. Editora Positivo. 2009. p.22. Disponível em: <<http://files.diretortecniconpe.webnode.com/200000067-5f5ce614de/dimensoes-gestao-escolar.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2020.

OLIVEIRA, H. V.; SOUZA, F. S. “Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19)”. Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 2, n. 5, 2020.

O que é ética? Disponível em:<<https://eticapublica.furg.br/moral-e-etica?id=26>. >Acesso em: 13 nov. 2020.

ORNELL, F.et al. “Pandemia de medo e COVID-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias”. Debates in Psychiatry, ahead of print, 2020.

SANTOS, Ester Amaral Cunha. Et Al. Home Office: Ferramenta para continuidade do trabalho em meio a pandemia COVID-19. Manaus. 2020. Disponível em:<<http://idaam.siteworks.com.br/jspui/bitstream/prefix/1172/1/HOME%20OFFICE%20%20FERRAMEN>- 110

TA%20PARA%20CONTINUIDADE%20DO%20TRABALHO%20EM%20MEIO%20A%20PANDEMIA%20COVID-19.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

SANTOS, Edméa O. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? #livesdejunho... Revista Docência e Cibercultura. Notícias. 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>>. Acesso em: 23 out. 2020.

GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA

RODRIGUES, Tainah Caroline
ALVES, Naiara dos Santos
MORANDINI, Eduardo

RESUMO

O presente artigo discorre informações e pesquisa a respeito da importância e desenvolvimento dos centros acadêmicos dentro dos Institutos Superiores e, sua relevância sendo um incentivador da gestão escolar e formação do aluno como um cidadão. Tem como objetivo propor a instituição na qual estudamos, UNIFACCAMP, a criação de um centro acadêmico que fomente os alunos a desenvolverem o trabalho de gestão e especificamente, alunos do curso de Licenciatura em Pedagogia, para praticarem a gestão escolar visto que a mesma é essencial para o bom funcionamento das escolas. Foi aplicado à 26 alunos que cursam alguma graduação da UNIFACCAMP, algumas perguntas referentes ao centro acadêmico, sendo que, de todos os alunos que responderam o teste, 50% destes cursam Pedagogia. Observamos que, maior parte deles possuem conhecimento sobre o que é um centro acadêmico e acreditam que o mesmo possa contribuir para a formação de um universitário como cidadão, porém nenhum deles fazem parte de algum.

Palavras-Chave: Gestão Escolar Democrática; Centro Acadêmico; Cidadania.

ABSTRACT

This article discusses information and research regarding the importance and development of academic centers within the Higher Institutes and, its presentation being an incentive for school management and training of the student as a citizen. It aims to propose the institution in which we study, UNIFACCAMP, the creation of an academic center that encourages students to develop management work and specifically, students of the Degree in Pedagogy, to practice school management since it is essential for the proper functioning of schools. Twenty six questions were sent to twenty six undergraduate students at UNIFACCAMP, some questions related to the academic center, and of all students who answered the test, 50% of them are taking Pedagogy. We observed that most of them have knowledge about what an academic center is and believe that it can contribute to the formation of a university student as a citizen, but none of them are part of any.

Keywords: Democratic School Management; Academic center; Citizenship.

INTRODUÇÃO

Inicialmente nos foi proposto pelo nosso professor Eduardo Morandini, a leitura de três textos como base “Como criar um Diretório Acadêmico”, “Gestão Democrática: integração escola e comunidade” e “CENTRO ACADÊMICO: VISÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA”. Após a leitura de cada um dos textos e discussões sobre o assunto durante a aula, pudemos observar o quanto todo o contexto da educação não depende somente dos docentes ou somente dos discentes, assim como consta no artigo 205 da Constituição Federal de 1988: “A educação, direito de todos e dever do Estado

e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, ou seja, cabe à todos se reunirem e se ajudarem para que haja uma educação com excelência. Afinal o papel da escola não é apenas transmitir conhecimento, mas também ensinar o aluno a ser um bom cidadão e aprender a viver com a sociedade. Para que isso ocorra existem meios dentro da instituição que os auxiliam a desenvolver isso, um deles é a existência de um Centro/Diretório Acadêmico que é uma prática da Gestão Escolar Democrática dentro da instituição, visto que os objetivos de um Centro/Diretório Acadêmico são litigar pelas causas e interesses dos alunos, investir em palestras e eventos segundo o desejo segundo a demanda dos alunos. Diante disso podemos notar uma grande semelhança com o que deveria acontecer num governo democrático de uma cidade, estado ou país.

CENTRO ACADÊMICO E SUA IMPORTÂNCIA

Diante de diversos órgãos de representação de classe e que fazem parte da construção da cidadania se encontra o Centro Acadêmico (C.A.) que é o órgão de representatividade de alunos dentro de Instituições de Ensino Superior, possui um papel importante para construção política da formação acadêmica, podendo ser vinculado ao Diretório Central dos Estudantes que representa todos os estudantes de uma instituição de ensino superior. Geralmente é organizado e mantido pelos alunos de cada faculdade e funciona como uma união entre os estudantes, a Coordenação e Direção da Instituição além de um instrumento para compartilhar informações e atividades entre os alunos como por exemplo: a organização de debates, discussões, palestras, realização de projetos de extensão; ações políticas dos estudantes; solução para conflitos individuais e coletivos entre estudantes e a faculdade; realização de atividades culturais, entre outros.

O C.A. é importante para a construção da cidadania do aluno dentro da instituição, pois ele pode representar um espaço de reflexão e pode até ser também um contribuinte para a transformação social e, pode ser também o lugar que os alunos se sentem à vontade para manifestar suas insatisfações, ideias e opiniões.

Em síntese, o C.A. deve propor tanto reivindicações, quanto executar tarefas extracurriculares que tragam valores sociais e políticos à formação acadêmica dos estudantes exercendo a sua cidadania ao colocá-la em prática.

GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA DENTRO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

A gestão escolar se responsabiliza por conduzir e organizar planos ou a realização de seus métodos e perspectivas para o desenvolvimento dos processos educativos, tendo em vista os fatores econômicos, políticos, estruturais, pedagógicos, sociais, dentre ¹¹³

outros. Com a presença da democratização, pudemos observar avanços de significativos para a educação, tais como a participação da comunidade escolar na escolha do diretor da escola e a implantação dos conselhos escolares, afinal é este o objetivo da democratização escolar. Um exemplo prático disso é o documento chamado PPP – Projeto Político Pedagógico que visa reunir e definir as necessidades da escola e da comunidade, dando vida às estratégias que possam direcionar os trabalhos escolares durante o período letivo. Notamos a partir daí a importância da integração da escola e a comunidade, é um trabalho mútuo. O PPP assim como o Conselho Tutelar possuem papéis de extrema importância e são ótimos exemplos da gestão democrática dentro da escola.

“Uma escola não pode e não deve fechar-se em seus muros, deixando de considerar toda a realidade que a norteia”.

Hoje, observamos que muitas escolas vivem uma realidade burocrática dentro de si, e notamos que é esquecido a realidade de cada aluno fora da escola, assim como é o ensino fora da escola, esse trecho me chamou a atenção exatamente por isso, a vida de cada aluno é diferente, e muitas escolas não param para analisar isso, eles fazem exatamente o que diz no texto se fecham e acreditam que só é válido aquilo que se acontece dentro da escola, e acabam esquecendo-se da realidade fora dela. Ser aberto à sociedade faz com que se torne um ambiente muito mais agradável e muito mais leve de se estudar, pois são dois lados diferentes.

O efeito positivo da democratização da gestão escolar é visto nos artigos na fala de alguns docentes que acham interessante a descentralização do poder e a prática do trabalho em grupo. Até por que, sem algo ou alguém para intermediar essa comunicação entre a escola e a comunidade é o mesmo que impor limites para o avanço da sociedade. A partir dessas informações e em conformidade com todos os integrantes do grupo decidimos desenvolver um artigo que contenha informação sobre a relevância de um centro acadêmico dentro da nossa Instituição de Ensino Superior

METODOLOGIA E RESULTADOS OBTIDOS

Inicialmente aplicamos um teste à 26 alunos da instituição UNIFACCAMP, visto que nossa pesquisa foi de cunho exploratório com uma pesquisa de campo, cada um destes alunos cursa algo dentro da instituição e 50% destes, cursam Licenciatura em Pedagogia. O objetivo principal desta pesquisa é colher informações a respeito da relevância do centro acadêmico:

Aplicamos aos alunos as seguintes perguntas:

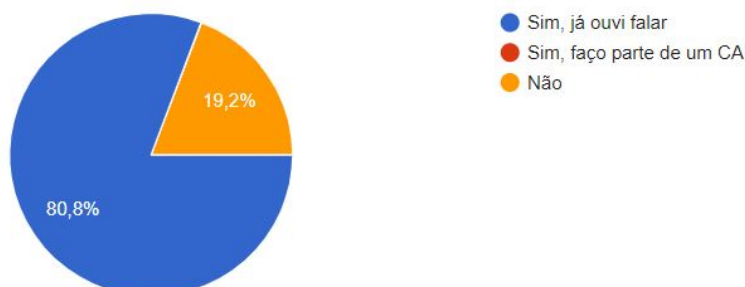
- Você sabia que os Centros Acadêmicos (CA) são órgãos de representatividade de alunos dentro das Instituições de Ensino Superior?
- Na instituição em que você estuda, existe algum CA?
- Numa escala de 0 à 10 (sendo 0 totalmente insatisfeito e 10 muito satisfeito) o quanto você está satisfeito com sua instituição?
- Você acredita que um CA ajude na evolução de um universitário como cidadão?

Segue abaixo o resultado da pesquisa:

Gráfico 1

Você sabia que os Centros Acadêmicos (CA) são órgãos de representatividade de alunos dentro das Instituições de Ensino Superior?

26 respostas

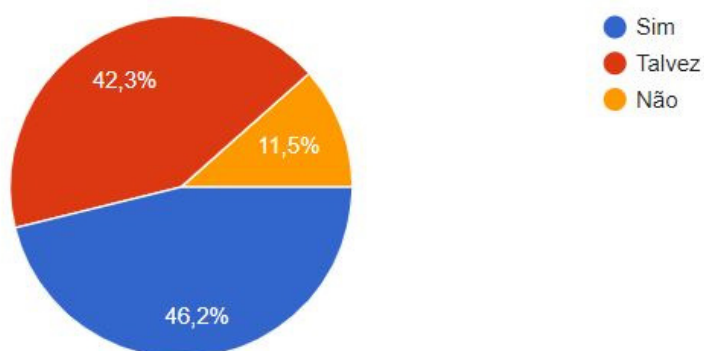


Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 2

Na instituição em que você estuda, existe algum CA?

26 respostas

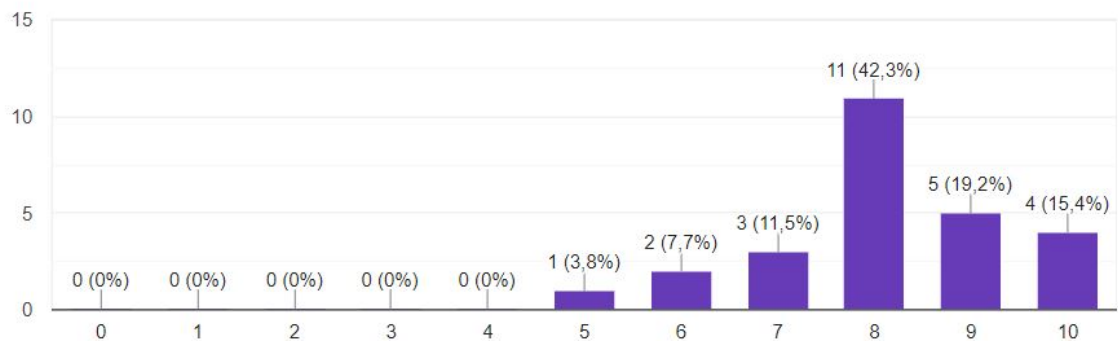


Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 3

Numa escala de 0 à 10 (sendo 0 totalmente insatisfeito e 10 muito satisfeito), o quanto você está satisfeito com sua instituição?

26 respostas

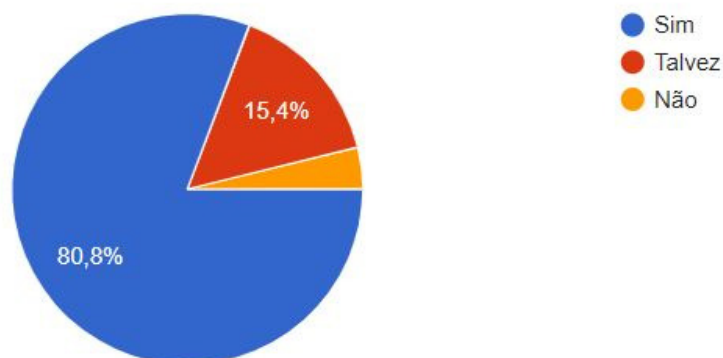


Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 4

Você acredita que um CA ajude na evolução de um universitário como cidadão?

26 respostas



Fonte: dados da pesquisa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados colhidos notamos que maior parte dos estudantes não possuem ligação alguma com centro acadêmico. Investigando mais a respeito notamos que a própria instituição não possui nenhum Diretório Acadêmico ou até mesmo Centros Acadêmicos, e que a instituição deve incentivar os alunos a se engajarem na criação dos mesmos assim poderá desenvolver uma gestão democrática. Ter uma gestão democrática no ambiente escolar, é um meio pelo qual existe uma organização mais interativa, é partir daí que se concretiza a existência de um meio social onde esse há uma comunicação participação, contribuindo para uma boa educação, fazendo da escola um espaço aberto à diálogos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Como criar um Diretório Acadêmico. Estudante.org.br. Disponível em: <<https://www.estudante.org.br/blog/05-06-2018-11-06-1528209707/como-criar-um-diretorio-academico>>. Acesso em: 25 Nov. 2020.

MESQUITA, Alex. Gestão Democrática: integração escola e comunidade. Monografias Brasil Escola. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/gestao-democratica-integracao-escola-comunidade.htm>>. Acesso em: 25 Nov. 2020.

MOREIRA, Vanda; LIMA, Machado; PRUDENTE, Unesp/Fct-P. CENTRO ACADÊMICO: VISÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17096_8704.pdf>. Acesso em: 25 Nov. 2020.

Maria; FERREIRA, Cristina; SOUZA, IVONETE LOBO DE; et al. O Papel do Centro Acadêmico na Formação Cidadã do Universitário. Folha de Rosto; v. 3, n. 1 (2017); 5-15, v. 24, n. 2, p. 15-5, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40679>>. Acesso em: 30 Nov. 2020.

Constituição. Planalto.gov.br. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 3 Mar. 2021.

MILTON NASCIMENTO E FILÓ MACHADO: Uma Análise da Harmonia em “Fé Cega, Faca Amolada”

CORRÊA, Igor Bollos

RESUMO

Este artigo discute a harmonia de Milton Nascimento e Filó Machado na música “Fé Cega, Faca Amolada” (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos). Para isso foram utilizadas duas gravações da música: a do álbum Minas (1975) de Milton Nascimento e a versão de Filó Machado, que por enquanto não foi gravada em nenhum disco, o único registro que existe é um que foi lançado em 2020, durante a pandemia do covid-19, e está presente no youtube. Fizemos uma análise comparativa entre as duas versões, analisando principalmente os aspectos harmônicos e observando tanto semelhanças quanto as diferenças entre os dois fonogramas.

Palavras-chave: Música Popular Brasileira, Harmonia, Clube da Esquina, Milton Nascimento, Filó Machado.

ABSTRACT

This article discusses Milton Nascimento and Filó Machado's harmony in the song “Fé Cega, Faca Amolada” (Milton Nascimento and Ronaldo Bastos). For this two recordings of the song were used: the version of Milton Nascimento of Minas (1975) album and the version of Filó Machado, which hasn't been recorded in any album yet, the only record that exists was released in 2020, during de covid-19 pandemic, and is available on youtube. We did a comparative analysis about the two versions, analyzing mainly the harmonic aspects and watching the similarities and differences between the two phonograms.

Keywords: Popular Brazillian Music, Harmony, Clube da Esquina, Milton Nascimento, Filó Machado.

INTRODUÇÃO

A primeira versão da música “Fé Cega, Faca Amolada” (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos) foi gravada no disco Minas (1975) de Milton Nascimento. Como características dessa versão temos principalmente a influência direta do movimento Clube de Esquina, até porque muito dos músicos do movimento tocam no disco como sideman, além de Beto Guedes que participa da faixa dividindo a função de vocalista principal com Milton. Nos anos 70 o movimento Clube de Esquina estava em alta e esta música pode ser um excelente exemplo do que era o movimento e a música popular brasileira mineira, que no caso se assemelha muito a um rock progressivo, porém com influências intrínsecas da música brasileira.

Quarenta e cinco anos depois é a vez de Filó Machado lançar sua versão de “Fé Cega, Faca Amolada”, que foi publicada durante a fase inicial da pandemia do covid-19, 118

no ano de 2020. Apesar de não fazer parte de nenhum álbum de estúdio, a música foi publicada em boníssima qualidade de áudio no canal do youtube de Filó Machado. A versão surpreendeu principalmente pela originalidade harmônica e pela versatilidade do músico, que além de cantor, tem também como principais instrumentos o violão e a guitarra. Na música em questão Filó também tocou percussão vocal, teclado e fez o arranjo.

Observa-se que, se compararmos a versão de Filó Machado com a original de Milton Nascimento, a grande maioria dos caminhos harmônicos é inédita. Essa análise será discutida com mais detalhes nos próximos capítulos que começa com uma breve biografia de ambos os artistas - Filó Machado e Milton Nascimento - para entendermos o contexto histórico vivido por cada um dos músicos, em seguida foi realizada uma análise harmônica, que identificará tanto os caminhos complexos interpretados por Filó Machado, quanto a não-menos-complexa harmonia da versão original de Milton Nascimento e, para finalizar, um paralelo entre ambas as versões.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

Neste capítulo será contado um pouco de como foi a história na música dos dois artistas que protagonizam este trabalho de conclusão de curso, Milton Nascimento e Filó Machado. Essa parte do trabalho é significativa para que possamos compreender as principais influências musicais dos artistas em questão e a época vivida por cada um deles, já que Milton e Filó, apesar de serem nativos do Brasil, vem de estados diferentes e nasceram em épocas diferentes, vista que aquele é nove anos mais velho do que este.

2.1. Milton Nascimento

Milton Nascimento, ainda não trabalhando exclusivamente com música, começou a sua carreira musical na adolescência com grupos como Luar de Prata, W's Boys, Conjunto Célio Balona e Evolussamba. Mas só em 1966, quando Elis Regina incluiu no seu álbum a música "Canção do Sal" (Milton Nascimento), foi que Milton passou a ganhar maior prestígio, sendo essa a sua primeira aparição expressiva enquanto compositor (SOUZA et al, 2010, p. 104-109).

O primeiro sucesso de Milton Nascimento como intérprete se deu no II Festival Internacional da Canção da TV Globo de 1967, quando a música "Travessia" (Milton Nascimento e Fernando Brant) chegou a final, ficando em segundo lugar, além de também ser o artista mais aplaudido do festival e sair com o prêmio de melhor intérprete (MOTTA, 2016, p. 93). Além de "Travessia", nesse festival Milton também cantou "Morro Velho" e a música "Maria Minha Fé" foi interpretada por Agostinho dos Santos, ambas músicas de autoria de Milton Nascimento. O artista foi pego de surpresa já que prometerá que não iria mais a festivais dada a decepção que teve ao cantar no Festival da Elxcelsior, todavia seu

amigo e também músico Agostinho dos Santos inscreveu-o às escondidas, o que foi um favor para o alavancamento da carreira de Milton Nascimento (MELLO, 2003, p. 239).

O sucesso do cantor se intensificou com o lançamento do antológico álbum Clube de Esquina (1972), que é fruto de uma reunião de diversos músicos brasileiros, liderada por Milton Nascimento e Lô Borges.

A autora Ana Maria Bahiana descreve o disco Minas (1975), que contém a música “Fé Cega, Faca Amolada”, enaltecendo o disco quanto a sua autenticidade:

De fato, o disco Minas resiste ao passar do tempo e nunca envelhece com o passar dos anos, pois seu repertório é constantemente revisitado e reinterpretado por seus autores e novos interpretes, com seus arranjos, energia e vigor em seu repertório. (BAHIANA apud Souza, 2013, p. 200)

O álbum Minas (1975) segue a linha dos discos de Milton Nascimento gravados pouco depois do lançamento de Clube de Esquina (1972), que assim como este, conta com muitos dos músicos que faziam parte do movimento Clube de Esquina e também tem como característica uma grande fusão de gêneros e culturas, incluindo a MPB, o rock e a música latina.

2.2. Filó Machado

José Sergio Machado, mais conhecido como Filó Machado, nasceu em 1951 e desde o berço esteve rodeado de músicos já que seu pai, Geraldo Machado, era maestro e violonista e passou o dote musical para a geração seguinte, que além de Filó, conta com Carlinhos Machado (irmão e guitarrista), Gera Machado (irmão e percussionista) e Celso Machado (irmão e violonista). Graças a esse convívio musical intenso, o aprendizado foi orgânico e informal (MACHADO, 2016).

Quando tinha apenas dez anos de idade, Filó Machado começava a se apresentar como cantor na banda de baile New Boys, banda que tinha como guitarrista José Luis Ubida, que viria a ser seu primeiro professor de violão (MARTINS, 2017, p. 21). A partir daí, ele passou a dominar cada vez mais o violão e a guitarra, que anos depois passaram a ser seus principais instrumentos, juntamente com a voz.

Nos treze álbuns gravados pelo músico até agora, percebe-se uma grande mistura de elementos musicais vindos de diversos lugares no campo da música como o samba, jazz, pop, ritmos africanos, bossa nova, dentre muitos outros. Tal fusão é explicada pelo próprio Filó Machado em uma entrevista de 2016, no programa “Na Minha Casa de Adolar Marin:

Eu tinha aquele ouvido de busca, então não tinha aquela coisa de “ahh agora só vou ficar ouvindo jazz, ou vou ficar ouvindo samba, ou vou ficar ouvindo choro”, eu ouvia todo mundo, era um mix de coisas. E tentava reproduzir tudo isso que ouvia ao violão. (MACHADO apud MARIN, 2016).

Como exemplo dessa versatilidade, é possível mostrar exemplos de composições do próprio Filó Machado, tal como: “Quero Pouco, Quero Muito” (Filó Machado e Judith de Souza) do disco *Origens* (1983) que tem uma roupagem e instrumentação que remete a música pop; “Perfume de Cebola” (Filó Machado e Cacaso) do disco *Canto Fatal* (1984), evidentemente um samba; “Improvisation” (Filó Machado) do álbum *Cantando um Samba* (1999), que é interpretada com guitarra e vozes e tem nitidamente um caráter jazzístico, pelo jeito como Filó improvisa e o acompanhamento que a guitarra faz.

3. ANÁLISE DA MÚSICA FÉ CEGA, FACA AMOLADA

Neste capítulo será feita uma análise harmônica das duas versões de “Fé Cega, Faca Amolada”. O primeiro subcapítulo tratará da versão de Milton Nascimento de 1975 presente no disco *Minas*, já o segundo vai abordar a harmonia da versão de Filó Machado de 2020 e, por fim, no terceiro e último subcapítulo, será feita uma análise observando a relação que as duas versões têm entre si, seja por dessemelhanças ou por características similares.

3.1. Milton Nascimento

Na versão do disco *Minas* (1975), observa-se que durante mais da metade da música a harmonia encontra-se parada e repetitiva, que conta com três tríades: Lá maior (A), Sol maior (G) e Dó maior (C). Junto aos acordes é tocado um baixo pedal¹ que fica somente na nota Ré (D) enquanto as tríades vão mudando. É interessante também ressaltar que a parte “A” desta música é a única que tem partes cantadas, já que a introdução, o “B” e a ponte são exclusivamente instrumentais.

¹ Segundo Persichetti: “Ocorre o pedal quando uma ou várias notas são prolongadas, repetidas ou ornamentadas enquanto as outras vozes encadeiam-se através da sucessão de acordes, alguns dos quais podem ser estranhos ao pedal” (PERCICHETTI apud JÚNIOR, 2016, p.2)

5 **A** A/D G/D C/D G/D A/D G/D C/D G/D
 (voz)

9 A/D G/D C/D G/D A/D G/D C/D G/D

13 A/D G/D C/D G/D A/D G/D C/D G/D

17 A/D G/D C/D G/D A/D G/D C/D G/D

Figura 1: parte A de “Fé Cega, Faca Amolada”, versão disco Minas.

A parte “B” da música tem mudanças tanto na parte harmônica quanto na rítmica. No caso da harmonia, os acordes que eram repetidos diversas vezes na parte “A” mudam para uma alternância entre os acordes de Em7 e Amaj7, quebrando a imobilidade proporcionada pela parte “A” da música. Quanto a parte rítmica, também há uma alteração, mas entre as fórmulas de compasso, que se revezam entre 3/4 e 4/4, totalizando um 7/4. No último compasso um riff de guitarra interliga o fim da parte “B” com a ponte. A ponte tem a mesma harmonia do que a parte “A”, porém é instrumental, sendo assim um meio de preparação para voltar à parte A.

21 **B** Em⁹ Amaj7 Em⁹ Amaj7

25 Em(#4) Amaj7 Em(#4) Amaj7 A/D
 (guitarra)

Ponte

30 A/D G/D C/D G/D A/D G/D C/D G/D **To S**

Figura 2: Parte “B” e ponte de “Fé Cega, Faca Amolada”.

Dada a harmonia analisada nos parágrafos e figuras anteriores, podemos concluir que a música está na tonalidade de Ré maior (D), com a parte “A” dando ênfase ao modo mixolídio graças, principalmente, ao acorde C/D, que contém a nota Dó (C), que é a sétima menor de Ré (D).

13 A/D G/D C/D G/D A/D G/D C/D G/D

Figura 3: Destaque para o acorde C/D

Esta sequência de acordes, formada por A/D, G/D, C/D e G/D, remete a uma sonoridade típica de blues, que é ainda mais atenuada com a linha de voz, que contém em grande parte as notas da pentatônica de Ré maior (D), mais uma característica bluesy.

A pentatônica maior de Ré (D) contém as notas Ré (D), Mi (E), Fá sustenido (F#), Lá (A) e Si (B), todas elas estão presentes na melodia de “Fé Cega, Faca Amolada”, tendo também além dessas cinco notas a nota Sol (G).

Figura 4: Escala pentatônica de Ré maior (D)

5 A/D G/D C/D G/D A/D G/D C/D G/D

(voz)

9 A/D G/D C/D G/D A/D G/D C/D G/D

13 A/D G/D C/D G/D A/D G/D C/D G/D

17 A/D G/D C/D G/D A/D G/D C/D G/D

Figura 5: Destaque para a escala pentatônica de Ré maior (D) presente na melodia

Na parte “B”, há a tradicional cadência II-V de Ré (D), que alterna entre o Em7 (IIIm7) e o Amaj7 (Vmaj7). Geralmente essa cadência, que é encontrada nos mais diversos standards de jazz, contém o quinto grau dominante, ou seja, um acorde com sétima menor, mas no caso de “Fé Cega, Faca Amolada”, isso não é levado em consideração, tendo assim, um quinto grau que contém um acorde com sétima maior.

Figura 6: Movimento IIIm7-Vmaj7 na parte “B” da música

Com essa transcrição foi possível concluir que a repetição harmônica que ocorre na maior parte da música é aplicada propositalmente, para que quando chegue a parte “B”, o choque seja grande, graças a mudança harmônica da fórmula de compasso e o fato de deixar de ser uma parte cantada. É como se a repetição harmônica proporcionada pelo duradouro baixo pedal em Ré (D) preparasse para uma parte da música que tudo seria diferente, quebrando a inércia e gerando uma positiva surpresa ao ouvinte.

3.2. Filó Machado

A versão de Filó Machado de “Fé Cega, Faca Amolada”, começa com uma introdução inédita que não é encontrada na versão original. Podemos afirmar que ele é o compositor desta introdução, já que ela não é encontrada em outras versões da mesma música.

Figura 7: introdução de Filó Machado da música “Fé Cega, Faca Amolada”.

No início da parte “A”, percebemos que a música está em outro tom. Considerando que na versão de Milton Nascimento o tom está em Ré maior (D), se fizermos a transposição com base na linha melódica, a versão de Filó Machado estaria em Si maior (B), apesar de a grande quantidade de acordes que fogem do tom de Si maior (B) constantemente questionar este argumento.

conta com uma grande quantidade de acordes que muitas vezes não tem relação tonal uns com os outros. É interessante também observar como a harmonia das partes “A” da música, que no decorrer da música são cinco, nunca é a mesma, mesmo que muitas vezes similares, há mudanças significativas entre elas. Como exemplo disso observa-se as duas figuras abaixo que demonstram como são distribuídos os acordes do primeiro e do segundo “A” da música, destacando as diferenças entre uma parte “A” para a outra.

A

10 F#7(sus4) G#m7 A7(sus4) C#/E D13(sus4) Ab7 Gmaj7(#11) F#7(b13)

14 B13(sus4) B7(b9) Emaj9 D#7(#9) G#m(maj7) G#m7 C#7 F#m7 B7

18 E7(sus4) C#/E D7(sus4) C13(sus4) B13(sus4) B7(#11)

22 Emaj9 Dm9 C#m9 A7(sus4) D13(sus4) (violão)

Figura 8: Primeiro “A” de “Fé Cega, Faca Amolada”.

A

26 F#7(sus4) G#m7 A7(sus4) E7(sus4) C#/E D7(sus4) Gmaj7(#11) F#7(b13)

30 B13(sus4) B7(b9) Gmaj7(#11) Amaj7(#11) D13(sus4) C#13(sus4) B9(sus4) B9

34 E7(sus4) C#/E D7(sus4) C13(sus4) B13(sus4) B7(#11)

38 Emaj9 Dm9 C#m9 A7(sus4) D13(sus4) Ab7(b13)

Figura 9: Segundo “A” de “Fé Cega, Faca Amolada”.

A parte “B” da música mantêm o mesmo 7/4 (4/4 + 3/4) da versão de Milton Nascimento, mas com uma nova melodia, provavelmente composta pelo próprio Filó Machado e outra harmonia. É utilizado um caminho harmônico menos movimentado em relação a parte “A”, alternando entre os acordes de F#7(sus4) e G#7(sus4) que é o mesmo acorde, porém um tom a cima, usando também o G7(sus4) como acorde de aproximação cromática, gerando assim uma harmonia de caráter modal.

The image shows two staves of musical notation for Part B. The first staff starts at measure 42 and the second at measure 46. The key signature is three sharps (F#, C#, G#). The time signature is 7/4, indicated as (4/4 + 3/4). Red arrows above the staves indicate tom shifts: '+ 1 tom' and '- 1 tom'. Chords are labeled as F#7(sus4), G#7(sus4), and G7(sus4). A circled G7(sus4) is labeled 'aproximação'.

Figura 10: Parte “B” de “Fé Cega, Faca Amolada”.

Podemos deduzir que Filó Machado não só rearranjou a música como também rearmonizou-a sofisticadamente de maneira inusitada, contrapondo totalmente a harmonia da versão original de Milton Nascimento do disco Minas (1975).

Como dito anteriormente, apesar da música melodicamente estar no tom de si maior (B), analisando harmonicamente fica impossível definir um único tom exato para essa versão de “Fé Cega, Faca Amolada”, uma vez que os acordes se distanciam completamente do tom em questão e assim podem gerar múltiplas interpretações.

Na figura abaixo fica em destaque os acordes que fogem do tom de si maior (B) durante o quinto “A” da música.

The image shows four staves of musical notation for Part A, starting at measure 90. Chords are written above the notes. Red boxes highlight specific chords: Em7, Bm7, Amaj7(#11), Ab7, Gmaj7(#11), F#7(b13), B13(sus4), B7(b9), D#7(#9), C#7, F#m7, B7, E7(sus4), C#/E, D7(sus4), C13(sus4), B13(sus4), F9, Dm9, C#m9, A7(sus4), and D13(sus4).

Figura 11: Quinta “A” de “Fé Cega, Faca Amolada”.

3.3. A Relação entre as duas versões

Com a análise feita nos subcapítulos anteriores, conclui-se que a principal relação harmônica entre a versão de “Fé Cega, Faca Amolada” (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos) de Filó Machado e Milton Nascimento é que elas trabalham de maneiras opostas. Na versão de Milton, temos uma introdução e uma parte “A” que trabalham com harmonia parada de caráter modal e uma parte “B” com mais movimentação neste quesito. No caso da versão do Filó ocorre exatamente o oposto, enquanto na introdução e no “A” a harmonia se movimenta intensamente, no “B” é mais parado e modal harmonicamente falando.

A passagem da parte “A” para a parte “B” é mais chocante na versão de Milton Nascimento já que a harmonia passa a se movimentar mais e muda completamente a instrumentação. Já na versão de Filó Machado, apesar de a harmonia se movimentar menos em relação ao “A”, a instrumentação e o groove continuam os mesmos tendo mudanças, mas não tão chocantes quanto a da versão original.

A mudança de tonalidade é também uma diferença considerável, até porque cada cantor tem uma individualidade e tessitura vocal diferente e a escolha do tom se dá por conta da facilidade de atingir as notas que a melodia determina. Isso explica o fato de Milton Nascimento e Beto Guedes terem cantado “Fé Cega, Faca Amolada” em Ré maior (D) e Filó Machado ter cantado a mesma música no suposto tom de Si maior (B).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho de conclusão de curso foi possível compreender o modo de harmonização realizado pelos músicos Milton Nascimento e Filó Machado na música “Fé Cega, Faca Amolada” (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos).

O processo de transcrição foi de suma importância para analisarmos a música além do ato de ouvir, observando na partitura as linhas harmônicas criadas pelos dois músicos em questão. Ao fazermos a análise lado a lado das partituras transcritas de ambas as versões, concluímos que as abordagens harmônicas trabalhadas não são apenas completamente distintas como opõe-se entre si, já que enquanto a versão de Milton Nascimento do disco Minas (1975) aposta em uma harmonia mais parada e modal, a de Filó Machado não economiza na quantidade de acordes não-tonais.

BIBLIOGRAFIA:

BOLLOS, Igor. Fé Cega, Faca Amolada: comp. Milton Nascimento e Ronaldo Bastos. 2021. Partitura. Acesso em: <<https://drive.google.com/file/d/1CE1Dnay4YLYIt1tgn-407TdKL4ft6iw41/view?usp=sharing>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

BOLLOS, Igor. Fé Cega, Faca Amolada: comp. Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, arr. Filó Machado. 2021. Partitura. Acesso em: <https://drive.google.com/file/d/1MCrJ07dV_I4ZmTCZI39AL2ezq3C734Pv/view?usp=sharing>. Acesso em: 04 jan. 2021.

Interview with Celso Machado. 2016. Disponível em: <<https://www.vancouverguitar.org/blog/interview-with-celso-machado-2>>. Acesso em: 6 jan 2021.

JÚNIOR, Carlos Roberto Ferreira de Menezes. A ocorrência do “elemento pedal” e seu uso como elemento guia da estruturação harmônica no repertório do Clube da Esquina nos anos de 1967 a 1979. 8p. Pós-Graduação em Música. Unidade Federal de Uberlândia, Belo Horizonte, 2016.

MACHADO, Filó. Fé Cega, Faca Amolada. Brasil: Independente, 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/F0-peJYh2xQ>>.

MACHADO, Filó. Origens. Brasil: Pointer, 1983. 1 CD

MACHADO, Filó. Canto Fatal. Brasil: Pointer, 1984. 1 CD

MACHADO, Filó. Cantando Um Samba. Estados Unidos: Malandro Records, 1999. 1 CD.

MARIN, Adolar, Na Minha Casa: Entrevista com Filó Machado. São Paulo, 2016. Vídeo. Disponível em: <<https://youtu.be/J7elmK12OsQ>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

MARTINS MARA, Martina. Sacundim: o scat singing de Filó Machado na interpretação de “Take Five”. 157p. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2017.

MELLO, Zuza Homem de. A Era dos Festivais: uma parábola, São Paulo: Ed.34, 2003.

MOTTA, Nelson. 101 canções que tocaram o Brasil. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016.

NASCIMENTO, Milton. Geraes. Brasil: EMI, 1976. 1 LP.

NASCIMENTO, Milton. Minas. Brasil: EMI, 1975. 1 LP.

SOUZA, Aberto Carlos de. Os lugares de memória nas obras fonográficas “Minas” e “Geraes” de Milton Nascimento. *Dimensão*, vol. 31, p. 183-204, 2013.

SOUZA, Alberto Carlos de; PARADA, Maurício Barreto Alvarez; PRIORE, Mary Del; FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de. Minas & Geraes: Um Lugar de Memória na Biografia Musical de Milton Nascimento. *Revista Expressão*, Mossoró-RN, vol. 41, n. 1, p. 97-116, 2010.

O APAGAMENTO DA HISTÓRIA INDÍGENA NA CIDADE DE JUNDIAÍ

LIMA, Tiago Gonçalves
REIS, Antonio

RESUMO

O presente artigo pretende desmistificar a alcunha de cidade italiana tão presente na cidade de Jundiaí revelando como se deu o ocultamento da presença indígena na região. Levando em consideração os indícios da presença indígena na cidade como o nome da cidade, de bairros e ruas e a hipervalorização da cultura italiana em detrimento de outras culturas, principalmente a negra e a indígena, faz-se necessária a investigação do desaparecimento da cultura indígena na cidade de Jundiaí que deu lugar a cultura europeizada presente. Este artigo não tem a pretensão de ser uma explicação completa e terminada sobre a presença indígena em Jundiaí, mas o começo de pesquisas que recuperem a memória dos grupos historicamente excluídos e de maneira alguma se pretende apagar a memória e a influência imigrante na cidade de Jundiaí, reconhecemos sua importância, mas que a memória daqueles que até hoje tiveram pouco ou nenhum espaço seja considerada tão importante quanto a memória imigrante.

Palavras-chave: Memória, indígena, Jundiaí, apagamento.

ABSTRACT

This article intends to demystify the nickname of an Italian city so present in the city of Jundiaí, revealing how the indigenous presence in the region was concealed. Taking into account the evidence of the indigenous presence in the city, such as the name of the city, neighborhoods and streets and the overvaluation of Italian culture to the detriment of other cultures, mainly black and indigenous, it is necessary to investigate the disappearance of indigenous culture in the city of Jundiaí that gave rise to the present Europeanized culture. This article does not claim to be a complete and finished explanation of the indigenous presence in Jundiaí, but the beginning of research that recovers the memory of historically excluded groups and in no way is it intended to erase the memory and immigrant influence in the city of Jundiaí, we recognize its importance, but that the memory of those who until today had little or no space is considered as important as the immigrant memory.

Keywords: Memory, indigenous, Jundiaí, erasure

INTRODUÇÃO

Quando tratamos a História como a história dos heróis, história dos vencedores, história dos governos, enfim, histórias dos poderosos, daqueles que detinham o poder de escrever a história denominada oficial, estamos tratando da história de grupos dominantes, normalmente dos homens, brancos e ricos, e excluimos todos os outros grupos que foram silenciados, que não tiveram voz, que não tiveram oportunidade de se colocar na história.

Na história do Brasil, por exemplo, desde a obra de Frei Vicente do Salva-

dor(1564-1636), passando por Sebastião da Rocha Pita(1660-1738), do poeta inglês Robert Southey(1774-1843) até Francisco Adolfo Varnhagen(1816-1878) trata-se da história do homem branco português, bravo, corajoso, aventureiro(para usar um adjetivo de Sérgio Buarque de Holanda), pouco se fala das mulheres, dos negros e indígenas e, quando estes constam na história, quase sempre de forma desumanizada. Nessas obras o negro é retratado como coisa, como propriedade, “uma massa amorfa e sem nome”, só ganha características humanas quando se destacam ao agir em favor dos interesses dos brancos. O indígena, quando não é apenas descrito como mais um elemento da natureza brasileira, como os rios, as árvores e os recursos naturais, é descrito como bestial, selvagem, animalesco e, assim como o negro, só apresenta individualidade e valor quando se coloca em favor dos brancos, por exemplo, nas lutas contra as invasões holandesas e contra a resistência quilombola.(1)

Em entrevista ao site Goethe-Institut no Brasil, o teórico e pesquisador da Unicamp Márcio Seligmann-Silva faz uma comparação entre o tratamento que se dá à história nos países da América Latina e destaca que no Brasil

A história do Brasil é uma história de apagamento da violência, de não inscrição da violência. Existe a construção de uma história monumental, heroica, onde nossos grandes mitos pertencem às classes superiores. Isso vem desde o genocídio indígena, que começou em 1500, e está aí até hoje. E desde que a população africana veio para o Brasil para ser escravizada e até hoje tem uma situação de disparidade sócio-econômica. Mesmo os governos chamados de esquerda não pararam esse processo. E isso existe também em relação às nossas ditaduras: tanto com relação à de Getúlio Vargas, quanto à última, de 1964 a 1985, não temos espaço para a memória. Nesse sentido, a cultura brasileira é *sui generis*. As outras culturas latino-americanas deram essa virada para pensar sob o ponto de vista dos direitos humanos e perceber a importância de se lembrar dessas violências, para que não sejam repetidas. No Brasil, a gente enterra, esquece e tem esse discurso sempre do “vamos olhar para frente”, “chega de revanchismo”. Confunde-se direitos humanos com revanchismo. Não se criou uma cultura da memória. Na Colômbia, por exemplo, está acontecendo uma enorme discussão internacional sobre essa questão: como negociar essa passagem entre a Guerra Civil, que deixou dezenas de milhares de mortos? Aqui temos só o Memorial da Resistência, em São Paulo: são 200 metros quadrados para dar conta da talvez maior ditadura da América Latina nos últimos anos.(2)

Na mesma entrevista Márcio Seligmann-Silva fala sobre o apagamento da história em relação ao período que países da América Latina sofreram com regimes militares e faz comparação da forma como Chile e Argentina preservam a memória dos tempos de ditadura e como isso faz com que os Direitos Humanos estejam sempre na pauta de discussões enquanto no Brasil o apagamento da história desse período faz com que Direitos Humanos sejam relativizados como “algo meio saudosista, de esquerda”. Por outro lado, no mesmo país onde há tamanho esforço para a preservação da memória dos tempos ditatoriais, a Argentina é um país onde o apagamento da história foi uma ferramenta utilizada com sucesso quando trata da história do negro. A dissertação da autora baiana Ana Maria Silva Carmo, apresenta reflexões resultantes de investigação, mapeamento e análises de representações do negro no contexto das narrativas nacionais argentinas, trazendo como foco a obra *Fiebre Negra*, escrita pelo autor argentino Miguel Rosenzvit, publicada em 2008 e mostra como o apagamento da história do afroargentino, foi um projeto institucional que obteve sucesso e traz consequências até os dias atuais quando, segundo a própria autora, numa população negra reduzida de 30% no século XIX para 10% nos dias atuais, a falta de representatividade e de movimento organizado que preze pelos afroargentinos faz com que a tese da branquitude seja propagada pelo país sem dar espaço para outras considerações sobre a identidade nacional argentina. Adjetivos como “o país mais europeu da América Latina” traz a ideia de que o negro sequer exista no país. O mesmo acontece com os povos indígenas, mas esses ainda resistem e, com movimentos organizados, procuram seu espaço da sociedade argentina. Essa obra traz em seu prefácio escrito pela Professora Doutora Florentina Souza a concepção de que

É sabido que o silenciamento e o esquecimento são formas de desvanecer a cultura e a história dos grupos e terminam por apagar suas vidas e seus saberes. Recusando aos negros o direito à inscrição na memória do país, a história oficial esmaece o registro de sua atuação, de suas lutas e resistências e promove o epistemicídio.(3)

O apagamento da história é uma ferramenta utilizada para excluir determinados grupos sociais em prol de um grupo social dominante, mas isso não significa que, mesmo numa empreitada de sucesso como é o caso da Argentina em relação ao negro, os grupos excluídos historicamente não desapareceram e pode-se recuperar ao menos parte dessa história a partir dos indícios que ainda restam de sua atuação. A autora Ana Maria Silva Carmo conclui que

O mito do desaparecimento da população afro-argentina foi, aos poucos, sendo inserido nos discursos sociais. Muitos negros morreram nas guerras, outros em razão de doenças e, assim, a tese de desapare-

cimento se solidificou, os negros foram extirpados dos ambientes de convívio e, posteriormente, suas contribuições esquecidas. No entanto, a população negra não desapareceu como muitos historiadores propagavam, já no século XIX contestava as versões apresentadas pelos jornais e outros veículos de informação e, posteriormente, no século XX, pode-se observar relatos de representantes dessa comunidade relegada ao esquecimento.(4)

Voltando à História do Brasil, O intelectual italiano Ettore Finazzi-Agrò, professor catedrático de Literatura Portuguesa e Brasileira na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade de Roma “La Sapienza”, nos traz outro aspecto do apagamento da história que, não apenas está presente na historiografia brasileira, mas esta depende dele, ou seja, para que os autores dessa historiografia a propusessem da maneira como a fizeram, a relação entre memória e esquecimento foi fundamental. Para tais autores, majoritariamente brancos e ligados a elite, o apagamento da história, de forma a excluir os grupos socialmente minoritários foi essencial para o registro da História do Brasil, seja ela uma continuação da história de Portugal, uma história luso-brasileira, seja uma história da mestiçagem que tem o branco como personagem principal e o negro e o indígena como coadjuvantes e sem grandes contribuições para a identidade nacional. Para além de refletirem o pensamento da época na qual escreveram, esses autores legitimaram o apagamento da história, não apenas através do “esquecimento” da atuação dos grupos não brancos como preenchendo esses espaços com interpretações quase fantasiosas sobre esses grupos

De fato, tanto na escrita da história quanto naquela artística temos a ver, por um lado, com a consciência culpada de alguns grandes intelectuais que souberam assumir o peso da falta e lamentar o incontornável alheamento da cultura brasileira que vem dessa não aceitação da ausência de um fundamento próprio (poderia citar as obras de Sérgio Buarque de Holanda ou de Antonio Cândido, mas prefiro mencionar apenas a famosa definição de Paulo Emílio Salles Gomes sobre “a dialética rarefeita entre o não-ser e o ser-outro”), enquanto, por outro lado, assistimos às tentativas incessantes de rasurar o vazio, isto é, de criar fetiches de identidade sobre os quais basear uma continuidade e uma norma consequencial, de fato inexistentes ou imaginadas. Penso, por exemplo, em Sérgio Romero ou em Afrânio Coutinho, grandes autores que tentaram inventar – a partir, cada um, de uma perspectiva diferente – uma coerência entre passado e presente na qual embasar uma ideia de Pátria e de comunidade nacional.(5)

O apagamento da história tem sido muito discutido quando se fala daqueles que foram deixados de fora por muito tempo da História Oficial, tanto a nível nacional quanto a nível regional. Exemplos não faltam no Brasil para falarmos sobre o apagamento da história. A exclusão dos grupos sociais não brancos faz parte propositalmente da historiografia brasileira de forma a priorizar a história de grupos dominantes. Tal apagamento se faz principalmente contra a memória de negros e indígenas e para isso se usa até mesmo alguma outra cultura não branca para “cobrir” a história daqueles que foram escravizados no Brasil. É o caso do bairro da Liberdade em São Paulo, hoje amplamente conhecido como bairro japonês, mas que oculta a história dos negros da capital. Os elementos que remetem aos negros estão condenados ao esquecimento como denotam Beatriz Hubner, Fernanda Galloni, Paloma Neves, Stela Mori

No entorno do Caminho Histórico (Glória-Lavapés) há um processo de apagamento da memória negra. No período colonial foram implantados diversos aparatos do uso da força os quais serviram como símbolo do Estado absolutista da época. Entre eles está o Largo da Força (atual Praça da Liberdade), cujo entorno foi utilizado como primeiro cemitério público da cidade de São Paulo, denominado como Cemitério dos Aflitos, destinado a escravizados, indigentes, condenados à morte e não batizados, tornando-se um espaço de diversos cultos religiosos, com forte raiz africana. Em 1774, no mesmo local, é construída a Capela de Nossa Senhora dos Aflitos, que, embora mantida pela Santa Casa de Misericórdia, recebia forte influência africana em seus cultos católicos. Embora a construção represente um resquício e, portanto, resistência da memória negra, encontra-se em péssimo estado de conservação.(6)

Ao pesquisar a história da cidade de Jundiaí temos a impressão de que ela se confunde com a história da imigração no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, principalmente a imigração italiana. Isso se reflete também nos discursos cotidianos ouvidos nos bairros mais tradicionais como Vila Arens, Colônia e Eloy Chaves, legitimados pelos governantes que passam pela prefeitura e câmara municipal, pelos eventos comemorativos anuais como a Festa da Uva, que ocorre no Parque Comendador Antônio Carbonari, o Parque da Uva, Festa Italiana no bairro Colônia e Festa das Nações, organizada pela Paróquia Nossa Senhora Perpétuo Socorro São José Matriz no bairro Cidade Nova I e por algumas obras como o livro Raízes de Jundiaí(7) da jornalista Cláudia Marin que discorre sobre famílias tradicionais jundiaenses, todas de origem europeia e o livro Jundiaí na História(8) da editora Porto de Ideias que, apesar de iniciar o livro num período muito anterior à imigração italiana, dá ênfase principal ao desenvolvimento da cidade a partir da chegada dos italianos.

Não é difícil entrar pessoas que professam pertencer a família italiana, mesmo que seus antepassados imigrantes tenham chegado nessa região há mais de um século e a condições sociais no Brasil serem muito diferentes da Itália. Um engano muito bem desmistificado por Jessé de Souza no livro *A Elite do Atraso*.

“Para responder às três questões essenciais para compreensão da singularidade de qualquer sociedade – de onde viemos, quem somos e para onde vamos –, o culturalismo racista constrói a fantasia da continuidade cultural com Portugal, que é falsa da cabeça aos pés. Ela se baseia em uma tese clássica do senso comum – que é uma espécie de sociologia espontânea dos leigos – que imagina que a transmissão cultural se dá de modo automático como o código genético. Nessa leitura de senso comum, imagina-se que alguém é, por exemplo, italiano apenas porque o avô era italiano. Depende. Se as condições sociais forem outras, essa pessoa não tem nada de italiano, a não ser o código genético.” (9)

A História Oficial de Jundiá

A história da cidade de Jundiá tem início com uma controversa versão da chegada do casal Rafael de Oliveira e Petronilha Rodrigues Antunes à “porta do sertão”, conhecido como

Mato Grosso de Jundiah, começo do “tenebroso sertão, mais ignoto e ameaçador do que a selva mattogrossense de hoje dentre Madeira-Araguaya. Povoavam-no monstros e abantesmas; phenomenos e prodígios; os “coruqueamas” com quinze pés de alto e os “guayazis”, minúsculos, mas ferozes e innumeráveis; os “matuyus”, homens de pés para traz e corredores agilimos e os “gibouçus”, serpentes cujas carnes, putrefactas, durante as intermináveis e penosíssimas digestões se refaziam constantemente, toda esta fauna teratológica que tão pittorescamente nos descreve o velho chronista Simão de Vasconcellos e à porfia referem os copiadore uns após os outros, dando-se ares de contar cousas originais”(10)

Região que configurava rota obrigatória das bandeiras paulistas e que, segundo Taunay(1921) era “refúgio de criminosos e homisiados”, ou seja, fugitivos da justiça, que era o caso de Rafael e Petronilha.

“Rafael de Oliveira, o velho, apaixonado por sua comadre Petronilha Rodrigues Antunes, ajudou-a no assassinato do marido, José de Camargo 135

Antunes, negociante de secos e molhados, morador na rua São Bento. Praticado o delito, os homicidas, seus filhos e escravos, abandonaram a vila de S. Paulo dirigindo-se a uma região desabitada, coberta de matas virgens, onde corria o rio dos jundiás e, em uma de suas margens, construíram dois casebres de pau a pique, núcleo seiscentista da futura cidade de Jundiá”(11)

A controvérsia se dá em relação à data da chegada do casal e se eram realmente criminosos. Sobre a data, a maioria das versões, como de Azevedo Marques, Jacinto Ribeiro, Taunay e Varnhagen, remete à ao ano de 1615, apenas o Cônego Estanislau José Soares de Queiroz diz que a fundação da cidade data de 1651, o que pode ser apenas um lapso da transposição dos algarismos finais.(12) Em relação se Rafael e Petronilha eram ou não criminosos, o capítulo III de Elementos para a História de Jundiá traz argumentos de contestação para o crime do qual foram acusados. Citando obras de Afonso de Escragnole Taunay, os autores procuram desmentir acusação de assassinato do marido de Petronilha e argumentam que adjetivo de ‘criminoso’ comumente dado a Rafael de Oliveira refere-se ao crime de ser bandeirante, pois à época São Paulo sofria com o abandono por muitos homens que se embrenhavam no sertão em busca de riquezas e a deixavam a mercê de invasões inimigas, levando os governantes a proibirem que os habitantes participassem das bandeiras, sob pena de multa e até reclusão, crime facilmente perdoado quando os serviços militares dos bandeirantes eram requisitados em defesa da cidade. Os autores defendem que Rafael de Oliveira fazia parte desses bandeirantes e, ao fugir de São Paulo para a ‘boca do sertão’, estavam fugindo das penas que a Justiça lhe implicaria por participar das bandeiras.(13)

Muito tempo e muitas páginas foram dedicadas a resolver essa controvérsia do século XVII e depois a história oficial dá um salto para o século XIX quando “a lei n. 24 de 28 de março de 1865, elevou a Villa de Jundiahy a cidade”(14), o início da construção da ferrovia São Paulo Railway Company que ligava Jundiá a Santos e, mais tarde, a chegada dos imigrantes italianos. Mas o que houve nesse período de dois séculos? Os trechos acima citados trazem referências a povos indígenas que habitavam essa região, o que houve com eles? Dizem também que Rafael e Petronilha fugiram para Jundiá levando escravos, quem era esses escravos? Indígenas ou africanos? Houve escravidão indígena em Jundiá? Se houve, ela atendia à Lei sobre a Liberdade dos Gentios foi promulgada por Sebastião I de Portugal em 20 de março de 1570?(15) Se houve, como se deu a transição para a escravidão de africanos?

Além das curiosas e exageradas referências sobre os povos indígenas presentes no recorte citado sobre o sertão de Mato Grosso de Jundiahy, ainda hoje há elementos na ¹³⁶

cidade de Jundiáí e cidades vizinhas que outrora fizeram parte do território denominado Jundiáí que nos remetem a presença indígena nessa região a tabela a seguir traz alguns deles:

Nome	Denominação de	Significado
Jundiáí	Cidade	termo de origem tupi que significa "rio dos jundiás (peixes) ⁽¹⁶⁾
Itatiba	Cidade	"ajuntamento de pedras" (<i>itá</i> = pedra + <i>tyba</i> = ajuntamento) ⁽¹⁷⁾
Cabreúva	Cidade	"Cabreúva", <i>provêm do tupi caburé iwa</i> , "árvore do caburé" ⁽¹⁸⁾
Cajamar	Cidade	Termo nheengatu, que significa "fruto colorido e manchado" ⁽¹⁹⁾
Itupeva	Cidade	Do tupi antigo <i>ytupeba</i> , que significa "cascata aplainada" (<i>ytu</i> , "cascata" + <i>peb</i> , "aplainada" + <i>a</i> , sufixo nominal) ⁽²⁰⁾
Tamoio	Bairro de Jundiáí	Do Tupi Guarani Tamuíá – o avô, o antepassado. Indivíduo do povo indígena Tamoios, do tronco linguístico tupi, já extinto ⁽²¹⁾
Botujuru	Bairro da cidade de Campo Limpo Paulista	Na língua tupi-guarani, Botujuru tem o significado de "boca dos ventos" ⁽²²⁾
Maracanã	Bairro da cidade de Jarinu	se origina do tupi <i>maraka'nã</i> (Semelhante a um chocalho). ⁽²³⁾

Além dessas, há outra referência no nome do bairro jundiáense Caxambú, porém a palavra "Caxambu" tem etimologia discutida. Existem várias interpretações:

- Tem origem no termo tupi kaxabu, que significa "mandacaru";
- Tem origem no termo de origem africana "caxambu", que designa um grande tambor, um gênero musical, um gênero de dança ou morro em forma de tambor.⁽²⁴⁾

Outro caso interessante é o bairro também jundiáense Ivoturucuia e o significado desse termo encontramos no livro Museu de Jundiáí vol. II(1974) editado pelo Pe. Antonio Toloí Stafuzza, orientador do Museu de Jundiáí na época, onde consta todo o acervo de documentação e informações para História de Jundiáí até então e traz um texto de autoria do Dr. Walter Gossner, antigo morador da cidade que conta que

Os historiadores nos ensinam que, no início do século XVII, o "Mato Grosso de Jundiáí" era a famosa "Boca do Sertão", onde começava o desconhecido, a terra cujos donos eram os índios Bilreiros (Ibirajaras), Cataguazes, Guaianazes, etc., todos da Grande nação Tupi-Guarani. O tupi era ainda a "língua geral" da região. A parte de Jundiáí, entre os rios Jundiáí-Guaçu, Jundiáí-Mirim, o Rio Atibaia, e o Morro do Jaraguá era ¹³⁷

chamado Hibiturucaia, Buturucaia, Voturucaia, Hoviturucaia, Bitarulaia e Ivturucaia, mudando pronuncia e grafia conforme os entendimentos dos primeiros povoadores brancos. Pela análise das sílabas o nome parece indicar “rios que descem dos morros queimados”. É fato conhecido que os aborígenes já tinham o costume de pôr fogo às matas e aos descampados, para fazerem as suas toscas roças de mandioca e milho, hábito que transmitiram aos colonizadores europeus e que, até hoje, tão grandes prejuízos causa ao Brasil.(25)

Repare que nesse trecho, além de trazer a referência a presença indígena da região, até denominando os povos que faziam parte da Grande Nação Tupi-guarani, o autor faz ainda um juízo de valor responsabilizando os nativos pelo hábito de queimadas dos colonizadores e, por consequência, de seus descendentes.

Até mesmo o brasão da cidade traz uma referência aos indígenas da região. Entre as árvores há a figura de um homem indígena tão algo quanto as próprias árvores. No site oficial da Prefeitura da cidade de Jundiá diz que

O brasão de Jundiá apresenta versão resultante dos estudos realizados pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. O autor é Afonso d'Escragno Taunay e a versão representa a cidade como “porta do sertão”, que o próprio Taunay afirmava ser “guardiã avançada dos civilizados”. Ao lado, as figuras de um bandeirante (à esquerda) e de um oficial de milícias (à direita). A primeira imagem reitera e institui, simultaneamente, o mito do herói bandeirante. A presença de um oficial com trajes militares indica a força da origem européia, particularmente a portuguesa. A frase em latim “etiam per me Brasilia magna” significa “também por mim o Brasil é grande”. Os peixes que ocupam o rio explicam o nome da cidade, são os jundiás, espécie de bagre, que foram abundantes nas águas da região. A exaltação da natureza pode ser encontrada na referência às matas e na imagem folclorizada do índio que se encontra em meio a ela. A roda dentada se refere ao processo de industrialização e as parreiras de uva e ramos de café à agricultura da cidade. Quanto às datas, indicam a fundação (1615) e a elevação à categoria de Vila (1655).(26)



A edição nº3102 da Imprensa Oficial de Jundiá relata que “o índio entre as árvores é um curuquim. Diz a lenda, que eram indígenas gigantescos e corpulentos que habitavam estas matas”.(27) Sua lenda era popular na época da colonização da cidade e se tornou um símbolo presente no brasão de Jundiá, que representa, até hoje, os povos indígenas que habitavam a cidade. O curuquim apresenta as mesmas características dos “coruqueamas” já citados e podem ser o mesmo personagem folclórico.

Os povos indígenas da região de Jundiá

Até o início do século XVII, a região de Jundiá era exclusivamente habitada por povos indígenas. Diversos grupos viviam em clãs familiares, sendo estes nômades. Já outros, eram sedentários, de origem tupi-guarani, e se dedicavam à produção de mandioca e milho através da agricultura de coivara, ou seja, um trecho da mata era queimado e utilizavam para produção. Quando a terra se esgotava devido à utilização das queimadas, mudavam para outro local e agiam do mesmo modo.

Os povos indígenas que habitavam as terras de Jundiá eram guerreiros, bons caçadores e pescadores. Organizavam-se em aldeias compostas por cabanas circulares, feitas de tronco e cobertas de palha. Em cada uma delas, moravam várias famílias aparentadas entre si.

Sobre quais povos habitavam essa região, Taunay escreve sobre os saltos do Tietê e diz que no

“terceiro, que está perto da barra, em que entra o Rio Tietê no Rio Grande, chama-se Itapuyrás: é o mais alto de todos; nele se varam por terra as canoas pela parte direita em pouco mais distância nas cachoeiras que 139

há entre estes três saltos: Umas se passam a sirga, em outras se descarrega, e a maior parte a remo; a este último salto dizem que vem muitas vezes o gentio Cayapó (Caiapó) em suas jangadas. Este é o gentio que usa de porrete, ou bilro e o mais traidor de todos”.(28)

Esse trecho confirma a versão do Dr. Grossner sobre a etnia Caiapó que vivia nessa região e, mais uma vez, aponta um juízo de valor muito negativo em relação ao indígena. Além dos Caiapós, Grossner também cita os Ibirajaras, os Guaianás e os Cataguazes.

Pela etimologia da palavra, Ibirajara seria algo como “senhor das árvores” pela junção das palavras Ybyrá que significa árvore, em tupi e yara que significa senhor, mas também pode ser que tenha havido uma mudança de pronúncia e grafia tal qual ocorreu com a palavra Ivturucaia e Ibirajara seja na verdade Ubirajara do tupi übürai'yara que quer dizer literalmente “senhor da lança, senhor da vara”, era provavelmente o nome dado pelos índios a alguém que fosse muito habilidoso no uso da lança, alguém que seria um bom guerreiro, ou alguém que era bom caçador na floresta, ou seja, não se trata de um povo mas um título.(29)

Quanto aos Guaianás, também conhecidos como Guaianazes foram um povo que habitou grande parte do território brasileiro, do atual Estado de São Paulo, os três Estados do da Região Sul até o Uruguai, se avizinhavam do Tamoios(que dá nome ao bairro Jundiáense) e é provável ancestral do povo Kaingang.(30) Povo Kaingang que ocupou grande parte do território do atual Estado de São Paulo e entrou em guerra com os colonizadores brancos e aqueles que não foram mortos ou escravizados, foram expulsos das terras, principalmente no oeste paulista invadido pelas fazendas de café.(31)

Já os Cataguazes, ou Cataguás, habitavam onde hoje é o Estado de Minas Gerais. Vale lembrar que quando se falava no Grande Sertão do Mato Grosso de Jundiá, referia-se ao todo interior paulista, até então pouco explorado, que se expandia até onde hoje são os Estados do Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, a região onde está a atual cidade de Jundiá era só a chamada “Boca do Sertão”, ou seja, o início. Povoador que cresceu servindo de parada de descanso para vacarias, tropeiros, que levaram gado e mulas carregadas para o abastecimento das cidades mineiras como Vila Rica(32) e, também, de bandeirantes que invadiam os sertões em busca de riquezas naturais e nativos para escravizar. Temos hoje a Rodovia Anhanguera que perpassa Jundiá, Anhanguera é termo tupi para diabo velho e foi denominação de Bartolomeu Bueno da Silva, bandeirante que partiu de São Paulo para desbravar o interior.(33) A citação do povo Cataguás como habitante de Jundiá pode ser uma referência ao Grande Sertão ou um indício de expedições de aprisionamento indígena que deslocaram para Jundiá povos distantes.

Ainda sobre indícios de povos indígenas em Jundiá, nos livros de óbitos e casamentos Pertencente ao Museu Histórico e Cultural de Jundiá e ao Arquivo da Cúria Metropolitana de Jundiá, respectivamente, constam pelo menos quatro denominações para os indígenas Carijó, Kayapó, Paresi e Bororo(34), ou seja, além das que já citamos, temos mais duas para identificar.

Os parecis ou paresí(nome dado por bandeirantes) se autodenominam Halíti ou Arití e sua área de ocupação é o atual Estado do Mato Grosso assim como os bororos(nome também dado por bandeirantes, a autodenominação desse povo é boe)(35), é plausível que a presença desses povos na Vila de Jundiá no século XVIII seja fruto da escravização feita pelos bandeirantes.

O encontro entre brancos e indígenas

Em comemoração ao aniversário de 364 da cidade o jornal Tribuna de Jundiá em sua publicação de 14 de dezembro de 2019 traz o que intitulam de “A Verdadeira História de Jundiá”

Antes dos portugueses A região de Jundiá era habitada por povos indígenas até o final do século 17. Eles se dedicavam à produção de milho e mandioca. No entanto, é difícil definir que grupos étnicos viviam na região. De acordo com Paulo Vicentini, não houve um contato direto com esses povos indígenas quando houve o processo de interiorização da colonização na região. “O que você teve naquele período, nessa região que era uma porta de entrar para o sertão, eram índios escravizados. Daí que vem alguns nomes de bairros, como Nambi e Tamoio, por exemplo”, explicou.(36)

Essa versão de Paulo Vicentini corrobora a versão apresentada no site oficial da Prefeitura de Jundiá que diz que “os novos colonizadores afugentaram os grupos indígenas, que se embrenharam na mata”.(37) O questionamento que fica diante dessa afirmação é como puderam ser mantidas tantas referências da presença indígena na região de Jundiá, se essa fuga se deu com a chegada dos brancos?

A afirmação de Paulo Vicentini nos dá uma pista para começar a responder a esses questionamentos. A presença de indígenas escravizados era uma realidade na Villa de Jundiá, porém, como já questionado, a Lei sobre a Liberdade dos Gentios foi respeitada?

vos entre 1744 e 1787 e no livro de casamentos de escravos realizados entre 1739 e 1777 da “Vila de Nossa Senhora do Desterro de Jundiáhy”, esses documentos trazem dados sobre as origens, condições sociais e culturais dos agentes envolvidos e somente a partir de meados da década de 1760 os negros e seus descendentes passam a ocupar o lugar dos indígenas e seus descendentes como mão de obra escrava. Porém como forma de burlar a Lei de Liberdade dos Gentios, não se usava a palavra “escravo” para designar o indígena escravizado, usava-se a palavra “administrado”(38)

A Lei de Liberdade dos Gentios determinava que índios eram considerados livres desde que amigos ou aldeados, pois deles partiria a ajuda contra os inimigos e a força para os trabalhos na lavoura e no transporte de mercadorias.(39) Em contrapartida, deveriam ser pagos e bem tratados, suas aldeias respeitadas e direcionados para o cristianismo. A escravização somente seria permitida legalmente em caso de guerra justa, quando os índios ameaçassem a segurança dos colonos; resgate, quando os índios fossem salvos por colonos da morte ou cativo nas mãos de inimigos(40), ou ainda se impedissem a pregação ou se aliassem aos inimigos da Coroa.(41) Porém os colonos necessitavam de mão de obra para o trabalho na lavoura e faziam suas próprias expedições para capturar e escravizar indígenas.(42) Essa prática se deu até pelo menos os anos finais do século XVIII, quando se inicia a substituição da mão de obra escrava indígena pela mão de obra escrava africana.

Mas essa substituição não acontece do dia para noite, esse período de transição levou décadas, ou seja, por um período existiam em Jundiá pessoas escravizadas de origem indígena e africana, entretanto, apenas os negros eram denominados escravos, os indígenas eram denominados “administrados”.

Durante essas décadas de escravidão indígena e africana, é natural conceber que os relacionamentos entre diferentes etnias passassem a ocorrer com certa frequência. De forma que há registro de casamentos entre homens indígenas e mulheres negras e mulheres indígenas com homens negros, além de homens brancos com mulheres indígenas. Desses casamentos surgem os filhos mestiços que, nas palavras de Darci Ribeiro

“O brasilíndio como o afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da ninguendade de não-índios, não-europeus e não-negros, que eles se vêem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira”. (43)

declinar enquanto aumenta o número de alforriados e dos denominados 'pardos', como eram chamados os filhos de brancos com indígenas

Os indígenas e seus descendentes não desapareceram simplesmente, mas passam a ser vistos e registrados de outra forma. Não são mais tratados como "índios", "administrados", "gentio" ou "negro da terra", pois a semelhança dos traços resultantes da carga genética, ocasionada por 250 anos de miscigenação, tornava cada vez mais difícil distinguir, visualmente, quem era ou não indígena na sociedade paulista.(44)

Diferentemente dos negros, cujas características fenotípicas se destacam, os mestiços de origem indígena passam a confundir-se com brancos chegando ao ponto de constar no Livro de Óbitos um registro no qual o escrevente não sabia dizer qual a denominação racial do falecido, se branco ou pardo.(45) Dessa forma, não apenas a memória indígena foi apagada, mas foi incorporada pelos brancos mais pobres e é plenamente possível que esteja camuflada entre os habitantes da cidade de Jundiaí, porém ofuscada pela memória dominante.

Se faz necessário o resgate dessa memória e a reescrita da história da cidade de Jundiaí, uma história mais realista e que reflita ainda mais as características de sua população.

Quando os índios forem considerados sujeitos históricos e os múltiplos processos de interação entre suas sociedades e as populações que surgiram com a colonização europeia forem recuperados, "páginas inteiras da história do país serão reescritas; e ao futuro dos índios reservar-se-á um espaço mais equilibrado e, quem sabe, otimista".(46)

A história da imigração italiana para a cidade de Jundiaí é muito importante e não poderia jamais ser deixada de lado, porém a história dessa cidade pode ser tornar muito mais rica e plural se passarmos a incluir todos os grupos que historicamente foram excluídos e tiveram suas memórias apagadas e suas vozes silenciadas.

Afinal, como afirmou Hill (1996), as histórias indígenas se entrelaçaram com as histórias dos europeus desde que eles chegaram à América. Para a compreensão dos complexos processos históricos de formação e desenvolvimento das sociedades americanas é imprescindível levarmos em conta a presença e o protagonismo significativos dos inúmeros e distintos povos nativos do continente, que foram todos chamados índios.(47)

Incluir a influência indígena na história de Jundiá que apresenta tantas evidências da presença indígena é de fundamental importância.

Referências

1-MOURA, Clovis. As Injustiças de Clio: O negro na historiografia brasileira. 1. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990

2-A HISTÓRIA DO BRASIL É UMA HISTÓRIA DE APAGAMENTO DA VIOLÊNCIA. São Paulo: Soraia Vilela, dez. 2016. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/cul/20880092.html>. Acesso em: 11 nov. 2020.

3-CARMO, Ana Maria Silva. Fiebra Negra: Revisitando a história do Afro-Argentino. 1. ed. Salvador/BA: Sagga, 2019. pag. 10

4-CARMO, Ana Maria Silva. Fiebra Negra: Revisitando a história do Afro-Argentino. 1. ed. Salvador/BA: Sagga, 2019. pag. 151

5-FINAZZI-AGRÒ, Ettore. FANTASMAGORIAS DO TEMPO: Apagamento da memória e invenção da história no espaço brasileiro. NELIC: Núcleo de Estudos Literários & Culturais, Florianópolis/SC, v. 18, ed. 29, 2018. DOI 10.5007/1984-784X.2018v18n29p53. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/issue/view/2702/133>. Acesso em: 11 nov. 2020.

6-HUBNER, Beatriz; GALLONI, Fernanda; NEVES, Paloma; MORI, Stela. Bairro da Liberdade: O apagamento histórico da memória negra em São Paulo, 18 fev. 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/929303/bairro-da-liberdade-o-apagamento-historico-da-memoria-negra-em-sao-paulo>. Acesso em: 11 nov. 2020.

7-MARIN, Claudia. Raízes de Jundiá. Jundiá: In House, 2009. 176 p. v. 1.

8-SCHNEIDER, Marília. Jundiá na História. 1. ed. Jundiá: Porto das Ideias, 2008. 304 p.

9-SOUZA, Jessé. A Elite do Atraso: Da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019. pag. 40

10-SUB-COMISSÃO DO "MARCO HISTÓRICO" (Jundiá). Elementos para a história de Jundiá. Jundiá: Sociedade "Amigos de Jundiá", 1955. pag 11.

11-SUB-COMISSÃO DO "MARCO HISTÓRICO" (Jundiá). Elementos para a história de Jundiá. Jundiá: Sociedade "Amigos de Jundiá", 1955. pag. 17

12-SUB-COMISSÃO DO "MARCO HISTÓRICO" (Jundiá). Elementos para a história de Jundiá. Jundiá: Sociedade "Amigos de Jundiá", 1955. pag. 16

13-SUB-COMISSÃO DO "MARCO HISTÓRICO" (Jundiá). Elementos para a história de Jundiá. Jundiá: Sociedade "Amigos de Jundiá", 1955. pag.17

14-SUB-COMISSÃO DO "MARCO HISTÓRICO" (Jundiá). Elementos para a história de Jundiá. Jundiá: Sociedade "Amigos de Jundiá", 1955. pag. 37

15-VARNHAGEN, Francisco Adolfo. Lei sobre a liberdade dos gentios, Évora, 20.03.1570. In: História Geral do Brasil.. São Paulo, 1975 (1857-60). tomo I. p. 345. Disponível em: http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/2018-04/Lei_de_liberdade_dos_in-

dios_de_1570.pdf. Acesso em: 11 nov. 2020

16-NAVARRO, E. A. Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo. Global. 2013. p. 586

17-NAVARRO, E. A. Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos. 3ª edição. São Paulo. Global. 2005. p. 56

18-FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.304

19-NAVARRO, E. A. Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo. Global. 2013.

20-NAVARRO, E. A. Dicionário de tupi antigo. São Paulo. Global. 2013. p. 577.

21-CHIARADIA, Clóvis. Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena. São Paulo: Limiar, 2008.

22-CHIARADIA, Clóvis. Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena. São Paulo: Limiar, 2008.

23-FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.1 088

FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.154 FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 156

24-NAVARRO, E. A. Dicionário de tupia antigo: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo. Global. 2013. p. 556.

FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 375.

CUNHA, A. G. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. p. 168.

25-MUSEU DE JUNDIAÍ (Jundiaí). Museu de Jundiaí. Jundiaí: Esta. São Paulo, 1974. v. II. pag. 69

26-SÍMBOLOS: O Brasão. Jundiaí, [201-]. Disponível em: <https://jundiai.sp.gov.br/a-cidade/simbolos/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

27-PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ. Jundiaí e sua história. Imprensa Oficial do Município de Jundiaí, Jundiaí, p. 20, 31 ago. 2007. Disponível em: <https://imprensaoficial.jundiai.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/Imprensa-Oficial-de-Jundia%C3%AD-E-di%C3%A7%C3%A3o-3102.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

28-TAUNAY, Afonso E. História das Bandeiras Paulistas. São Paulo: Melhoramentos, 1955. v. III. p.132

29-DICIONARIO Ilustrado Tupi Guarani. [S. I.], 2020. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/ubirajara/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

30-RODRIGUES, Leticia. Jundiaí 364 anos: a verdadeira história da nossa cidade. Jundiaí: Jornal Tribuna de Jundiaí, 14 dez. 2019. Disponível em: <https://tribunadejundiai.com>. 145

br/cidades/jundiai/jundiai-364-anos-a-verdadeira-historia-da-nossa-cidade/. Acesso em: 11 nov. 2020.

31-PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ. História. Jundiaí, [201-]. Disponível em: <https://jundiai.sp.gov.br/a-cidade/historia/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

32-NAVARRO, E. A. Dicionário de Tupi Antigo: a Língua Indígena Clássica do Brasil. São Paulo. Global. 2013. p. 130.

FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 871.

BUENO, Eduardo (org.), PREZIA, Benedito in Os Nascimentos de São Paulo, São Paulo: Ediouro, 2004, pág. 58

33-PINHEIRO, Niminon Suzel P654n Os Nômades: Etnohistória Kaingang e seu contexto: São Paulo, 1850-1912/Niminon Suzel Pinheiro, Assis, 1992. 335 p.: il. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista 1. Índios na América do Sul – Brasil 2. Colonização – Terras – Oeste Paulista 3. Índios Kaingang. CDD 980.41 572.898

34-DEL PRIORE, Mary – Uma Brece História do Brasil/Mary Del Priore, Renato Venancio. - 2. ed. - São Paulo: Planeta, 2016.

35-Bartolomeu Bueno da Silva. [S. l.], [2009-2020]. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/biografias/bartolomeu/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

36-MORALES, W.F.; MOI, F.P. Índios e Africanos no interior paulista: um estudo sobre a transição do cativo indígena para a escravidão africana na Vila de Jundiaí, SP, no século XVIII. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 18: 000- 000, 2008.

37-EQUIPE DE EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Paresí: Nome. Brasil, 26 jul. 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pares%C3%AD>. Acesso em: 12 nov. 2020

EQUIPE DE EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Bororo: Nome. Brasil, 26 jul. 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pares%C3%AD>. Acesso em: 12 nov. 2020

38-MORALES, W.F.; MOI, F.P. Índios e Africanos no interior paulista: um estudo sobre a transição do cativo indígena para a escravidão africana na Vila de Jundiaí, SP, no século XVIII. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 18: 000- 000, 2008.

39-DAVIDOFF, C.H. 1982 Bandeirismo: verso e reverso. Coleção tudo é história (47). São Paulo: Brasiliense. DEAN, W. 1984 The Indigenous populations of the São Paulo-Rio de Janeiro coast: trade, aldeamento, slavery and extinction. Revista de história, 117: 3-26 IN MORALES, W.F.; MOI, F.P. Índios e Africanos no interior paulista: um estudo sobre a transição do cativo indígena para a escravidão africana na Vila de Jundiaí, SP, no século XVIII. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 18: 000- 000, 2008.

40-PETRONE, P. 1995 Aldeamentos Paulistas. São Paulo: Edusp In MORALES, W.F.; MOI, F.P. Índios e Africanos no interior paulista: um estudo sobre a transição do cativo 146

indígena para a escravidão africana na Vila de Jundiá, SP, no século XVIII. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 18: 000- 000, 2008.

41-PERRONE-MOISÉS, B. 1992 Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In: Cunha M.C. (Org.) História dos índios no Brasil. São Paulo, Fapesp/SMC/ Companhia das Letras: 115-132. In MORALES, W.F.; MOI, F.P. Índios e Africanos no interior paulista: um estudo sobre a transição do cativo indígena para a escravidão africana na Vila de Jundiá, SP, no século XVIII. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 18: 000- 000, 2008.

42-MORALES, W.F.; MOI, F.P. Índios e Africanos no interior paulista: um estudo sobre a transição do cativo indígena para a escravidão africana na Vila de Jundiá, SP, no século XVIII. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 18: 000- 000, 2008.

43-RIBEIRO, D. 1995 O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

44-RIBEIRO, D. 1996 Sobre a mestiçagem no Brasil. In: Schwarcz, L.M.; Queiroz, R.S. (Orgs.) Raça e Diversidade. São Paulo, Edusp, Estação Ciência: 187- 211.

45-MORALES, W.F.; MOI, F.P. Índios e Africanos no interior paulista: um estudo sobre a transição do cativo indígena para a escravidão africana na Vila de Jundiá, SP, no século XVIII. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 18: 000- 000, 2008.

46-MONTEIRO, John Manuel. O desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da S.; GRUPIONI, Luís D. Benzi (Ed.) A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1o e 2o graus. Brasília: MEC; Mari; Unesco, 1995. p.221-228.

47-A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas1 Indigenous Protagonism and Historical Reviews in Brazil Maria Regina Celestino de Almeida* HILL, Jonathan (Org.) History, Power and Identity: ethnogenesis in the Americas, 1942- 1992. Iowa City: University of Iowa Press, 1996.

O INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DA UNIFACCAMP, SUAS RELAÇÕES COM O SINAES E SEU TRATAMENTO ESTATÍSTICO

CAMACHO, Antônio Carlos
SOUSA, Alex Rodrigo dos S.

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade descrever os instrumentos de autoavaliação do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), seus critérios para atribuição de conceitos e como se comunicam com a Lei do SINAES. Além disso, a metodologia estatística implementada pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) da instituição é apresentada.

Palavras-chave: Autoavaliação institucional; Lei do SINAES; CPA.

ABSTRACT

The purpose of this article is to describe the internal evaluation instruments of Campo Limpo Paulista University (UNIFACCAMP), their criteria for attributing concepts and how they communicate with SINAES Law. In addition, the implemented statistical methodology by the institution's internal evaluation committee (CPA) is presented.

Keywords: Internal institutional evaluation; SINAES law; CPA.

INTRODUÇÃO

O processo de autoavaliação de uma instituição de ensino superior (IES) é conduzida por sua Comissão Própria de Avaliação (CPA) e têm por objetivos gerais a coleta e análise de dados obtidos por meio de questionários aplicados aos diversos segmentos da comunidade acadêmica que possam subsidiar melhorias na instituição. Tal processo constitui assim uma ferramenta importante para geração de autoconhecimento da IES, contribuindo para tomada de decisões e ações por parte do grupo gestor da instituição, além de ser um mecanismo instituído pela Lei Nº 10.861, de 14 de Abril de 2004, conhecida com Lei do SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior) (Brasil, 2004) e avaliado por comissões de avaliações institucionais e de cursos externas nas IES realizadas pelo Ministério da Educação por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Neste sentido, os instrumentos de autoavaliação desenvolvidos e aplicados em uma IES devem se comunicar com os parâmetros estabelecidos pela Lei do SINAES e, mais do que isso, o tratamento estatístico para descrição e análise de seus resultados deve ser capaz de identificar fragilidades e potencialidades apontados pelos segmentos acadêmicos nos questionários, o que requer a implantação de metodologias estatísticas descritivas e inferenciais para esse processo.

O presente trabalho tem por objetivo descrever os instrumentos de autoavaliação do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), levando em consideração suas relações com o SINAES, e apresentar a metodologia estatística implementada pela CPA na etapa de processamento e análise dos dados coletados para que os resultados reportados possam servir como importante ferramenta de autoconhecimento e tomadas de decisões na instituição.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 LEI DO SINEAES

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) foi instituído na Lei Nº 10.861, de 14 de Abril de 2004 (Brasil, 2004) e apresenta diretrizes sobre o processo nacional de avaliação das instituições da educação superior (IES), dos cursos de graduação e das avaliações de desempenho acadêmico dos estudantes. O Art. 1º, § 1º da lei apresenta as finalidades do SINAES:

Art 1º, § 1º: O SINAES tem por finalidades a melhoria da qualidade da educação superior, a orientação da expansão da sua oferta, o aumento permanente da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social e, especialmente, a promoção do aprofundamento dos compromissos e responsabilidades sociais das instituições de educação superior, por meio da valorização de sua missão pública, da promoção dos valores democráticos, do respeito à diferença e à diversidade, da afirmação da autonomia e da identidade institucional.

No que diz respeito ao processo de avaliação institucional, o SINAES estabelece requisitos fundamentais para a qualidade de uma IES por meio de dez dimensões que constituem o cerne do processo avaliativo e são descritas no Art 3º da lei:

Art 3º: A avaliação das instituições de educação superior terá por objetivo identificar o seu perfil e o significado de sua atuação, por meio de suas atividades, cursos, programas, projetos e setores, considerando as diferentes dimensões institucionais, dentre elas obrigatoriamente as seguintes:

I – a missão e o plano de desenvolvimento institucional;

II – a política para o ensino, a pesquisa, a pós-graduação, a extensão e as respectivas formas de operacionalização, incluídos os procedimentos para estímulo à produção acadêmica, as bolsas de pesquisa, de monitoria e demais modalidades;

III – a responsabilidade social da instituição, considerada especialmente no que se refere à sua contribuição em relação à inclusão social, ao desenvolvimento ¹⁴⁹

- econômico e social, à defesa do meio ambiente, da memória cultural, da produção artística e do patrimônio cultural;
- IV – a comunicação com a sociedade;
- V – as políticas de pessoal, as carreiras do corpo docente e do corpo técnico-administrativo, seu aperfeiçoamento, desenvolvimento profissional e suas condições de trabalho;
- VI – organização e gestão da instituição, especialmente o funcionamento e representatividade dos colegiados, sua independência e autonomia na relação com a mantenedora, e a participação dos segmentos da comunidade universitária nos processos decisórios;
- VII – infra-estrutura física, especialmente a de ensino e de pesquisa, biblioteca, recursos de informação e comunicação;
- VIII – planejamento e avaliação, especialmente os processos, resultados e eficácia da auto-avaliação institucional;
- IX – políticas de atendimento aos estudantes;
- X – sustentabilidade financeira, tendo em vista o significado social da continuidade dos compromissos na oferta da educação superior.

Desta forma, os instrumentos de avaliações externas de credenciamento e reconhecimentos realizadas pelo INEP possuem as dez dimensões definidas no Art. 3º como pilares para a formulação dos itens a serem avaliados.

Por fim, o Art. 11º da Lei dos SINAES é fundamental para o presente trabalho, uma vez que institui a existência da Comissão Própria de Avaliação (CPA) em toda instituição de ensino superior pública ou privada, além de descrever seus objetivos e responsabilidades.

Art. 11º. Cada instituição de ensino superior, pública ou privada, constituirá Comissão Própria de Avaliação - CPA, no prazo de 60 (sessenta) dias, a contar da publicação desta Lei, com as atribuições de condução dos processos de avaliação internos da instituição, de sistematização e de prestação das informações solicitadas pelo INEP, obedecidas as seguintes diretrizes:

- I – constituição por ato do dirigente máximo da instituição de ensino superior, ou por previsão no seu próprio estatuto ou regimento, assegurada a participação de todos os segmentos da comunidade universitária e da sociedade civil organizada, e vedada a composição que privilegie a maioria absoluta de um dos segmentos;
- II – atuação autônoma em relação a conselhos e demais órgãos colegiados existentes na instituição de educação superior.

2.2 A COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO DA UNIFACCAMP

A Comissão Própria de Avaliação do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP) foi concebida de acordo com a missão da instituição, disposta em seu Plano de Desenvolvimento Instituição (PDI 2016 - 2020),

“Promoção e busca constante da qualidade, no ensino, na pesquisa e na extensão para a formação de profissionais competentes, habilitados ao pleno desempenho de suas funções, contribuindo para o desenvolvimento do ser humano, da sociedade, facultando o diálogo regional, nacional e internacional, a promoção dos direitos humanos, a preservação ambiental, a inclusão social, a igualdade étnica e o respeito à diversidade de gênero”.

Com base nas diretrizes do Art. 11º da Lei dos SINAES e na missão institucional, estabeleceu-se a CPA da UNIFACCAMP com a seguinte missão,

“Levantar, reunir, imbricar, analisar, sistematizar e divulgar informações várias, atendendo às necessidades da UNIFACCAMP, visando a contribuir para o aprimoramento do processo acadêmico de ensino, pesquisa e extensão e do processo técnico-administrativo, assegurando, por intermédio dos processos avaliativos, a articulação imprescindível das comunidades interna e externa com os mecanismos regulatórios do Estado”.

Os membros atuais da CPA da UNIFACCAMP (incluindo os autores do presente trabalho) foram nomeados em Portaria Interna da instituição nº 01_08/2018 e é constituída por representantes de todos os segmentos da comunidade acadêmica, a saber, corpos docente e discente, técnico administrativos e sociedade civil. Além disso, a CPA da instituição possui uma subcomissão composta por representantes docente e discente, que participam ativamente dos processos e atividades de avaliação interna da IES.

2.3 DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA UNIFACCAMP

A metodologia utilizada pela CPA da UNIFACCAMP para a realização do processo de autoavaliação institucional contempla elementos doutrinários do SINAES, obedecendo a um protocolo constituído por uma série de etapas, a começar pela sensibilização que é desenvolvida por meio de vários canais como divulgação digital; Portal da UNIFACCAMP; mídias sociais; visitas em sala de aula; realização de reuniões com o corpo docente, discente, técnico administrativo; confecção e distribuição de banners e cartazes, nas dependências da IES.

Os questionários aplicados buscam verificar o grau de satisfação e o retrato institucional pelos diferentes segmentos, baseando-se na classificação, para cada item de avaliação, apresentada no Quadro 1, com as medidas a serem tomadas de acordo com cada conceito obtido.

Quadro 1: Padrões para análise com base em conceitos nos questionários de autoavaliação.

PONTUAÇÕES DAS RESPOSTAS	CONCEITO	ANÁLISE DO CONCEITO	MEDIDAS A SEREM TOMADAS
Quando a questão é atendida em entre 4,5 e 5.	5	Ótimo/Excelente	Indica satisfação
Quando a questão é atendida entre 3,5 e 4,5.	4	Muito Bom	Sugere necessidade de melhorias
Quando a questão é atendida entre 2,5 e 3,5.	3	Suficiente	Devem ser tomadas medidas para melhorias
Quando a questão é atendida entre 1,5 e 2,5.	2	Insuficiente	Devem ser tomadas medidas para melhorias em caráter de urgência
Quando a questão é atendida entre 1 e 1,5.	1	Ruim	Devem ser tomadas medidas para melhorias em caráter imediato

Pelo Quadro 1, observa-se que a escala de notas dos itens das autoavaliações institucionais é contínua, de 1 (um) a 5 (cinco). A utilização da escala contínua oferece a possibilidade de análises estatísticas mais profundas. Entretanto, em consonância com os instrumentos de avaliações externas do MEC, com base nas notas em escala contínua dos itens dos questionários de autoavaliação, obtém-se os conceitos dos itens, em escala inteira de 1 (um) a 5 (cinco).

Os questionários são disponibilizados à comunidade acadêmica por meio do portal do aluno (via internet), sendo aplicados nos meses de abril/maio e outubro/novembro, para os discentes, que avaliam somente a parte pedagógica e os questionários dos dois últimos meses, também se aplicam para professores, técnico-administrativos e pós graduação, que avaliam a Instituição/Gestão. Tais questionários podem ser acessados no link <https://www.unifaccamp.edu.br/cpa/documentos/>.

Visando a obtenção de um processo avaliativo dotado de etapas e objetivos próprios, a CPA permite à comunidade acadêmica participar ativamente do preenchimento da avaliação, na qual todos os docentes da IES são convidados a preencher autoavaliações, 152

bem como as avaliações de seus cursos e da própria instituição, assim como o corpo técnico-administrativo, que é convidado a avaliar a IES.

De forma idêntica, os membros do corpo discente são convidados a realizar a avaliação institucional, de maneira voluntária e sigilosa, por meio do portal do aluno, respondendo aos questionários relativos às disciplinas ministradas no semestre, ao curso, ao coordenador e à IES.

Após o encerramento do período de consulta à comunidade, uma nova etapa é iniciada, viabilizando o processamento inicial, a checagem e o tratamento estatístico dos dados coletados, de forma a garantir a consistência das informações coletadas, sinalizando, assim, para a disponibilização dos resultados.

2.4 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

Nesta subseção, apresentamos os detalhes técnicos do tratamento estatístico dos dados obtidos nas pesquisas de autoavaliação da UNIFACCAMP. Para tanto, faremos uso de notações matemáticas e conceitos estatísticos que podem ser vistos em Bussab e Morettin (2015).

Vamos considerar um item de avaliação com n respondentes de uma população de N indivíduos. Além disso, supomos que X_i , $1 \leq X_i \leq 5$, seja a nota atribuída a este item pelo i – ésimo respondente da pesquisa. Temos assim, uma série X_1, \dots, X_n de notas para o item. Primeiramente, calculamos a média aritmética desta série, denotada aqui por \bar{X} , ou seja,

$$\bar{X} = \frac{1}{n} \sum_{i=1}^n X_i.$$

Uma vez que as notas estão distribuídas continuamente entre 1 e 5, segue naturalmente que $1 \leq \bar{X} \leq 5$. Como o conceito C atribuído ao item deve ser inteiro, temos que C é obtido utilizando o critério de arredondamento em \bar{X} , como apresentado no Quadro 1.

O conceito, portanto, é uma medida de tendência central das notas atribuídas na pesquisa. Para uma análise mais completa, que leve em consideração a precisão das notas dos respondentes, uma medida de dispersão é calculada, a saber, o desvio padrão das notas, denotado aqui por DP , $DP > 0$, dado por

$$DP = \frac{1}{n-1} \sum_{i=1}^n (X_i - \bar{X})^2.$$

Assim, quanto menor for o desvio padrão (mais próximo de zero), menor a variabilidade das notas, de modo que a precisão do conceito final é maior. Em um cenário ideal, o item teria avaliação ótima caso obtivesse conceito 5 com desvio padrão próximo a 0, o que significa que os respondentes atribuíram notas próximas a 5 de forma sistemática.

Por fim, como os respondentes constituem uma amostra da população uma vez que geralmente a adesão à pesquisa não é populacional (isto é, $n < N$), uma margem de erro sobre o conceito amostral obtido é calculada por meio da construção de um intervalo de confiança de 95% sob suposição de normalidade dos dados, denotado aqui por IC(95%), em que

$$IC(95\%) = \bar{X} \pm \frac{2DP}{\sqrt{n}} = \left[\bar{X} - \frac{2DP}{\sqrt{n}} ; \bar{X} + \frac{2DP}{\sqrt{n}} \right],$$

sendo a quantidade $\frac{2DP}{\sqrt{n}}$ a margem de erro do conceito. Como exemplo, vamos supor que, para um dado item avaliado por $n=50$ respondentes, $\bar{X} = 4,2$ (conceito 4) e $DP=2,5$. Logo,

$$IC(95\%) = 4,2 \pm \frac{2,2,5}{\sqrt{50}} = \left[4,2 - \frac{2,2,5}{\sqrt{50}} ; 4,2 + \frac{2,2,5}{\sqrt{50}} \right] = [3,49 ; 4,91].$$

Observe que, embora o conceito do item seja igual a 4 pelo Quadro 1, o intervalo de confiança calculado indica que, com 95% de confiança, o conceito populacional está entre 3,49 (resultando em conceito 3) e 4,91 (resultando em conceito 5). Esta imprecisão ocorre devido à alta variabilidade nas notas, mensurada pelo desvio padrão. Por outro lado, se $DP=0,5$, teríamos

$$IC(95\%) = 4,2 \pm \frac{2,0,5}{\sqrt{50}} = \left[4,2 - \frac{2,0,5}{\sqrt{50}} ; 4,2 + \frac{2,0,5}{\sqrt{50}} \right] = [4,06 ; 4,34],$$

o que garante, com confiança de 95%, que o conceito populacional é igual a 4. Tal resultado decorre da menor variabilidade nas respostas.

Desta forma, na análise estatística dos resultados, além do conceito, o intervalo de confiança é reportado nos relatórios da CPA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um instrumento de autoavaliação que se comunica com as dimensões propostas na Lei do SINAES é fundamental para que a instituição possa detectar potencialidades e fragilidades nos mais diversos setores acadêmicos e de infraestrutura. Neste sentido, os questionários aplicados aos diversos segmentos acadêmicos definidos pela CPA da UNIFACCAMP proporcionam tal comunicação, fornecendo assim um mecanismo real de coleta de informações acerca da instituição.

A metodologia estatística utilizada para processamento e análise dos dados obtidos nos questionários de autoavaliação da UNIFACCAMP permite inferências acerca dos itens avaliados, levando em consideração margens de erros caso estes sejam avaliados por uma amostra da população de respondentes, o que tipicamente ocorre em pesquisas de autoavaliação institucionais.

REFERÊNCIAS

1. Brasil (2004). Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004.
2. Bussab, W.O e Morettin, P.A. Estatística Básica. Editora Saraiva, 8º edição, 2015.
3. Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2020 da UNIFACCAMP. https://www.unifaccamp.edu.br/cpa/arquivo/pdf/pdi2016_2020.pdf
Acessado em 01/04/2021.

O PRINCÍPIO DA ISONOMIA E A DESIGUALDADE ENTRE MULHERES E HOMENS EVIDENCIADA PELA IMPLANTAÇÃO FORÇADA DO TRABALHO REMOTO

DOMINGUES, Cristiano
SILVA, Eliane de Souza
OLIVEIRA, Guilherme de

RESUMO

Este documento mostra o resultado de pesquisa realizada com o objetivo de apresentar ao leitor e à leitora como o trabalho doméstico não remunerado influencia negativamente no rendimento laboral do trabalho realizado remotamente por mulheres enquanto os homens são pouco afetados, pois é relegado à elas a realização da quase totalidade das tarefas domésticas e fere, deste modo, o princípio da isonomia, formalmente assegurado pela Constituição Federal da República do Brasil e Consolidação das Leis do Trabalho.

Palavras-chave: Trabalho doméstico não remunerado, princípio da isonomia; trabalho remoto; reforma trabalhista, pandemia.

ABSTRACT

This document shows the result of a research carried out to present to the reader how the unpaid domestic work negatively influences the labor income of the work done remotely by women while men are little affected, as it is left to them to carry out the work. Almost all domestic tasks and thus violate the principle of equality, formally ensured by the Federal Constitution of the Republic of Brazil and the Consolidation of Labor Laws.

Keywords: Unpaid domestic work, principle of isonomy; remote work; labor reform, pandemic

INTRODUÇÃO

“O confinamento colocou uma lente de aumento na desigualdade de gênero e na sobrecarga que atinge a vida das trabalhadoras, mães ou não” (FRAGA. 2020, online). Sim, leitoras e leitores, este trabalho já se inicia com uma constatação que as mulheres trabalhadoras já sabem há tempos: o trabalho doméstico não remunerado é um fardo que elas carregam sozinhas ou dividem com mulheres que possuem menores índices (às vezes nenhum índice) de escolaridade.

A pandemia da Covid-19 obrigou a classe patronal a optar por medidas que diminuíssem o perigo de contágio de seus empregados. Para isso, muitas empresas acabaram optando pela modalidade de trabalho remoto ou teletrabalho, recém formalizado pela “Reforma Trabalhista” (Lei n. 13.467 de 2017), com o escopo de preservar suas atividades e a saúde dos empregados.

Todavia, a aplicação do trabalho remoto trouxe para o campo das pesquisas científicas uma oportunidade de testar e comprovar o fato exposto na primeira frase desta intro-

dução, que as mulheres trabalhadoras são e sempre foram responsáveis pela realização da quase totalidade do trabalho doméstico não remunerado e não recebem nenhuma compensação na área trabalhista por conta disto.

Este trabalho embasa-se nos dados de pesquisas científicas e estatísticas apresentadas por instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Rede de Estudos e Monitoramento Interdisciplinar da Reforma Trabalhista (REMIR). Há também uma análise da legislação trabalhista e constitucional, nas quais se busca entender como o legislador brasileiro trata das diferenças de gênero no ordenamento jurídico.

Destaca-se, ainda, que os autores deste trabalho buscaram, na doutrina jurídica e em publicações ligadas à desigualdade de gênero, fundamentos históricos da luta das mulheres (cis e transgêneros) em busca da igualdade real.

Para facilitar a pesquisa, os autores dividiram o trabalho em três tópicos principais e coube a cada um o exame do tema com o qual estava mais familiarizado. Assim:

1)“**Discriminação histórica das mulheres no trabalho**” e “**O impacto do trabalho doméstico não-remunerado na produtividade da mulher durante o trabalho remoto**” teve sua pesquisa realizada por Eliane de Souza, haja vista sua maior afinidade com temas relacionado ao feminismo e por já integrar o rol de pesquisas que a autora realiza para o seu Trabalho de Conclusão de Curso;

2)“**Discriminação social da mulher trabalhadora**” e “**O princípio da isonomia no Direito Trabalhista**” foram temas da pesquisa do autor Cristiano Domingues, nos quais são apresentados os pormenores deste importante princípio;

3)“**O trabalho remoto ou teletrabalho**” foi desmembrado pelo autor Guilherme de Oliveira a fim de explicar ao leitor e à leitora como a legislação trabalhista se encarregou da formalização deste instituto.

No mais, este artigo traz, ainda, uma importante contribuição para aquilo que já vem sendo requerido por feministas há séculos, qual seja, uma divisão igualitária material das tarefas domésticas entre os gêneros e não apenas a isonomia formal proposta pela legislação em vigor.

DISCRIMINAÇÃO HISTÓRICA DAS MULHERES NO TRABALHO

O direito de decidir por si só quanto aos atos da vida civil, tão caros a qualquer ser humanos, até pouco tempo atrás não integrava o rol de direitos das mulheres no Brasil. 157

Até o ano de 1962, às mulheres casadas só era permitido trabalhar fora de casa com a autorização do marido e este ainda detinha o poder de pedir demissão em nome da esposa. O Código Civil de 1916, em seu artigo 6º, considerava as mulheres casadas como relativamente incapazes enquanto durasse a sociedade conjugal, sendo lhes vedado, inclusive, ter domicílio em nome próprio e praticar diligências da vida civil sem assistência do cônjuge (BRASIL, 1916). De acordo com Débora Massman e Patrícia Brasil, “a mulher casada não é reconhecida como um sujeito de direitos, mas, assim como um acessório do marido” (2017, p. 52).

Foi com a promulgação do chamado Estatuto da Mulher Casada (Lei 4.121/62), que dispôs sobre a situação jurídica da mulher casada, que o direito de trabalhar livremente e sem necessidade de outorga marital foi adquirido. Entretanto, é importante lembrar que o Estatuto da Mulher Casada conferia o status de chefe da sociedade conjugal ao homem, cabendo a ele a administração dos bens familiares.

Com a aceleração do crescimento econômico no final dos anos [19]60¹, as mulheres foram absorvidas pelo mercado de trabalho a fim de suprir a alta demanda por mão-de-obra nas indústrias e setores de serviços. Todavia, diferentemente do que possa parecer, essa absorção levou em conta o fato de a mão-de-obra feminina ser mais barata e facilmente substituível. Para Moema de Castro Guedes e José Eustáquio Diniz Alves:

Os atrativos femininos, para além de questões de demandas do mercado de trabalho por uma mão-de-obra mais vulnerável, estariam articulados a características e atributos advindos do velho padrão da divisão sexual do trabalho e agora teriam sido convertidos em vantagens profissionais, como a melhor desenvoltura nas funções de atendimento personalizado a distintos públicos (Lavinias 1999). (2004, p. 04).

Portanto, a inserção da mulher no mercado de trabalho deveu-se, principalmente, à necessidade de suprir uma busca por mão-de-obra barata e adaptável e não como uma política de inclusão social.

1 Com o escopo de transformar o Brasil numa economia liberal tecnocrática, a ditadura militar instituiu o Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG), cujas metas eram “conter o processo inflacionário, reequilibrar as contas externas e retomar o crescimento da renda e do emprego” (RESENDE et al. 2018, p. 03). Segundo André Lara Resende, foram as reformas estruturais implementadas pelo PAEG que sustentaram o período de rápido crescimento econômico a partir de 68 (2018, p. 03).

Foi também nessa época que o acesso de mulheres aos cursos superiores cresceu significativamente, mas este crescimento não garantiu a elas o acesso aos mesmos cargos de liderança que os homens ocupavam.²

De acordo com a brilhante tese de doutorado de Monica Sapucaia Machado, as mulheres que conseguem galgar postos mais elevados no mercado de trabalho acabam sendo substituídas em suas tarefas domésticas por outras mulheres com níveis de instrução muito menores, as empregadas domésticas (em sua maioria, composta por mulheres negras e pobres). Ou seja, a ascensão de uma mulher no mercado de trabalho não implica em divisão igualitária de tarefas entre homens e mulheres, mas sim na substituição destas por outras mulheres que não tiveram acesso à mesma educação e, ainda assim, essa substituição não as exime da administração das tarefas delegadas. (2019). Segundo a autora:

No Brasil, a divisão sexual do trabalho em suas peculiaridades. A terceirização dos afazeres domésticos permite à mulher economicamente abasta relegar a outra mulher, economicamente vulnerável, a feitura do que socialmente seria sua responsabilidade. Segundo a Organização do Trabalho (OIT), em 2015 o Brasil contava com aproximadamente seis milhões de empregadas domésticas, um montante que nos coloca em primeiro lugar no mundo nesse seguimento de trabalhadoras (ILO, 2016, p. 14). Essa massa de trabalhadoras com pouca formação tende a ter uma participação decisiva na empregabilidade das mulheres de classe média e alta. (2019, p. 177)

Por conta disto, podemos afirmar que mesmo que exerçam as mesmas funções remuneradas que os homens, a sociedade ainda entende que o desempenho das tarefas domésticas é dever feminino, quer seja realizando-as ou administrando-as.

Outro fator que merece destaque é a neutralidade disfarçada de isonomia adotada pela legislação brasileira com a intenção de dar tratamento igual às mulheres e aos homens. Entretanto, isonomia significa tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na exata medida de suas desigualdades, ou seja, a neutralidade faz com que aquele que tem um braço mais curto combata com a mesma espada que recebe aquele

² Esse é um fenômeno que se perpetua até os dias atuais. Segundo estudo realizado pela consultoria de gestão global Bain & Company, no ano de 2013, ainda que as mulheres possuam níveis de escolaridade superior ao dos homens, o mercado não cria condições de igualdade de gênero, indicando como principais fatores para a preferência:

¹ Além dos já conhecidos desafios associados à percepção de prioridades conflitantes entre trabalho e vida pessoal, o estilo das mulheres é diferente dos homens e menos valorizado no mercado de trabalho;

que tem braço mais longo. Assim, não basta dizer que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações (art. 5º, inciso I), pois:

A falta de projetos, políticas públicas e leis que anunciem a necessidade de conciliação entre trabalho produtivo e reprodutivo, que afirmem a importância do compromisso de homens e mulheres com os filhos(as) e idosos(as) no cotidiano, e que reconheçam que a delegação de tarefas domésticas a outras mulheres não é a solução, demonstra que ainda não buscamos sair da sociedade de funções binárias homem/mulher (...). (MACHADO. 2019, p. 219)

Talvez, a maior prova desta falta de interesse em aprovar projetos e políticas públicas com o objetivo de reconhecer a divisão igual do trabalho doméstico não-remunerado seja a morosidade da tramitação da ratificação da Convenção 156 da OIT, que, “reconhecendo a necessidade de se estabelecer uma efetiva igualdade de oportunidades e de tratamento entre homens e mulheres trabalhadores com encargos de família”, diz:

Artigo 3º

1. Com vista ao estabelecimento de uma efetiva igualdade de oportunidade e de tratamento para homens e mulheres trabalhadores, todo País-membro incluirá, entre os objetivos de sua política nacional, dar condições a pessoas com encargos de família, que estão empregadas ou queiram empregar-se, de exercer o direito de fazê-lo sem estar sujeitas a discriminação e, na medida do possível, sem conflito entre seu emprego e seus encargos de família. (OIT, 1981)

Podemos concluir, com isto, que enquanto não houver um interesse político na “conciliação entre a vida familiar e a vida laboral” (MACHADO. 2019, p. 217) de forma igualitária entre homens e mulheres, o princípio da isonomia trabalhista não estará assegurado. Outrossim, “devemos lembrar que, a despeito da igualdade formal legislada, expressa no texto Constitucional como fundamento do Estado brasileiro, diversas leis discriminatórias permaneceram vigentes até o século XXI” (MASSMAN; BRASIL. 2017, p.44).

DISCRIMINAÇÃO SOCIAL DA MULHER TRABALHADORA

Outro ponto que deve ser abordado com grande relevância é a discriminação por gênero (sexo) que atingem em sua grande maioria o público feminino em suas diversas ¹⁶⁰

razões, seja de casamento em que a mulher ainda é considerada como a responsável pelas obrigações domésticas e acabam por aceitar menores salários para flexibilizar carga horária de trabalho.

Em relação a maternidade as mulheres também têm sofrido com a desigualdade salarial devido aos cuidados maternos necessários em prol dos filhos tendo que aceitar empregos mais próximos dos filhos com jornada reduzida mesmo que para isso ganhar que ganhar menos.

No entanto, é importante destacar que mesmo com os avanços das leis com objetivo de sanar a desigualdade entre homens e mulheres ainda há de se lidar com discriminação vertical que afastam as mulheres de atuarem em cargos de direção no mercado e trabalho.

Desta forma, com fulcro no princípio da isonomia, todo trabalho deve ser considerado de forma igualitária visando o não prejuízo social ao trabalhador e a manutenção do tratamento jurídico ao ser humano independentes de cor, sexo, etnia, idade e crenças. Há de reconhecer que ainda estamos longe de ratificar a desigualdade entre padrões de empregados no nosso país e que fundamental a busca do equilíbrio no âmbito do direito para assim assegurar o respeito a igualdade da pessoa humana.

O PRINCÍPIO DA ISONOMIA NO DIREITO TRABALHISTA

Diante das necessidades básicas de sobrevivência humana e visando a uma melhoria das condições sociais, surge atividade do trabalho e com ela as leis que asseguram combater a discriminação afim de garantir a igualdade dos desiguais e a segregação que ainda perdura de forma estrutural e cultural na sociedade.

Trata-se não apenas de direito a salário, mas de todas as garantias de proventos que atenda todas suas necessidades que preserve sua dignidade. Segundo Delgado, (2013, p. 770):

O combate à discriminação é uma das mais importantes áreas de avanço do Direito característico das modernas democracias ocidentais. Afinal, sociedade democrática distingue-se por ser uma sociedade suscetível a processos de inclusão social, em contraponto às antigas sociedades, que se caracterizavam por serem reinos fortemente impermeáveis, marcados pela exclusão social e individual.

A Constituição Federal de 1988 trata o princípio da isonomia em diversos dispositivos visando à igualdade de todos perante a lei.

O artigo 5º da CF, traz a luz em seu caput a igualdade de todos:

Art. 5º - **Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza**, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...) (Grifamos).

O mesmo artigo enfatiza no seu inciso I que todos os direitos são assegurados para pessoa humana de ambos os sexos: “Art. 5º, inciso I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição” (1988).

Neste mesmo viés seguiu o legislador na elaboração da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) que buscou igualmente suprimir a discriminação no âmbito da atividade laboral, como disposto em alguns artigos a seguir:

Art. 5º - A todo trabalho de igual valor corresponderá salário igual, sem **distinção de sexo**. (Grifamos)

(...)

Art. 461 - Sendo idêntica a função, a todo trabalho de igual valor, prestado ao mesmo empregador, na mesma localidade, corresponderá igual salário, sem distinção de sexo, nacionalidade ou idade.

Assim também decorre do artigo 2º inciso XXVIII – (Anexo XXVIII 1º.1) do decreto nº 10.888 de 05 de novembro de 2019, que dispõem sobre a promulgação de convenções e recomendações da Organização Internacional do Trabalho – OIT ratificadas pela República Federativa do Brasil em detrimento a Convenção N° 111:

Artigo 1º

1. Para fins da presente convenção, o termo “discriminação” compreende:

a) Toda distinção, exclusão ou preferência fundada na raça, cor, **sexo**, religião, opinião política, ascendência nacional ou origem social, que tenha por efeito destruir ou alterar a igualdade de oportunidades ou de tratamento em matéria de emprego ou profissão;

b) Qualquer outra distinção, exclusão ou preferência que tenha por efeito destruir ou **alterar a igualdade de oportunidades ou tratamento em matéria de emprego ou profissão**, que poderá ser especificada pelo Membro interessado depois de consultadas as organizações representativas de empregadores e trabalhadores, quando estas existam, e outros organismos adequados. (Grifamos)

Alguns resultados são alcançados de forma positiva quando as ações têm objetivos de atender a normas estabelecidas, chamadas de ações afirmativas, tais como, cotas para inclusão de pessoas com deficientes e aprendizes que está prevista pela Lei 8.213/1991, no seu art. 93:

Art. 93. A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, habilitadas, na seguinte proporção:

I - até 200 empregados...2%;

II - de 201 a 500...3%;

III - de 501 a 1.000...4%;

IV - de 1.001 em diante...5%.

§ 1º A dispensa de trabalhador reabilitado ou de deficiente habilitado ao final de contrato por prazo determinado de mais de 90 (noventa) dias, e a imotivada, no contrato por prazo indeterminado, só poderá ocorrer após a contratação de substituto de condição semelhante.

No caso da cota para aprendizes os estabelecimentos obrigatoriamente devem empregar entre 5% e 15% sob o cálculo total de empregados, com previsão legal no artigo 419 da CLT in verbis:

Art. 429. Os estabelecimentos de qualquer natureza são obrigados a empregar e matricular nos cursos dos Serviços Nacionais de Aprendizagem número de aprendizes equivalente a cinco por cento, no mínimo, e quinze por cento, no máximo, dos trabalhadores existentes em cada estabelecimento, cujas funções demandem formação profissional.

O TRABALHO REMOTO OU TELETRABALHO.

Em primeiro lugar, é preciso entender o que é o teletrabalho e sua composição. Com o aumento do uso da tecnologia, a forma de trabalhar também mudou e se adaptou à realidade atual. Portanto, isso mudou a forma típica e tradicional de trabalhar.

O teletrabalho consiste no trabalho realizado à distância. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o teletrabalho é uma forma de trabalho realizado em local distante do escritório e ou centro de produção. O que significa utilizar para promover a comunicação novas tecnologias. Comumente o teletrabalho é conhecido como home office ou trabalho remoto.

Antes do surgimento da "Reforma Trabalhista", o teletrabalho não tinha leis especiais e não era regulamentado, estando atualmente previsto no artigo 75-B da CLT. Assim:

Art. 75-B. Considera-se teletrabalho a prestação de serviços preponderantemente fora das dependências do empregador, com a utilização de tecnologias de informação e de comunicação que, por sua natureza, não se constituam como trabalho externo.

Embora o trabalho seja feito remotamente, não há diferença significativa na proteção dos trabalhadores. “Os direitos são iguais aos do trabalhador comum. Ou seja, você terá direito a carteira de trabalho assinada, férias, 13º de salário e depósito do FGTS” conforme explica o ministro Agra Belmonte, do Tribunal Superior do Trabalho.

Uma das vantagens é evitar o custo e o tempo de deslocamento e congestionamentos. A possibilidade de trabalhar em qualquer lugar também proporciona aos trabalhadores maior flexibilidade e conforto. O trabalho remoto também está incluído no regime de jornada de trabalho do artigo 62 da CLT, ou seja, por dificuldades de controle, não há direito ao pagamento de horas extras, noturnas etc. No entanto, de acordo com alguns precedentes do TST, se há meios para que os empregadores controlem o dia, é possível reconhecer o direito as verbas destes adicionais.

Em relação aos mecanismos de trabalho, como equipamentos para atividades e Internet, as partes devem concordar sobre o valor do reembolso. Além disso, o acordo deve constar claramente por escrito se o regime presencial for alterado para remoto:

Art. 75-D (CLT). As disposições relativas à responsabilidade pela aquisição, manutenção ou fornecimento dos equipamentos tecnológicos e da infraestrutura necessária e adequada à prestação do trabalho remoto, bem como ao reembolso de despesas arcadas pelo empregado, serão previstas em contrato escrito.

No caso da pandemia, o governo federal formulou a Medida Provisória 927/2020, e durante este período, foram confirmadas as alterações às instituições relevantes e ao sistema de teletrabalho.

Art. 3º Para enfrentamento dos efeitos econômicos decorrentes do estado de calamidade pública e para preservação do emprego e da renda, poderão ser adotadas pelos empregadores, dentre outras, as seguintes medidas: I – o teletrabalho; Poderá o empregador, a seu critério, sem necessidade de anuência do trabalhador, alterar o regime de trabalho presencial para home office, sem a obrigatoriedade de registro prévio no contrato de trabalho, bem como com apenas aviso de 48 (quarenta e oito horas) de antecedência ao obreiro.

Por fim, o teletrabalho é uma boa ideia para empresas que buscam eficiência no futuro, pois apresenta as seguintes vantagens: reduzir o custo de cada funcionário, diminuir o espaço físico da empresa, aumentar a disponibilidade de tempo dos funcionários com a eliminação do tempo de deslocamento, aumentar a produtividade etc.

O IMPACTO DO TRABALHO DOMÉSTICO NÃO-REMUNERADO NA PRODUTIVIDADE DA MULHER DURANTE O TRABALHO REMOTO

Afora toda a dificuldade que as mulheres enfrentaram para ter acesso ao meio do trabalho, a pandemia da Covid-19³ trouxe outro fator em desfavor delas: o trabalho remoto combinado com o trabalho doméstico não remunerado. Conforme apresentado no tópico anterior, por conta da construção social machista que entende que o trabalho doméstico deve ser realizado por mulheres, a divisão destas tarefas não aconteceu e sobrecarregou as mulheres, enquanto os homens que desempenhavam as mesmas atividades laborais dedicaram-se apenas a essas.

3 O ano de 2020 foi marcado pela premência em conhecer o conceito de coronavírus e seus impactos, a primeira aparição do vírus, na forma como hoje é conhecido, aconteceu em Wuhan na província de Hubei, na China, em 1 de dezembro de 2019, mas reportado somente em 31 de dezembro do mesmo ano. Em 26 de fevereiro o ministério da saúde confirma o primeiro caso de Covid-19 no Brasil.

A doença caracteriza-se por um quadro clínico que pode variar desde uma infecção assintomática a um diagnóstico grave, podendo levar os acometidos a óbito. O vírus já se configura como epidemia pois afetou diversos países do mundo se propagando rapidamente. De acordo com o ministério da saúde, os sintomas podem variar de um resfriado comum, a um quadro de dispneia (falta de ar), dores no peito e perda de fala e movimentos, em casos mais graves. O contágio se dá através das gotículas de saliva expelidas por uma pessoa contaminada e ou por contato próximo, como em apertos de mão ou contato com objetos contaminados, como celulares, mesas, maçanetas, entre outros. (DOMINGUES et al. 2020, p. 09)

Um estudo realizado conjuntamente pelos pesquisadores Maria Aparecida Bridi, Giovana Uehara e Alexandre Pilan Zanoni, publicado em setembro de 2020 no site da Rede de Estudos e Monitoramento Interdisciplinar da Reforma Trabalhista (REMIR)⁴, intitulado “O trabalho remoto/home office no contexto da COVID-19”, mulheres e homens que estavam desempenhando suas funções na modalidade de trabalho remoto. Segundo a pesquisa, a maior parte dos entrevistados declarou que seu estado civil era casado e, ficou constatado ainda, que as mulheres possuíam níveis de escolaridade mais elevados que os homens. Ou seja, era de se esperar que o resultado fosse uma divisão equilibrada do trabalho doméstico não-remunerado entre os sexos com uma ligeira tendência à redução da jornada de trabalho feminina, por conta de seu grau de escolaridade. Todavia,

A análise dos dados, portanto, revela uma divisão sexual do trabalho que embora não corresponda exatamente a um modelo tradicional, onde o papel na família e doméstico eram assumidos inteiramente pelas mulheres, e o papel do provedor sendo dos homens, no modelo atual, de conciliação, **cabe quase que exclusivamente às mulheres conciliar vida familiar e vida profissional, sobretudo quando estão reunidos no espaço doméstico.** (2020, p. 04) (Grifamos)

Ao final os pesquisadores concluem que “a modalidade do trabalho realizado no âmbito doméstico apresenta aspectos negativos que atinge ambos os sexos, mas não de forma igual” (2020, p. 04), fazendo com que as mulheres executem jornadas de trabalho exaustivas, enquanto homens têm sua produtividade pouco afetada.

Outro elemento que se soma a este resultado são os dados apresentados pelo IBGE em março de 2021 constatando que “em 2019, as mulheres dedicaram, em média, 21,4 horas semanais aos cuidados de pessoas e afazeres domésticos contra 11 horas dos homens” (IBGE. 2021, online).

É importante ressaltar que as feministas sempre souberam que as mulheres presariam de creches, lavanderias e restaurantes com preços acessíveis para que pudessem se dedicar às mesmas atividades desempenhadas pelos homens, sem que o trabalho doméstico não-remunerado influenciasse em sua produtividade (TELES, 2017). Haja vista que:

4 A Rede de Estudos e Monitoramento da Reforma Trabalhista (REMIR - Trabalho) foi criada em março de 2018 com o objetivo de acompanhar os desdobramentos da Reforma Trabalhista aprovada pelo Parlamento brasileiro em 2017. Reunidos na Unicamp, pesquisadores e pesquisadoras provenientes de várias regiões do país assumiram o compromisso de refletir, de forma crítica e sistemática, sobre os efeitos das mudanças na regulamentação do trabalho na vida de quem trabalha e no conjunto da sociedade e da economia. (Informações disponíveis em: > <https://www.eco.unicamp.br/remir/index.php/historico><)

As mulheres ocuparam o espaço público, mas os homens não migraram para o privado. Com efeito, a responsabilidade dos afazeres domésticos e cuidados continuaram a cargo das mulheres (...), fazendo com que a inserção feminina no mercado de trabalho esteja condicionada a uma conciliação entre trabalho e família. (MELO; SOARES. 2017, p.74)

Por fim, com tudo o que foi exposto até agora, não basta o princípio da isonomia estar formalmente positivado, é preciso que haja empenho político-administrativo-jurídico com o escopo de criar políticas públicas garantidoras desta igualdade. É preciso que se diga com todas as letras que os homens têm, para com a família e vida doméstica, os mesmos deveres que a construção social impõe às mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escopo deste artigo foi apresentar à leitora e ao leitor, ainda que resumidamente, como as atividades domésticas não remuneradas ferem o princípio da isonomia a partir da constatação de que a quase totalidade destas atividades é realizada por mulheres, enquanto homens que desempenham as mesmas funções trabalhistas podem se dedicar à estas (algumas vezes exclusivamente, inclusive).

A constatação de que o gênero feminino ficou sobrecarregado pelo acúmulo da jornada laboral com o trabalho doméstico não remunerado foi embasada na apresentação de pesquisas recentemente realizadas e publicadas por duas importantes instituições: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Rede de Estudos e Monitoramento Interdisciplinar da Reforma Trabalhista (REMIR), mas antes de chegar à estas conclusões, este artigo buscou evidenciar a discriminação histórica sofrida pelas mulheres.

Durante a apresentações dos fatores históricos que demonstravam como o gênero feminino vem sendo tratado de forma desigual ao longo dos tempos, este artigo trilhou as etapas da luta feminista em busca dos direitos mais básicos às mulheres até culminar no princípio da isonomia, formalmente assegurado na Constituição Cidadã de 1988 (a segunda constituição brasileira a contar com a participação feminina).

De forma mais objetiva, este trabalho apresentou que o princípio da isonomia não consiste apenas em tratar homens e mulheres de forma igual, mas sim de forma desigual, pois a igualdade formal não existe de forma material na vida cotidiana, ficando à cargo das mulheres a realização da maior parte das atividades domésticas não remuneradas. Por fim, concluiu-se que, ainda que aparentemente haja uma igualdade entre mulheres e homens, ela não existe na “vida real” e nem existem políticas firmes e afirmativas com o objetivo de colocá-la em prática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Lei 3.071 de 1º de janeiro de 1916. Disponível em: >http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm<. Acesso em 01 mar. 2021.

_____. Estatuto da Mulher Casada. Lei n. 4.121, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Disponível em: >http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4121.htm<. Acesso em 01 mar. 2021.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: >http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm<. Acesso em 01 mar. 2021.

_____. Consolidação das leis do trabalho (CLT). Decreto-lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: >http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm<. Acesso em 27 mar. 2021, às 16h12.

_____. TSE – Tribunal Superior do Trabalho. Especial Teletrabalho: o trabalho onde você estiver. Disponível em: ><https://www.tst.jus.br/teletrabalho><. Acesso em 27 mar. 2021, às 16h48.

_____. Decreto n. 10.088, de 5 de novembro de 2019. Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo Federal que dispõem sobre a promulgação de convenções e recomendações da Organização Internacional do Trabalho - OIT ratificadas pela República Federativa do Brasil. Disponível em: >http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D10088.htm#anexo28<. Acesso em 27 mar. 2021, às 17 horas.

_____. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mulheres com crianças até três anos de idade em casa têm menor nível de ocupação. Disponível em: ><https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30173-mulheres-com-criancas-ate-tres-anos-de-idade-em-casa-tem-menor-nivel-de-ocupacao><. Acesso em 28 mar. 2021, às 15h03.

BRIDI, Maria Aparecida; BEZERRA, Giovana Uehara; ZANONI, Alexandre Pilan. O trabalho remoto e as condições das mulheres no contexto da pandemia Covid-19. Disponível para download em: >https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos_2020/Trabalho_remoto_e_gnero_2_-pandemia-_artigo_Uehara__Zanoni_e_Bridi.pdf<. Acesso 05 mar. 2021.

DAMIANI, Denise; BATISTA, Luciana. BAIN & COMPANY. Sem atalhos: o caminho das mulheres para alcançarem o topo. Disponível para download em: >https://www.bain.com/contentassets/8a0746b49f4d4b4a906ca7d57dff02f/what-stops-women-from-reaching-the-top_pt.pdf<. Acesso em 01 mar. 2021.

DELGADO, Mauricio Godinho. Curso de Direito do Trabalho: 12. Ed. São Paulo: Ltr, 2013. FRAGA, Lorena. Sobrecarga atinge mulheres durante a quarentena deixando-as por um fio. Disponível em: ><https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2020/04/26/interna-trabalhoeformacao-2019,848505/sobrecarga-atinge-mulheres-durante-a-quarentena-deixando-as-por-um-fio.shtml><. Acesso em 27 mar. 2021, às 16h37.

FUHRMANN, Rafaela. Teletrabalho: mudanças da Reforma Trabalhista e impactos do coronavírus. Disponível em: ><https://blog.sajadv.com.br/teletrabalho-mudancas-da-reforma-trabalhista-e-impactos-do-coronavirus/><. Acesso em 27 mar. 2021, às 16h51.

GUEDES, Moema de Castro; ALVES, José Eustáquio Diniz. A população feminina no mercado de trabalho entre 1970-2000: particularidades do grupo com nível universitário. Disponível para download em: ><http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1307/1271>< Acesso em 02 mar. 2021.

MACHADO, Monica Sapucaia. Direitos das mulheres: ensino superior, trabalho e autonomia / Monica Sapucaia Machado. – São Paulo: Almedina, 2019.

MASSMAN, Débora; BRASIL, Patrícia. Mulher e Vulnerabilidade no direito brasileiro: uma questão de sentidos. In: BERTOLIN, Patrícia Tuma Martins; ANDRADE, Denise Almeida de; MACHADO, Mônica Sapucaia. Mulher, Sociedade e Vulnerabilidade. Erechim – RS: Editora Deviant LTDA., 2017, p. 43 – 63.

MELO, Hildete Pereira de; SOARES, Cristiane. A trajetória da construção da igualdade nas relações de gênero no Brasil: as empregadas domésticas. In: BERTOLIN, Patrícia Tuma Martins; ANDRADE, Denise Almeida de; MACHADO, Mônica Sapucaia. Mulher, Sociedade e Vulnerabilidade. Erechim – RS: Editora Deviant LTDA., 2017, p. 64 – 85. OIT. Organização Internacional do Trabalho. C156 - Sobre a Igualdade de Oportunidades e de Tratamento para Homens e Mulheres Trabalhadores: Trabalhadores com Encargos de Família. Disponível em: >https://www.ilo.org/brasilia/convencoes/WCMS_242709/lang--pt/index.htm<. Acesso em 04 mar. 2021.

RESENDE, André Lara; FRAGA NETO, Arminio; BACHA, Edmar et al. Economia brasileira: notas breves sobre as décadas de 1960 a 2020. Disponível para download em: ><http://iepecdg.com.br/wp-content/uploads/2018/02/180207ECONOMIA-BRASILEIRA.pdf><. Acesso em 04 mar. 2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

VALVERDE, Marina Novellino; SOUZA, Nathalia Vogas de. O coronavírus e o trabalho remoto: é hora de levar o trabalho ao trabalhador. Disponível em: ><https://uerjlabuta.com/2020/03/26/o-coronavirus-e-o-trabalho-remoto-e-hora-de-levar-o-trabalho-ao-trabalhador/><. Acesso em 27 mar. 2021, às 16h54.

O TERROR PSICOLÓGICO EM ROMEU E JULIETA

LIMA, Elissandro Ferreira
VILLANI, Fabio Luiz

RESUMO

O presente artigo traz uma análise da obra "Romeu e Julieta", explorando as características dos personagens presentes na história e o papel que desempenham na sociedade. Shakespeare foi um autor que trouxe, em suas obras, reflexões sobre características da sociedade da época, que podem conversar com costumes ainda presentes na sociedade dos tempos atuais. A análise feita traz as críticas sobre a sociedade e o horror psicológico dentro da obra, abordando temas como: sociedade tóxica, abusos familiares, a opressão da mulher na sociedade, desigualdade social e etc. A pesquisa bibliográfica tem com o objetivo trazer uma reflexão sobre problemáticas presentes no nosso cotidiano por vários séculos.

Palavras-chave: Análise, sociedade, reflexões.

Abstract

This article presents an analysis of the work "Romeu e Julieta", exploring the characteristics of the characters present in the story and the role they play in society. Shakespeare was an author who brought, in his works, reflections on characteristics of the society of the time, which can talk with customs still present in the society of the present times. The analysis carried out brings criticism, about society, and psychological horror within the work, addressing themes such as: toxic society, family abuse, the oppression of women in society, social inequality, etc. The bibliographic research done, comes with the objective of bringing a reflection on problems present in our daily life for several centuries.

Keywords: Analysis, society, reflections.

INTRODUÇÃO

A obra Romeu e Julieta, tragédia escrita entre 1591 e 1595, traz muito mais que apenas uma história de amor. Se a princípio a ideia passada é de um simples amor juvenil não aceito, no decorrer da obra o desenvolvimento dos personagens, suas falas e ações, expressam que o romance dos dois jovens representa a ideia de libertação de costumes que afetam, de forma negativa, os personagens da história. Lispector (1968) traz a reflexão do "ser", onde expressa que, por estarmos tão acostumados a seguir papéis socialmente aceitáveis, acabamos perdendo nossa real identidade; a busca de Romeu e Julieta é exatamente a liberdade de viver, amar e, principalmente, ser quem eles quiserem ser, sem acabar sendo escravos de ditaduras sociais.

Há uma denúncia sobre os abusos sociais e como eles afetam a mente humana. Os protagonistas não são as únicas vítimas que sofrem as consequências por suas buscas, todos que estão envolvidos perdem algo, seja a própria vida ou a de alguém importante para eles.

Uma análise foi feita baseando-se nas características dos personagens e da história em si, comparando com a realidade do contexto histórico da obra e fatos sociais presentes até os dias de hoje. Muitas vezes vista como, somente, um romance dramático sobre um amor proibido, *Romeu e Julieta* traz a coragem, luta de causas e minorias sociais, tudo em uma grande denúncia sobre os abusos da sociedade e como afetam a mente humana.

A obra foi analisada buscando desvendar a representação dos personagens presentes na tragédia e, até mesmo, entender a presença, discreta, do terror psicológico presente na obra. A análise apresenta, como foco principal, como a sociedade leva os protagonistas ao trágico fim. Os protagonistas e coadjuvantes tornam a obra uma grande crítica social e, assim, citando Freire (1981, p. 17), pode ser dedicada "(a)os esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim, descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam".

A pesquisa bibliográfica, usada para o desenvolvimento do presente artigo traz a análise e a importância da obra para reflexões sobre a sociedade. Mesmo depois de quase meio milênio passado da criação da obra, ela ainda consegue, perfeitamente, dialogar com assuntos atuais, indo da invisibilidade feminina até a masculinidade tóxica.

2. Resumo da obra

Uma rivalidade, iniciada antes de Shakespeare trazer suas primeiras palavras na obra, é apresentada logo no primeiro ato¹, Capuletos e Montecchios são famílias rivais e, pelo que se apresenta na obra, levam sua rivalidade ao incômodo de cidadãos de Verona². As brigas constantes são postas ao fim, no início da obra, não por haver, enfim, resolução das desavenças entre as famílias, mas sim, por ser intervinda pelo príncipe de Verona. O incômodo aos cidadãos é posto um fim, a briga, que ali ocorre, é ordenada a parar. Por proclamação do príncipe, caso as brigas entre tais famílias volte a perturbar a cidade, a punição contra eles será a morte. Assim a obra é iniciada, com a explicação da existência de uma rivalidade entre os jovens protagonistas.

1 Ato, no teatro, refere-se às divisões que compõem uma peça teatral, cada ato dura, em média, entre 30 e 90 minutos.

2 Verona é uma cidade da região de Vêneto, norte da Itália

Romeu, um jovem Montecchio, se encontra longe da briga que acontecia no início do primeiro ato, e aparece, pela primeira vez, em diálogo com seu primo, Benvólio. Romeu se encontra disperso, melancólico e ferido, o motivo seria um amor não correspondido por uma moça que é citada, porém, nunca aparece na obra, Rosalina, pertencente à família Capuleto.

Ao ajudar um criado de Capuleto, Romeu descobre que sua amada, Rosalina, estará na festa dada para que Julieta, também uma Capuleto, conheça seu prometido, Páris. Descobrendo isso, Benvólio sugere que Romeu vá a festa, para que, ao ver outras moças, note que Rosalina não é, como qualquer outra, apenas mais uma moça, trazendo isso com o objetivo de ajudar seu primo a superar a rejeição pela qual Romeu sofre. Romeu acaba por ir e, à primeira vista, se apaixona pela jovem Julieta, entendendo-se que superou Rosalina. Acaba sendo visto por Capuleto, mas esse não o deseja mal e prefere manter a paz e deixar o jovem Romeu.

Um tempo posterior a festa, Romeu pula os muros da casa dos Capuleto, a fim de encontrar Julieta e se declarar para a garota. Descobre, então, a reciprocidade pelos seus sentimentos e, por um diálogo que se resume a declarações de amor, falam sobre, caso sejam sentimentos verdadeiros, o casório deles.

Tebaldo, primo de Julieta, desafia Romeu, que nega o desafio, dizendo ter razões para ama-lo e não o contrário. Mercúrio, amigo de Romeu, puxa sua espada a fim de proteger o amigo, mas acaba sendo morto no confronto. Furioso, Romeu tira a vida de Tebaldo, tendo assim, que ser exilado de Verona, caso contrário pagaria com sua vida por ir contra a lei dada pelo príncipe.

O casório de Julieta e Páris então é marcado para quinta-feira. Sem saber o que fazer, Julieta procura pelo Frei Lourenço, para chorar suas mágoas. Com a intenção de ajudá-la, Frei Lourenço entrega um frasco e orienta que Julieta beba, quando sozinha, em seu quarto, para simular sua morte e o casamento não aconteça, planejando que Romeu e ele esperem o despertar dela para que possam fugir para Mântua³.

Ao ir ver o corpo, supostamente, falecido de Julieta, Romeu encontra Páris, que acredita que a morte dela tenha sido causada pela dor de perder Tebaldo. Entram em discussão e acabam por confrontar-se, levando a morte de Páris, que pede para que seu corpo seja colocado ao lado de sua, antes de falecer, prometida. Romeu acata o pedido de Páris,

³ Mântua é uma comuna italiana da região da Lombardia.

junto a várias declarações e reflexões, Romeu toma o veneno que comprou ao saber da morte de sua amada, levando-o a uma morte real e rápida. Quase que ao mesmo tempo, Frei Lourenço chega e vai a caminho do túmulo de Julieta, sem saber o que Romeu acaba de fazer. Julieta desperta e se depara com os corpos de Romeu e Páris, sendo orientada pelo frei a sair dali, mas o expulsa. Ao ficar só, vê o recipiente do veneno que Romeu tomou, beijando-o com esperança de ter um pouco do líquido em seus lábios, ouvindo barulhos dos guardas indo até ali, toma o punhal que se encontrava na mão de Romeu e leva-o, de forma fatal, ao seu peito, caindo por cima de seu amado.

Toda a história acaba por ser contada, aos familiares dos jovens falecidos e ao príncipe, pelo Frei Lourenço. Levando todos a uma culpa melancólica e ao fim, tardio, de sua rivalidade.

3. Análise sobre a crítica presente na obra

A obra Romeu e Julieta, escrita e publicada no final do século XVI, por William Shakespeare, traz reflexões sobre uma sociedade tóxica e como o tradicionalismo vem a afetar o que se distanciar dos conceitos de certo e errado, no pensamento tradicional. Na obra há uma constante luta interna dos personagens no que se refere a seguir deveres ou buscar sua liberdade, a GHIRARDI (2014) cita sobre as questões abordadas nas obras de Shakespeare "Nas tragédias, temos questões politicamente muito fortes, mas que se confundem com dilemas e subjetividade."; trazendo uma reflexão que tem uma forte presença em Romeu e Julieta, os desejos pessoais dos personagens em conflito com seus deveres.

3.1 O retrato da mulher na sociedade

Os personagens presentes na obra, mesmo os com poucas aparições, trazem retratos da época em forma de críticas sociais, ao estarem ligados aos trágicos acontecimentos finais. A figura feminina apresentada, traz quatro perfis diferentes de mulheres da época:

Rosalina: Apesar de não aparecer, em momento algum, na estória, Rosalina é citada como, aparentemente, o primeiro amor de Romeu, negando-o pelos seus votos de castidade. No século XV, muitas moças viriam a se fazer votos de castidade e ir para conventos. Apesar de haver muitas que buscam, por suas religiões, a santidade. Quando uma família vinha um grande número de filhas, os pais optavam por colocá-las em conventos, assim evitaria a necessidade de pagar grande dotes aos bens que viessem a casar com suas filhas. Sendo assim, muitas vezes, a castidade era o refúgio para evitar a falência.

A Ama de Julieta: As mulheres das camadas sociais mais baixas que, recentemente, tivessem dado à luz, recebiam o trabalho de amamentar os filhos de suas patroas; isso se dava pelo fato de que, na época, esperava-se uma alta taxa de nascimentos, preferencialmente de meninos, para garantir o poder, riquezas, entre outros benefícios voltados à família.

As mulheres na época, casavam-se muito jovens, a primeira menstruação já era um sinal, de acordo com o pensamento dos homens da época, de que a mulher estava madura, logo, poderia casar; isso fazia com que, desde muito jovens, já fossem mães, precisando, assim, de amas, pois seus corpos, como jovens, ainda eram muito frágeis e as deixavam expostas aos ricos pós-parto. A prática de amamentação, então, era passada às empregadas, também pela crença de que tal ato teria um efeito contraceptivo. Era possível, então, notar uma aproximação maior com suas amas do que, muitas vezes, com seus próprios pais, não deixando, mesmo assim, de haver um entendimento e tratamento que deixassem claros os papéis de cada um.

Tais características descritas são possíveis notar na relação entre a Ama e Julieta; a intimidade e confidenciais da jovem, são tidas com sua ama, não com sua mãe. Ao mesmo tempo que vemos a preocupação da Ama com Julieta, também a vemos ajudá-la, esperando o melhor para a jovem, mesmo que essa ainda seja apenas uma criada. A ajuda em busca do êxito, na busca pela liberdade de Julieta, pode também representar a vontade que a Ama encontra de dar à Julieta algo que não era comum para mulheres da época: a liberdade.

Assim sendo, a Ama de Julieta se mostra como uma das mulheres mais fortes e conscientes da obra, não pensando, em momento algum sobre as punições que ela; como mulher, em posição social desprivilegiada e empregada de uma família com certa influência; poderia sofrer por ajudar e omitir os planos da jovem Julieta. Seguindo o pensamento de BEAUVOIR (2005) que reflete sobre o desejo de liberdade ser, também, o desejo da libertação dos outros; a Ama expressa seu desejo de liberdade através da sororidade⁴, sendo possível ler suas atitudes como um ato de revolta e luta por mudanças. "Não sou livre enquanto alguma mulher não for, mesmo quando suas correntes são muito diferentes das minhas." (LORDE, 1981, p. 10, tradução nossa)

4 Sororidade é a ideia de solidariedade entre mulheres. Do latim "sóror" que significa "irmãs", traz a ideia de apoio, ajuda e respeito. Podendo ser considerado a versão feminina de "fraternidade", sendo originária do prefixo "frater" que significa "irmão".

Senhoras Capuleto e Montecchio: As mães de Julieta e Romeu, trazem a representação da mulher que segue os costumes da época, acabam sendo distantes, sendo a mãe de Julieta a mais distante, dos filhos, e, mesmo que consciente dos assuntos, como figuras submissa às decisões de seus maridos.

[...]o frei Querubino em sua obra "A Regra da vida Matrimonial", recomendava que na falha das boas maneiras e da persuasão, a mulher deveria ser espancada, não com fúria mas com amor, para a salvação de sua alma.

Tudo isso era para as mulheres de classe média e alta, as demais classes restavam a obediência pela sobrevivência e em muitos casos era amor de verdade, afinal ambos eram iguais perante aos nobres e clero. (Zampieri, 2013, p. 21)

A mulher recebia uma educação bem diferente do homem, sendo ensinado o dever de submissão a figura masculina. Enquanto solteira sendo submissa ao pai e, caso tivesse, irmãos mais velhos; ao casar, a submissão deveria ser com seu marido, havendo uma relação, basicamente, de proprietário e propriedade. Na própria Inglaterra, terra de Shakespeare, houve uma consuetudinária⁵ conhecida como "rule of the thumb" traduzindo como "regra do polegar", onde era declarado que uma mulher ao ser punida com galhos de, no máximo, diâmetro semelhante a um polegar.

Julieta: Por fim, a representação do desejo de liberdade da mulher. Como explicado, sobre outros perfis presentes na obra, a mulher era vista somente como, basicamente, um objeto que realizaria os desejos do homem.

Julieta, uma jovem de quatorze anos incompletos, vem com o desejo da liberdade, inicialmente de forma inocente, apenas tentando viver da forma que ela achava melhor para si mesma. Posteriormente isso muda, ao notar que sua vida nada mais é do que uma propriedade de seu pai, tornando seu ato de rebeldia não apenas um desejo para viver seu romance, mas, também, sendo a fuga de uma vida de submissão, buscando a liberdade que ela entendeu que não teria se continuasse ali. BEAUVOIR (1980, p. 9) cita "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher" trazendo a reflexão sobre o "ser mulher" e "ser homem", sendo algo performático de acordo com a cultura da

⁵ Direito consuetudinário, são leis que não passam pelo processo tradicional de criação de leis, sendo somente baseado em costumes sociais.

sociedade em que está inserido; partindo de tal pensamento, vemos que, na obra, Julieta torna-se mulher, especificamente, no momento que toma consciência do papel social que teve e teria perante os homens.

3.2 Sociedade tóxica e luta pela libertação

As definições do "ser homem" pode variar de acordo com a época e cultura mas, em sua maioria, as características que são impostas, ao idealizar a figura masculina, acabam levando muitos homens a performar, constantemente, trejeitos, tons de voz, costumes e etc. para entregar o que a sociedade pede dos homens. Há uma cobrança constante para que os homens provém sua masculinidade, uma masculinidade heteronormativa, agressiva e insensível; caso fuja disso, as agressões podem se manifestar de várias formas: fisicamente, verbalmente e psicologicamente. Em suma, a masculinidade construída no decorrer dos tempos, objetivou, e ainda objetiva, o distanciamento de tudo que se relacione a figura feminina. Quando a masculinidade é apresentada por homens mas de forma que se distânciada da padronização heteronormativa, sendo homens LGBTQIA+ ou, até mesmo, homens que naturalmente, pela cultura que seguem ou qualquer outro motivo, apresentam expressões diferentes dos padrões, surgem discursos, sem bases que não sejam fundamentadas em preconceito e intolerância, para anormalizar os indivíduos.

A construção social do ideal de masculinidade é tão prejudicial para os homens quanto para as mulheres. Para estas, porque as oprime em absolutamente todos os aspectos de suas vidas, desde o nascimento e por toda a vida, pois "para manter a ordem natural da sociedade" é diminuída e classificada como inferior. Para os homens, porque os coloca em posição irracional, como se não fossem capazes de dominar suas pulsões e estivessem à mercê de seus instintos tal qual animais selvagens. (NIGRO e BARACAT, 2018, p. 16)

Os abusos sofridos pelas mulheres, presentes na obra, não são os únicos que refletem os costumes, pensamentos e atitudes tóxicas da sociedade. Os homens, especificamente os mais jovens, da obra, também sofrem, de forma diferente das mulheres, com a pressão social. Todo o arco de personagens próximos à Romeu, demonstram características semelhantes. Sendo, todos os personagens, afetados pela relação tóxica dentro e fora do meio familiar.

Reconhecer a toxicidade de uma relação é mensurar o quanto de dor e sofrimento essa convivência traz. Desconforto, inferiorização, descrença, 177

humilhação e abuso são alguns comportamentos que podem existir em uma relação tóxica dentro ou fora do ambiente familiar. Garcia (2020).

Benvólio: Primo de Romeu, Benvólio é o mais próximo do protagonista, também sendo a figura masculina que mais compreende Romeu, o personagem apresenta a sensibilidade explícita e a todo momento tentando ser compreensivo e fiel. Apesar da descrição que Mercúrio faz de Benvólio, onde o descreve, ironicamente, como um rapaz briguento, Benvólio vem a ser uma figura despreendida do esteriótipo masculino e, também, o mais pacífico.

Mercúrio: Amigo de Romeu, é o que mais expressa o conceito padrão de masculinidade, mas, apesar disso, busca ajudar Romeu. Mercúrio acaba sendo morto por Tebaldo, ao tentar lutar em defesa de Romeu. Apesar de não apresentar muitas semelhanças a Romeu ou Benvólio, um dos motivos sendo suas características que representam a masculinidade heteronormativa, ajuda e, até mesmo, perde a vida para defender Romeu, mostrando, assim, acreditar e querer ajudar na luta, contra costumes da sociedade, de Romeu.

Senhor e Senhora Montecchio: Não tendo muitas aparições na obra, apresentam um outro lado da cultura familiar da época, se por um lado, havia uma certa ausência e despreocupação, de certa forma, com as filhas na época, com os garotos era algo diferente, logo no início da obra já é descrito a preocupação e aproximação do senhor Montecchio com Romeu e a preocupação de sua mãe com o mesmo. Mesmo sendo distantes, o tratamento com filhos eram diferentes do que os que as filhas recebiam, na época.

Romeu e Julieta: Estando além simples personagens apaixonados, são a própria representação da busca pela liberdade e descontração de costumes. Os amigos de Romeu, Frei Lourenço e a Ama de Julieta, acabam por enxergar isso e, se a princípio, os julgam como apaixonados inconsequentes, no decorrer da história se mostram preocupados de tal forma, que se entende como tudo está, muito, além do casal, é a ideia de liberdade que eles trazem, e que seus amigos entendem. Julieta vê Romeu como a ideia da liberdade, assim como ele a vê da mesma forma.

Ama de Julieta e os demais criados: Todos apresentam como as classes mais baixas são tratadas, tendo que se preocupar somente em servir as famílias que os empregavam, não tinham acesso à educação e eram tratados como inferiores, a ponto de não ter importância as limitações que teriam para desempenhar as funções a eles atribuídas, como é visto no momento em que o Capuleto, pai de Julieta, entrega uma lista de convidados a um criado e pede para que procure as pessoas descritas na lista, sem nem ao

menos se importar se o criado teria como entender a lista, mostrando, logo após o pedido de Capuleto, que o criado não sabe ler.

Outro ponto importante é a forma que os criados nem possuem nomes, podendo ser interpretado com algo além uma escolha do autor por não dar nome a tais personagens, simbolizando a falta de identidade que tinham aos olhos das classes mais altas, Alves (2020) "Os grupos sociais subalternos são aqueles que estão relegados à margem da história porque a história que se impõe como verdadeira é a dos grupos dominantes"

4. O terror psicológico presente na obra

O conceito de terror, geralmente, está ligado aos sustos e medos que algo transmite para o público, entretanto, tal gênero pode ter várias vertentes, sendo uma delas o "terror psicológico". Esse subgênero trabalha com a vulnerabilidade da mente, causando a sensação de terror por meio do desconforto que, o que é apresentado, irá passar. Junqueira e Nestarez (2017) trazem uma explicação psicanalista do gênero, citando "É menos a sanguinolência e a nojeira, e mais o clima e a ambiência; é menos o visual e mais a sugestão; enfim, é menos o nosso sensorial e mais... bem, mais o nosso psicológico".

No filme "Mother" de 2017, o terror psicológico, que traz passagens da bíblia com uma visão diferente, vem por meio das aflições causadas pela impotência da protagonista do filme. Em "O Homem Invisível" de 2019, o terror psicológico e misturado com ficção e apresenta a relação abusiva vivida pela protagonista e uma crítica sobre a forma que a mulher é vista ao colocar sua palavra contra a de um homem.

A morte é uma personagem presente na obra Romeu e Julieta, mesmo que de forma poética. As situações presentes na obra são vistas, de certa forma, com naturalidade por serem reais, mesmo fora da ficção, e é aí que o terror psicológico aparece, as situações sociais que os personagens estão expostos, são a causa de cada tragédia presente no romance. Shakespeare trouxe os gêneros, romance e drama, ligados a uma crítica relacionada a sociedade. Ver o retrato do sobrenatural em obras visuais, sonoras ou literárias, pode ser aterrorizante. Mas ver a dor, o drama e os perigos reais que vivenciamos diariamente, isso pode ser a forma de terror mais pura existente, porque não é a nossa mente tendo que trabalhar sob a ficção, é nossa mente sendo exposta às possibilidades cotidianas da sociedade, como afirma Junqueira e Nestarez (2017) "[...] a ficção de horror, ao nos colocar diante das fraturas do que é conhecido lá fora, lembra-nos de nossa própria condição aqui dentro - solitária, desamparada, angustiante."

O terror, ao visualizar a história na nossa realidade, está em não poder ser quem realmente é e, ao escolher ir contra regras da sociedade, correr riscos que podem ir de agressões físicas a psicológicas. Neste romance dramático e trágico, há uma constante luta interna demonstrando a reflexão das personagens, por mais que tudo aconteça, cronologicamente, rápido, o tempo não é o protagonista, assim como Romeu e Julieta também não são, a ditadura social, apresentada em menor escala como apenas desavenças familiares, é a protagonista, a angústia da falta de liberdade em ser quem é, acaba por ser o ponto chave da história. O terror se resume em escolher entre uma vida sem liberdade e cheia de riscos pela intolerância ou a morte como a única real liberdade.

5. Considerações finais

O suicídio de Romeu e Julieta, geralmente, é apenas visto como o fim do romance proibido que ambos viveram, mas vai além disso, entrando no autoconhecimento, relações abusivas, machismo e vários outros temas. Os protagonistas não são só um casal em busca de viver um grande amor, são almas que se entendem pela busca da liberdade, cada um com um conceito diferente, por ser realidades diferentes. A obra não é, de forma alguma, somente sobre os dois jovens, a obra acaba sendo sobre todos aqueles que pertencem a uma sociedade tóxica, sejam eles os oprimidos ou os opressores. Levando a uma reflexão sobre os perigos do tradicionalismo cego, a intolerância e os abusos da sociedade.

Todos os personagens representam figuras comuns, presentes no dia-a-dia de todos, Shakespeare traz Romeu e Julieta como a representação da ideia de liberdade na sociedade, sobre a busca e consequências, traz a questão "até onde vale a pena ir para ser livre?", que terá respostas infinitas por dependerem de quem reflete sobre. A morte dos dois, não deve ser vista como o fim de tudo, mas como o início de tudo, pelo sentimento que despertam nos outros personagens e por, enfim, serem livres, mesmo que isso seja representado pela morte. Moore e Lloyd (2006) trazem o conceito de que uma ideia não morre com seu idealizador, sendo ela, assim, imortal; e a liberdade é a ideia imortal na obra.

Por fim, Romeu e Julieta representam o próprio leitor, deixando a cargo dele refletir sobre as injustiças presentes na sociedade em que ele se encontra, mesmo que não afetem, por questões de privilégios, alguns grupos. No decorrer da história, na nossa realidade, podemos ver diversas representações de pessoas que tiveram o mesmo fim que os protagonistas da obra de William Shakespeare, ao buscar pela liberdade e direito de ser quem são: a morte. Sejam mulheres, pessoas não brancas, LGBTQs e diversas outras minorias, grupos que perderam diversas pessoas ao buscarem pelo direito de "ser livre".

Shakespeare traz uma provocação tão óbvia, que acaba sendo deixada em segundo plano, não é a briga entre as famílias que leva os jovens ao suicídio, são os abusos dentro de suas famílias e na sociedade em si, é a opressão, o silenciamento de suas vozes. Vários personagens são vítimas da sociedade, mas o foco acaba sendo voltado ao romance apenas.

Romeu e Julieta acabam sendo todos aqueles que, por algum motivo, não podem ser quem são ou correm riscos por ser quem são, sendo uma obra que conversa, perfeitamente, com os abusos da sociedade em diversas épocas diferentes. A reflexão do leitor é necessária, para que o ato de suicídio seja visto como o que realmente é: o reflexo de uma sociedade tóxica e seu impacto na mente das pessoas. A discussão e busca pela mudança, no que se refere a sociedade e suas culturas opressoras, deve ser constante, para que a morte não seja a única escapatória para pessoas que se diferem dos padrões sociais.

Bibliografia

ALVES, Douglas S. Opressão, lugar de fala e reprodução social. 2020. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/opressao-lugar-de-fala-e-reproducao-social/>>. Acesso em 01 de Setembro de 2020.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: Experiência vivida. 2º ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1980.

BEAUVOIR, Simone. Por uma moral da ambiguidade. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 9º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

GARCIA, Diego. Família também pode ser tóxica: veja como lidar com esse caos. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/05/23/familia-tambem-pode-ser-toxica-veja-como-lidar-nesses-casos.htm>>. Acesso em 10 de Setembro de 2020.

GHIRARDI, José G. Os 450 anos de Shakespeare. Podcast Rio Bravo: 25 de Abril (?) 2014. Entrevista concedida a Fábio Cardoso. Disponível em: <<https://m.soundcloud.com/riobravoinvestimentos/podcast-276-jose-garcez-ghirardi-os-450-anos-de-william-shakespeare>>. Acesso em 03 de Setembro de 2020.

JUNQUEIRA, Eduardo V; Nestarez, Oscar. Horror psicológico: a psicanálise explica nosso fascínio pelo medo. 2017. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/06/horror-psicologico-psicanalise-explica-nosso-fascinio-pelo-medo.html>>. Acesso em 11 de Setembro de 2020.

LISPECTOR, Clarice. A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2008.

LORDE, Audre. The Uses of Anger. New York: Feminist Press. 1981.

NIGRO, Isabella S.; BARACAT, Juliana. Masculinidade: precisa como diamante, frágil como cristal. Revista Científica Eletrônica de Psicologia, Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral, São Paulo, v. 30, n.1, p. 04- 19. Maio, 2018.

MOORE, Alan; LLOYD, David. V de Vingança. Tradução de Hércio de Carvalho e Levi Trindade. São Paulo: Panini Cómics. 2006.

ZAMPIERI, Kiko. Forte sexo frágil - Emancipação ou Autoconhecimento. Revista Espinho D'água, revista online: v. 4, p. 18- 23. Outubro, 2023.

ORGAN-ON-A-CHIPS: PLATARFORMAS PARA O TRATAMENTO DE DROGAS

SPINA, Ana Biatriz Leal
FREITAS, Ketlyn Cristina dos Santos de
OLIVEIRA; Matheus Abreu de
MARTINS, Rafaela
LEAL, Vinicius Neiva
BIZETO, Luciana.
LIBERATO, Michelle da Silva.

RESUMO

“Organ-on-a-chip” é uma tecnologia que visa o auxílio nas pesquisas para novas formas de tratamento, buscando maior precisão. Utilizada como alternativa para teste in vivo, essa tecnologia mimetiza órgãos e sistemas humanos. O conjunto de dois ou mais dispositivos forma o “body-on-a-chip”, que, devido a sua semelhança com o corpo humano, concede um melhor entendimento das interações medicamentosas com os órgãos. Os sistemas microfluídicos (SMF) são um avanço que permite estudos in vitro, bastante utilizados para descoberta de drogas, pois diminuem os riscos causados pelas reações adversas, visto que estes danos podem comprometer a integralidade do ser vivo.

Palavras-chave: Organ-on-a-chip. Body-on-a-chip. SMF. Liberação de Drogas.

ABSTRACT

Organ-on-a-chip is a technology that aims to aid research for new forms of treatment, seeking greater accuracy. This technology is used as an alternative to in vivo testing, used as an alternative for in vivo testing, this technology mimics human organs and systems. The set of more than two organ-on-a-chips form the body-on-a-chip, which due to its resemblance to the human body gives a better understanding of the drug interactions with organs. The microfluidic systems (SMF) is an advance that allows in vitro studies, widely used for drug discovery, because they reduce the risk caused by adverse reactions, since avoiding these damages can compromise the integrity of the living being.

Keywords: Organ-on-a-chip. Body-on-a-chip. SMF. Drug delivery.

INTRODUÇÃO

Percebem-se conflitos sobre o uso de animais para testes cosmeto e farmacológicos, diversas vezes com discursos de maus tratos. Movimentos que lutam contra essa prática alegam uma objetificação dos seres vivos, que são criados apenas para estudos. Em contrapartida, os pesquisadores provam que fazer testes in vivo é indispensável, visto que, quando sozinhos, os estudos in vitro não expressam segurança nos resultados.

É fato que o número de pesquisas e artigos publicados com temáticas nanomédicas aumentaram nos últimos anos, de 2000 a 2014, em 12, 985 e 380 vezes as publicações sobre áreas de microfluídica, respectivamente. Os números de publicações encontradas pelas palavras-chave (microfluidics e microphysiocal systems) estão representadas no gráfico entre os anos de 1998 e 2017).¹

A área farmacêutica, voltada para pesquisas e desenvolvimento de fármacos, cresce exponencialmente, tendo em vista a constante busca por fórmulas que tratarão patologias contemporâneas. Na etapa final, para serem lançados no mercado, após anos de estudos, essas drogas devem passar por testes in vivo, para concretizar seus resultados.

Tendo isso em mente, os pesquisadores desenvolveram novas técnicas para realizar experimentos sem precisar utilizar animais. Os "organs-on-chips" são dispositivos microfisiológicos que buscam mimetizar o ambiente celular de um ou mais órgãos humanos.

Destaca-se a busca por sistemas de liberação de drogas mais eficientes, visto que a cura de determinada doença dependerá da dosagem, do intervalo de tempo a ser administrado e qual será a duração dessa droga no organismo. O avanço tecnológico possibilita o controle de diversas ações relacionadas a liberação de drogas, mas falta precisão ao localizar e agir no sítio patológico, falha essa que o "organ-on-a-chip" ajudará a sanar.

DESENVOLVIMENTO

Organ-on-a-chip

"Organ-on-a-chips" são sistemas microengenheirados biomiméticos que contém canais microfluídicos que veiculam meio de cultura com nutrientes e extraem catabólitos dos tecidos em cultivo. Os tecidos são cultivados em ambientes que projetam e replicam de melhor maneira que o in vivo do tecido. Podem ser definidos alternativamente como modelos de órgãos humanos em microescala (de 10^{-6} até 10^{-4} em relação ao tamanho original). Combinam as vantagens de in vivo ao in vitro, as imagens, sistemas e sensores podem ser lidos em tempo real, e a replicação pode ser imitada tanto em tecidos saudáveis quanto em tecidos doentes, no mesmo ambiente.

Os sistemas buscam reproduzir níveis de funcionalidade de tecidos e/ou organoides, além de análise em tempo real, seja de parâmetros bioquímicos ou metabólicos (albumina, lactato desidrogenase, glicose, O_2 , concentração de glutamina, estado funcional de mitocôndrias, estrutura e morfologia do núcleo celular, estado redox, concentração de ATP, entre outros). Os parâmetros citados anteriormente são monitorados por meio de biossensores externos ou internos, através de imagens microscópicas e análises do fluido coletado do sistema. Esses acessórios podem conferir vantagens sob a economia de tempo e melhora da reprodutibilidade dos dados produzidos.

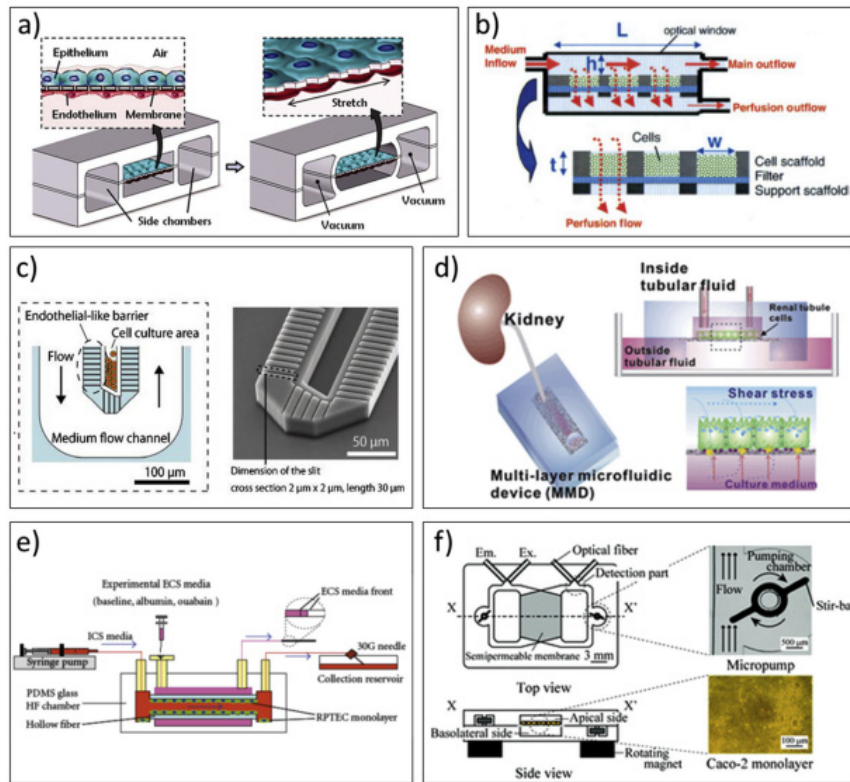


Figura 1: Dispositivos “organ-on-a-chip”: a) O lung-on-a-chip replica os movimentos fisiológicos da respiração aplicando vácuo nas câmaras dos lados e causando alongamento mecânico de uma membrana elástica formando a barreira alvéolo-capilar. b) Dispositivo microfluídico para cultura de fígado 3D perfundida. c) O dispositivo liver-on-a-chip imita a estrutura de um cordão hepático. d) O dispositivo kidney-on-a-chip possui uma membrana porosa gera ambientes tubulares semelhantes ao in vivo para coletar células do ducto. e) O dispositivo kidney-on-a-chip com a estrutura tubular do túbulo renal, incorporando uma membrana tubular de fibra oca. f) O dispositivo gut-on-a-chip possui uma estrutura de 2 compartimentos separados por uma membrana microporosa e microbombas à base de agitadores e inserções de fibra óptica para cada compartimento. (FUJII T, 2017)

Os organoides humanos cultivados isoladamente até o momento, incluem: pulmão (células endoteliais microvasculares pulmonares com interface com células epiteliais alveolares), vias áreas inferiores (células humanas primárias diferenciadas em epitélio mucociliar), rim (células epiteliais do túbulo proximal humanas), intestino (linhagem celular humana CaCo2). Nessa tecnologia, cada organóide mimetiza as interfaces celulares de seu respectivo órgão, assim como algumas de suas características fundamentais, por exemplo, o movimento peristáltico do intestino. Respectivamente:

Lung-on-a-chip: Foi desenvolvido pelas pesquisas na universidade de Harvard, grupo Ingber. Foram cultivadas células epiteliais e endoteliais, na parte superior e inferior, respectivamente. Através da pressão interna dos canais em ambos os lados do 185

canal principal, eles fizeram a expansão e contração, dando o movimento de respiração 11. (Fig. 1a)

Kidney-on-a-chip: Desenvolvido para realizar as funções renais de metabolizar e eliminar toxinas, o dispositivo é constituído de células rim-2 humano (HK-2) e células epiteliais do rim canino Madin-Darby (MDCK) aderidas à superfície de um microcanal e carregadas com estresse fisiológico (n). com a intenção de reproduzir uma estrutura fiel à real, foi proposto um dispositivo que imita a estrutura tubular do túbulo renal, incorporando uma membrana tubular e fibra oca em um microcanal 11. (Fig. 1c,1d)

Gut-on-a-chip: Criados por Kimura e seus colaboradores, tem como função ser uma barreira contra medicamentos administrados via oral, e para que fosse avaliado essa função foi desenvolvido o gut-on-a-chip com sistema de detecção óptica. Para que fosse possível replicar mais precisamente as condições fisiológicas, usaram para co-cultivar micróbios em contato com células epiteliais do intestino e, assim, analisar os fenômenos fisiológicos. Ao fim, foi concluído que esse método pode ser usado para analisar fisiopatologia intestinais e dissecar a doença in vitro 11. (Fig. 1f)

Body-on-a-chip

Os SMF que contemplam dois ou mais órgãos têm grande potencial de aplicação em estudos de farmacocinética, os quais envolvem análises dos perfis de absorção, distribuição, metabolização, excreção e toxicidade (ADMETox) de uma substância ou de fármaco, além de também poder simular doenças humanas in vitro¹. Os chamados "body-on-a-chip" são estudados devido a sua semelhança com o corpo humano, que permite mimetizar a interação do fármaco com os órgãos, analisando a biodisponibilidade e exposição sistêmica. Esses sistemas auxiliaram na descoberta de novas fórmulas, diminuindo a necessidade de fazer testes in vivo em larga escala, visto que as células a serem cultivadas são humanas, fazendo com que os experimentos em animais sejam menos frequentes.

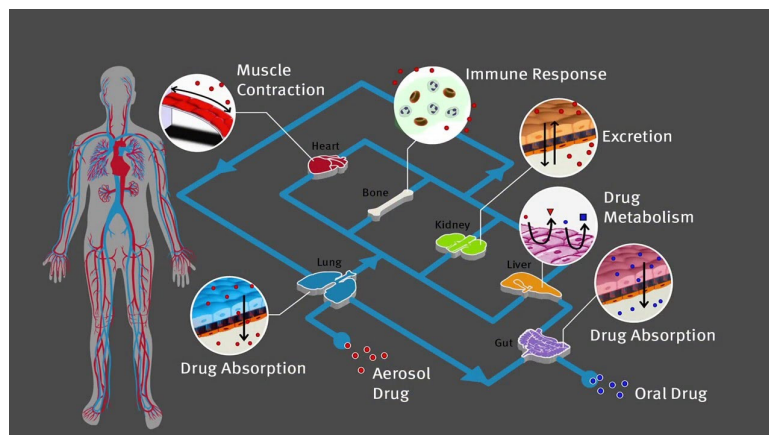


Figura 1: representação de um conjunto de dispositivos, "body-on-a-chip".
(<https://i.ytimg.com/vi/0jf6Tor9WtA/maxresdefault.jpg>)

Realizaram-se experimentos in vitro simulando o sistema circulatório entre os intestinos e o fígado, visto que é um sistema importante para síntese de fármacos. O sistema porta hepático compreende os vasos e órgãos ligados, intestinos e fígado, é conhecido por ser uma barreira contra intoxicação, pois o que é absorvido pelos intestinos passa pelo fígado, que metaboliza substâncias possivelmente nocivas ao corpo, por isso é um sistema que deve ser estudado na pesquisa de novos fármacos. Como mostrado na figura acima, outros sistemas importantes são analisados, como o renal, responsável pela excreção de substâncias tóxicas; o respiratório, para estudar fármacos administrado pelas vias aéreas e doenças pneumáticas; o sistema imunológico, visando estudar as respostas do corpo em contato com a droga.

Descoberta de fármacos

A indústria farmacêutica está sempre em busca de novas fórmulas para curar ou amenizar sintomas de doenças degenerativas. Porém, para ter novos medicamentos e cosméticos são necessários anos de pesquisa, que só terminam após a comercialização, com o controle de qualidade pós venda. Pesquisa-se, também, sistemas de liberação de drogas, visando melhor absorção e distribuição, uma vez que determinadas patologias precisam de fármacos que ajam diretamente nos sítios de ação.

A nanotecnologia no âmbito farmacêutico tem como intuito direcionar e controlar a liberação de fármacos para seu sítio patológico. Anos de pesquisas vem desenvolvendo inicialmente a microencapsulação, técnica de transformação de líquidos em pó, a mesma é bastante utilizada na indústria farmacêutica e cosmética por permitir a proteção de substâncias lábeis e voláteis, o controle de liberação do fármaco, contribuindo, assim, para o avanço da dose terapêutica e toxicidade.

Atualmente, os nanossistemas estão sendo estudados, permitindo por sua vez, um revestimento por polímeros hidrofóbicos (sistema furtivo), que permite um tempo de circulação maior do medicamento no organismo. Além dos sistemas furtivos, possuem moléculas sinalizadoras na superfície, que são muito úteis com a finalidade de direcionar os fármacos até as células específicas.

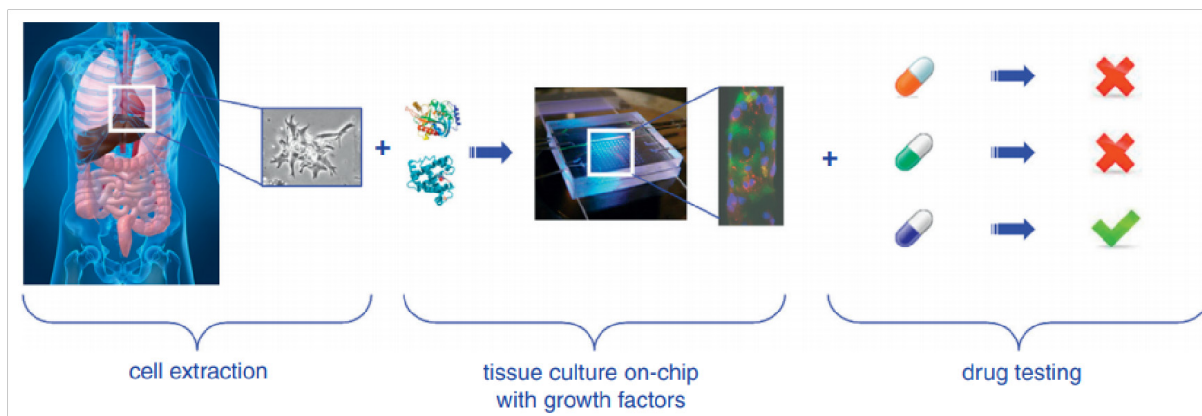


Figura2: o modelo de tecido é projetado usando tecnologias de microescala e começa com a extração de células de um organismo vivo (esquerda). As células são introduzidas em um chip microfluídico, juntamente com fatores de crescimento e outras moléculas biocompatíveis para a cultura de tecidos, que podem ser visualizadas usando imunocoloração (centro). O tecido funcional pode, então, ser exposto a uma ou mais drogas de interesse, e é analisado posteriormente com relação às proteínas expressas e à saúde geral, indicando viabilidade e funcionalidade do tecido (à direita). (KHADEMHOSEINI A, 2013)

O desenvolvimento de formas farmacêuticas de liberação, por micro e nanosistemas, poderá permitir um melhor controle de cinética de liberação do fármaco, dando prioridade assim a uma nova terapêutica para as enfermidades.

Constata-se que esse método de cultivo celular reduz os riscos de adversas, visto que nos testes in vivo a cobaia expõe-se a fármacos novos, com possíveis toxicidades, levando-a a óbito nos casos mais graves. Os dispositivos estão sendo estudados, principalmente, com propósito de realizar pesquisas de novas drogas buscando o bem estar humano e animal.

Motivos para o uso de sistemas microfluídicos

O avanço da biotecnologia permitiu o cultivo de células e tecidos in vitro, buscando, assim, diminuir os testes in vivo, visto que podem causar reações adversas nas cobaias, que, segundo artigo publicado no Jornal de Pediatria pela Doutora Professora de Imunologia da Faculdade de Farmácia da UFC (Universidade Federal do Ceará) Aparecida T. Nagão-Dias, "Reações alérgicas a medicamentos", pode-se denominar reações adversas a medicamentos como:

Toda e qualquer reação decorrente do uso de um referido fármaco, como, por exemplo, as reações alérgicas. As reações alérgicas a medicamentos (RAs) são eventos adversos não decorrentes de propriedades toxicológicas conhecidas do fármaco, mas que resultam de re-

ações imunológicas a ele ou a seus metabólitos³. De maneira geral, considera-se que as RAs respondam por cerca de 3 a 6% de todas as admissões hospitalares e que ocorram em um total de 10 a 15% dos pacientes hospitalizados⁴. As RAs representam um terço das reações adversas⁴ e têm sido uma causa importante de morbidade e mortalidade, sendo consideradas problema de saúde pública⁵⁻⁷. Os principais problemas relacionados às RAs decorrem do fato de serem imprevisíveis, de que ainda não há modelo animal para seu estudo e de que o metabolismo de um fármaco varia entre os indivíduos^{3,6}.

Segundo pesquisas de Sizue Ota Rogero e colaboradores da Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares - IPEN/CNEN-SP - testes in vitro de citotoxicidade podem ser utilizados para evitar testes iniciais em seres vivos, utilizando, assim, colônias celulares para reconhecer a biocompatibilidade de materiais para o uso biomédico em fármacos.

De acordo com o Órgão Internacional de Padronização (International Standard Organization), ISO 10993, o ensaio de citotoxicidade in vitro é o primeiro teste para avaliar a biocompatibilidade de qualquer material para uso em dispositivos biomédicos e depois de comprovada a sua não toxicidade é que o estudo da biocompatibilidade do produto pode ter continuidade realizando-se os ensaios necessários em animais de laboratório. Vários métodos in vitro, para avaliar a toxicidade de biomateriais, foram padronizados utilizando-se culturas celulares. Estes testes de citotoxicidade consistem em colocar o material direta ou indiretamente em contato com uma cultura de células de mamíferos, verificando-se as alterações celulares por diferentes mecanismos[...].

Assim, podemos afirmar que, para fazer testes em fármacos com menos riscos de ocorrerem reações contrárias por propriedades toxicológicas desconhecidas do fármaco no organismo in vivo, a utilização de organismos in vitro, como "organ-on-a-chips", evitam danos que possam corromper a integralidade da saúde do ser, sem causar danos também a animais que seriam os alvos dos testes primários desses fármacos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os "organ-on-a-chips" são um avanço biotecnológico capazes de mimetizar funções e estruturas de órgãos humanos, sendo utilizados para testes in vitro com resultados semelhantes ao de testes in vivo.

O conjunto de dois ou mais "organ-on-a-chips" é denominado "body-on-a-chip", que por sua semelhança com o corpo humano é utilizado para estudar as respostas medicamentosas que ocorrem sistemicamente. O principal uso desta descoberta é a pesquisa de novos fármacos, sistemas de liberação de drogas e as consequências das interações medicamentosas com os órgãos.

Com foco na diminuição do uso de animais em experimentos cosmeto e farmacológicos, os pesquisadores criaram dispositivos capazes de realizar testes in vitro com resultados semelhantes a testes in vivo.

REFERÊNCIAS

1. MARIN, Talita Miguel, PAGANI, Eduardo. Sistemas microfisiológicos compostos por organoides humanos em dispositivos microfluídicos: avanços e desafios. 74-91; 2018.
2. FUJII, Teruo et al. Organ/body-on-a-chip based on microfluidic technology for drug discovery. 43-48; 2017.
3. ADKINSON, N. Franklin Jr, ESSAYAN, David, GRUCHALLA, Rebecca, HAGGERTY, Helen, KAWABATA, Thomas et al. Task force report: future research needs for prevention and management of immune-mediated drug hypersensitivity reactions. 461-478; 2002.
4. THONG, Bernard Yu-Hor, LEONG, Khai-Pang, TANG, Chwee-Ying, Chung, Hiok-Hee. Drug allergy in a general hospital: results of a novel prospective inpatient reporting system. 342-347; 2002.
5. DEMOLY, Pascal, BOUSQUET, Jean. Epidemiology of drug allergy. 305-310; 2001.
6. PICHLER, Werner J. Drug allergy. 285-286; 2001.
7. GRUCHALLA, Rebecca S. Drug allergy. 548-559; 2003.
8. ROGERO, Sizue Ota et al. Teste in vitro de citotoxicidade: estudo comparativo entre duas metodologias. 317-320; 2003.
9. AGUIAR, Alessandra Melo de et al. Perspectivas e desafios regulatórios no uso de células tronco em métodos alternativos ao uso de animais. 92-105; 2018.

10. KHADEMHOSEINI, Ali et al. Organs-on-a-chip for drug discovery. 1-5; 2013.
11. KHADEMHOSEINI, Ali et al. Organ-on-a-chip platforms for studying drug delivery systems. 1-13; 2014.
12. MORALES, Marcelo M. Métodos alternativos à utilização de animais em pesquisa científica: mito ou realidade?. 33-36; 2008.
13. ENSINA, Luis Felipe, FERNANDES, Fátima Rodrigues et al. Reações de hipersensibilidade a medicamentos. 42-47; 2009.
14. NAGAO-DIAS, Aparecida T. et al. Reações alérgicas a medicamentos. 259-266; 2004.

OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NA ENTREVISTA DE SELEÇÃO PARA VENDEDORES DO RAMO DE CALÇADOS FEMININOS NA REGIÃO DE CAMPO LIMPO PAULISTA – UM ESTUDO DE CASO

FERIGATO, Evandro

RESUMO

O presente trabalho desenvolve uma análise preliminar do mercado de calçados de uma loja de calçados femininos na cidade de Campo Limpo Paulista - SP. Foram feitas pesquisas sobre o mercado local e visitas estratégicas a lojas do mesmo setor onde foi possível diagnosticar as forças e as fraquezas do negócio em estudo. Tornou-se necessário também a aplicação de um questionário onde foi possível realizar uma análise do mercado consumidor. Deste modo verifica-se que o Brasil é dos países que se destaca no mercado mundial de calçados e possui uma participação significativa tanto na produção quanto no consumo mundial de calçados.

PALAVRAS-CHAVE: Calçados; Feminino; Avaliação; Estudo de Caso; Campo Limpo Paulista.

ABSTRACT

The present work develops a preliminary analysis of the shoe market in a women's shoe store in the city of Campo Limpo Paulista - SP. Research was done on the local market and strategic visits to stores in the same sector where it was possible to diagnose the strengths and weaknesses of the business under study. It was also necessary to apply a questionnaire where it was possible to carry out an analysis of the consumer market. Thus, it appears that Brazil is one of the countries that stands out in the world footwear market and has a significant participation both in the production and in the world consumption of footwear.

KEYWORDS: Footwear; Female; Assessment; Case study; Campo Limpo Paulista.

INTRODUÇÃO

No decorrer desta pesquisa veremos sobre os instrumentos de avaliação para entrevista de seleção para vendedores do ramo de calçados femininos, iremos conhecer um pouco sobre a história da área de recursos humanos, quais são e quantos são os seus subsistemas, focando em apenas um deles para o desenvolvimento do assunto da pesquisa, assim conheceremos também como funciona o processo seletivo da área de recursos humanos e como é feito cada etapa como a triagem de currículo, entrevista, provas e testes situacionais, dinâmicas, exames médicos, bem como também a seleção para vendedores, e como as organizações agem após a contratação desses profissionais.

E para melhor exemplificar sobre tal assunto, foi feita uma pesquisa de campo em uma pequena empresa da região de campo limpo paulista que comercializa calçados, e através dela teremos um exemplo prático sobre o tema desenvolvido.

Além dos assuntos citados acima, esta pesquisa também nos proporciona conhecer um pouco sobre os tipos e modelos de calçados femininos, o comportamento do consumidor e como é a exigência de perfil do vendedor da área, e após adquirir tais conhecimentos poderemos ter melhor esclarecimento de como funciona o mercado para o profissional de vendas de calçados femininos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O sucesso de um varejo calçadista está diretamente relacionado ao desempenho da equipe de vendas. Embora muitos acreditem que o ato de vender bem seja um dom, há diversas formas de aprimorar essa prática: adquirir conhecimento, vivenciar experiências e aperfeiçoar habilidades são algumas delas.

Além disso, existem atributos e competências que são esperados do profissional que deseja vender com qualidade, resolver problemas e evitar o retrabalho. Para promover uma boa experiência ao cliente, é preciso, também, identificar o perfil e as necessidades dos clientes.

2.1. Um pouco sobre o Recursos Humanos

Para tratarmos sobre os instrumentos de avaliação para seleção de pessoas, antes é necessário conhecermos um pouco sobre a história da área de recursos humanos. Vejamos, os recursos humanos referem-se as pessoas que desempenham determinadas tarefas que contribuem para o desenvolvimento das organizações, esta área surgiu no início do século XX, o que antes eram meros trabalhadores que usavam suas forças braçais para uma determinada tarefa em uma empresa, no decorrer dos anos passou a ser pessoas que possuem necessidades, desejos e contribuem com o desenvolvimento e crescimentos das organizações, sendo até parceiros, o que antes a área de recursos humanos, que também eram chamado de administração de pessoal ou departamento de pessoal (DP), hoje tornou-se uma área estratégica da empresa, ligada a comunicação externa e fidelização dos colaboradores.

Dentro da área de recursos humanos, existem 5 de subsistemas, sendo eles: Provisão, Aplicação, Manutenção, Desenvolvimento e Monitoramento. Aqui trataremos mais sobre o primeiro subsistema que é a provisão, pois é a etapa em que a empresa seleciona e recruta funcionários, assim conheceremos os instrumentos mais adequados e utilizados para a seleção de vendedores de calçados femininos.

O processo seletivo da área de recursos humanos é utilizado para o provimento de cargos nas empresas, esse processo vem logo após o recrutamento, sendo duas fases de um mesmo processo. Enquanto que o recrutamento é uma fase de divulgação de um determinado cargo, a seleção é a fase de escolha e decisão dos candidatos que melhor se encaixa no perfil do cargo.

Conforme (Benedito Rodrigues), a entrevista avalia bem os seguintes fatores:

- Aparência pessoal;
- Facilidade de expressão
- Autoconfiança
- Intenções do candidato quanto ao emprego
- Expectativas futuras
- Cultura
- Quantidade da sua experiência

A utilização de técnicas de seleção se baseia no desempenho comprometido pelo candidato, e esta técnica de avaliação serve para avaliar o candidato se ele tem o perfil da vaga, pois quanto mais o entrevistador tiver informações sobre o candidato, verá se ele é realmente adequado para a vaga.

Na avaliação de candidatos existem várias técnicas e uma delas são a aplicação de dinâmicas de grupo; entrevista com selecionador, entrevista com o requisitante da vaga.

É preciso inovar no conceito de recrutamento e seleção para o cargo de vendedor, para que assim o requisitante da vaga possa utilizar as melhores ferramentas de avaliação de acordo com o perfil da vaga. Depois da etapa de recrutamento é possível focar em determinada habilidade que o candidato apresenta e fazer com que o mesmo obtenha sucesso em suas vendas.

Há empresas que utiliza processo seletivo interno, tendo isso como vantagem, já que o recrutador já conhece as atitudes comportamentais de seu candidato, porém a empresa perde a oportunidade de ter novos membros em sua equipe.

Ainda dentro do processo seletivo podemos encontrar instrumentos que o setor de recursos humanos utiliza para medir e classificar o melhor candidato que ocupará o cargo de uma determinada organização. Abaixo conheceremos alguns dos instrumentos.

2.2. Ferramentas utilizadas para a contratação

2.2.1. Triagem de currículo

O primeiro meio que a empresa pode conhecer um candidato é através da triagem de currículos, seja em papel ou online.

Quando uma nova vaga é anunciada, ela precisa conter os pré-requisitos que o candidato deverá possuir para ocupa-la. A partir disso é feita uma análise dos currículos recebidos, onde o selecionador irá identificar quais os conhecimentos e experiências que o candidato possui e se as mesmas se adequam ao perfil da vaga.

Quando é aberta uma vaga para o cargo de vendedor de calçados, geralmente é exigido um período mínimo de experiência que é de seis meses de acordo com a lei.

Ao analisar o currículo o selecionador dará preferência ao candidato que possuir tal experiência, para que assim possa ocorrer uma contratação com mais possibilidades de dar certo, pois o candidato poderá aplicar sua experiência anterior e aprimora-la em seu novo trabalho.

Por esse motivo, ao montar o currículo destinado para a vaga é necessário que a experiência esteja em evidência e colocada de maneira correta.

Somente após esta primeira etapa é realizado o contato com o candidato convidando-o para uma primeira entrevista.

Muitas empresas disponibilizam em seus sites uma área destinada para os candidatos fazerem um cadastro para poderem concorrer e participar dos processos seletivos que a empresa oferece. Os recursos mais utilizados em processos de seleção são: Testes, tanto técnicos ou práticos; Provas situacionais; Dinâmicas de grupo; Redações.

É fundamental que a elaboração de um currículo seja bem-feita, contendo informações relevantes sobre o candidato sendo direcionados para a vaga desejada, um currículo bem elaborado pode chamar a atenção dos selecionadores e assim o candidato conseguiu a oportunidade para a entrevista.

2.2.2. Entrevista

Atualmente a entrevista de seleção de pessoal é a técnica mais utilizada para a seleção de candidatos, o processo é conhecido por base de perguntas e respostas do entrevistador para o entrevistado, normalmente o tempo para uma boa entrevista é de 1 hora, pode variar esse tempo de acordo com a complexidade do cargo.

O primeiro objetivo é passar informação do cargo para o candidato, ver se o mesmo se enquadra com o perfil desejado, verificar as informações colocadas no currículo, conhecer o candidato e suas competências e atuações na entrevista e observar a postura do candidato, como roupas, atitudes e comunicação, pois isto influencia na contratação ou desclassificação.

Tudo irá depender das habilidades do candidato, o entrevistador pode ter ou não liberdade para conduzir a entrevista, ela pode ser estruturada e padronizada, em seguida veremos alguns tipos de entrevista:

Entrevista de Triagem: é feita superficialmente e rápida, tem como objetivo avaliar os mínimos requisitos e qualificações exigidos para a vaga requisitada, servirá para separar os candidatos que surgirão daqueles que não possuem nem o mínimo desejado.

Entrevista de Seleção: é feita cuidadosamente e com tempo indeterminado, deve ser aplicada com habilidade para que obtenha os resultados esperados, tem como objetivo avaliar o candidato a fundo, ao máximo, referente suas qualificações e habilidades e que possa avaliar se está aprovado a vaga requerida.

Entrevista totalmente padronizada: é estruturada, fechada ou direta, o gestor faz perguntas já elaboradas onde o entrevistado deve responder às questões padronizadas e bem elaboradas. Nessa situação o gestor não precisa se preocupar quais questões irá fazer, pois ele terá um roteiro pronto para realizar a entrevista.

Entrevista padronizada apenas quanto às perguntas ou questões: Apenas as questões são elaboradas, quanto às respostas são totalmente livres, o entrevistador recebe uma lista onde haverá assuntos que deverá questionar e a prepara somente para colher as respostas e informações do candidato.

Entrevista diretiva: Não especifica as perguntas, mas sim o tipo de resposta desejada. Essa entrevista é aplicada para que o entrevistador conheça alguns conceitos espontâneos dos candidatos e que formule as perguntas no decorrer da entrevista para que consiga suas respostas desejadas.

Entrevista não-diretiva: não especifica as perguntas nem as respostas, não são estruturadas. É uma entrevista totalmente livre onde o candidato, sem intenção alguma pode esquecer ou omitir alguma informação.

As entrevistas totalmente padronizadas geralmente são mais usadas pelos gestores mais novos na área e as não-diretivas pelos gerentes que na sequência do processo seletivo, são os entrevistadores finais.

Para ter um processo seletivo eficaz é recomendado realizar diferentes entrevistas, em dias diferentes também. A entrevista deve ser levada muito à sério, tem que haver um preparo para selecionar os candidatos de acordo com o perfil da vaga.

Os líderes devem preparar uma lista de perguntas que envolva o famoso CHA (Conhecimento, Habilidades e Atitudes).

Conhecimento: é o domínio que o candidato possui para se empenhar a função de vendedor, ele deve conhecer algumas técnicas de vendas, saber negociar com o cliente, conhecer o perfil do consumidor.

Habilidades: é saber fazer, por em prática aquilo que se sabe, isso é analisado nas perguntas, tais como pedir exemplo, sugestões ou contar alguma experiência vivida.

Atitudes: atitude é a ação, nem todo vendedor precisa ser agressivo, pois cada empresa necessita de um perfil de atitudes diferentes.

Abaixo podemos conhecer algumas perguntas que pode ser feitas na entrevista para o cargo de vendedor:

- O que esta empresa pode agregar em você?
- O que te motiva a trabalhar conosco?
- Para você como seria um bom vendedor?
- Quais suas metas e objetivos daqui cinco anos trabalhando na nossa empresa?
- Qual sua experiência em vendas?
- Conte-me sobre uma venda que o trabalho em equipe foi fundamental?
- Em sua opinião, o que mais o cliente valoriza atualmente?
- Qual o seu nível de comprometimento com o trabalho e com suas metas?

Abaixo conheceremos alguns tipos de perguntas que podem ser elaboradas e qual a sua finalidade.

Perguntas Técnicas: que são perguntas utilizadas para obter informações sobre o conhecimento e suas experiências profissionais e também as habilidades de cada candi- 197

dato, estas perguntas podem ser selecionadas tanto pelo profissional solicitante da vaga ou pelo próprio selecionador.

Perguntas situacionais: são perguntas formuladas que contem situações ou características de trabalho, onde podem ser feitas situações e o candidato tem que agir com uma resposta de acordo com a situação formulada.

Perguntas comportamentais: podem ser perguntas feitas em fatos de experiências passada ou até situações específicas profissionais, onde o candidato tem que analisar e descrever esta situação sendo ela verdadeira, e esta pergunta tem como objetivo analisar o comportamento futuro desse candidato dependendo de sua análise.

2.2.3. Provas e testes situacionais

As provas são instrumentos para avaliar os conhecimentos dos candidatos através de seu estudo, mas nem sempre é eficaz, pois provas escritas ou dinâmicas mal aplicadas podem deixar os candidatos nervosos, com dificuldades para conseguirem demonstrar sua real competência e motivação para ocupar o cargo, tudo dependerá da forma que serão aplicadas.

As provas situacionais podem ser aplicadas durante o processo seletivo para que o entrevistador possa avaliar de que maneira o candidato reagirá diante de uma situação real e específica no dia-a-dia no trabalho como se ele já houvesse sido contratado.

Para o cargo de vendedor é possível realizar uma situação problema que o candidato poderia encontrar em um dia de trabalho, como por exemplo, ter que atender uma cliente insatisfeita com algum produto da loja. Haveria uma simulação no momento da entrevista e o entrevistador avaliaria as atitudes que o candidato tomaria para resolver o problema.

Os testes de conhecimentos: que é utilizado em vários processos seletivos, onde eles podem ser objetivo ou discursivo.

O teste objetivo: e pode ser utilizado em uma questão de resposta direta ou em uma questão de múltipla escolha, onde a característica é que o candidato responda as questões e assinale a alternativa correta. Esses testes têm como objetivo analisar a habilidade de leitura e a interpretação sendo ela crítica ou não.

O teste discursivo: pode ser utilizado em perguntas abertas ou pergunta que explore o conhecimento de cada função ou cargo, e essas perguntas requer habilidades do candidato e a interpretação de leitura e também o modo da escrita que pode ser uma redação. 198

Os testes situacionais: que são testes discursivos onde testam o conhecimento do candidato onde é colocada uma situação podendo ela ser do cotidiano do trabalho, que tem como objetivo de avaliar a capacidade de percepção ou até mesmo analisar as soluções de problemas.

Segundo as pesquisas realizadas, os testes são montados de acordo com cada cargo, para que possa ser feita a análise do candidato da melhor maneira possível.

2.2.4. Dinâmicas de grupo

Geralmente são realizadas de acordo com o cargo oferecido, podendo ser relacionadas com situações diárias em que o candidato vivenciará em seu dia a dia. Contudo, devem ser bem planejadas, com objetivos claros e o selecionador que aplicar tal dinâmica deve ter um critério de avaliação bem definido.

Além de avaliar os candidatos, a dinâmica de grupo também pode proporcionar aprendizado para o próprio candidato, pois o mesmo tem a oportunidade de identificar seus pontos fracos.

A dinâmica em grupo serve para estimular o candidato a se interagir com os participantes promovendo a dinâmica e observando como é o comportamento e habilidade de cada um dos candidatos sendo em grupo ou individual.

Para o cargo de vendedor, é possível realizar algumas dinâmicas que facilitará ao selecionador a ter a percepção de qual candidato será o melhor para preencher a vaga em aberto. Pode ser realizada uma dinâmica em que o candidato terá de vender um produto ao seu colega de grupo, imaginando que estão vivendo uma realidade, um dia de trabalho. O candidato poderá criar um produto e dizer quais são os benefícios deste produto, a qualidade que ele poderá proporcionar à seu comprador, poderá criar uma vantagem de preço, ao passo que o candidato que interpretará o cliente poderá ser exigente e questionador, e após o término da "venda" os candidatos podem trocar de lugar e quem era o cliente se torna o vendedor.

2.2.5. Redações

As redações podem ser aplicadas durante o processo seletivo para que o entrevistador tenha mais uma ferramenta que possibilite a ele outra forma de conhecer o candidato.

Através da redação é possível conhecer a maneira como o candidato se expressa, o conhecimento que ele possui sobre determinado assunto, qual a capacidade que ele possui para estruturar suas próprias ideias e qual sua linha de raciocínio sobre determinado assunto. 199

Na maioria das entrevistas que são aplicadas redações como ferramenta para conhecer o candidato, o tema é livre para que assim os eles se sintam mais à vontade para a construção de seu texto. Para alguns candidatos essa parte da entrevista pode se tornar mais complicada, pois eles compreendem que a vaga para a qual estão concorrendo pode ser perdida por não saberem como e o que escrever. Portanto é aconselhável que não somente as pessoas que estão em busca de um novo emprego, mas sim que todos adquiram o habito da leitura para que assim estejam preparados para uma situação como essa.

2.2.6. Técnicas de Simulação

É realizado em grupos, seu ponto inicial é o drama, pois leva o assunto que deseja mais próximo do real. Uma pessoa ao dramatizar uma cena fica ao meio e os outros em volta, podendo participar ou não da situação.

O único profissional que deve aplicar essa técnica é um Psicólogo.

As técnicas de simulação são bastante usadas para seleção de pessoas, algumas organizações colocam situações para principalmente as vagas à gerência, supervisão, direção, entre outros, algumas situações em que o candidato deve dramatizar algo que pode ocorrer em seu futuro cargo, dessa forma o responsável poderá obter uma boa avaliação do candidato.

2.2.7. Exame médico pré-admissional

Realizadas todas as etapas de seleção, é necessária a realização do exame pré-admissional independente do cargo que o futuro funcionário irá ocupar, pois é preciso identificar se o mesmo está apto para atuar na área para a qual foi selecionado. Desta forma, os exames são diferentes para cada cargo dentro de uma empresa.

Segundo o artigo 168 Consolidação das Leis do Trabalho – Decreto Lei 5452/43 de 01 de maio de 1943

Art. 168- Será obrigatório exame médico, por conta do empregador, nas condições estabelecidas neste artigo e nas instruções complementares a serem expedidas pelo Ministério do Trabalho: (Redação dada pela Lei nº 7.855, de 24.10.1989)

I - A admissão; (Incluído pela Lei nº 7.855, de 24.10.1989)

II - Na demissão; (Incluído pela Lei nº 7.855, de 24.10.1989)

III - Periodicamente. (Incluído pela Lei nº 7.855, de 24.10.1989)

2.2.8. O comportamento dos vendedores

Depois de utilizada as ferramentas necessárias para a contratação do novo vendedor, são necessários que o mesmo não se mostre bom apenas nas situações que lhe foi imposta no momento da entrevista. Para este cargo, é necessário que o futuro contratado aprenda sobre os produtos que irá vender além das características físicas dos calçados femininos, é preciso que ele saiba quais os benefícios que o produto irá oferecer para suas consumidoras.

Um bom vendedor deve se colocar no lugar de seu cliente, deve saber formular suas falas adequadamente de maneira que o cliente se sinta o dono da situação, deve haver um diálogo positivo para que a venda se concretize. O foco deve ser o produto da loja para a qual ele trabalha e sem jamais fazer comparação com os calçados de lojas concorrentes e para que isso aconteça é necessário que os profissionais desse ramo possam por treinamentos e reciclagens com curta regularidade.

“Não há, talvez, no mundo profissão mais complexa, abrangente, genérica, eclética, envolvente, sem regras, princípios, fundamentais ou mandamentos que o vendedor, exatamente por tudo, absolutamente tudo que envolve a vida Humana, Atrás de cada ato da vida há um ato de venda. ” (Joao de Simoni Soderini ferraccin 2010)

2.2.9. Para ter uma boa qualidade de venda- Perfil de vendedor

O vendedor tem que ter o domínio e o total conhecimento de cada produto que está sendo vendida na loja, a qualidade começa quando o vendedor tem as informações que o cliente deseja sobre o determinado produto. A qualidade de vendas também está no trabalho em equipe, onde todos contribuem para um determinado objetivo de venda e isso começa primeiro na abordagem ao cliente que entra na loja.

E esta abordagem tem como objetivo de convencer o futuro cliente a comprar qualquer produto oferecido na loja, onde o vendedor tem que ser comunicativo atencioso e prestativo ao cliente e o melhor saber ouvir o que o cliente tem a dizer, as informações desejadas ou tirando dúvidas sobre o produto oferecido na loja.

O último caso desta abordagem é quando o cliente resolve comprar o determinado produto, e o vendedor tem como objetivo analisar se o produto que está sendo vendida está em perfeito estado.

2.2.10. O que é ser um bom vendedor?

Um bom vendedor é importante para todos envolvidos, para que todos fiquem ²⁰¹

satisfeitos. O cliente busca comprar sempre no mesmo local quando o valor é mais em conta e na maioria das vezes pelo bom atendimento. Cliente satisfeito a empresa também fica satisfeita. É importante que um vendedor tenha bom senso em não querer agradar somente seu superior, deixando o cliente de lado e também não deixar tudo a gosto do cliente, como por exemplo, com descontos, buscar o que é interessante para ambos os lados.

Duas qualidades essenciais para um vendedor é que ele tenha prazer em vender e que tenha desejo de ajudar seu cliente, pois algumas pessoas fazem isso pela necessidade de ter que trabalhar, mas há pessoas que fazem por prazer. É visível quando o vendedor está ali somente porque precisa, pois, ele atende com aquela falta de vontade e quando atende com prazer, fala com animo, é simpático e pronto para ajudar.

É muito diferente a situação de serviços e algumas contrárias como um técnico de manutenção que precisa encontrar defeitos, coisas para serem consertados para que ele tenha com o que oferecer seus serviços, já um vendedor de calçados, precisa ser otimista e mostrar o lado bom de tudo, sempre se atualizar com as tendências para poder dar algumas referências e conseguir atingir as necessidades dos clientes. O vendedor precisa ser um bom investigador não é ele que precisa necessariamente falar muito e sim deixar com que o cliente se sinta à vontade para que possa expor suas necessidades, para que consiga reconhecer seu gosto e atender suas expectativas. É importante que um vendedor se qualifique, faça cursos ou treinamentos para que consiga fazer vendas com sucesso, pois sabemos que cada pessoa tem uma cultura, situação financeira e educação diferente, assim se ele se manter atualizado e se qualificar ficará mais preparado para qualquer atuação.

A sinceridade entre o vendedor e o cliente deve sempre haver, mas tudo com bom senso, dentro dos limites criados pela empresa como expor uma escala de descontos que só deve ser dada em certas situações, por isso o vendedor deve ser muito maleável e inteligente para saber equilibrar os dois lados e satisfazê-los ao mesmo tempo, ele não está ali para ganhar uma discussão e sim para deixar o cliente satisfeito por tomar sua própria decisão, pois o cliente deve realizar suas compras e depois sentir que fez a escolha certa e não por pressão do vendedor, “Um bom vendedor perde todas as discussões, mas ganha todas as vendas”

2.2.11. As características de calçados femininos

Os calçados femininos são conhecidos pelo seu charme e elegância, com muitas variedades no mercado ganha destaque com as mulheres o salto agulha é usado em ocasiões mais formal, sua característica é ser extremamente fino e super alto e requer cuidado para equilíbrio.

As formas rasteirinhas são conhecidas como sandálias sem salto, dão mais segurança por não dependerem de saltos para ser elegante, evita incômodo e podem ser usadas no dia-a-dia, as mulheres veem optando pela as rasteirinhas pelo seu conforto e por combinar com qualquer look.

Os tênis vêm ganhando diversos modelos e acessórios, ele é bastante utilizado para a pratica de esportes, ou até no próprio dia-a-dia.

As sapatilhas são conhecidas por todos como os sapatos sem saltos com muitas variedades ganhou o espaço em muitos guarda-roupas femininos pelo seu conforto e delicadeza.

2.2.12. Dicas para vendedores de calçados

É interessante que o vendedor procure ver o estilo do cliente ao entrar na loja, já ir preparando sugestões, nós não devemos nos deixar enganar, pois pode entrar alguém em um certo momento que não será o que estará procurando, por exemplo: uma pessoa estar de sapa tênis e bermuda, mas ser um executivo e estar procurando sapatos sociais.

- Ser paciente e manter a postura se o cliente não quiser o sapato que pegou e quiser que vá pegar outro;
- Se o vendedor for homem oferecendo vendas de calçados femininos, buscarem mais informações para alguma colega de trabalho ou em treinamentos para saber melhor sobre calçados;
- Conhecer bem os produtos e marcas que está vendendo para que se o cliente quiser alguma informação sabe passar com precisão;
- Sapatos valorizam muito uma pessoa, por isso deve ser feito uma compra tranquila com decisão do cliente e atenção dos vendedores para que o cliente passa sair satisfeito;

A empresa precisa selecionar cuidadosamente o vendedor pelas suas características, personalidade e habilidades, capacitá-lo com conhecimentos sobre o produto, processo e empresa e depois treiná-lo em técnicas de comunicação, negociação, persuasão e obtenção de informação. Inclusive na identificação do limite de irritação do cliente, porque, não raras vezes, o cliente reage negativamente a invasão de sua privacidade, a obrigação de ouvir e a insistência do vendedor. Enfim, hoje o vendedor precisa ser profissional e negociador hábil, orientado para a realização da venda, pois a esperteza já não tem mais lugar.

A venda direta, quando feita por um processo interativo, permite ao cliente obter informações de seu interesse, questionar e até regatear. E permite a empresa conhecer em profundidade as exigências, as necessidades, as preferências, as expectativas ou os anseios do cliente, a fim de melhor posicionar seus produtos no mercado, e criar, desenvolver e manter um relacionamento estreito com o cliente.

2.2.13. Estratégias de vendas utilizando o Cross-selling e o Up-selling

O Cross-selling e o Up-selling são estratégias de vendas, para melhorar o atendimento do vendedor para o cliente, onde a primeira estratégia seria utilizar o Cross-selling e após o Up-selling.

2.2.14. Cross- selling

O Cross-selling e o Up-selling são estratégias de vendas, para melhorar o atendimento do vendedor para o cliente, onde a primeira estratégia seria utilizar o Cross-selling e após o Up-selling.

2.2.15. Cross- selling

O Cross- selling significa uma venda cruzada, onde não precisa vender só o que o cliente quer, mas sim oferecer outros produtos e esse Cross-selling é usado em vários tipos de vendas, ele começa na compra inicial do cliente, ou seja, ele começa com o produto que o cliente está levando e o vendedor oferece outro produto que seja compatível ou um complemento ao primeiro, como por exemplo, você trabalha em uma loja de sapatos e chega um vendedor mostra as opções e a cliente acaba levando, por exemplo, um sapato scarpin e uma meia fina ou algum outro acessório e assim acontece o Cross-selling.

2.2.16. Up-selling

Up-selling é um processo de venda, onde o vendedor oferece os produtos mais caros para o cliente, sendo que o mesmo sugere um produto melhor e de maior qualidade, desta maneira e consegue convencer seu cliente a levar tal produto fazendo com que ele gaste mais na loja.

3. MÉTODO DE PESQUISA

3.1. Problema da Pesquisa

Segundo um relatório setorial realizado pela ABICALÇADOS (2016, p.09) verifica-se no comércio mundial de calçados em 2014 o Brasil encontrava-se no 3º lugar do ranking contribuindo com 5,0% da produção de calçados mundial o que corresponde à fabricação de 998 milhões de pares de calçados. A China se destaca como o maior produtor mundial de calçados, responsável por 58,1% da produção, seguido da Índia com 12,8%.

Além disso, as mulheres são grandes influenciadoras na decisão de compra e tem detido o poder da mesma. Tom Peters (apud KOTLER, 2000, p.188) nos mostra que de fato a mulher tem se tornado como oportunidade de negócios número um:

A pesquisa de mercado é clara, as mulheres influenciaram bastante a maioria das decisões de compra. (...) Elas têm um peso considerável no enorme setor 'faça você mesmo': uma (rara) mulher, executiva de uma cadeia de lojas especializadas nesse setor comentou sobre o espanto de seus colegas homens como o fato de que 60% de seus clientes são mulheres. (KOTLER, 2000, p.188).

3.2. Tipo de Pesquisa

Neste contexto o presente artigo se realizou através de um estudo de caso:

Yin define o estudo de caso como uma estratégia de pesquisa que responde às perguntas “como” e “por que” e que foca em contextos da vida real de casos atuais. Também o considera como uma investigação empírica que compreende um método abrangente, com coleta e análise de dados.

3.3. Justificativa

Vale ressaltar que o consumo de calçados no Brasil de 2013 a 2015 apresentou uma queda significativa, devido à crise política e econômica que se instalou no país. A pesquisa realizada pela ABICALÇADOS enfatiza bem os motivos que ocasionaram a queda do consumo de calçados nacional:

O movimento do consumo aparente de calçados no Brasil segue de perto a dinâmica da produção doméstica. Entre 2013 e 2015, observa-se uma queda no consumo na ordem de 5,3% ao ano. Esse resultado negativo é associado a dois processos em curso na economia brasileira: (1) endividamento elevado das famílias; e (2) queda da massa salarial, efeito de uma elevação do desemprego e da retração do salário real. (ABICALÇADOS, 2016 p. 20).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste sentido, o estudo busca apresentar a viabilidade da abertura desse empreendimento na cidade mencionada. Para a concretização deste foram realizadas pesquisas e análises que trouxeram um maior entendimento do mercado de calçados e sua perspectiva local, possibilitando identificar oportunidades para o empreendimento.

Para melhor entendimento e desenvolvimento deste trabalho, foi feito uma pesquisa de campo em uma pequena empresa da região de campo limpo paulista do ramo de calçados, foram feitas sete perguntas direcionadas ao tema, onde a gerente que é responsável também pelo processo nos deu suas respostas, vejamos abaixo as perguntas e respostas colhidas durante a pesquisa:

1 - Me informe, quais são os instrumentos de avaliação utilizados para a contratação de vendedores para sua equipe, todos os instrumentos que são utilizados, como são realizados e qual objetivo? Ex.: Se são realizadas Dinâmicas, Provas e teste, simulação de venda e etc.

R: É utilizado um teste de Lógica e uma questão dissertativa sobre algum tema da atualidade e há muito diálogo, após aprovado o candidato passa uma semana em experiência na loja entre as vendas e o estoque para ver se há adaptação.

2 - A utilização dos instrumentos é eficaz?

R: Nem sempre, as vezes o candidato deixa bem camuflado o perfil, podendo haver falhas, não sendo realmente um perfil para vendas.

3 - Quantos vendedores possui no estabelecimento? Quantos são homens e quantos são mulheres?

R: No total são 6 vendedores, sendo 5 mulheres.

4 - Qual a faixa de idade dos vendedores?

R: Entre 18 a 26 anos.

5 - A seleção é feita pela gerência, ou tem um departamento de RH para isso?

R: Devido ao porte da empresa, a gerencia é responsável pelas contratações.

6 - Existe algum treinamento diferente quando o público é feminino?

R: Todos os funcionários, recebem o mesmo treinamento, mas nada específico para o público feminino. No treinamento entra matérias primas, couro, modelagens (scarpins, botas, peep toe, rasteiras e outros modelos e sistema e formas de pagamento.

7 - Em sua opinião, existe alguma diferença no atendimento entre o público feminino e masculino?

R: Não há muita diferença, o atendimento é o mesmo. Só há uma questão, os atendentes homens são instruídos a não atenderem mulheres com roupas curtas, como saias ou vestidos mas caso haja necessidade que saiba se portar, não abaixar em frente a cliente para que não haja constrangimentos nem confusões e para que haja respeito.

Através desta pesquisa, podemos perceber que mesmo que o resultado não seja totalmente eficaz, os instrumentos de avaliação ainda são de muita importância no processo seletivo de vendedores para o ramo de calçados, e os utilizados pela empresa pesquisa, podem ser avaliados a escrita e também seu raciocínio lógico que é de fato importante para um fechamento de venda.

5. CONCLUSÃO

Concluimos que os instrumentos de avaliação utilizados na seleção de vendedores para o ramo de calçados femininos não só avalia um candidato, como também prepara para o caso de encontrar algum conflito no seu cotidiano, isso podemos perceber quando se trata de simulações, onde o candidato está sujeito a encarar situações próximas da realidade.

Durante essa pesquisa também é possível perceber que na contratação de vendedores de calçados, conta-se muito com a experiência do candidato, além de que o mesmo precisa demonstrar ambição, já que se trata de vendas e logo se relaciona a comissão e metas e principalmente gostar de trabalhar com o público já que ele está propenso a lidar com diversas personalidades e opiniões, e os instrumentos não tem só a capacidade de medir os níveis de escrita do candidato, mas muito são capazes de revelar seu perfil através da redação e de dinâmicas de grupo, o que é muito importante para selecionar o candidato ideal para fazer parte do quadro de funcionários da empresa.

Podemos perceber também que é muito importante que o candidato e futuro funcionário busque sempre se atualizar e conhecer o produto que está vendendo para obter sucesso em suas vendas e conquistar cada vez mais clientes.

Por fim, através da pesquisa de campo realizada em uma loja de Campo Limpo Paulista, podemos perceber que não só é importante a utilização dos instrumentos de avaliação, mas também a fase de adaptação no período de experiência e que apesar dos instrumentos serem muito importante para a empresa selecionar o candidato ideal, ainda assim podem ocorrer falhas na contratação e por isso a fase de experiência torna-se ainda mais importante para a empresa decidir se o candidato permanece ou não na empresa.

REFERÊNCIAS

ABICALÇADOS -Relatório Setorial da Indústria de Calçados no Brasil 2016. Disponível em:<http://www.abicalcados.com.br/relatoriosetorial>
adm-recursos-humanos.blogspot.com.br/2010/05/o-que-e-triagem-de-curriculos.html?m=1

Atração e seleção de pessoal 2º edição, editora FGV- Reinaldo Faissal, Antonio Eugenio Valverde Mariani Passos, Márcia da C. Furtado de Mendonça, Walnice Maria da Costa de Almeida.- Pagina 90 e 91.

Atração e seleção de pessoal 2º edição, editora FGV- Reinaldo Faissal, Antonio Eugenio Valverde Mariani Passos, Márcia da C. Furtado de Mendonça, Walnice Maria da Costa de Almeida.- Pagina 104 a 127.

Atração e seleção de pessoas 2 edição pesquisa páginas 88 e 89 data 12\11 às 20:10hrs Autores Reinaldo Faissal, Antônio Eugênio Valverde, Márcia da C. Furtado e Walnice Maria da Costa

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>.

Cenário Positivo para Indústria Calçadista: Projeta IEMI. Disponível em: http://exclusivo.com.br/_conteudo/2017/01/negocios/212847-cenario-positivo-para-industria-calcadista-projeta-iemi.html.

Estratégia de vendas, autores: Gerald A. Michaelson, Esteven W. Michaelson, editora: M. Books do ano do livro 2013 21/11/2020.

FECOMERCIO SP, Disponível em: <http://www.fecomercio.com.br/noticia/brasileiros-gastam-mais-de-r-22-bilhoes-em-calcados-aponta-fecomerciosp>.

FERRACCIÙ, João De Simoni Soderini. Promoção de Vendas. São Paulo: Makron Books, 1997.

gestaodepessoas2012.blogspot.com.br/p/tecnica-de-seleção.html/?=1, pesquisa em 07/11/19 às 20:15

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Edição. São Paulo: Atlas, 2008.

<http://negociosecarreiras.com.br/tecnicas-de-recrutamento-e-selecao-de-vendedores/> pesquisado em 24\11\19 às 10:23h

<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10746871/artigo-168-do-decreto-lei-n-5452-de-01-de-maio-de-1943> pesquisado em 28/11/2020 às 20:45

Idalberto Chiavenato – Recursos Humanos- O capital das organizações – 9º edição Revista e Atualizada. Elsevier. / Pág. 190.- 12/11/2020 às 16:40.

KOTLER, Philip. Administração de Marketing, Edição do Novo Milênio, São Paulo: Prentice Hall, 2000.

Livro Campos e armas da competição Novo modelo de estratégia Autor: José Celso Contador Editora Saint Paul 1- edição 2008 Página – 240 Pesquisa realizada 21/11/20 às 21:30 horas

Livro Planejamento, recrutamento e seleção de pessoal 4-edição autor Benedito Rodrigues Pontes Editora Ltr - São Paulo Fevereiro, 2005 Pesquisa 07/11/19 às 21:12hr Capítulo 11 página 157

Livro Recursos Humanos – O capital humano das organizações- Autor: Idalberto Chiavenato, 9º edição revista e atualizada, Editora Campus, página 184.

Livro: Idalberto Chiavenato- recursos humanos das organizações- editora Campus revistas e atualidades- pagina 2 e 172

marinda.odiario.com/empregos/2010/05/exame-pre-admissional-por-que-e-necessario/301017/ pesquisado em 28/11/2019 às 20:30

SEBRAE -Participação das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira 2014, Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Estudos%20e%20Pesquisas/Participacao%20das%20micro%20e%20pequenas%20empresas.pdf> Acesso em 15/05/2020.

SEBRAE-Micro e pequenas empresas geram 27% do PIB do Brasil. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-do-brasil,ad0fc70646467410VgnVCM2000003c74010aRCRD>

www.carreiras.empregos.com.br/seu-emprego/a-redacao-no-processo-seletivo/ pesquisado em 16/11/2019 às 10:43h

www.marketingfuturo.com/ferramentas-de-selecao-para-gestao-de-pessoas pesquisado em 16/11/2020 às 10:47h

www.rhportal.com.br/artigos-rh/testes-e-avalies/-pesquisado em 07/11/2020 às 21:10h

www.televendascoobranca.com.br pesquisado em 16/11/2020 às 11:10h

www.televendascoobranca.com.br/televendas/como-fazer-recrutamento-e-selecao-de-vendedores-26317/- pesquisado em 07/11/2020- 20:27h

www.televendascoobranca.com.br/televendas/como-fazer-recrutamento-e-selecao-de-vendedores-26317/-pesquisa em 07/11/2019 às 21:15h.

YIN, Robert. Case Study Research: design and methods . 5 ed. Thousand Oaks, CA: Sage , 2014.

OTELO: A TRAGÉDIA DO MONSTRO DOS OLHOS VERDES

CARDOSO, Bruna Caroline Muniz
JUNIOR, Robson dos Santos
LOMBARDO, Giovanna
VILLANI, Fábio Luiz

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma breve análise do que é o ciúme patológico, trazendo a tragédia “Otelo”, de Shakespeare, como objeto de estudo. Serão ilustradas formas do ciúme e como se deu em escala evolutiva ao longo da trama, motivos e consequências de como esse distúrbio afetou o protagonista Otelo.

Palavras-chave: Shakespeare. Otelo. Ciúme.

ABSTRACT

This current article aims to make a brief analysis of what pathological jealousy is, bringing Shakespeare's tragedy “Othello” as an object of study. Forms of jealousy and how it happened on an evolutionary scale throughout the plot, motives and consequences of how this disorder affected the protagonist Othello will be illustrated.

Keywords: Shakespeare. Othello. Jealousy.

INTRODUÇÃO

O ciúme, dentre uma infinidade de emoções humanas, é uma emoção extremamente comum. Ele se caracteriza como um complexo de pensamentos, sentimentos e ações que são ameaça para a existência ou a qualidade de um relacionamento; ameaça essa que pode ser real ou não. Como um sentimento inerente aos seres humanos, ele pode estar presente nas mais diversas relações e todas as pessoas, mesmo sem consciência, cultivam-o em um certo grau.

Quando esse sentimento toma proporções descabidas nos pensamentos e comportamentos, afetando a qualidade de vida do indivíduo e das pessoas que o rodeiam, passa a ser denominado como uma patologia ou como abordaremos nesse trabalho: Síndrome de Otelo.

“Otelo” é uma tragédia escrita por William Shakespeare, publicada pela primeira vez em 1622. O protagonista que leva nome à obra é um bravo general que serve ao reino de Veneza. Outros personagens essenciais são: Iago, o antagonista e alferes de Otelo, Desdêmona, a esposa do mouro, Cássio, o escolhido do general para tenente.

Otelo casa-se com Desdêmona, uma jovem de pele clara, filha de um rico senador. O casamento ocorre às escondidas e só é aceito perante o sogro e outros políticos, porque já estava consumado.

O desenrolar da trama se inicia quando o general promove Cássio, um jovem soldado florentino, ao posto de tenente. Esse ato deixa o alferes Iago muito ofendido, uma vez que ele se julgava mais competente para o cargo. Então ele, irado, resolve vingar-se de uma maneira que destrua Otelo.

Ocorre uma batalha em Chipre e, após a ilustre vitória, Otelo torna-se governador e Iago põe em prática seu plano maléfico. Começa então a semear a discórdia e promover situações que instiguem a desconfiança do general. Dissimulado, após perceber que a isca fora mordida, o alferes insinua que Cássio e sua esposa possam ter um caso.

O ciúme de Otelo torna-se tão forte que o deixa descontrolado, levando-o a apunhalar a inocente esposa, tirando a sua própria vida depois.

SOBRE O AUTOR

William Shakespeare, nascido no dia 23 de abril de 1564, em Stratford, na Inglaterra, foi um dramaturgo e poeta inglês. Considerado um dos maiores autores da história, escreveu clássicos como “Romeu e Julieta”, “Hamlet”, “Othelo”, entre outros. Teve grande participação no Período Elisabetano, contando com obras de drama, comédia e tragédias dos mais variados assuntos. Faleceu em Stratford-upon-Avon, no dia 23 de abril de 1616, pouco depois de ter feito seu testamento. Foi enterrado na Trinity Church, Stratford. Devido ao seu impacto na história das obras literárias, teve até um prêmio criado em seu nome, The Shakespeare Prize.

Meu senhor, livrai-me do ciúme! É um monstro de olhos verdes, que escarnece do próprio pasto que o alimenta. Quão felizardo é o enganado que, cômico de o ser, não ama a sua infiel! Mas que torturas infernais padece o homem que, amando, duvida, e, suspeitando, adora.
SHAKESPEARE, William

SOBRE O MONSTRO DE OLHOS VERDES: DA ASCENSÃO À QUEDA

Apesar de ser uma emoção negativa, o ciúme é, muitas vezes, esperado e fortalecido culturalmente nas relações entre as pessoas, principalmente entre os casais, por ser considerado uma forma de zelo, de amor e de atenção. Essa ideia vem ao encontro da origem etimológica da palavra na língua portuguesa: do latim zelumen, e do grego zelus, que significa "fervor, calor, ardor ou intenso desejo" (BUSS, 2000, p. 41).

Mesmo sendo um fenômeno universal, o ciúme pode ser classificado em dois tipos: o ciúme normal e o ciúme patológico. Consultando Pines (1992) podemos encontrar a definição de ciúme normal como algo "baseado em uma ameaça real para a relação". Já o ciúme patológico é aquele que "persiste apesar da ausência de qualquer ameaça real ou até mesmo provável" (PINES, 1992, p. 1).

Esse fenômeno, apesar de ser amplamente analisado por grandes psicólogos e estudiosos, não possui uma explicação exata. Existem muitos fatores que podem desencadear e/ou colaborar para que ele cresça e consuma a relação em questão como o monstro de olhos verdes de Otelo fez. Esses fatores vão desde problemas com a autoestima até o ambiente socio-cultural em que as partes estão inseridas. A ausência de uma explicação científica para esse fenômeno se dá por tratar-se de uma cadeia de acontecimentos emocionais. O que é possível generalizar, contudo, é o processo das informações na parte desconfiada, que vem acompanhado de emoções como humilhação, ansiedade, depressão, fúria e medo, que são vitais para a idealização de uma defesa ou – na maioria dos casos, o ataque.

É combatendo a ameaça da perda que podemos começar a notar as mudanças comportamentais de Otelo. O corajoso guerreiro que outrora foi tão feliz e realizado em seu casamento com a jovem Desdêmona, passa a vigiá-la inicialmente, até a violência explosiva da acusação, quando o general já se encontrava inteiramente consumido por seu monstro.

Essa tragédia impressiona muito os leitores e/ou espectadores pela fatalidade, mas isso não seria possível sem um antagonista como Iago. Ele é a personificação do mal na trama, aquele que só se interessa em atingir seus objetivos, age dissimulado e consegue manipular outros personagens como marionetes. Otelo, o protagonista, sofrendo por fatores emocionais atribuídos à baixa autoestima, discriminação racial e classe social, acaba sendo vítima fácil de Iago que, por sua vez, tinha uma alta credibilidade para com o general e toda a sociedade. Era considerado homem fiel e muito honesto, tendo espaço e confiança suficientes para executar o plano maquiavélico.

A criação do monstro de olhos verdes começa por uma pequena semente plantada por Iago. Cássio, após um episódio de bebedeira, é destituído de seu cargo - acontecimento também planejado pelo alferes, que, a partir desse momento mostra-se apoiador da causa do colega. Sugere a Cássio que procure Desdêmona, sua prima, e peça-lhe que interceda por ele para a restituição do cargo.

Em nenhum momento, entretanto, ocorre adultério ou quaisquer sinais de malícia. Desdêmona, misericordiosa, toma o partido do primo e decide falar a respeito com o marido num momento oportuno. Iago, arquiteto, à essa altura, já havia tratado de distorcer toda a situação para Otelo. É a partir dessa ocasião que o mouro tem os primeiros comportamentos derivados do ciúme: a paranoia e a violência. Entretanto, pelas definições de Pines (1992), essa emoção ainda se trata de um ciúme normal: apenas o reconhecimento ameaça; embora seu temperamento explosivo não abrisse trégua para níveis baixos de violência. Mesmo assim, o general consegue conter seus impulsos.

"O primeiro impulso de Otelo foi agarrá-la pelos ombros e jogá-la ao chão, com toda a força de sua fúria. Todavia, treinado pela guerra a dominar as emoções, respirou fundo e afastou-se[...] não compreendia por que Desdêmona sustentava aquela mentira, mas uma vozinha tênue, saída do fundo da memória, murmurava: "Cuidado com ela, general!" - Otelo, página 78

Iago, todavia, vendo a rapidez do abalo surtido no mouro, continua promovendo situações que possam perturbá-lo ainda mais. Otelo já não dormia. Em sua mente apenas rodopiavam pensamentos de sua insegurança em relação a Cássio. Este, era mais belo, mais jovem, letrado e fundamentalmente de pele clara - conseqüentemente um partido mais adequado para Desdêmona. Mostra-se também nessa passagem o abismo socio-cultural existentes entre o casal. Todos os fatores atingem o general por completo, de modo que passa a dialogar com o monstro de olhos verdes no espelho e afasta-se nitidamente da paixão outrora sentida quando se vê em reflexão sobre a fidelidade de sua esposa: "Clara, elegante, rica e educada - como Cássio. Como Cássio, filha da mesma sociedade, da mesma cultura, do mesmo ambiente." - página 88.

O plano maléfico continua sua execução a todo vapor. Manipulador e dissimulado, as características perfeitas de um ardiloso vilão, Iago dedica-se a montar situações e teatros comoventes. Chega até mesmo a furtar um lenço de Desdêmona para ser mais convincente, colocando-o juntamente de uma carta forjada sob as fronhas de Cássio. Tomado pelas emoções, já nessa altura, Otelo submete-se a acontecimentos que não faria em juízo pleno, mas o ciúme falava mais alto que a dignidade. Averigua o quarto do tenente, onde encontra seu estopim para uma grande onda de ciúme já patológico, consumido por completo, numa escala evolutiva.

Não é possível saber, no curto contexto da obra, se Otelo tendia a ter qualquer comportamento citado antes de seu casamento, contudo, vale ressaltar que o século ²¹⁴

XVI e mesmo nosso grande Shakespeare refletiam misoginia. As leis da época ainda não faziam objeções ao assassinato de mulheres por quaisquer suspeitas de infidelidade, embasadas ou não. Em suma, não existia nenhum conceito sobre feminicídio conhecido, de modo que essas situações ocorressem com certa frequência. Com o monstro de olhos verdes agindo por Otelo, sem assimilar ou dar chances de explicações à esposa, defere uma apunhalada na jovem inocente. Ainda sob os efeitos da adrenalina o general sequer chega a apresentar remorso até descobrir que tudo não passou de uma farsa. Só então desaba e, caindo em si como em um abismo, tira a própria vida no ato final.

SÍNDROME DE OTELO

Essa síndrome tem esse nome pois foi inspirada no comportamento de Otelo, personagem de um dos contos de Shakespeare que sofre de um ciúme tão intenso que mata sua esposa Desdêmona.

Segundo o psiquiatra e sexólogo Walter Ghedin, em entrevista à BBC, é mais comum encontrar casos da síndrome em homens, já que inconscientemente o apego pela mãe gera sentimentos de amor e ódio na relação com outras mulheres. O psiquiatra ainda diz, que no que diz respeito à cultura, em muitas sociedades ainda é forte a ideia de dominação e poder dos homens sobre as mulheres, por isso, alguns homens esperam que suas mulheres se submetam a regras absurdas e qualquer comportamento que fuja da conduta esperada é considerado uma afronta.

É comum as pessoas acreditarem que ciúme é uma forma de demonstrar amor pelo parceiro, porém, um indivíduo que tem ciúme obsessivo e comportamentos controladores pode gerar problemas enormes, desde um relacionamento abusivo até a morte de seu companheiro.

Problemas durante a infância, baixa autoestima, insegurança e complexo de inferioridade podem desencadear a síndrome, já que, geralmente, a crise do transtorno está na falta de habilidade de lidar com as próprias emoções e falta de autoconhecimento. Quando o ciúme se torna algo que controla o indivíduo, é recomendado buscar tratamento psicológico já que passa a ser considerado um distúrbio emocional. Não apenas na ficção, na vida real o ciúme também pode acarretar em crimes passionais ou diversos abusos físicos e psicológicos, por isso faz-se necessário atentar a alguns sintomas, como desconfiança, irritabilidade, raiva, impulsividade, incapacidade de controlar o ciúme, justificação de suspeitas com explicações infundáveis, interrogatórios e investigações sobre a pessoa de quem sente ciúmes constantemente, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que a obra de Shakespeare seja “antiga”, escrita no século XVI, a abordagem sobre o assunto é atual. A narrativa é perfeitamente detalhada pelo autor, trazendo vários acontecimentos simultâneos que a torna mais dinâmica ao ler. Os aspectos psicológicos apresentados são de fácil compreensão quando lidos superficialmente, mas de imensa complexidade quando no tema se é aprofundado. Os motivos que levaram Otelo a cometer o crime principal da narração, assim como a manipulação de Iago e toda o drama psicológico que as personagens enfrentam são dignas do título de “Obra Shakespeariana”. A apresentação do ciúme de Otelo foi tão marcante que se tornou nome de uma síndrome. Por sua vez, a síndrome conta com sintomas específicos que necessitam de atenção, uma vez que sentir ciúme pode ser tratado como algo normal, mas tudo que é em excesso faz mal. O cuidado no relacionamento deve partir de ambas as partes para que tragédias como a da obra não se tornem comuns na vida real.

A genialidade na escrita de William Shakespeare, assim como seus conhecimentos apresentados na obra, a facilidade com que ele transmite suas ideias para o público, sua visível paixão pela literatura e tantos outros pontos fazem dele um dos maiores autores da história, deixando sua marca também em Otelo, uma narrativa de fácil compreensão e de muito estudo e análise envolvidos.

REFERÊNCIAS

BBC. CIÚME DOENTIO: VOCÊ SOFRE DA SÍNDROME DE OTELO? Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141112_ciume_otelo_rm#:~:text=%2D%20S%C3%ADndrome%20de%20Otelo%3A%20como%20dito,cerebral%20ou%20de%20alcoolismo%20cr%C3%B4nico.. Acesso em: 23 out. 2020.

DHIL, Henrique Meneghini. OTELO: O CIÚME DO MOURO DE VENEZA ANALISADO À LUZ DA TEORIA DA RELEVÂNCIA. 2010. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Puc, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiWkujm3M3sAhXvIrkGHe5TB5oQFjAAegQIAxAC&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Findex.php%2Fgraduacao%2Farticle%2Fview%2F8819%2F6184&usg=AOvVaw0IzcZr4wLFg43YMIll49Vr>. Acesso em 24 out. 2020.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. O IMAGINÁRIO DA BRANQUITUDE À LUZ DA TRAJETÓRIA DE GRANDE OTELO: RAÇA, PERSONA E ESTEREÓTIPO EM SUA PERFORMANCE ARTÍSTICA.

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912013000200003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 24 out. 2020.

POLIDÓRO, Voldomiro. Análise de algumas características da peça Otelo. Revista Travessias, Cascavel, v. 7, n. 1992, p. 225-231, set. 2013.

SHAKESPEARE, William. Otelo. 13. Ed. São Paulo. Scipione, 2007. P. 5- 117.

SBIE. Conheça os primeiros sintomas da famosa Síndrome de Otelo. Disponível em: <https://www.sbie.com.br/blog/conheca-os-primeiros-sintomas-da-famosa-sindrome-de-otelo/>. Acesso em: 23 out. 2020.

TELAVITA. CIÚME EXCESSIVO É DOENÇA! Disponível em: <https://www.telavita.com.br/blog/sindrome-de-otelo/>. Acesso em: 23 out. 2020.

PARABENOS EM FORMULAÇÕES COSMÉTICAS: TOXICIDADE E NOVAS TENDÊNCIAS EM CONSERVANTES

MORANDINI, Michele Cristiane Lima
GUEDES, Maria do Carmo Santos

RESUMO

Os conservantes são substâncias adicionadas aos cosméticos para prevenir a contaminação e a proliferação de microorganismos que podem causar doenças ao consumidor. Os conservantes são essenciais para os produtos, definindo seu tempo de prateleira, com diferentes mecanismos de ação. Entretanto, os conservantes apresentam restrições toxicológicas. O objetivo do presente trabalho foi avaliar os aspectos químicos e toxicológicos dos conservantes parabenos, formaldeído e isotiazolinonas. Há grande preocupação em relação à toxicidade dos parabenos em decorrência da gravidade dos efeitos adversos não cutâneos à saúde pelos quais foram examinados nos últimos anos, incluindo atividade endócrina, carcinogênese, infertilidade, espermatogênese, adipogênese, impacto da exposição perinatal e efeitos cutâneos não cancerosos, psicológicos e ecológicos. Como o emprego dos parabenos se estende para inúmeros produtos, pode haver risco de uma dose cumulativa desse ativo para o usuário e ocasionar danos ao organismo. O objetivo do presente estudo foi avaliar conservantes mais utilizados pelas indústrias cosméticas, em especial os parabenos, sob o ponto de vista químico e toxicológico, e discutir seus possíveis riscos para a saúde pública.

Palavras-chave: Cosméticos, Conservantes, Parabenos, Toxicidade.

ABSTRACT

Preservatives are substances added to cosmetics to prevent contamination and proliferation of microorganisms that can cause diseases to the consumer. Preservatives are essential for products, defining their shelf time, with different mechanisms of action. However, preservatives have toxicological restrictions. The objective of this work was to evaluate the chemical and toxicological aspects of paraben preservatives, formaldehyde and isothiazolinones. For paraben, their action is dependent on the chemical structure and its efficacies are evaluated through the microbiological challenge test or "Challenge Test". There is great concern regarding the toxicity of paraben due to the severity of non-cutaneous adverse health effects for which they have been examined in recent years, including endocrine activity, carcinogenesis, infertility, spermatogenesis, adipogenesis, impact of perinatal exposure and non-cancerous, psychological and ecological skin effects. As the use of paraben extends to numerous products, there may be a risk of a cumulative dose of this asset to the user and cause damage to the body. The aim of this study was to evaluate preservatives most used by cosmetic industries, especially paraben, from the chemical and toxicological point of view, and to discuss their possible risks to public health.

Keywords: Cosmetics, Preservatives, Parabens, Toxicity.

INTRODUÇÃO

O mercado global de cosméticos é um dos maiores e exige contínuo controle para monitorizar ingredientes tóxicos e controle microbiológico. Os cosméticos requerem preservação contra a contaminação microbiana para assim garantir a segurança 218

do consumidor e aumentar a vida útil do produto, sendo usados os conservantes como estratégia para garantir um produto livre de microorganismos (HALLA et al., 2018).

Atualmente, o uso diário de cosméticos por homens e mulheres chega a 06 e 12 produtos contendo até 85 e 168 ingredientes, respectivamente. O uso diário e por um longo período torna necessária a segurança desses produtos, pois a exposição a substâncias na formulação cosmética pode causar reações adversas ao usuário (HO-PPE & PAIS, 2017).

As preocupações toxicológicas mais recentes em relação aos parabenos são grandes, decorrentes da gravidade dos efeitos adversos não cutâneos à saúde pelos quais foram examinados nos últimos anos. Estes efeitos incluem atividade endócrina, carcinogênese, infertilidade, espermatogênese, adipogênese, impacto da exposição perinatal e efeitos cutâneos não cancerosos, psicológicos e ecológicos. Essas questões têm sido repetidamente abordadas pela indústria e por várias autoridades reguladoras, a maioria das quais considerou os parabenos seguros como conservantes cosméticos (FRANSWAY et al., 2019).

O objetivo deste artigo é avaliar os conservantes mais utilizados pelas indústrias cosméticas, em especial os parabenos, sob o ponto de vista químico e toxicológico, e discutir seus possíveis riscos para a saúde pública.

Conservantes em cosméticos

A preservação se apresenta como um problema complexo. As formulações cosméticas apresentam um ambiente ideal para a proliferação de microorganismos, como a presença de água e nutrientes, além de valores de temperatura e pH favoráveis. Os microorganismos mais frequentes encontrados na contaminação são fungos, bolores e bactérias, dentre eles tem-se as *Pseudomonas aeruginosa*, *Klebsiella oxytoca*, *Staphylococcus aureus*, *Escherichia coli*, *Candida albicans*, *Enterobacter gergoviae* e *Serratia marcescens*. Um produto contaminado pode ter sua qualidade comprometida e apresentar um risco potencial para saúde do consumidor (HALLA et al., 2018).

Tipos, Função e Mecanismos de Ação

Os conservantes são substâncias que possuem a finalidade de prevenir /inibir a proliferação de microorganismos no produto e garantir a integridade do produto (CONSERVANTES, 2007).

De modo geral, os mecanismos de ação dos conservantes são diversos, podendo ser: por alteração da permeabilidade da membrana citoplasmática e liberação dos cons- 219

tituintes celulares, por dissolução e ruptura citoplasmática, por oxidação dos componentes celulares, por inibição do metabolismo celular como a interferência de sistemas enzimáticos essenciais (SOUZA, 2017).

Os Parabenos são os conservantes mais indicados na Farmacopéia Brasileira e os mais utilizados em produtos farmacêuticos e cosméticos, conhecidos como nipagin e nipazol. Os Parabenos são eficazes em ampla faixa de pH e possuem largo espectro de atividade antimicrobiana, embora sejam mais eficientes contra bolores e leveduras (SOUZA,2017; SPADOTO, 2017).

Quimicamente, os Parabenos são ésteres derivados do ácido 4-hidroxibenzóico, e são classificados de acordo com a cadeia ligada ao grupo funcional éster, da seguinte forma: cadeia curta- metilparabeno (MeP) e etilparabeno (EtP), cadeia longa- propilparabeno (PrP), butilparabeno (BuP), isopropilparabeno (i-PrP), isobutilparabeno (i-BuP) e benzilparabeno (BzP), conforme ilustrado na Figura 1.

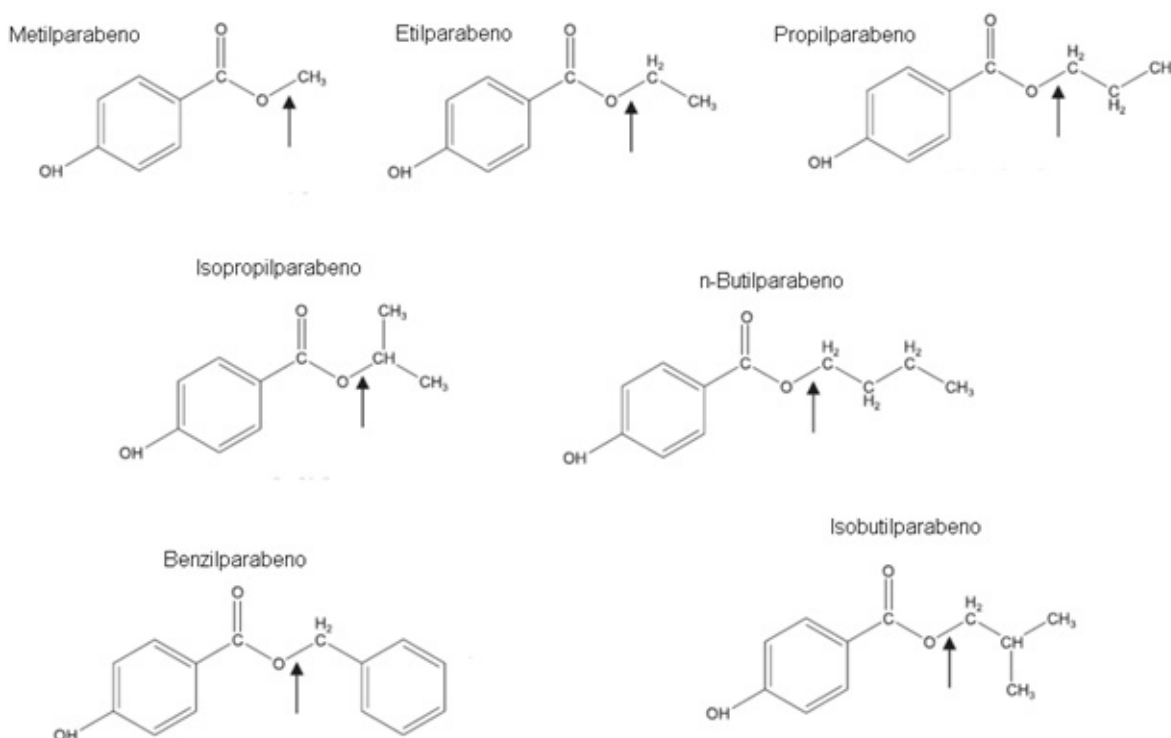


Figura 1: Estruturas de Parabenos (Schmitt, 2015)

O mecanismo de ação antimicrobiana dos parabenos é a sua ação sobre a síntese de DNA e RNA, sobre enzimas-chave como ATPases e fosfotransferases, ou ainda, no efeito inibitório no transporte de membranas e função mitocondrial (Tavares & Pedriali, 2011; Ribeiro 2013).

O conservante Metilisotiazolinona (2-metil-4 isotiazolin-3-ona (MIT) (Figura2), pertencente ao grupo isotiazolinonas, pode ser utilizada como conservante individu- 220

almente ou em conjunto com a Metilcloroisotiazolinona (5-cloro-2metil isotiazolin-3-ona (CMIT)(Figura 2). Seu mecanismo de ação está na inibição do mecanismo de transporte ativo e oxidação de glicose nas membranas das células, através da reação com os grupos sulfidril de proteínas como a ATPase e Gliceraldeído-3-fosfato, desnaturando-as (JORGE, 2013; CONSERVANTES, 2007).

O conservante formaldeído (oximetileno ou formalina - solução concentrada de formaldeído) é um conservante usado em shampoos, géis de banho e sabonetes líquidos. É utilizado sozinho ou acompanhado de liberadores de formaldeído, sendo estes últimos amplamente utilizados, possuindo alta solubilidade em água, estáveis e ativos em ampla faixa de pH, sendo efetivos contra leveduras, fungos filamentosos e bactérias. Os doadores de formaldeído liberam lentamente formaldeído por degradação ou decomposição em condições de uso. A atividade antimicrobiana desses conservantes provavelmente resulta do formaldeído liberado pela hidrólise na presença de água (LV et al., 2015). Dentre estes, têm-se: DMDM Hidantoína, ImidazolidinilUréia, DiazolidinilUréia (DAU), Quaternário-15, Hidroximetilglicinato de Sódio (HMGS), Metenammina e solução de Formaldeído (Figura 2) (SILVEIRA, 2016).

O Formaldeído tem como mecanismo de ação a alquilação de grupos sulfidril e amina, desnaturando proteínas da membrana e citoplasma, podendo também alquilar os anéis de purina para desnaturar o DNA. Os doadores de formol atuam da mesma forma, uma vez que liberam o formaldeído (JORGE, 2013).

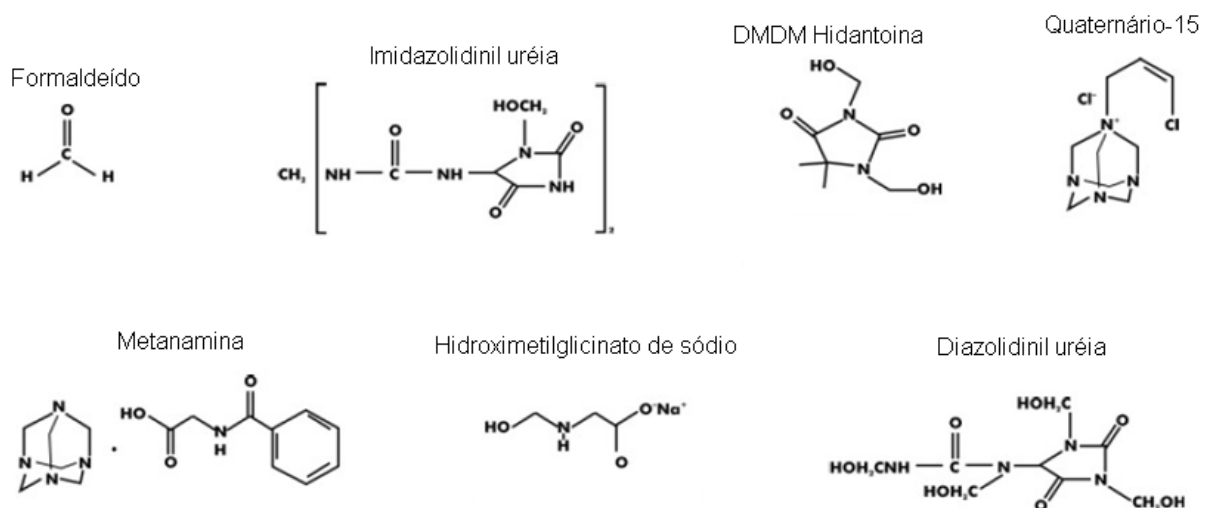


Figura 2: Estruturas das Isotiazolinonas, do Formaldeído e de liberadores de formol (HALLA et al., 2018).

Toxicologia

Em termos toxicológicos, as vias dérmica e respiratória são as portas de entrada mais frequentes das intoxicações pelos cosméticos.

Os parabenos têm sido avaliados por sua ação estrogênica. Estudo realizado em 2008 mostrou resultados dos testes in vitro e in vivo da avaliação da atividade estrogênica desses conservantes. Dos 25 ensaios in vitro de ligação ao receptor estrogênico apenas 1 mostrou resultado negativo, nos ensaios in vivo dos 30 ensaios, 7 resultados deram negativo ou seja, esta substância pode ser um agonista para o receptor estrogênico e/ou influenciar a expressão do qual o estrogênio é responsável, incluindo receptor estrogênico e o receptor de progesterona (HOPPE & PAIS, 2017).

A atividade estrogênica gera disfunções no comportamento hormonal, aumentando a incidência no desenvolvimento de câncer de mama e a infertilidade masculina. Há ainda a hipótese de que os cosméticos utilizados nas axilas contendo os conservantes parabenos, podem levar a incidência de câncer de mama, pois além de ter ação estrogênica, os parabenos de cadeia longa são lipofílicos, podendo ser absorvidos na pele e acumular-se nos tecidos e gorduras (MONTEIRO, 2017). Experimentos realizados com roedores a exposições de BuP e PrP, mostraram que estes compostos afetaram adversamente a produção de testosterona e a função reprodutiva masculina (SPADOTO, 2017).

Os liberadores de formaldeído e as isotiazolinonas surgiram como substitutos dos parabenos. Em relação à sua toxicidade, há vários relatos associando esses compostos à dermatite grave e ao comprometimento das funções pulmonares (SILVA et al., 2020).

Mais recentemente, um estudo demonstrou que o MIT era capaz de induzir a morte celular e a ativação de respostas pró-inflamatórias em células epiteliais brônquial (células BEAS-2B). Os autores também sinalizaram o possível efeito cancerígeno do MIT após a análise do perfil genético. Recentemente, alguns trabalhos sugeriram um potencial efeito citotóxico de isotiazolinonas sobre as células do fígado humano e células neuronais (PARK et al., 2020).

A toxicidade do formaldeído ocorre em diferentes graus: quando da intoxicação aguda, podem ocorrer desde alergia cutânea até falta de ar; na intoxicação subaguda, além dos sintomas da intoxicação aguda, também ocorre forte anestesia e necrose na pele, enjoos, vômitos, dores na barriga, dermatite e conjuntivite; na intoxicação crônica, devido ao acúmulo de formaldeído no organismo, os sintomas podem ser edema pulmonar, bronquite, laringite, pneumonia, além de poder causar câncer nas vias respiratórias, pulmão, sangue e cabeça e ocasionar a morte (MACAGNAN et al., 2010). Devido ao potencial carcinogênico do formaldeído, estes foram substituídos pelos liberadores de formaldeído, embora estes últimos atuem como agentes sensibilizantes e provoquem dermatite de contato alérgica (MONTEIRO, 2017).

Toxicidade dos Parabenos

Há evidências crescentes de estudos epidemiológicos que parabenos podem estar associados ao câncer de mama, alergias, obesidade e prejudicar a fertilidade. Estudos realizados acerca da toxicidade dos parabenos mostram que esses conservantes podem se acumular intactos no tecido do corpo humano a longo prazo e em exposições a baixas doses (LEPPERT et al., 2020).

Os parabenos aplicados à pele são metabolizados por carboxilesterases de queratinócitos e os metabólitos conjugados são excretados na urina e bile. Os parabenos geralmente são detectados na urina, soro, leite materno e fluido seminal, mas o mais preocupante tem sido a detecção no tecido mamário de pacientes com câncer de mama. A maior concentração na mama lateral superior perto da axila correlaciona-se com a exposição ao desodorante para axilas, e o aumento da incidência de desenvolvimento de câncer de mama na área (KIRCHHOF & DE GANNES, 2013).

Estudos com humanos e animais que examinam a toxicidade do parabeno têm se concentrado nos efeitos a longo prazo da exposição crônica. Em um estudo com mulheres de 25 a 39 anos, observou-se uma relação entre concentrações de parabenos na urina e parâmetros de reserva ovariana: contagem de folículo antral (CFA), hormônio anti-mulleriano, hormônio folículo-estimulante (FSH) e estradiol. Conclusivamente, há indícios de que a exposição crônica ao PrP possa contribuir potencialmente para a redução da fecundidade e prejudicar a fertilidade (JUREWICZ et al., 2020).

Em estudo realizado para avaliar a exposição pré natal aos parabenos (principalmente ao Butilparabeno), conclui-se que estes podem causar excesso de peso nos primeiros oito anos de vida, com uma tendência mais forte em meninas, pela desregulação neuronal da saciedade mediada pelo gene POMC Pró-opiomelanocortina (LEPPERT et al., 2020).

Disruptores endócrinos

Os disruptores endócrinos (DEs) são substâncias químicas exógenas que perturbam o sistema endócrino imitando ou bloqueando um hormônio natural, como o estrogênio e a testosterona. No caso da imitação do hormônio, o DE se liga ao receptor de hormônio, ativando-o inadequadamente e acionando processos normalmente realizados pelos hormônios naturais. No caso de bloqueadores hormonais, o DE se liga ao receptor hormonal, bloqueando-o, impedindo que hormônios naturais ativem seu receptor.

Os DEs podem causar doenças endócrinas, distúrbios neurológicos e comportamentais, obesidade, disfunção metabólica e distúrbios relacionados, distúrbios ²²³

reprodutivos. As perturbações do sistema endócrino são fundamentais para a maior prevalência de doenças como câncer, doenças respiratórias e cardiovasculares (GORE et al.,2014).

Quanto aos cosméticos, o DE mais citado são os parabenos ,os quais podem ser absorvidos pelo organismo, não serem metabolizados e serem bioacumulados. Os parabenos agem como disruptores endócrinos mimetizando os hormônios naturais como o 17 β -estradiol, ou até mesmo exógenos, como hormônios artificiais e fitoesteróis, ligando-se ao receptor de estrogênio, estimulando os genes estrógeno-dependentes (SPADOTO, 2017).

As alterações causadas por um desregulador endócrino em mulheres devido ao excesso de estrogênio incluem disfunção na diferenciação sexual, alteração no tecido ovariano, com tendência à formação de ovário policístico, aumento da incidência de câncer de mama e de colo do útero. Os parabenos podem penetrar nas células do tecido mamário, e ligar-se aos receptores do hormônio estrogênio e influenciar a expressão gênica. Nesta interação, ocorre, como resposta fisiológica, o crescimento da linhagem celular cancerígena de tecido mamário (MCF7). A estrogenicidade dos parabenos é de 500 a 100.000 vezes menor que o estradiol; mesmo assim, questiona-se se a exposição prolongada a esses conservantes pode resultar num acúmulo do produto, e assim aumentar a resposta estrogênica (TAVARES & PEDRIALI, 2011).

Novas Tendências em Conservantes para Cosméticos

Devido ao aumento das reações adversas causadas pelos conservantes, as indústrias buscam alternativas para sua substituição. No mercado de cosméticos surgiu o conceito “livre de conservantes”. É uma tendência ao emprego de substâncias que não contêm propriedades antimicrobianas, sendo formulações combinadas de ativos multifuncionais, antioxidantes e agentes quelantes, as quais podem desempenhar um papel importante na resistência microbiana (SILVEIRA, 2016).

Entre os possíveis substitutos para os parabenos, encontram-se o Caprilil Glicol, o álcool fenetílico, a Etilexilglicerina, o Fenoxietanol e os óleos essenciais. O álcool Fenetílico, utilizado como componente de fragrância e como conservante, possui baixa toxicidade, porém estudos em animais mostraram potencial teratogênico, sendo permitido até a 1% em produtos finais. Os óleos essenciais são outras alternativas para conservar produtos cosméticos, porém não garante um melhor perfil toxicológico (SILVEIRA,2016).

O benzoato de sódio, em combinação com sorbato de potássio vem sendo considerada uma alternativa aceitável em produtos cosméticos, tendo também um custo relativamente baixo, devendo ser utilizados em formulações com pH entre 3 a 5. (PACHECO,2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de conservantes são necessários para garantir um produto livre de microorganismos, sendo parabenos, liberadores de formaldeído e as isotiazolinonas os mais utilizados, porém, os estudos mostraram o potencial tóxico desses conservantes, mesmo dentro da concentração máxima permitida pela legislação.

Diariamente, as pessoas utilizam no mínimo 6 produtos cosméticos que contenham tais conservantes; sendo assim, a exposição diária e por um longo período ultrapassa este limite, podendo causar alergia e até contribuir para o desenvolvimento de um câncer, e com impacto na fertilidade.

Estudos in vivo e in vitro mostram o potencial tóxicos dessas substâncias. Existem possíveis substitutos, cujos estudos toxicológicos somados precisam ser realizados se empregados simultaneamente em diferentes formulações cosméticas para garantir a saúde do consumidor.

REFERÊNCIAS

CONSERVANTES. Revista Cosméticos e Perfumes, n. 44, p. 28-52, 2007. Disponível em: http://insumos.com.br/cosmeticos_e_perfumes/artigos/conservantes_nº2044.pdf. Acesso em 24 abril de 2020.

GORE, AC; CREWS, D. Introdução aos disruptores endócrinos (des) um guia para governos e organizações de interesse público. Endocr Rev, p. 01-76, 2014.

HALLA, N.; FERNANDES, IP. Et al. Cosmetics Preservation: A Review on Present Strategies. Molecules, 23(7), 1571. p. 1-41, 2018.

HOPPE, AC; PAIS, MCN. Avaliação da toxicidade de parabenos em cosméticos. Revinter, v. 10, n. 03, p. 49-70, 2017.

JORGE, AIDST. Avaliação da eficácia de conservantes em preparações comerciais para higiene íntima. 2013. Covilhã. 125p. Monografia (Mestrado em Ciências Farmacêuticas), Universidade da Beira Interior Ciências da Saúde. Covilhã.

JUREWICZ, J.; RADWAN, M. et al. Parameters of ovarian reserve in relation to urinary concentrations of parabens. *Environmental Health*, p. 01-08, 2020.

LEPPERT, B. et al. Maternal paraben exposure triggers childhood overweight development. *Nature Communications*. p.01-12, 2020.

LV, C.; HOU, J.; XIE, W.; CHENG, H. Investigation on formaldehyde release from preservatives in cosmetics. *Int. J. Cosmet. Sci.* v.37, p. 474–478, 2015.

MACAGNAN, KK; SARTORI, MRK; DE CASTRO, FG. Sinais e sintomas da toxicidade do formaldeído em usuários de produtos alisantes capilares. *Cadernos da Escola de Saúde*, v. 01, n. 04, p. 46-63, 2010.

MONTEIRO, BES. Toxicidade dos produtos cosméticos. 2017. Porto. 72p. Monografia (Mestrados em Ciências Farmacêuticas), Universidade Fernando Pessoa. Porto.

PACHECO, ARB. Parabenos nas formulações cosméticas: sim ou não?. 2018. Lisboa. 44p. Dissertação (Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias pela Escola de Ciências e Tecnologias da Saúde. Lisboa.

PARK, E.-J.; SEONG, E. Methylisothiazolinone induces apoptotic cell death via matrix metalloproteinaseactivation in human bronchial epithelial cells. *Toxicol. Vitro*, 2020,62, 104661 (9) (PDF) Isothiazolinone Biocides: Chemistry, Biological, and Toxicity Profiles. Available from: https://www.researchgate.net/publication/339534838_Isothiazolinone_Biocides_Chemistry_Biological_and_Toxicity_Profiles [acesso em 15 out 2020].

SCHMITT, PDO. Influência de excipientes farmacêuticos sobre a eficácia dos sistemas conservantes. 2015. Itajaí. 91p. Dissertação (Mestrados em Ciências Farmacêuticas), Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí.

SILVA, V; SILVA,C; SOARES, P; GARRIDO, EM; BORGES, F; GARRIDO, J. Isothiazolinone Biocides: Chemistry, Biological, and Toxicity Profiles. *Molecules*. v.25(4), p.991-998, 2020.

SILVEIRA, JEPS. Perfil toxicológico de conservantes derivados de xilitol em cosméticos. 2016. Campinas. 175p. Tese (Doutorado em Farmacologia), Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Ciências Médicas. Campinas.

SOUZA, VDSD. Avaliação do sistema conservante frente a ação microbiológica em preparações farmacêuticas. 2017. Rio de Janeiro. 43p. Monografia (Especialização Tecnologias Industriais Farmacêuticas), Instituto de Tecnologia em Fármacos, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro.

SPADOTTO, M. Avaliação dos efeitos dos parabenos sobre organismos aquáticos e comparação de sensibilidades de espécies. 2017. São Carlos. 112p. Tese (Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental), Universidade de São Paulo Escola de Engenharia de São Carlos. São Carlos.

TAVARES, AT; PEDRIALI, CA. Relação do uso de parabenos em cosméticos e a sua ação estrogênica na indução do câncer no tecido mamário. Revista Multidisciplinar da Saúde, v. 03, n. 06, p. 61-74, 2011.

PRÁTICA DE ENSINO AGUÇANDO A ESCUTA: O EMBASAMENTO DE SCHAFFER

LUCIANO, André Rodrigo
SANCHES, Bárbara Pereira
SANTOS, Diego Fernandes Prestes
SANTOS, Giulia Katherine
Orientadora:
BOLLOS, Liliana Harb

RESUMO

Este artigo apresenta a Prática de Ensino Aguçando a Escuta, realizada por alunos do terceiro semestre do curso de Licenciatura em Música da UNIFACCAMP, sobre escuta, paisagem sonora e como os sons do cotidiano interferem no dia a dia das pessoas. Como referencial teórico, a prática se embasou no educador musical Murray Schafer e sua pesquisa sobre paisagem sonora.

PALAVRAS-CHAVE: Prática de Ensino. Aguçando a Escuta. Paisagem Sonora. Murray Schafer.

ABSTRACT:

This article presents the Teaching Practice Sharpening Listening carried out by students of the third semester of the Music graduation course at UNIFACCAMP, about listening, soundscape and how the sounds of everyday life interfere in people's day lives. As a theoretical reference, the practice was based on the musical educator Murray Schafer and his research about soundscape.

KEYWORDS: Teaching Practice. Sharpening the Listening. Soundscape. Murray Schafer.

INTRODUÇÃO

Desde criança aprendemos que a fala é importante, que é preciso saber se comunicar bem, ter uma boa oratória, sendo até mesmo disponibilizados diversos cursos para aprimorar cada vez mais essa habilidade. Mas, e a escuta? Atualmente, vivemos em um mundo globalizado, onde o capitalismo está em alta e a habilidade do momento é a comunicação. As pessoas vivem com suas mentes ocupadas, em extrema “correria”, sempre com o celular ou alguma outra tecnologia em mãos. Porém, essas mesmas pessoas nunca param um instante para ouvir as outras pessoas e, até mesmo, o mundo ao seu redor. Foi através desse pensamento que Murray Schafer começou a realizar os seus trabalhos e criou os seus famosos três eixos: a relação som/ ambiente, a confluência das artes e a relação da arte com o sagrado.

Na relação som/ambiente, Schafer cria um termo chamado “soundscape” ou “paisagem sonora”. Nesse eixo, ele trata sobre a relação entre o homem e o meio ambiente e como essa relação mudou nos últimos anos, após a Revolução Industrial. Essa mudança ocorreu devido ao surgimento das máquinas e o aumento dos seus sons no

nosso cotidiano, fazendo com que as pessoas parassem de prestar atenção nos sons naturais do próprio planeta. No eixo da confluência das artes, Schafer chama a atenção para a “disputa” que ocorre entre as ramificações da arte, fazendo com que sempre uma queira se sobressair sobre a outra. Sendo assim, Schafer propõe um novo estilo de “teatro” onde há a interação de várias linguagens artísticas, sem que uma queira se sobressair sobre as demais. E, por último, a relação da arte com o sagrado reflete mais sobre a relação do homem com o mundo a sua volta, já que, segundo Schafer, essa relação com o sagrado só pode ocorrer através de uma transcendência da parte intelectual do homem, pois, o sentido do sagrado é de caráter holístico. Dessa forma, como é mostrado no livro “Pedagogias em Educação Musical”, essa relação com o sagrado irá aflorar somente através da experiência do vivido, juntamente com o reencantamento do homem sobre o mundo.

Portanto, nessa prática de ensino, foi abordado cada eixo criado por Schafer, através de atividades de sensibilização musical, escrita e percepção musical, além de demonstrar como cada um desses fatores são importantes para a nossa vida atual e cotidiana. Como justificativa deste trabalho, devido a correria do dia a dia, as pessoas acabam deixando que vários aspectos simples, no entanto, importantes da vida, passem despercebidos e por muitas vezes acaba sendo um papel da arte, resgatar esses valores cada vez mais simples da vida e do mundo.

Schafer, no artigo publicado em *Patria: the complete cycle* (SCHAFER, R. Murray, 1998), diz:

Este deve ser o primeiro propósito da Arte. Promover mudanças em nossas condições existenciais. Este é o primeiro propósito. Modificar-nos. É um objetivo nobre, divino. E existe desde muito tempo atrás, antes que a palavra "arte" fosse cunhada para descrever o último tremor transformativo acessível ao homem civilizado (SCHAFER, 2002, p. 87).

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral: Proporcionar aos alunos, através de quatro atividades o entendimento das principais estruturas que integram uma composição musical, através de experiências de concentração e improvisação que tem como propósito elucidar na prática o conteúdo aplicado, além de promover reflexões acerca do aperfeiçoamento da escuta.

2.2 Objetivos Específicos: Usar os conteúdos já aprendidos em sala de aula ²²⁹

como auxílio; Realizar as atividades usando prática e explicação como fatores complementares; Facilitar o entendimento dos alunos com relação às características básicas da música; Promover a compreensão e sintonia harmônica a partir do trabalho em grupo; Despertar a nível sensorial a escuta e percepção do ambiente sonoro; Promover uma reflexão e debate, relacionando os tópicos em música ao tema abordado.

3. METODOLOGIA

A metodologia é exploratória, baseada nas vivências dos alunos em sala de aula e nos exercícios propostos no livro *Pedagogias em educação Musical*, com destaque na visão de Murray Schafer referente aos ruídos que passam despercebidos no nosso cotidiano, e como poderá haver aperfeiçoamento da escuta e percepção das paisagens sonoras ao redor.

Inicialmente, o papel do professor será o de orientador da busca individual de cada aluno pelo aperfeiçoamento da escuta. Em um segundo momento, o professor deve demonstrar formas de representação musical escrita que auxiliem o aluno a estabelecer conexões entre teoria e prática, a fim de que o educando possa refletir e obter conclusões precisas sobre o conteúdo assimilado. O objetivo é propor concentração, percepção e orientação sobre escuta improvisação e escrita musical.

O ato de introduzir uma música que gradativamente deverá substituir o silêncio deve deixar claro que existem diversas manifestações sonoras ocorrendo simultaneamente ao nosso redor. O despertar para esse conceito, por meio de uma experiência que explora a intensidade, é sucedido por uma prática que promove o entendimento a níveis sensorial psicológico e fisiológico do conceito de compassos e andamentos. Seguimos com a explicação do conceito de compassos e bpm.

4. DESENVOLVIMENTO E PLANO DE AULA

Esta Prática de Ensino foi realizada em 2020, ano em que estava se iniciando a pandemia do Coronavírus, sendo assim, não foi possível para os integrantes do grupo aplicar a aula em alguma escola. Entretanto, utilizamos como opção mais viável a gravação de um vídeo, em que seriam expostos os conceitos e explicações que precisariam ser transmitidos, e após isso, as orientações de como realizar as atividades e brincadeiras propostas, buscando transmitir todo esse conhecimento da forma mais clara possível.

Organizamos a aula em quatro etapas, iniciando pelo desenvolvimento da sensibilização e aperfeiçoamento da escuta. Esse exercício inicial, baseado nas vivências em sala de aula e nos exercícios propostos no livro *Pedagogias em educação Musical*,²³⁰

destaca a visão de Murray Schafer referente aos ruídos que passam despercebidos no nosso cotidiano, e como podemos aperfeiçoar a escuta e percepção das paisagens sonoras que nos cercam. Para iniciar a atividade, pedimos para que todos permaneçam em silêncio, em uma posição confortável, fechem os olhos e apenas ouçam e identifiquem os sons ao redor durante três minutos.

Na segunda parte são apresentados os compassos e andamentos. Enquanto todos ainda estiverem de olhos fechados, uma música é inserida de fundo com aumento gradativo do volume, e deve-se sugerir que todos abram os olhos conforme o volume da música aumenta. Então, todos se levantam e caminham em círculo conforme os diferentes compassos e andamentos que serão alternados entre trechos de músicas diferentes.

Para elucidar melhor esses pontos, passamos para a experimentação musical de improvisação e escrita dividindo a sala em três grupos. Os participantes deverão escolher alguma fonte sonora, que pode ser um instrumento improvisado ou percussão corporal. O primeiro reproduzirá o pulso, o segundo o ritmo e o terceiro uma melodia com instrumentos que explorem alturas. Com base em um compasso e um BPM específico, todos devem definir uma forma de escrita simples de um trecho em quatro compassos, dependendo da fonte sonora escolhida. Para a conclusão, os participantes executam seus trechos em conjunto.

Ao final da atividade, como proposta de avaliação, todos podem refletir e discutir sobre as experiências desenvolvidas, destacando os pontos que ficaram claros na prática, possíveis dúvidas e como os exercícios contribuíram para o entendimento dos conceitos aplicados.

5. ETAPAS DO PROCESSO

A princípio, o objetivo era aplicar a prática de ensino na Escola Estadual Rafael Oliveira para a faixa etária de 12 anos, porém com o início da pandemia no primeiro semestre de 2020, as medidas impossibilitaram que a prática fosse realizada presencialmente naquele período. No entanto, o grupo decidiu aplicar em um vídeo as propostas com o intuito de desenvolver competências como concentração, reflexão, interação, sensibilidade musical, aperfeiçoamento da escuta, percepção rítmica, noção de timbres e alturas, improvisação e escrita musical, por meio da utilização de lousa e materiais recicláveis sonoros como chocalho, reco reco e tambor. Abrangendo como conteúdo a sensibilização e aperfeiçoamento da escuta e elementos básicos da estruturação de uma composição musical baseados na metodologia de Schafer, esses conteúdos puderam ser discutidos e vivenciados na disciplina de Sensibilização Musical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa prática de ensino, pudemos conhecer melhor o trabalho de Schafer e como funciona a sua pedagogia, juntamente com os seus famosos três eixos: a relação som/ ambiente, a confluência das artes e a relação da arte com o sagrado. Algo que nos ajudou a compreender melhor os pensamentos de Schafer e, até mesmo, a fazer relações com experiências externas, foram as aulas de Sensibilização Musical com a prof. Monique Traverzim, já que, desde o começo do semestre foram trabalhadas atividades de escuta, relaxamento, indução musical, entre outras, e que, mesmo sem perceber, nós já estávamos adquirindo um certo conhecimento prévio para a prática de ensino que estava para acontecer.

Mesmo não possuindo a oportunidade de aplicarmos a aula que planejamos, percebemos a importância de transmitir para uma sala de aula esse relaxamento e a capacidade de parar e escutar as coisas à nossa volta, e até mesmo aplicar atividades que, ao mesmo tempo que trabalhem esses conceitos de desacelerar, também possa transmitir conhecimentos musicais, já que é através da prática o aluno constrói a base sobre o alicerce da teoria, podendo absorver o conteúdo estudado de forma concreta.

Sendo assim, nessas atividades, buscamos demonstrar na prática as aplicações da estrutura teórica, vivenciando o processo de construção de uma música que surge quando silenciemos nossas mentes e percebemos inicialmente a paisagem sonora que nos cerca, aperfeiçoando e aguçando a escuta para que nas próximas atividades possamos compreender melhor os elementos sonoros que constituem uma peça musical.

REFERÊNCIAS

SCHAFER, R. Murray. Educação sonora: 100 exercícios de escuta e criação de sons. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. Pedagogias em educação musical. Curitiba: IBPEX, 2011.

SCHAFER, R. Murray. O ouvido pensante. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

NFB. R. Murray Schafer: Listen. 04 Abr. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rOlxuXHWfHw&t=3s>> . Acesso em: 23 mar. 2021.

SCHAFER, R. Murray. Patria: The Complete Cycle. Toronto: Coach House Books, 1998.

PRÁTICA DE ENSINO: CULTURA INDÍGENA BRASILEIRA NA AULA DE MÚSICA

SANTOS, Edjane Pessin Anunciação
MACHADO, Vinicius do Nascimento
SILVA, Yasmin Lima da
TRAVERZIM, Monique

RESUMO

O presente artigo descreve uma Prática de Ensino apresentada no formato de videoaulas, buscando expor a importância de incluir a cultura indígena nas aulas de música e explorar a riqueza de seus fazeres musicais. Inicialmente, esclarece-se a respeito da maneira adequada de se nomear os indígenas, posteriormente, apresenta-se uma breve pesquisa sobre os povos Yudjá e Krenák, concluindo-se com a busca pela valorização e respeito da cultura indígena para se alcançar o fim dos preconceitos.

Palavras-chave: Educação Musical. Música. Indígenas. Yudjá. Krenák

ABSTRACT

This article describes a Teaching Practice presented in the form of video lessons, seeking to expose the importance of including indigenous culture in music classes and exploring the richness of their musical activities. Initially, it is clarified about the proper way of naming the indigenous people. Later, a brief survey about the Yudjá and Krenák peoples is presented, concluding with the search for the valorization and respect of the indigenous culture in order to reach the end of prejudices.

Keywords: Musical Education. Music. Indigenous. Yudjá. Krenák

INTRODUÇÃO

A palavra índio costuma despertar em quem a ouve uma imagem bastante estereotipada e, em geral, as pessoas costumam associá-la à aparência, objetos, adornos, canções e costumes muito mais de acordo com as referências hollywoodianas e de contos antigos de diferentes culturas, do que a sua real origem nacional. Antes de começarmos a falar sobre essa cultura e toda a sua riqueza, é necessário quebrar alguns paradigmas. Segundo a história do “suposto” descobrimento do Brasil, quando Pedro Alvarez Cabral desembarcou nessas terras acreditava ele estar nas Índias, e ao se deparar com o povo que ali vivia os chamou de índios.

Todavia, a terminologia “índio” não é exatamente a forma correta de chamá-los, pois é um termo carregado de estereótipos como, “selvagem”, “atrasado”, “canibal”, entre outros. O correto seria se referir a eles, segundo Daniel Munduruku, como “indígenas”, que significa aqueles que pertencem ao lugar, mas,

ainda assim, Munduruku declara que os mesmos preferem ser reconhecidos pelo nome de seu povo (s/d apud ALMEIDA e PUCCI, 2017).

Ao contrário do que se pensa, os indígenas não são um povo pequeno e esquecido que vive na floresta, isolado da “sociedade moderna”, tão pouco podem ser compactados em um só povo. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem pelo menos 900 mil indígenas vivendo em território brasileiro, divididos em cerca de 200 povos e 160 línguas diferentes (ALMEIDA e PUCCI, 2017, p 24). Se esse número já surpreende, imagine como era na época pré-colonial. Informações levantadas por pesquisadores estimam que existiam pelo menos 1.400 povos e 1.200 línguas espalhadas entre 3 e 8 milhões de pessoas.

A dura realidade que vemos hoje e o início da diminuição dos povos indígenas no Brasil, iniciou-se com a imposição cultural e religiosa dos que se chamavam descobridores de terras. Os que se denominavam civilizados e cultos começaram a proibir o diálogo em línguas nativas, festas e rituais sagrados, pois eram considerados paganismo e obras do demônio. Devido à diferença cultural, os colonizadores acreditavam que os indígenas eram primitivos e inferiores e essa imagem foi ficando cada vez mais forte com o passar dos anos.

Mas nem tudo foi perdido, pois, as tradições, o respeito pela natureza, pelos ancestrais, bem como o amor pela própria cultura, os fez resistir ao preconceito e ao desgaste temporal. Com isso, o presente artigo visa desenvolver o tema “Cultura Indígena Brasileira na Aula de Música” e é dividido em quatro seções, as quais são subdivididas em (1) cultura da oralidade; (2) a música indígena; (3) e (4) história dos povos escolhidos – Juruna e Krenák; (5) o indígena e sua representação na sociedade moderna; (6) plano de aula e considerações finais.

A partir de exemplos dados por muitos educadores musicais e pelas experiências aprendidas durante o curso de Licenciatura em Música, o grupo optou por utilizar atividades práticas que incentivassem a participação ativa do aluno no aprendizado musical. Após a leitura da bibliografia do Projeto de Prática de Ensino, o grupo organizou um plano de aula com base no tema dado e devido à pandemia da Covid-19, o conteúdo foi apresentado através de videoaulas, as quais foram postadas na plataforma do YouTube, no canal do curso de Licenciatura em Música da Unifaccamp. As aulas foram direcionadas para crianças a partir dos 7 anos de idade, no entanto, procuramos utilizar de uma dinâmica que pudesse alcançar também adolescentes e adultos.

CULTURA MÚSICA E HISTÓRIA

A Cultura da Oralidade

A cultura da oralidade é a ação de se passar os ensinamentos dos mais velhos para os mais novos, de certa forma, todos os povos têm essa característica, mas, para aqueles que têm a escrita como principal forma de registro, essa característica é menos utilizada. “Para os povos exclusivamente orais, a forma física das palavras é o som, enquanto para povos letrados, a palavra ouvida é associada diretamente a sua forma escrita” (ALMEIDA e PUCCI, 2017, p. 52).

Por exemplo, uma criança não aprende a falar apenas quando chega o momento de ir para a escola, desde seu nascimento os estímulos causados pelos pais ao conversar com o bebê o fazem aprender a reconhecer e pronunciar as primeiras palavras. Esse tipo de aprendizagem foi desenvolvida através do ato de escuta.

Com a chegada do tempo de ir à escola, muitos dos ensinamentos, mesmo que falados em sala de aula, foram retirados de notações em livros que o professor estudou em sua graduação.

Para os povos indígenas, isso é um pouco diferente. Atualmente, os programas de alfabetização e projetos para se desenvolver a escrita das línguas indígenas têm permitido registrar suas origens e costumes através de livros, mas quando isso não era comum, todas as histórias e aprendizados eram passados de geração em geração, através da oralidade.

Os mais velhos e principalmente o Xamã, líder espiritual e guardião do povo (ALMEIDA e PUCCI, 2017), eram os responsáveis por contar suas histórias de origem e ensinar seus costumes, profissões e rituais através da escuta e execução.

Os velhos são os que dominam a tradição oral e sabem como ninguém contar essas histórias que nos remetem a um tempo muito distante de nossos dias. Essas histórias - batizadas de mito - quase sempre contam a origem de tudo e são transmitidas de forma oral, ou seja, não há livros que guardam essas narrativas. Elas são carregadas na memória do povo inteiro e são sempre recontadas de forma a despertar no povo um amor pela história, pelas lutas, pelas vitórias e derrotas (MUNDURUKU, 2001 apud ALMEIDA e PUCCI, 2017, p. 53).

Sendo assim, é dessa forma que eles aprendem a viver, trabalhar, cantar, tocar instrumentos e dançar.

A Música Indígena

Para os povos indígenas o conceito de música é um pouco diferente do convencional, pois “não existe o termo música nas suas línguas, mas há palavras para designar canto, instrumentos e danças” (PINTO, s/d apud ALMEIDA e PUCCI, 2017, p. 118). Para eles, a música está presente em seu dia a dia de forma natural, mas, sem uma definição exata, principalmente porque as mesmas não são cantadas ou tocadas com o intuito de se fazer uma apresentação, elas aparecem como acalanto quando a mãe acalma seu bebê, como canto de trabalho, brincadeiras infantis, saudações para visitantes, e uma forma de se conectar com os ancestrais e com a natureza para acalmar os espíritos da floresta.

História do Povo Yudjá/Juruna

Os Yudjá formam um grupo indígena que se localiza nas ilhas do rio Xingu. Uma parte deste povo, grupo de 487 pessoas, vive no Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso e a outra, grupo de 95 pessoas, na Terra Indígena Paquiçamba, no Pará. Também são conhecidos como Juruna, Boca Preta, denominação dada pelos não indígenas por conta da tatuagem que possuem, a qual é caracterizada por uma linha que começa na raiz dos cabelos e contorna a boca.

Os Yudjá são chamados de “donos do rio” porque seus ancestrais teriam libertado o rio que estava preso dentro de uma geleira. A partir de então, se transformaram em exímios canoeiros que viviam nas ilhas e penínsulas do baixo e médio Xingu, um dos rios mais importantes da Amazônia. (BIAHA, 2006 apud ALMEIDA e PUCCI, 2017, p. 233).

Segundo Lima e Macedo (2001), além de serem excelentes canoeiros, são ótimos pescadores, afinal, eles possuem uma grande variedade de técnicas voltadas à pescaria e um conhecimento profundo da ecologia do rio. Os Juruna também são produtores de cauíum, uma bebida fermentada que é produzida pelas mulheres da aldeia. Beber cauíum tem um grande valor para eles, pois provoca uma “reflexão sobre a condição mortal da humanidade” (LIMA, 2001 apud ALMEIDA e PUCCI, 2017, p. 236).

A história dos Yudjá é marcada, assim, como a dos demais povos indígenas, pela luta da preservação de suas terras. Os conflitos iniciaram-se no século XVII com o povoamento dos portugueses, pois, a partir disso passaram pela escravidão e guerras que provocaram rigorosamente a diminuição de sua população. Com a chegada da urbanização ao território dos Yudjá, começaram a aderir em sua cultura diversos itens típicos da sociedade branca e apesar desse dinamismo de culturas conseguiram preservar tradições do seu grupo (LIMA e MACEDO, 2001).

A luta pelo território permanece, afinal, a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte na Volta Grande do Xingu barrou o rio e provocou alagamentos nas áreas florestais, prejudicando populações locais incluindo os Yudjá que vivem no Pará. “O rio sempre foi nossa mãe. Ele sempre nos deu o alimento e o transporte. Agora, não podemos mais beber água do rio. Então, afetou de uma maneira que estamos deixando nossa cultura de lado para se adaptar em outras que não temos costume”, fala de Jailson Juruna registrada por Almeida e Pucci no livro *Cantos da floresta: Iniciação ao universo musical indígena*.

Para os Yudjá, a música foi inserida em seu meio através dos espíritos da natureza, está conectada com o xamanismo, relacionada ao cotidiano do povo e é executada com diversos instrumentos de sopro.

História do Povo Krenák

Os Krenák são um povo indígena que se originou no início do século XX e levam o nome do líder que comandou a divisão dos Gutkrák, grupo ao qual eles pertenciam anteriormente. Localizam-se na margem esquerda do Rio Doce no estado de Minas Gerais, próximo às cidades de Resplendor e Conselheiro Pena.

Atualmente, segundo Paraíso (1998), existe uma predominância de mestiços do povo Krenák por conta de invasão dos moradores da região nos arrendamentos das terras do Posto Indígena de Krenák e o processo de diáspora sofrida pela administração do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Por conta do poder que o estado queria impor, em 1968 foram reunidos pela FUNAI e direcionados para o Centro de Reeducação Indígena Krenák vários “índios infratores” que demonstravam resistência aos ditames dos administradores de suas aldeias ou eram considerados desajustados socialmente. Uma vez lá, os mesmos estavam sujeitos ao confinamento em solitárias e castigos físicos quando se recusavam a realizar as atividades de agricultura impostas. Em 1971, os Krenák ganham judicialmente reintegração de posse, mas, somente em 1980 que vinte e seis Krenák retornam às terras habitando apenas uma fração da área que pertenciam a eles.

Uma curiosidade do povo Krenák é que somente as mulheres por volta de 45 anos falam sua língua nativa, enquanto os homens e as pessoas mais novas que essa idade falam somente o português e, nos últimos anos, vêm envidando esforços para que as crianças voltem a falar o Borun - um desses esforços é uma cantiga tradicional que resgata a origem desse povo com o objetivo de evitar a permutação da cultura do mesmo. A canção se chama Po Hamék, que segundo ALMEIDA e PUCCI (2017, p. 230) “é uma cantiga de saudação dos Krenák entoada por jovens, adultos e crianças durante o ritual do Taru Andek” e é passada de geração em geração.

O Indígena e Sua Representação na Sociedade Moderna

Atualmente, as escolas de ensino regular ainda transmitem a visão europeia a respeito dos indígenas, com isso, o processo de inserção da escola e da alfabetização foi inicialmente rejeitado pelos mesmos por não respeitarem sua cultura e seus costumes.

A escola entrou na comunidade indígena como um corpo estranho, que ninguém conhecia. Quem a estava colocando sabia o que queria, mas os índios não sabiam; hoje os índios ainda não sabem para que serve a escola. E esse é o problema. A escola entra na comunidade e se aposa dela, tornando-se dona da comunidade, e não a comunidade dona da escola. Agora, nós, índios, estamos começando a discutir a questão (KAINGANG, 1997, p. 214).

A seguir, são apresentadas duas figuras de um livro didático mostrando os indígenas na sala de aula e se pode perceber que são bastante reducionistas.



Figura 1 - Fonte: (MELANI, 2º ano, 2010 p.19)



Figura 2 - Fonte: (MELANI, 2º ano, 2010 p.39)

Sobre a educação e os indígenas, fica claro que não existe só um lado nessa questão e isso não se dá só no Brasil, é algo que acontece em todos os lugares onde o homem branco e os indígenas tiveram interações.

Os indígenas não querem impor sua religião nem seu estilo de vida para ninguém, querem apenas que esses elementos sejam respeitados e preservados, aspecto que já é trabalhado com suas crianças. Além de cultura e história, os indígenas são um ótimo exemplo de identidade própria, sobre ser quem você é, sem contar o respeito à natureza que é passado de geração em geração. É oportuno aprendermos e repassarmos para os alunos esse respeito pela cultura indígena e só assim os preconceitos deixarão de existir.

Plano de Aula

A sequência didática foi composta por 05 vídeos, sendo o primeiro, Mapapeando, uma apresentação aos alunos a respeito da diversidade dos povos indígenas e de sua distribuição no território brasileiro. Na aula, foi mostrado o mapa do território brasileiro dividido por regiões segundo o IBGE, para os alunos localizarem de onde vieram as suas famílias, descobrindo, assim, algumas raízes genealógicas ou até mesmo povos que vivem na região que hoje residem os alunos. Foi mostrado, também, o mapa de localização dos povos indígenas segundo a FUNAI, para que os alunos compreendessem que existem povos indígenas em diversas partes do Brasil, inclusive em áreas urbanas, ao contrário da crença popular de que eles vivem apenas na Amazônia.

No segundo vídeo, Representando seu povo, foi realizado um jogo de imitação e criação com o propósito de apresentar a quantidade de povos indígenas brasileiros existentes. Inicialmente, os professores escolheram um povo para apresentar aos alunos, utilizando a fala, o canto, explorando movimentos, sonoridades e o ritmo da palavra para que os alunos o imitassem, como forma de incentivá-los no processo de criação. Em seguida, a partir de um quadro, os alunos puderam escolher um nome, criando uma maneira diferente de apresentar o povo escolhido. Para finalizar, foi pedido aos alunos que comentassem os nomes que já conheciam (campo de comentários do YouTube) e aos que desejassem que gravassem a sua criação e compartilhassem com os professores através da Rede Social Instagram.

No terceiro vídeo, A Origem dos Yudjá, foi feita uma narrativa sonorizada contando a história de criação do povo, utilizando objetos que representassem as sonoridades dos elementos presentes na história, como garrafa com água para o som do rio, folha de papel amassada para o som dos passos sobre a grama, arranhar superfícies ²³⁹

para o som de garras, etc. Para melhor imersão, durante a narrativa foi recomendado que os alunos ficassem de olhos fechados. Após o final da história, eles puderam comentar (campo de comentários do YouTube) sobre as sensações e emoções que tiveram durante a experiência de escuta.

No quarto vídeo, Diversidade sonora, foi dada continuidade à sensibilização através da escuta, possibilitando a compreensão sobre a diversidade sonora indígena que é diferente dos referenciais que estamos acostumados a ouvir. Foi recomendado que os alunos fizessem a escuta de olhos fechados e, se possível, que deitassem no chão. Após a escuta, foi pedido que comentassem (campo de comentários do YouTube) de acordo com a percepção de cada um, as sensações, as imagens que vieram em mente, os instrumentos que ouviram, se a música era para uma cerimônia ou uma brincadeira e se as vozes eram de crianças, adultos ou mistas. Afinal, uma escuta bem direcionada pode conscientizar de que o mundo indígena tem uma variedade musical incrível.

No quinto vídeo, Po Hamék (Pauamé), a aula foi iniciada mostrando o áudio original da música e em sequência partimos para a letra e pronúncia. Após esse primeiro contato, cantamos à capela e inserimos as batidas de palmas a partir do motivo rítmico da cantiga. Por fim, cantamos e fizemos as batidas de palmas juntamente com o áudio original.

Links das Aulas

Aula 01 - Mapapeando: <https://www.youtube.com/watch?v=Wz0IKwXTM2A>

Aula 02 - Representando seu povo: <https://www.youtube.com/watch?v=PacaVjnZorM>

Aula 03 - A Origem dos Yudjá: <https://www.youtube.com/watch?v=SCXiHdst9wl>

Aula 04 - Diversidade sonora: <https://www.youtube.com/watch?v=P3kJGVUqINE>

Aula 05 - Po Hamék (Pauamé): <https://www.youtube.com/watch?v=CbMhaO8DVDQ>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, desenvolvido a partir de um trabalho de Prática de Ensino, pudemos ver o quanto a cultura indígena possui riquezas, histórias, experiências e conhecimento para nos oferecer. Por mais que seja um assunto que de certa forma é conhecido, ainda existe muito da associação ligada somente ao estereótipo.

A palestra “As Músicas da Cultura Indígena na Educação Musical” dada pela Prof.^a Dr.^a Magda Pucci¹ abriu caminhos para a realização deste trabalho e, atra-

¹ Palestra ministrada no dia 01/10/2020 por videoconferência devido o tema do projeto de Prática de Ensino e em comemoração ao Dia do Músico.

vés desta pesquisa, pudemos perceber e mostrar o quanto a cultura indígena tem a acrescentar nas nossas vidas, aliás, a cultura indígena é uma das grandes heranças do brasileiro. Conhecer mais a fundo sobre esse tema e também sobre alguns povos específicos como Krenák e Yudjá proporcionou-nos grande avanço e experiência no assunto.

O conteúdo estudado e pesquisado foi passado através de videoaulas, visando alcançar um grande número de pessoas, de forma que elas possam ter um contato mais profundo a respeito da cultura indígena, diminuindo assim, os pensamentos e julgamentos superficiais que comumente existem.

Finalizamos esta Prática de Ensino com grande entusiasmo e desejo de sempre ir em busca de mais conhecimento. Que possamos sempre optar por caminhar-mos juntos no aprender e no compartilhar de nossas experiências.

REFERÊNCIAS

CANTOS DA FLORESTA. Propostas Didáticas: trazendo as músicas indígenas para a sala de aula. Disponível em: <<http://www.cantosdafloresta.com.br/propostas-didaticas/>>. Acesso em: 22 nov, 2020.

DIAS, D. et al. Erré Krenák. Vídeo cor, NTSC, 20 min., 1998. Prod.: Cimi Leste; Centro de Documentação Elói Ferreira da Silva.

LIMA, Tânia Stolze; MACEDO, Eric. Yudjá/Juruna. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yudj%C3%A1/Juruna#Cosmologia_e_xamanismo>. Acesso em: 25 nov. 2020.

PARAÍSO, Maria. Povo Krenák. Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krenák>>. Acesso em: 23 nov, 2020.

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice de. Cantos da floresta: Iniciação ao universo musical indígena. São Paulo: Peirópolis, 2017.

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice de. A floresta canta!: Uma expedição sonora por terras indígenas do Brasil. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2014.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RECUPERAÇÃO DE PRATA: ASPECTOS QUÍMICO, TOXICOLÓGICO E AMBIENTAL

FERREIRA, Rogério Marques
GUEDES, Maria Do Carmo Santos

RESUMO

A prata é um metal extraído de diversos minerais como a pirargirita, argentita, acantita, cerargirita, galena argentífera, entre outros. Na Tabela periódica apresenta-se número atômico 47, pertencendo à família dos metais de transição, no grupo 11 ou família IB. Suas aplicações variam desde preparações utilizadas para o tratamento de queimaduras, até purificação de água, joalheria, e chapas fotográficas. Nesta última, o descarte do material ou de seus resíduos, de forma incorreta, implica em contaminação ambiental e problemas à saúde. Os resíduos de chapas radiográficas se enquadram no Grupo B, considerados resíduos com risco potencial à saúde pública e ao meio ambiente devido às suas características químicas. O tratamento de chapas fotográficas para recuperação da prata e do acetato pode ser realizado através de diferentes métodos, como precipitação química, recuperação eletrolítica e extração por fundição. O presente trabalho teve como objetivo avaliar a prata do ponto de vista químico, toxicológico e ambiental, e avaliar os métodos de recuperação de chapas radiográficas. A prata recuperada pode ser usada em diferentes aplicações, entre elas como nanopartículas.

Palavras-chave: Prata, Chapas Fotográficas, Impactos Ambientais, Resíduos, Recuperação.

ABSTRACTS

Silver is a metal extracted from various minerals such as pirargirite, argentite, acantite, cerargirite, argentiferous galena, among others. The periodic table presents atomic number 47, belonging to the transition metal family, in group 11 or family IB. Its applications range from preparations used for the treatment of burns, to water purification, jewelry, and photographic plates. In the latter, the disposal of the material or its waste, incorrectly, implies environmental contamination and health problems. Radiographic plate residues fall under Group B, considered residues with potential risk to public health and the environment due to their chemical characteristics. The treatment of photographic plates for recovery of silver and acetate can be performed through different methods, such as chemical precipitation, electrolytic recovery and casting extraction. The present work aimed to evaluate silver from the chemical, toxicological and environmental point of view, and to evaluate the methods of recovery of radiographic plates. Recovered silver can be used in different applications, including nanoparticles.

Keywords: Silver, Photographic Plates, Environmental Impacts, Waste, Recovery.

INTRODUÇÃO

As películas radiográficas, comumente chamadas de radiografias são compostas basicamente por uma camada gelatinosa constituída por cristais de haletos de prata,

uma camada que protege a emulsão do contato com as mãos e uma base de poliéster estável à variação de temperatura não se deformando (CARVALHO et al., 2012).

As radiografias hospitalares são verdadeiras fontes secundárias de prata e, ao serem recuperadas, o benefício não é somente da indústria ligada ao ramo, como também ao meio ambiente, uma vez em que a prata é um metal altamente poluidor. A recuperação da prata das chapas radiográficas contribui para a preservação de suas reservas naturais.

Os impactos ambientais podem ser ocasionados pelo gerenciamento de emissões e efluentes (soluções de fixador, revelador e água de lavagem dos filmes radiográficos) e constituição de resíduos sólidos (filmes radiográficos). Devido à presença de prata nos filmes radiográficos, os resíduos podem agir nos organismos vivos, prejudicando suas estruturas biomoleculares, como os aspectos carcinogênicos, mutagênicos e outros (CARVALHO; PICKA, 2013). Portanto, o objetivo do trabalho é avaliar a prata sob o ponto de vista químico, toxicológico e ambiental, e avaliar os métodos de recuperação de chapas radiográficas.

Aspectos químicos da prata

A prata está presente em cento e vinte e nove minerais, sendo extraída de muitos deles, como por exemplo, a pirargirita, argentita, acantita, cerargirita, galena argentífera, stromeyerita, tetraedrita, pearceíta, proustita, stephanita, tennantita, polibasita, silvanita e prata nativa (BRANCO, 2008).

A prata apresenta número atômico igual a 47, pertencente à família dos metais de transição, no grupo 11 ou família IB, apresentando a seguinte distribuição eletrônica: $1s^2 2s^2 2p^6 3s^2 3p^6 3d^{10} 4s^2 4p^6 4d^{10} 5s^1$. A prata apresenta estrutura de cristal cúbica de face centrada, produzindo uma chama de cor lilás, quando queimada. A prata apresenta potencial de redução positivo quando combinada com outros elementos, por isso, não é suscetível à oxidação pelos íons H^+ nas suas condições padrão. Isso justifica suas aplicações em joias e ornamentos.

Aspectos Toxicológicos da Prata

A prata não é considerada muito tóxica para os seres humanos, mas seus sais são venenosos e alguns são cancerígenos, com o grau de toxicidade dos sais de prata variando de acordo com o íon ligado à prata.

A absorção do nitrato de prata ($AgNO_3$) pela pele pode levar ao desenvolvimento da doença metahemoglobinemia. Nesta doença, ocorre a conversão excessiva da he- 243

moglobina em metahemoglobina, a qual não se liga ao oxigênio (CALHEIROS, 2019). Em termos toxicológicos, a exposição prolongada à prata através de medicamentos pode causar, entre outros efeitos, sua deposição e acumulação no organismo, resultando em descoloração irreversível da pele ou olhos, a doença conhecida como Argiria ou argyrosis., levando a que grânulos de prata sejam depositados na pele e seus apêndices, mucosas e órgãos internos (incluindo olhos, rins, baço, medula óssea e sistema nervoso central), fazendo com que adquiram uma pigmentação cinza-azulada, conforme apresentado na Figura 1 (BECARO, 2014).



Figura 1 – (a) Homem de raça caucasiana com Argiria; (b) indivíduo com Argiria localizada, devido à exposição ao sol após uso tópico de sulfadiazina de prata creme (BECARO, 2014; ISAK, 2019).

A pigmentação da pele é causada pela deposição de prata (na forma de sulfito ou selenito) na derme e pela estimulação da síntese de melanina (LENCASTRE et al., 2013).

Chapas radiográficas

Os filmes fotográficos e as chapas radiográficas são constituídos, em geral, por uma base de plástico (celulose ou poliéster), revestida por uma emulsão gelatinosa contendo haletos de prata, geralmente sais de brometo, cloreto, iodeto, ou uma combinação destes. A exposição desta emulsão à radiação provoca uma reação fotoquímica, formando o que é conhecido como imagem (CALHEIROS, 2019).

O processo tradicional de revelação envolve quatro etapas: a revelação da imagem latente, a fixação (remoção do halogeneto de prata não afetado pela exposição), a lavagem, e por fim, a secagem. Ao expor o filme à radiação ocorre a ionização dos cristais de brometo de prata (AgBr) gerando uma imagem latente, originando um processo que será finalizado através do tratamento químico do filme, onde as soluções reveladoras reduzem os íons de prata existentes nos cristais halogenados de prata, em grãos de prata metálica, e as soluções fixadoras têm como principal função diluir e transferir da emulsão os cristais halogenados de prata não expostos.

No processo de revelação da película de prata os cristais de haletos de prata presentes na película radiográfica irão reagir com o agente revelador (hidroquinona) de forma a reduzir os cristais a prata metálica. Nesse banho revelador contém também um agente alcalinizante (carbonato de sódio, Na_2CO_3), capaz de acelerar a reação de redução, e um agente conservador (bissulfito de sódio – NaHSO_3), usado para que não haja a decomposição do agente revelador (CORREIA,2010).

Na etapa de fixação, a prata que não reagiu, durante a formação da imagem latente, é carregada pela solução fixadora, sob a forma de íons complexos com tiosulfato, formando uma solução rica em prata. Na solução fixadora também estão presente tiosulfato de sódio, sulfito de sódio e isotiazolonas, que são grandes consumidores de oxigênio, sendo o tiosulfato o composto mais nocivo de todos, tendo em vista suas propriedades químicas e sua alta concentração no fixador. Ele é o responsável pela alta DQO (Demanda Química de Oxigênio), da ordem de 55 g O_2/L , o que excede em 280 vezes o limite estabelecido pela legislação em vigor (SILVA, 2006).

A solução fixadora é composta por : tiosulfato de amônio [$(\text{NH}_4)_2\text{S}_2\text{O}_3$] - reage com os cristais de prata formando o composto tiosulfato de prata ($\text{Ag}_2\text{S}_2\text{O}_3$) ; sulfato de sódio (Na_2SO_4) ; EDTA (ácido etilenodiaminotetracético, $\text{C}_{10}\text{H}_{16}\text{N}_2\text{O}_8$) e ácido acético ($\text{C}_2\text{H}_5\text{O}$) - auxilia na neutralização da película evitando a ação do agente revelador que pode promover o posterior escurecimento da imagem.

Meio ambiente e resíduos sólidos

O descarte das chapas no meio ambiente, sem prévio tratamento, implica no lançamento do plástico acetato que compõe o filme radiográfico, e que leva cerca de 100 anos para se decompor, enquanto a prata chega a poluir os lençóis freáticos, uma vez que permanece no meio ambiente por tempo indeterminado (SHANKAR et al., 2010). Na etapa de lavagem, que ocorre após as etapas de revelação e de fixação, são gerados efluentes que contém todos os componentes presentes no revelador e no fixador, além de alguns produtos que são formados ao longo do processo. Algumas destas substâncias são comprovadamente cancerígenas e mutagênicas, como é o caso da hidroquinona e da quinona (GRIGOLETTO, 2010).

Os efluentes gerados durante o processo de revelação não podem ser descartados no meio ambiente, pois não satisfazem aos padrões para lançamento de efluentes estabelecidos por órgãos reguladores, como a CETESB e a FEEMA (Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente). No caso do Estado de São Paulo, por exemplo, o despejo do revelador e do fixador usados devem estar em conformidade com o Art. 19-A (Lei 997 de 31 de maio de 1976) que fixa os V.M.P.'s (Valores Máximos Permitidos) para ²⁴⁵

diversas substâncias. Qualquer efluente líquido que tenha uma concentração acima dos V.M.P.'s é considerado ilegal e passível de infração, multa e/ou condenação de acordo com as penas previstas em lei.

Uma composição típica do banho de fixação contém concentração de prata de 4050 mg L⁻¹, muito acima do valor permitido para descarte em rede de esgoto (1,5 mg L⁻¹) determinado pela CETESB. As soluções contidas nesse banho devem ser submetidas ao processo de recuperação do metal prata de acordo com a RDC n°306/04 da ANVISA; sendo assim, as soluções devem ser acondicionadas e identificadas separadamente das outras soluções geradas no processamento radiológico (PRADO et al., 2013).

Com relação às soluções de revelador de filmes e as empregadas em processo radiológicos, a RDC n°306/04 indica a necessidade de envio à uma estação de tratamento para neutralização do pH e seu devido tratamento (RAMALHO, 2010).

Quando os resíduos oriundos das chapas são colocados nos recipientes destinados aos resíduos indiferenciados, e não passa por nenhum tipo de triagem, acaba depositado num aterro onde sofrerá ações de lixiviação por ação da água que circula na massa de todo um conglomerado de resíduos do aterro. Assim sendo, a liberação dos metais pesados que compõem as películas radiográficas nas águas lixiviantes poderá ser um potencial risco de contaminação para o solo e/ou lençóis freáticos caso existam rupturas no sistemas de impermeabilização do aterro e colocam em risco diretamente ou indiretamente a saúde humana (GUEDES et al., 2009).

O nitrato de prata presente nas películas é corrosivo e nocivo, pode mesmo tornar-se venenoso a longo prazo caso não haja o manuseio e armazenagem correta das tais películas radiográficas (REIS, 2008). A prata quando lançada em um corpo d'água, mesmo que em pequenas quantidades, pode afetar os seres que ali habitam basicamente de duas formas: por bioacumulação ou por seu poder tóxico. Nos casos de bioacumulação, os efeitos são potencializados ao longo da cadeia alimentar (LIMA; MERÇON, 2011).

De acordo com a Resolução CONAMA 430/11, que define a classificação dos Resíduos Sólidos de Serviços de Saúde (RSSS), os resíduos de chapas radiográficas se enquadram no Grupo B, que são de resíduos que apresentam risco potencial à saúde pública e ao meio ambiente devido às suas características químicas (MMA, 2011). A Resolução CONAMA 430/11, que dispõe sobre a classificação dos corpos de água e diretrizes para seu enquadramento, e estabelece as condições e padrões de lançamento de efluentes, determina o limite para lançamento de prata. O valores máximos são ²⁴⁶

definidos para cada tipo de classificação de água doce, que pode variar entre 0,01 mg/L a 0,05 mg/L, sendo para a prata o limite de 0,1mg/L (MMA, 2011).

RECUPERAÇÃO DA PRATA DE MATERIAIS

A recuperação da prata envolve dois passos: primeiro, a separação dos componentes metálicos da película radiográfica; segundo, a recuperação da prata propriamente dita.

A extração da prata dos resíduos pode ser efetuada por processos físicos, químicos, biológicos ou térmicos, conforme esquema apresentado na Figura 2.

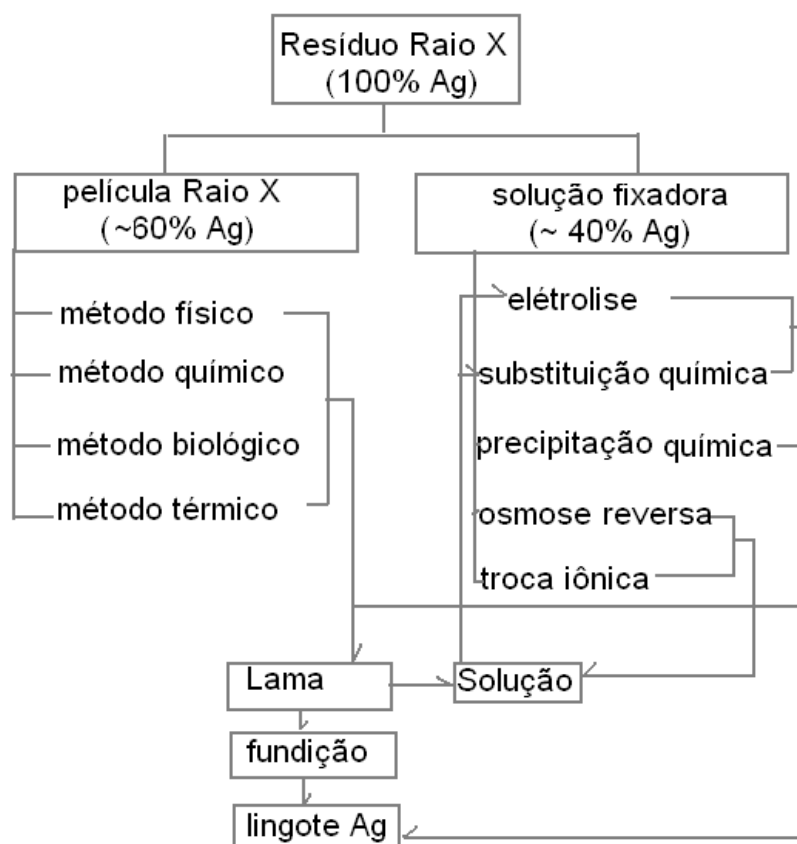


Figura 2: Técnicas de recuperação de prata contida em resíduos de raio X (ANTUNES, 2011).

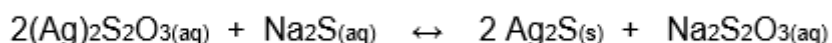
O processo térmico, mais conhecido por incineração, é o processo mais antigo, e que tem sido abandonado devido aos problemas ambientais que gera, como o mau cheiro e a liberação de gases tóxicos, além de não ser possível a recuperação da película plástica. As técnicas biológicas são as menos danosas ao meio ambiente e ao homem, mas são processos mais lentos. Por essas razões, o processo mais empregado é o de lixiviação.

A recuperação de prata pode ser realizada empregando-se diferentes métodos, entre eles: o eletrolítico, a cementação (ou deslocamento metálico) e a precipitação química e a extração por fundição. Na precipitação química, os agentes de precipitação ²⁴⁷

tradicionalmente usados são os sais básicos de sulfeto (sulfeto de sódio, sulfeto de potássio, entre outros), que formam sulfeto de prata em solução. A concentração de prata em solução deve ser determinada com precisão de modo a que apenas quantidades estequiométricas de sulfeto sejam adicionadas à solução para evitar overdose. O sulfeto em excesso leva à liberação de gás tóxico de sulfeto de hidrogênio.

Processos mais atuais empregam cobre em meio amoniacal ou reação de sulfeto de sódio em meio aquoso. Em ambos, ocorre a separação das fases, formando um precipitado que contém a prata. A precipitação da prata por método de cobre em meio amoniacal consiste em adição de cobre em pó e hidróxido de amônio concentrado na solução fixadora sob agitação, até que haja a precipitação por completa da prata. Quando o pó de cobre é adicionado na solução fixadora que contém íons de prata, inicia-se um processo de formação de uma camada de prata sobre o cobre, com um efeito denominado de eletrodeposição (CAVALHEIRO et al., 2015).

Para a precipitação de prata em reação com a solução de sulfeto de sódio (Na₂S) é dada a seguinte reação estequiométrica:



Nos resíduos sólidos como as películas radiográficas, o desenvolvimento é através de um banho e imersão total das películas em meio alcalino, ou seja, uma solução de hidróxido de sódio 5M, capaz de interagir e romper diretamente a camada de gelatina responsável por fixar a prata na radiografia, liberando assim o metal disperso na solução formando hidróxidos, como o de prata (AgOH), após essa etapa a precipitação ocorre ao longo de algumas horas.

Para que haja a precipitação de forma instantânea deve-se alterar o pH que está básico, para um pH em torno de 2, com adição de ácido clorídrico, formando cloreto de prata (AgCl). Com a separação das fases, sólido do líquido, procede-se o esgotamento do material sobrenadante ou até mesmo a filtração. Ao final, obtém-se uma massa escura que posteriormente será seca e enviada para o processo de tratamento e fundição do metal (CALLISTER, 2012).

Recuperação eletrolítica

O processo mais utilizado para recuperar a prata a partir de soluções utilizadas na revelação de imagens radiografias é a eletrólise. O processo permite um controle automatizado e com baixo custo.

A prata recuperada eletroquimicamente apresenta-se na sua forma mais pura e possui um alto valor agregado, justificando sua recuperação (PRADO et al., 2013).

Na eletrólise, a prata é extraída de soluções fixadoras exauridas através da passagem de um fluxo de corrente contínua entre polos positivos e negativos, um catodo e um anodo, que se encontram suspensos na solução. A prata metálica é depositada diretamente sobre o catodo metálico, comumente constituído de aço inox, sendo removida deste em intervalos regulares quando houver a sua saturação. Durante o processo a corrente elétrica tem que ser monitorada a fim de minimizar a formação de sulfeto de prata (Ag₂S) no cátodo, uma vez que a codeposição desse sal diminui a pureza do produto obtido (SILVA, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo percebeu-se a importância do gerenciamento dos resíduos radiográficos, desde a origem até sua destinação final, procurando sempre alternativas para a minimização dos impactos. Para que não sejam dispersos no meio ambiente é necessário o armazenamento e tratamento adequado para estes resíduos tóxicos, de maneira que seja preservada a saúde pública e reduzam os impactos ambientais gerados. Portanto, foram apresentados diferentes métodos para tratamento e recuperação destes resíduos que são considerados um produto de baixo custo, mas que agrega um alto rendimento de grande valor comercial e um importante valor socioambiental. A recuperação de materiais com oportunidades para seguir diferentes caminhos, sendo eles, a confecção de embalagens com a utilização do acetato, e o outro, a prata metálica provenientes das películas radiográficas e de resíduos líquidos do processo de revelação de imagens. A recuperação torna tal prática, uma maneira de preservar a saúde pública e reduzir os impactos ambientais agregando alto valor comercial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Raquel dos Santos. Resíduos de radiografias: Recolha e tratamento. Dissertação (Mestrado em Engenharia do Ambiente), 2011, 67f. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.

BECARO, Aline Aparecida. Estudo da atividade antimicrobiana, de migração e de toxicidade de nanopartículas de prata aplicada em filmes poliméricos. Tese (Doutorado em Biotecnologia), 2014, 158f. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

BRANCO, Pércio de Moraes. Dicionário de Mineralogia e Gemologia. São Paulo: Oficina de Textos, 2008. 608 p. il.

- CALLISTER, W. D. J. Ciência e engenharia de materiais; uma introdução. 8ª ed., Ed. São Paulo: LTC, 2012.
- CALHEIROS, Walter R. Desenvolvimento de um equipamento para retirada de prata como tratamento de efluentes de serviços de radiologia no Distrito Federal e entorno. Dissertação (Mestrado), 2019, 59f. Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- CARVALHO, Gustavo; MELO, Carolina Resmini; MELO, Aline \. Extração de prata de radiografias através do processo de fundição. Rev. Tecnol. Fortaleza, v. 33, n. 1, p. 73-82, 2012.
- CARVALHO, B.D.; PICKA, M.C.M. Coleta de filme radiográfico em Itatinga e Botucatu-SP. Tekhne e Logos. v. 4(2), p. 145-153,2013.
- CORRÊA, M. B. R. Radiologia. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2010. DIAS, Reinaldo. Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade. São Paulo: Atlas, 2010.
- CAVALHEIROS, Maria Cecília H.T; MION, Caroline Franceschini; LIPORINI, Amanda Quatrocchio; LIBARDI, Marina Gandini Garcia. Tratamento químico e reciclagem de chapas de Raio-X. Disponível em: <http://www.sga.usp.br/wpcontent/uploads/12.pdf>. Acesso em 06 de out. 2015.
- GRIGOLETTO, J. C. A realidade do gerenciamento de efluentes gerados em serviços de diagnóstico por imagem: em busca de uma gestão integrada e sustentável de resíduos. Tese (Doutorado), 2010, 120f., Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- GUEDES, DFC; SILVA, RS; VEIGA, MAMS; SOUZANETO, MD; PÉCOR, JD. O papel preto da película radiográfica é um alto risco para o meio ambiente. Rev Assoc Paul Cir Dent. V. 63, p.191-194, 2009.
- LENCASTRE, André; LOBO, Maria; JOÃO, Alexandre. Argiria - Relato de caso. An. Bras. Dermatol. V.88 (3), p.413-6, 2013.
- LIMA, V. F.; MERÇON, F. Metais pesados no ensino de química. Química Nova Escola. São Paulo, v. 33, N°4, p. 199-205, nov. 2011.

MMA- Ministério do Meio Ambiente. Resolução Conama nº 430, de 13 de maio de 2011. Dispõe sobre o tratamento e a disposição final dos resíduos dos serviços de saúde e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União Publicação DOU nº 92, de 16/05/2011, pág. 89. Disponível em: <http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=646> . Acesso em 14 de agosto de 2019.

PRADO , P. F. A.; BRITTO-COSTA , P. H.; RUOTOLO , L. A. M. Recuperação de prata de resíduos fotográficos por eletrodeposição. X Congresso Brasileiro de Engenharia Química Iniciação Científica. 2013. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Universidade Severino Sombra Vassouras, RJ.

RAMALHO, LS, Pfitscher ED, Uhlmann VO, Rabelo EC. Avaliação da sustentabilidade dos aspectos e impactos ambientais de serviços odontológicos: um estudo de caso. Enf.: Ref. Cont. UEM – Paraná, v. 29, p. 62-78, 2010.

SHANKAR, S., MORE, S. V., LAXMAN, R. S. Recovery of Silver from waste X-Ray film by alkaline. Kathmandu University. Journal of Science, Engineering and Technology. Vol. 6, p. 60-61, 2010.

SILVA, Arilson P. Recuperação da prata a partir de fixadores exauridos por eletrólise. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), Campo dos Goytacazes, 2006, 36 f. , Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro , RJ.

SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE – UMA CONQUISTA FEMINISTA NA CONSTITUIÇÃO DE 88

SILVA, Eliane de Souza

RESUMO

Esse documento apresenta o resultado do trabalho de pesquisa, realizado com o escopo de apresentar ao leitor a ligação histórica entre o movimento feminista no Brasil e sua relação com a instituição do direito à saúde, no texto da Constituição Federal de 1988. Diante do cenário da pandemia que assola o território nacional, o direito à saúde tem sido tema de debates diários. Assim, este estudo fez-se necessário, a fim de que se tornasse conhecida a realidade por trás de sua positivação, bem como a importância do movimento das mulheres que integraram a Constituinte de 1987.

Palavras-chave: Constituição Federal; Direito à Saúde; Movimento Feminista; Advocacy Feminista; Carta das Mulheres; Constituinte de 87.

ABSTRACT

This document presents the result of research work carried out with the aim of presenting the reader the historical link between the feminist movement in Brazil and its relationship with the institution of the right to health in the text of the 1988 Federal Constitution. Facing the pandemic scenario that devastates national territory, the right to health has been the subject on daily debates. Thus, this study was necessary to make known the reality behind its positivation as well as the importance of the women's movement that integrated the 1987 Constituent.

Keywords: Federal Constitution; Right to health; Feminist Movement; Feminist Advocacy; Women's Charter; Constituent of 87.

INTRODUÇÃO

Em 06 de abril de 2019, a médica Helena Cristina Alves de Oliveira¹ discursava no 1º Fórum Feminista de Jundiaí e Região, chamando a atenção das participantes para o fato de que o SUS (Sistema Único de Saúde) também era uma conquista feminista. Segundo a médica, as mulheres são as principais usuárias do sistema público e que sua implantação se deu mediante a árdua mobilização do movimento de mulheres com o objetivo de incluir o acesso do público feminino ao campo da saúde de forma igualitária e gratuita (ALVES. 2019, p. 05).

1 Médica da vigilância sanitária de Várzea Paulista, gastroenterologista formada pela USP há 20 anos. Disponível em: > <https://portal.varzeapaulista.sp.gov.br/2013/04/26/prefeitura-apresenta-nova-secretaria-de-saude/><.

Atualmente, a pandemia da Covid-19 mostrou aos brasileiros o quão importante é o Sistema Único de Saúde Nacional, o SUS. Apesar do que a grande maioria suspeita, o SUS não atende apenas àqueles que não têm condições de arcar com convênios de saúde particulares, ao contrário, trata-se de um arcabouço, composto por “centros e postos de saúde, hospitais – incluindo os universitários, laboratórios, hemocentros, bancos de sangue, além de fundações e institutos de pesquisa como a Fundação Oswaldo Cruz e o Instituto Vital Brazil”².

Diferentemente de outros países, o Sistema Único de Saúde do Brasil é totalmente gratuito e há, inclusive, procedimentos que são exclusivos (ou seja, não podem ser oferecidos pela rede particular), como “hemodiálise, transplante de órgãos, antídoto para peçonha, tratamento da hanseníase e tratamento da tuberculose”³.

E mais, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, ANVISA, que tem a missão de “proteger e promover a saúde da população, mediante a intervenção nos riscos decorrentes da produção e do uso de produtos e serviços sujeitos à vigilância sanitária, em ação coordenada e integrada”, criada pela Lei n. 9.782, de 26 de janeiro 1999,⁴ também faz parte do Sistema Único de Saúde.

Outro acontecimento que escapa ao conhecimento da maior parte da população brasileira é o de como se estabeleceu o SUS e são poucos os brasileiros que, ao menos, ouviram falar no “Lobby do Batom”⁵. Apesar do pouco crédito que o nome sugere, foi este movimento, composto pelas 26 deputadas federais eleitas, em 1986, para a Assembleia Nacional Constituinte⁶ que atuou na reinvidicação de políticas públicas que atendessem a todos, em especial, às mulheres, devido a atuação do movimento feminista e a falta de ação do Estado para com esta parcela da sociedade.

2 Conheça o Sistema Único de Saúde (SUS). Ministério da Saúde, Brasil. Pesquisa realizada em: ><http://www.blog.saude.gov.br/index.php/servicos/32814-conheca-o-sistema-unico-de-saude-sus><, em 04 de janeiro de 2021.

3 NÃO DEIXEM ACABAR COM O SUS, QUEM VAI PAGAR A CONTA É VOCÊ! Coluna SIFAR, O Popular do Paraná. Pesquisa realizada em: ><http://www.sifar.org.br/2018/05/17/nao-deixem-acabar-com-o-sus-quem-vai-pagar-a-conta-e-voce/><, em 04 de janeiro de 2021.

4 Pesquisa realizada no site institucional em: ><https://www.gov.br/anvisa/pt-br/acessoainformacao/institucional><, em 04 de janeiro de 2021.

5O Lobby do Batom será mais bem explicado em tópico próprio, mas não posso deixar de manifestar, desde já, a minha rejeição a esta expressão de cunho notadamente machista, pois as mulheres eleitas em 1986 para a Assembleia Constituinte não estavam preocupadas apenas com maquiagens, mas sim com o compromisso de instituir políticas públicas que atendessem à todas as camadas da população brasileira.

6 Esta foi a segunda vez que as mulheres participaram da elaboração de uma Constituição. A primeira foi com a Constituição Brasileira de 1934, com a ocupação de uma das cadeiras da Câmara dos Deputados por Carlota Queirós (1892 – 1982).

Assim, o foco deste trabalho está na apresentação deste movimento feminista que culminou na edificação da Seção II da Constituição da República Federativa do Brasil, sobre a saúde.

Para a sua elaboração foi utilizada a pesquisa em livros e publicações na internet que guardassem relação com o tema e, em especial, as publicações feitas por autoras (es) especializadas (os) em feminismo.

Este artigo encontra-se dividido de forma que o autor consiga visualizar o movimento feminista e sua atuação nos mais diversos campos, sobretudo, como este movimento fez sua participação na Assembleia Nacional Constituinte de 1987 e como essa atuação culminou com a criação do Sistema Único de Saúde.

O MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL

Conforme Maria Amélia de Almeida Teles:

O movimento feminista no Brasil ganhou seus primeiros contornos com as reivindicações das mulheres em defesa da abolição da escravidão no final do Século XIX, mas só firmou realmente a partir da Primeira República, quando as mulheres operárias se uniram para exigir melhores condições de trabalho (TELES. 2017, pp. 38, 50).

Mais tarde, a partir da década de 20, veio a chamada “primeira onda do feminismo”, dada sua característica de ter ocorrido, simultaneamente, em vários países e vários continentes. As mulheres uniram-se novamente para reivindicar seus direitos políticos: o sufrágio. Buscava-se não somente o direito de votar, mas também o de ser votada, ou seja, o movimento feminista da época exigia que as mulheres fossem representadas por suas iguais. “Tal direito foi alcançado e não sem muita luta, enfim, em 24 de fevereiro de 1932, com a publicação do novo Código Eleitoral, as mulheres puderam votar e ser votadas na eleição de 1933”. (MARQUES. 2019, p. 73)

Em meio ao Estado Ditatorial que vigorou no Brasil de 1 de abril de 1964 a 15 de março de 1985, o movimento feminista outra vez representava as demandas da sociedade. Porém, vinha focado não somente nas condições de vida e trabalho das mulheres, havia um objetivo maior: buscava-se o reestabelecimento da democracia. Segundo Patrícia Bertolin:

As mulheres foram expressivas na luta contra a carestia, já que lhes cabia administrar o orçamento doméstico, por vagas em creches e por sa- 254

neamento básico, problemas que lhes afetavam intensamente, na luta contra a ditadura e, mais tarde, pela anistia. (BERTOLIN. 2018, p. 232)

Ao longo da história republicana brasileira, o movimento feminista vem batalhando para que sejam atendidos, de forma igualitária, os direitos mais básicos do ser humano.

Para Jacqueline Pitanguy “uma das características marcantes do movimento feminista brasileiro é sua capacidade de realizar ações de advocacy⁷ por leis e políticas públicas, definindo objetivos e estratégias de atuação” (PITANGUY. 2018, p. 05). E foi com esse empenho que o movimento feminista, representado pelas deputadas eleitas para a Assembleia Nacional Constituinte de 1987 conseguiu gravar, na Constituição Cidadã, que mulheres também são sujeitos de direito e que esses direitos devem ser garantidos e respeitados⁸.

A CARTA DAS MULHERES

Em novembro de 1985, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)⁹ lançou a campanha intitulada “Mulher e Constituinte” com o objetivo de que as reivindicações das mulheres brasileiras fossem incluídas na Constituição que viria a ser elaborada. Segundo a Carta das Mulheres, o CNDM percorreu o território nacional ouvindo mulheres das mais diferentes classes, a fim de conhecer quais direitos das brasileiras deveriam ser assegurados legalmente. Ao final, todas as informações colhidas estruturaram o documento que resultou na Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes de 1987.

A Carta da Mulheres foi entregue ao presidente da Câmara do Deputados, Ulysses Guimarães, na sessão de 18 de março de 1987.

7 Ainda, segundo a autora: “Por advocacy entendo uma ação política desenvolvida junto ao Estado, ou a outras instâncias nacionais ou internacionais no sentido de alcançar determinado objetivo”. PITANGUY, Jaqueline. In. Carta da Mulheres Brasileiras aos Constituintes: 30 anos depois. Editora Autonomia Literária – São Paulo, 2018. Pág. 05.

8 Aliás, foi preciso que um tratado internacional reconhecesse expressamente que os direitos das mulheres são direitos humanos, foi a Declaração de Direitos Humanos de Viena (1993), em seu parágrafo 18: “Os Direitos do homem das mulheres e das crianças do sexo feminino constituem uma parte inalienável, integral e indivisível dos direitos humanos universais.”

“O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) foi criado em 1985, vinculado ao Ministério da Justiça, para promover políticas que visassem eliminar a discriminação contra a mulher e assegurar sua participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do país.

De 1985 a 2010, o CNDM teve suas funções e atribuições bastante alteradas. Em 2003, ele passou a integrar a estrutura da SPM e a contar, em sua composição, com representantes da sociedade civil e do governo. Isso ampliou significativamente o processo de controle social sobre as políticas públicas para as mulheres.

O CNDM tem como um de suas importantes atribuições apoiar a SPM em suas articulações com diversas instituições da Administração Pública Federal e com a sociedade civil.” Disponível em:

><https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/conselho><. Acesso em 02 de fevereiro de 2021, às 18h37.

O documento continha as reivindicações das mulheres brasileiras representadas pelas 26 deputadas eleitas para a Assembleia Nacional Constituinte, resultado de “um ano de discussão intensa, no Brasil inteiro, com todos os setores da sociedade”, segundo a Constituinte Irma Passoni.¹⁰

No seu inteiro teor, a Carta das Mulheres postulava que fossem garantidos constitucionalmente a justiça social, a criação do Sistema Único de Saúde, o ensino público e gratuito em todos os níveis, reformas agrária e tributária, renegociação da dívida externa, autonomia sindical, dentre outras. (BANDEIRA. 2018, p. 54)

De todos os pedidos formulados na Carta, 80% destes passou a integrar o texto da nova Constituição da República.

LOBBY DO BATOM

Se em tempos atuais a Câmara dos Deputados é considerada um antro masculino¹¹, na década de 80 o cenário era muito pior¹². Com este espírito, a alcunha de “Lobby do Batom” foi empregada ao bloco formado pelas 26 deputadas federais que integravam a Constituinte com o intuito de diminuir os esforços dispensados por elas na busca de uma Constituição que atendesse à toda a sociedade.

No entanto, o tiro acabou saindo pela culatra e “a expressão acabou por ser reapropriada pelas organizações de mulheres e usada como estratégia para mobilização da mídia” (PASSARELI. 2018), resultando num importante trabalho de advocacy feminista. Conforme explica Lourdes Bandeira:

A incorporação do termo lobby do batom como a identidade principal do grupo de pressão tinha o sentido de inverter a lógica sexista que alimentou a sua criação, baseada na exclusão feminina do debate daquilo que era “sério” e próprio da atividade masculina, os grandes temas de interesse nacional (BANDEIRA. 2018, p. 50).

10 Trecho extraído da ata da Entrega da Carta das Mulheres na sessão de 26 de março de 1987, publicada no DANC de 27 de março de 1987, página 972. Câmara dos Deputados. Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação.

11 Segundo informações do site G1, dos 513 deputados empossados em 2019, apenas 77 são mulheres. Disponível em: > <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/02/01/nova-camara-dos-deputados-tem-o-maior-numero-de-novatos-e-de-mulheres-em-tres-decadas.ghtml><. Acesso em 02 de fevereiro de 2021, às 20h07.

12 É sabido que não havia sequer banheiros femininos na Câmara e que precisou ser realizada uma reforma que garantisse banheiros femininos dentro do plenário.

Deste modo, as deputadas não aceitaram “o estigma e a intenção inicial de nos deixar separadas para aquilo que era considerado tema de mulher, como família, crianças e planejamento familiar” (PASSARELI. 2018), derrubando o descrédito almejado.

A SAÚDE COMO DIREITO DE NATUREZA FUNDAMENTAL

A Constituição da República de 1988 considera a saúde como um direito de natureza fundamental do ser humano “cuja finalidade principal é o respeito a sua dignidade, com proteção ao poder estatal e a garantia das condições mínimas de vida e desenvolvimento do ser humano” (SILVA. 2006) e que, segundo José Afonso da Silva, “é espantoso como um bem extraordinariamente relevante à vida humana só agora é elevado à condição de direito fundamental do homem” (SILVA. 2014, p. 311), assim como é possível identificar no texto do artigo 6º:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a **saúde**, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Grifou-se)

Para André de Carvalho Ramos, “o direito à saúde assegura a promoção do bem-estar físico, mental e social de um indivíduo, impondo ao Estado a oferta de serviços públicos a todos para prevenir ou eliminar doenças e outros gravames” (RAMOS. 2020, p. 889). Sendo assim, fica entendido pelo fato de a Carta Magna instituir que devem ser adotadas políticas que visem a diminuição do risco de doença e, quando já instalada, sua recuperação. É o que se encontra mais adiante, no Título VII que trata da Ordem Social, no qual a Constituição reserva dentro do Capítulo II, destinada à Seguridade Social, uma seção exclusiva para o assunto, a Seção II, designada à saúde. Destaca-se a importância deste direito nos cinco artigos que compõem essa Seção, em especial no artigo 196. Lê-se:

Art. 196. **A saúde é direito de todos e dever do Estado**, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. (Grifou-se)

Portanto, “a Constituição de 1988 instituiu um sistema de proteção social que tem por objetivo proteger a todos os cidadãos nas situações de necessidade” através da seguridade social (PIERDONÁ. 2018, p. 168) e, deste modo, atribui, a todos os entes da federação, o dever de garantir o acesso à saúde por todos que se encontrem em território nacional. Trata-se de um comando tão abrangente que não se restringe ²⁵⁷

somente aos brasileiros, mas sim a todos, independentemente, de qual venha a ser a sua nacionalidade. Conforme se encontra definido pela Lei de Migração (Lei 13.445, de 24 de maio de 2017) que:

Art. 4º Ao migrante é **garantida no território nacional, em condição de igualdade com os nacionais**, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, bem como são assegurados:

(...)

VIII - **acesso a serviços públicos de saúde** e de assistência social e à previdência social, nos termos da lei, sem discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória. (Grifou-se)

Assim, com base no Princípio da Universalidade de Cobertura, presente no inciso II do parágrafo único do artigo 194, cabe ao Estado, em todas os seus níveis administrativos (municipais, macrorregionais, estaduais, distrital e nacional), prover o acesso à saúde (ainda que o mais básico) a todos que se encontrarem em território nacional, independentemente de qualquer forma de contraprestação, ou seja, totalmente gratuito, pois se trata de direito inerente à vida.

A LEI DO SUS

O artigo 198 da Constituição da República expressa que “as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único” (grifou-se), assim o constituinte originário utilizou o termo “único”, visando “impor uma política nacional de saúde, superando as divergências entre os entes federados” (RAMOS. 2020, p. 893).

A Lei 8.080 de 29 de setembro de 1990, conhecida como Lei dos SUS (Sistema Único de Saúde) que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, foi então criada com o escopo de atender ao enunciado dos artigos 196 e 198 da CF.

Em seu texto, a Lei dos SUS deu ênfase àquilo que já havia sido determinado pela Constituição como é possível notar em seu artigo 2º, parágrafo 1º:

Art. 2º A saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício.

§ 1º O dever do Estado de garantir a saúde consiste na formulação e execução de políticas econômicas e sociais que visem à redução de ris-

cos de doenças e de outros agravos e no estabelecimento de condições que assegurem acesso universal e igualitário às ações e aos serviços para a sua promoção, proteção e recuperação. (Grifou-se)

Observa-se, outra vez, a referência legislativa ao texto da Carta das Mulheres, no tópico Saúde: 1) O princípio de que “a saúde é um direito de todos e dever do Estado”. Assim, a Lei 8.080/90 deu corpo e providenciou meios para que fossem atendidas tanto as garantias constitucionais quanto as reivindicações, postuladas pelas mulheres constituintes originárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser diariamente desacreditado ou encarado como assunto surrado que não merece ser discutido, o movimento feminista no Brasil ainda se faz necessário. Haja vista que, em pleno terceiro milênio, as mulheres brasileiras ainda não têm garantidos seus direitos reprodutivos, não recebem o mesmo salário que os homens que desempenham a mesma função e são responsáveis pela realização da quase totalidade do serviço doméstico não-remunerado. Sem deixar de lado o fato de que uma mulher é estuprada a cada minuto e uma é assassinada, vítima de feminicídio, a cada duas horas no Brasil.

Entretanto, o movimento feminista brasileiro merece receber todo o crédito pelas conquistas alcançadas até o presente, sobretudo, com o cenário atual, onde a misoginia, o machismo e o conservadorismo vêm ganhando espaço cada vez maior na sociedade e, principalmente, no meio político.

Este trabalho enfatizou o esforço das mulheres que compuseram a Constituinte de 1987 para que fosse garantido o acesso à saúde de forma igualitária, cabendo ao Estado o dever de provê-lo em todos os níveis. Para tanto, por meio do CDNM, fez-se um esforço hercúleo para que as mulheres de todos os cantos do Brasil fossem ouvidas e participassem da elaboração da nova Constituição da República, resultando na Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes, entregue ao presidente da Câmara dos Deputados, em 1987.

Dentre as reivindicações postuladas na Carta (quais sejam: família, trabalho, saúde, educação e cultura, violência contra a mulher e questões nacionais e internacionais), este trabalho buscou lembrar, com prioridade no quesito “saúde”, a importância deste documento para a positivação deste direito na Constituição da República Federativa do Brasil e para a elaboração da Lei 8.080 de 29 de setembro de 1990 (Lei do SUS).

Destacou-se, ainda, a tentativa misógina de desqualificação do esforço das mulheres que compunham a Assembleia Nacional Constituinte (ANC), alcunhando de forma pejorativa, uma das maiores vitórias do movimento feminista brasileiro. Atribuíam à aliança das mulheres, em busca de direitos, o nome de “Lobby do Batom” como forma de diminuir a importância de sua participação.

Por fim, este trabalho mostrou que o direito à saúde passou a integrar o texto da Constituição de 88, tornando-se um direito humano de natureza fundamental positivado, graças aos esforços das 26 deputadas eleitas para a ANC que merecem ter seus nomes aqui transcritos:

Abigail Feitosa (PSB/BA), Anna Maria Rattes (PSDB/RJ), Benedita da Silva (PT/RJ), Bete Mendes (PMDB/SP), Beth Azize (PSDB/AM), Cristina Tavares (PDT/PE), Dirce Tutu Quadros (PSDB/SP), Eunice Michiles (PFL/AM), Irma Passoni (PT/SP), Lídice da Mata (PCdoB/BA), Lúcia Braga (PFL/PB), Lúcia Vânia (PMDB/GO), Márcia Kubitscheck (PMDB/DF), Maria de Lourdes Abadia (PSDB/DF), Maria Lúcia (PMDB/AC), Marluce Pinto (PTB/RR), Moema São Thiago (PSDB/CE), Myriam Portella (PSDB/PI), Raquel Cândido (PDT/RO), Raquel Capiberibe (PSB/AP), Rita Camata (PMDB/ES), Rita Furtado (PFL/RO), Rose de Freitas (PSDB/ES), Sadie Hauache (PFL/AM), Sandra Cavalcanti (PFL/RJ) e Wilma Maia (PDT/RN).

Em que pese o atual cenário, com o conservadorismo se alastrando pelas mais diferentes camadas sociais, o movimento feminista ainda é um norte guiador da incansável luta por um Estado de Direito em que todos tenham acesso aos direitos mais básicos, dentre eles à saúde.

REFERÊNCIAS

ALVES, Helena Cristina Alves de. O SUS também é uma luta feminista. In. Eu, feminista?! 1º Fórum Feminista de Jundiá e região. Pág. 5. Disponível em: ><https://drive.google.com/file/d/17ce3NTduLwk50kCDcdex2uVO1HOb3m2S/view><. Acesso em 02 de abril de 2021, às 16h32.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. A Carta das Mulheres aos Constituintes de 1987, 30 anos da constituição brasileira: avanços e resistências à luz dos planos nacionais de política para as mulheres da secretaria de política para as mulheres – SPM/PR. In. Carta da Mulheres Brasileiras aos Constituintes: 30 anos depois. – São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

BERTOLIN, Patrícia Tuma Martins. A carta das Mulheres aos Constituintes: um horizonte para as feministas brasileiras do século XXI. In. Carta da Mulheres Brasileiras aos Constituintes: 30 anos depois. – São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: >http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm<. Acesso em 03 de fevereiro de 2021, às 8h56.

_____. Lei N. 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: >http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm<. Acesso em 03 de fevereiro de 2021, às 8h58.

_____. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa. Disponível em: ><https://www.gov.br/anvisa/pt-br/acessoainformacao/institucional><. Acesso em 04 de janeiro de 2021, às 17h45.

_____. Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes. Disponível para download em: >https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao-cidada/a-constituente-e-as-mulheres/arquivos/Constituente%201987-1988-Carta%20das%20Mulheres%20aos%20Constituintes.pdf<. Acesso em 01 de janeiro de 2021, às 16h43.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. O voto feminino no Brasil. - 2. ed. – Brasília: Câmara do Deputados, Edições Câmara, 2019.

PASSARELI, Vinícius. Lobby do Batom mostrou poder de coesão feminina na Constituição de 1988. Disponível em: ><https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/lobby-do-batom-mostrou-poder-de-coesao-feminina-na-constituicao-de-1988><. Acesso em 02 de fevereiro de 2021, às 20h14.

PIERDONÁ, Zélia Luiza. A (in)adequação das diferenças entre homens e mulheres para fins de aposentadoria. In. Carta da Mulheres Brasileiras aos Constituintes: 30 anos depois. – São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

PITANGUY, Jacqueline. Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes: memórias para o futuro. In. Carta da Mulheres Brasileiras aos Constituintes: 30 anos depois. – São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

RAMOS, André de Carvalho. Curso de Direitos Humanos / André de Carvalho Ramos – 7. ed. – São Paulo: Saraiva Educação, 2020.

SILVA, Flávia Martins André da. Direitos Fundamentais - Os direitos do homem são direitos válidos para todos os povos e em todos os tempos. Esses direitos advêm da própria natureza humana, daí seu caráter inviolável, intemporal e universal (dimensão jusnaturalista-universalista). Disponível em: ><https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2627/Direitos-Fundamentais><. Acesso em 25 de janeiro de 2021, às 13h32.

SILVA, José Afonso da. Curso de direito constitucional positivo. 38ª ed., ver. e atual – São Paulo: Malheiros, 2014.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios. São Paulo: Alameda, 2017.

AVALIAÇÃO E TESTAGEM PSICOLÓGICA NO CONTEXTO FAMILIAR E CASAL

CORDOVA, Gabriela
FERRACINI, Fernanda

RESUMO

Os problemas conjugais não afetam só o casal, mas também a família toda, os conflitos do casal não prejudicam apenas o relacionamento de marido e mulher, mas também de pais e filhos. Os filhos se sentem ameaçados e tendem a ter comportamentos inadequados como forma de defesa contra a desunião dos pais, o que acaba afetando-os, causando mais frustração e problemas na esfera familiar. Os conflitos podem ser diversos entre o casal, e a deficiência de comunicação, de resolução de problemas, de confiança e de falta de afeto, faz com que o relacionamento conjugal e familiar entre cada vez mais em desarmonia. Muitos divórcios estão surgindo e poucos casais procuram por ajuda profissional, porém a tendência de ajuda psicológica de casal e familiar tende a crescer com o decorrer do tempo e a avaliação psicológica como os testes psicológicos podem ser incluídos nesse contexto familiar quanto do casal, justamente pela desordem psicológica que afeta os familiares.

Palavras-chave: Avaliação psicológica, testes psicológicos, terapia familiar e de casais.

ABSTRACT

Conjugal problems, not only affect the couple, but affect the whole family, the couple's conflicts affect the relationship of husband and wife and parents and childrens. Children feel threatened and tend to behave inappropriately as a form of defense against this disunity from parents, which ends up affecting them, causing more frustration and family problems. Conflicts can be diverse between the couple and the deficiency of lack of communication, problem solving, trust and lack of affection, makes conjugal and family relationship increasingly in disharmony. Many divorces are arising and few couples seek professional help, but the tendency for psychological help for couples and Family members tends to grow over time, psychological assessment as psychological tests can be included in this family and couple context, precisely because of the disorder psychological acquired among family members.

Keywords: Psychological assessment, psychological tests, family and couples therapy.

INTRODUÇÃO

Os conflitos podem ser diversos entre o casal e a deficiência de comunicação, de resolução de problemas, de confiança e de falta de afeto, fazem com que o relacionamento conjugal e familiar entre cada vez mais em desarmonia. Alguns fatores que podem abalar a estrutura do casamento são: os financeiros, os decorrentes da falta de companheirismo, os relacionados ao egocentrismo, relacionados a traição, aos vícios, à falta de afeto, entre outros. O casamento se torna desgastante e brigas, discussões surgem ao longo do relacionamento, podendo chegar a agressões físicas e verbais, por

falta de compreensão e empatia com o outro. Conforme (Alberto Goldin, 2.010, pág. 31) “Acreditamos que, aparentemente, as pessoas se unem por amor e se separam por ódio. Mas nem sempre é assim. O ódio pode uni-las”.

O papel do psicólogo é intermediar o casal ou a família, porém nem sempre isso é feito com êxito e a avaliação psicológica e os testes psicológicos são recursos aos quais o profissional pode recorrer, para melhor compreensão dos sintomas psicológicos e ou patológicos de cada integrante familiar. “A entrevista psicológica é um conjunto de técnicas de investigação, de tempo delimitado, dirigido por um entrevistador treinado (psicólogo) que utiliza conhecimentos psicológicos, em uma relação profissional, com o objetivo de descrever e avaliar aspectos pessoais, relacionais ou sistêmicos em um processo que visa fazer recomendações, encaminhamentos ou propor algum tipo de intervenção, ou ainda, responder a uma solicitação”. (Tavares, 2000).

DESENVOLVIMENTO

O terapeuta de casal e ou familiar atua como intermediador das questões que permeiam a relação conjugal e ou familiar, justamente pela dificuldade de comunicação que os integrantes familiares apresentam. O papel do psicólogo é de fundamental importância, pois a neutralidade e a ética da profissão se tornam um forte aliado no entendimento da dinâmica de funcionamento daquela relação específica e por isso, ajustes e mudanças se tornam mais eficazes, uma vez que nenhum dos envolvidos sentir-se-á ameaçado ou julgado em suas ações ou intenções perante o profissional.

A terapia de casal e ou familiar oferece subsídios para distinguir quando os principais aspectos da relação conjugal ou familiar representam crises naturais dentro do ciclo vital, de quando se tornam disfunções e problemas, o psicólogo irá mediar através de recursos e técnicas dentro da prática clínica. Através das demandas que podem ser diversas, o profissional vai traçar um roteiro de entrevistas, testes, intervenções e encaminhamentos. A técnica de entrevista faz parte do processo de avaliação psicológica e pode ser classificada em estruturada (que segue um roteiro, mantendo um padrão de aplicação), podendo ser também semi-estruturada (cujo roteiro construído se dá a partir do objetivo principal da entrevista), podendo ainda ser não estruturada (que permite que o entrevistado se expresse livremente). Carlat (2007) ao escrever sobre aliança terapêutica afirma que ao longo de uma entrevista surge sentimentos de confiança, empatia e que a aliança terapêutica deve ser um dos primeiros objetivos.

O psicólogo deve avaliar como e o que vai fazer na entrevista psicológica, na devolutiva, no laudo psicológico, na sugestão de roteiro e no plano de avaliação. Na entrevista devolutiva o psicólogo deve evitar o uso da linguagem técnica, passar todas

as informações necessárias da aplicação do teste e seu resultado com caráter ético e profissional, comparar a entrevista inicial com a devolução e ao devolver as informações dá-se ao cliente a oportunidade de se enxergar com mais critério de realidade, redefinindo a sua personalidade atual e possibilitando a ele esse movimento de redefinição.

O Laudo psicológico é um documento descritivo e deve conter, nome completo do paciente, nome e endereço do local onde o teste foi feito, nome do psicólogo, data de realização do teste, justificativa para a solicitação do procedimento, conduta e descrição detalhada do exame e hipótese diagnóstica. O Conselho Federal de Psicologia afirma pela resolução Nº 9, de 25 de abril de 2018, “Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções nº 002/2003, nº 006/2004 e nº 005/2012 e Notas Técnicas nº 01/2017 e 02/2017”.

Um dos principais cuidados que o psicólogo deve ter na escolha de um teste psicológico é que consulte o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (Satepsi), disponível no site do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (www.crpsp.org.br), com o intuito de verificar se o teste escolhido consta na listagem de aprovação e se está favorável para uso em Avaliação Psicológica. Os testes desfavoráveis não podem ser usados pelos psicólogos no exercício profissional, no entanto, continuam sendo considerados testes psicológicos, com permissão de uso somente em pesquisa, restrito a psicólogos. O uso de tais instrumentos não favoráveis podem causar prejuízos aos usuários e resultar numa avaliação inadequada. O psicólogo ao procurar um teste adequado para uso profissional deve se atentar qual a editora que está disponibilizando, a edição do teste e fazer uma pesquisa aprofundada do teste escolhido para então comprar e fazer à aplicação. Deve também conhecer as plataformas, manual e suas correções.

Para Dalgarrondo (2008) “As entrevistas iniciais podem ser de crucial importância, pois, se bem conduzidas, conquista-se a confiança do paciente, gerando nele a esperança para o alívio do sofrimento”. A entrevista é uma das ferramentas utilizadas no processo de avaliação psicológica, na qual é investigado o contexto de história de vida passada e atual do indivíduo. A compreensão da dimensão psíquica do indivíduo permite que o psicólogo possa elaborar diagnósticos, prognósticos e o tipo de abordagem terapêutica mais indicada em relação ao quadro vigente. Nesse caso, será necessário compreender as motivações e objetivos do paciente, bem como seu funcionamento psíquico - forma pela qual sua mente trabalha.

testes psicométricos e projetivos. As entrevistas podem se dividir entre inicial, entrevista subsequente e entrevista de devolução. No caso da entrevista inicial o paciente tem liberdade de expressar suas queixas e o que anseiam com a terapia, através de um roteiro semi-dirigido. Já as entrevistas subsequentes serão exploradas os contextos discutidos, e as coletas de dados para a formulação de hipóteses – nessa conjuntura é onde os testes podem ser utilizados como ferramentas dentro da avaliação psicológica. Nas entrevistas devolutivas, o psicólogo chega a um diagnóstico e propõe formas de tratamento psicológico para tratar o quadro do paciente, do casal e/ou familiar. Conforme Freud (1912/1974) “Existem vários protótipos na série psíquica de uma pessoa como as imagos maternas, paternas e fraternas”.

De acordo com a ciência e seus contribuintes para a formação e produção de testes psicológicos, será mencionado algumas informações sobre os possíveis testes que podem ser aplicados na avaliação psicológica de casais e ou família, os quais podem ser adequados para esse grupo, sendo eles os testes de personalidade e escalas, dos quais contêm as folhas e /ou caderno de aplicação e manual e que o psicólogo deve avaliar quais testes se encaixa melhor para cada caso, cabendo ao profissional avaliar se há necessidade de aplicar alguma escala, pois as escalas podem complementar a avaliação.

Conforme BFP da Person - Bateria Fatorial de Personalidade – O BFP é um instrumento psicológico construído para avaliação da personalidade a partir do modelo dos Cinco Grandes Fatores, Neuroticismo, Extroversão, Socialização, Realização e Abertura e possui correção informatizada.

Palográfico - teste para vários fins, ele é o teste de Personalidade Expressivo, baseada nas questões relativas ao comportamento expressivo do indivíduo. É um teste de personalidade que mede características comportamentais via técnicas gráficas. Deve ser feito todos os cálculos para obtenção da análise e se utiliza a ficha de correção.

Conforme PFister - são as pirâmides coloridas de PFister Adulto que é o teste de personalidade projetivo. É um instrumento que avalia aspectos da personalidade, a dinâmica afetiva e habilidades cognitivas do indivíduo. Se faz Aplicação, correção e interpretação e a correção é informatizada. PFister também possui teste infantil.

EATA - Escala de Avaliação de Tendência a agressividade. Avalia a tendência à manifestação de condutas agressivas. A EATA possui três subescalas independentes. A “subescala A e B” para o sexo feminino a subescala C para o sexo masculino e tem uma quarta medida, que é a pontuação total no instrumento. Correção manual e informatizada.

EBADEP - A / EBADEP - IJ / EBADEP – ID / - Escala Baptista de depressão é um instrumento que tem como objetivo avaliar a intensidade da depressão em crianças, adolescentes, adultos e idosos, conforme a classificação de cada teste. Possui de 25 à 45 itens, tem entorno de 27 descritores de sintomatologia depressiva, de acordo com cada teste. Os sintomas são agrupados em sete categorias: Humor, Vegetativos, Motores, Sociais, Cognitivos, Ansiedade e Irritabilidade. Não é um instrumento de diagnóstico, mas possui valiosos indicativos de sintomatologia depressiva em amostras clínicas e não clínicas. Quanto menor a pontuação menor o índice de sintomatologia. Se faz aplicação, correção e avaliação com correção manual. Seu construto vai de crença / valores / atitudes, processos afetivos / emocionais, processos perceptivos / cognitivos, saúde mental e psicopatologia.

HTP - House-Tree-Person. Casa, árvore e pessoa é um teste de Técnica Projetiva de Personalidade. Avalia a personalidade e a interpretação de vivências pessoais e com o mundo através de desenhos a mão estabelecidos pelo aplicador. O psicólogo interpreta e consegue fazer o laudo diagnóstico em pouco tempo com correção manual. Público alvo a partir de 8 anos. O HTP não deve ser considerado como instrumento único em processo diagnóstico e sim como processo de investigação.

EPSUS-A – Escala de Percepção de Suporte Social, compreende a percepção de integração social em seu meio. Instrumento de autorrelato que avalia o quanto o indivíduo percebe as relações sociais em termo de afetividade, interações, auxílios de ordem prática no processo de tomada de decisão e enfrentamento de problemas. Avalia conceito que precede importantes transtornos como depressão, ansiedade e algumas doenças crônicas. População alvo de 18 a 62 anos, tempo médio de aplicação 20 minutos com correção manual.

Para Witter e David (1996), “a avaliação de uma maneira geral, seja ela psicológica, ou não, é de extrema relevância para a tomada de decisões, ou seja, a avaliação serve para orientar uma ação mais segura e adequada do psicólogo no seu trabalho”. É essencial entender que a atitude do aplicador quanto ao valor do teste afetará consideravelmente a qualidade das respostas do respondente. O teste nunca deve ser apresentado de maneira apressada e é preciso tomar cuidado para garantir que o respondente compreenda as instruções na íntegra. Colocar-se à disposição para esclarecer dúvidas ou para ajudar, caso o respondente fique confuso em relação às instruções. Respondentes idosos requerem atenção especial, com explicações detalhadas. A atenção e empatia se torna essencial para que haja respostas seguras e verdadeiras para a futura tomada de decisão do profissional em relação ao paciente. Conforme Sartre (1984, p. 15), “não pode haver outra verdade”²⁶⁷

no ponto de partida além desta: penso, logo existo, nisso consiste a verdade absoluta da consciência atingindo a si mesma”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca dos profissionais por testes psicológicos vem aumentando gradativamente, o fato de psicólogos procurarem testes revela uma melhor reputação da investigação psicológica e do uso de instrumentos padronizados. Aponta também em estudos que a avaliação psicológica é indispensável, destacando a melhora da qualidade dos instrumentos padronizados. Os testes psicológicos podem ser aplicados em diversas áreas, como aqui citado na relação familiar e casal. Ainda é a formação do profissional que dirige a ação do psicólogo em conhecimento e decisões, para isso deve-se investir na preparação do profissional. Os testes psicológicos constituem uma ferramenta a mais na mão do profissional, para que possa dar como ponto de partida a busca pela verdade e a promoção da ajuda de forma mais dirigida.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Makilim Nunes; GOMES, Juliana Oliveira. Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto)-EBADEP-A: evidências de validade de construto e de critério. *Psico-USF*, v. 16, n. 2, p. 151-161, 2011.

BRÍGIDO, Maria Aparecida da Silveira. *Entrevista Psicológica: Técnicas para diferentes entrevistas em diferentes espaços*. Editora Appris.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. Procedimento de avaliação em terapia de casais a partir de múltiplos instrumentos. *Temas em Psicologia*, v. 18, n. 1, p. 31-44, 2010.

BORSA, Juliane Callegaro. Considerações sobre o uso do teste da Casa-Árvore-Pessoa-HTP. *Avaliação Psicológica*, v. 9, n. 1, p. 151-154, 2010.

CFP, Conselho Federal de Psicologia. Legislação. Leis e Normas. Disponível em: < <https://site.cfp.org.br/> - - acesso em: 08/09/2020.

Dicionário filosófico de citações / Léon-Louis Grateloup; [tradução: Marina Appenzeller]. – São Paulo: Folha de São Paulo, 2015. 224 p.; 24 cm. – {Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento; v. 28} Tradução de: Dictionnaire philosophique de citations.in: “O existencialismo é um humanismo”

GODOY, Silvia Leite de, and Ana Paula Porto Noronha. "Instrumentos psicológicos utilizados em seleção profissional." Revista do Departamento de Psicologia. UFF 17.1 (2005): 139-159.

LISBOA, Felipe Stephan; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. Psicologia: ciência e profissão, v. 29, n. 4, p. 718-737, 2009.

NOGUEIRA, Tânia da Glória. O teste de Pfister na avaliação de depressão e ansiedade em universitários: evidências preliminares. Boletim de psicologia, v. 63, n. 138, p. 11-21, 2013.

PERSON, Clinical Brasil. Testes psicológicos. 2016. Disponível em: < <https://www.pearsonclinical.com.br/bsi-inventario-breve-de-sintomas.html>.> - acesso em: 05/09/2020.

SATEPSI, Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos. Disponível em: < <https://satepsi.cfp.org.br/>> - acesso em: 06/09/2020.

VETOREDITORA, Coleção Palográfico, teste de personalidade. Disponível em: < vetoreditora.com.br/produto/1807364/colecao-palografico-teste-de-personalidade> acesso em: 05/09/2020